



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

SUELY CLAUDIA LOBATO MACIEL

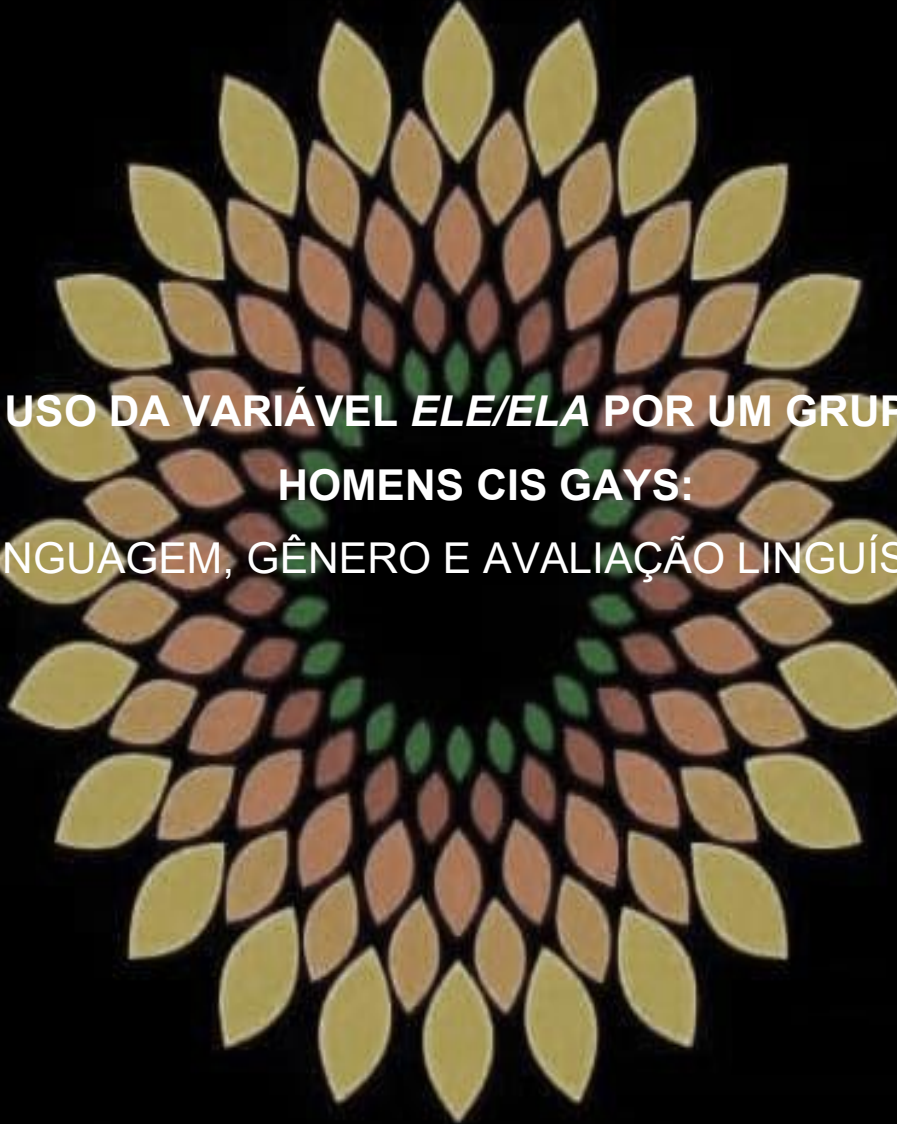
**O USO DA VARIÁVEL *ELE/ELA* POR UM GRUPO DE
HOMENS CIS GAYS:
LINGUAGEM, GÊNERO E AVALIAÇÃO LINGUÍSTICA**

Londrina
2025



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

SUELY CLAUDIA LOBATO MACIEL



O USO DA VARIÁVEL *ELE/ELA* POR UM GRUPO DE
HOMENS CIS GAYS:
LINGUAGEM, GÊNERO E AVALIAÇÃO LINGUÍSTICA

Fonte: Arquivos da ONG Arte pela Vida.

Londrina
2025

SUELY CLAUDIA LOBATO MACIEL

**O USO DA VARIÁVEL *ELE/ELA* POR UM GRUPO DE
HOMENS CIS GAYS:
LINGUAGEM, GÊNERO E AVALIAÇÃO LINGUÍSTICA**

Tese apresentada à Universidade Estadual de Londrina - UEL, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Estudos da Linguagem.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Dircel Aparecida Kailer

Londrina
2025

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

M152	<p>Maciel, Suely Claudia Lobato.</p> <p>O uso da variável ele/ela por um grupo de homens cis gays : linguagem, gênero e avaliação linguística / Suely Claudia Lobato Maciel. - Londrina, 2025. 224 f. : il.</p> <p>Orientador: Dirce Aparecida Kailer.</p> <p>Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, 2025.</p> <p>Inclui bibliografia.</p> <p>1. Significado social da linguagem, sociolinguística, terceira onda, pronome ela - Tese. I. Kailer, Dirce Aparecida. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Letras e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem. III. Título.</p> <p style="text-align: right;">CDU 8</p>
------	---

SUELY CLAUDIA LOBATO MACIEL

**O USO DA VARIÁVEL *ELE/ELA* POR UM GRUPO DE
HOMENS CIS GAYS:
LINGUAGEM, GÊNERO E AVALIAÇÃO LINGUÍSTICA**

Tese apresentada à Universidade Estadual de Londrina - UEL, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Estudos da Linguagem.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Orientadora Dircel Aparecida Kailer
Universidade Estadual de Londrina – UEL

Prof. Frederico Augusto Garcia Fernandes
Universidade Estadual de Londrina – UEL

Prof.^a Maria Isabel Borges
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Prof.^a Raquel Meister Ko. Freitag
Universidade Federal de Sergipe - UFS

Prof. Ronald Beline Mendes
Universidade de São Paulo - USP

Londrina, 12 de março de 2025.

AGRADECIMENTOS

Não trilhamos sozinhos nossos caminhos. Embora as escolhas que precisamos fazer ao longo da vida sejam nossas, e as consequências também, sempre partilhamos o percurso com aqueles que seguram nossas mãos e que nos apoiam em uma ou em várias situações. Por haver muitos desses anjos ao meu redor, sinto-me uma mulher imensamente abençoada, que tem muito mais a agradecer do que a lamentar.

O caminho que escolhi seguir há quatro anos não foi fácil, mas eu não mudaria em nada as decisões que tomei e que me trouxeram, hoje, à presente defesa do doutorado em Estudos da Linguagem. E, sim, tive muitas mãos que me apoiaram e a quem preciso agradecer.

A Deus, pelo dom da minha vida e de todas as pessoas que me acompanharam até aqui. Sei que foi por Sua intervenção que cada uma delas cruzou o meu destino e é por sentir Sua presença diariamente que tento ser uma pessoa melhor.

À minha mãe, Tereza Afonso Lobato (em memória), por sempre me incentivar a estudar e por desejar muito ter uma filha doutora.

A meus filhos, João Guilherme e João Victor, com quem aprendi o significado de amor incondicional. Vocês sempre serão a melhor parte de mim.

A meu amor, Ailton Siqueira, por ter partilhado comigo boa parte dessa jornada; por trazer lanche sempre que eu esquecia de comer; por ter se tornado meu maior incentivador; por toda amizade, companheirismo e amor que temos dividido; e por ter somado sua vida à minha.

A meu pai e meus irmãos, por sempre termos sido uma família de verdade.

Aos parentes e amigos por entenderem quando não pude estar presente nos encontros e comemorações porque precisava pesquisar, ler, fichar, resenhar, escrever e publicar. Gente, eu tinha que estudar!

À Secretaria Estadual de Educação do Pará (SEDUC) e à Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Belém (SEMEC), pela liberação para realizar o

doutorado em Estudos da Linguagem. Esse tipo de apoio é fundamental para que nós, professores, possamos aprimorar cada vez mais nossos conhecimentos e, assim, melhorar nossa atuação em sala de aula.

À CAPES, pelo apoio financeiro, e ao presidente Luiz Inácio Lula da Silva, por permitir que pós-graduandos que possuem renda também tenham direito a bolsas de incentivo.

Ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PPGEL) da Universidade Estadual de Londrina (UEL), por me propiciar um mergulho profundo nos estudos linguísticos, com professores inteligentes, qualificados e humanos.

Aos professores que compuseram a banca de defesa desta tese, pela leitura atenta e pelas significativas contribuições à conclusão do texto.

À minha orientadora, Dircel Kailer, por tudo o que tem dividido comigo desde 2017, quando iniciei no mestrado profissional. Se hoje concluo mais uma etapa de minha vida, nós a concluímos juntas. Nada disso teria sido possível sem sua orientação, seus ensinamentos e sua amizade.

Gostaria de encerrar agradecendo à ONG Arte pela Vida, na pessoa da coordenadora Amélia Garcia, uma guerreira como nunca tinha conhecido igual, uma leoa na luta pela dignidade das PVHA; e aos cinco sujeitos desta pesquisa, por toda paciência em responder as minhas perguntas, contar suas histórias e permitir que suas falas fossem utilizadas neste trabalho.

Meu MUITO OBRIGADA a todos!

Para nós, são os falantes individuais que dão vida à linguagem e cujo comportamento nos aponta para o significado social das variáveis.
(Eckert, 2000, p. 01, tradução nossa)

(Texto original: *It is individual speakers who bring language to life for us, and whose behavior points us to the social significance of variables.*)

RESUMO

MACIEL, Suely Claudia Lobato. **O uso da variável *ele/ela* por um grupo de homens cis gays**: linguagem, gênero e avaliação linguística. 2025. 224 p. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Centro de Letras e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2025.

Esta tese apresenta-se à linha de pesquisa da Sociolinguística em sua perspectiva estilística (Eckert, 2005; 2012; 2016), adotando uma abordagem quantitativa/qualitativa. A partir de pesquisa etnográfica participante (Severino, 2007; Mainardes, 2009; Ataídes; Oliveira; Silva, 2021), escolhemos nosso objeto de estudo (a variação no uso de *ele/ela* por um grupo de homens cis gays) e elaboramos o objetivo geral: analisar o significado social da variação de gênero gramatical no uso do pronome pessoal reto de terceira pessoa – *ele/ela* – dentro de um grupo formado por cinco homens cis autodeclarados gays, em situações formais e informais de interação. Questões referentes à linguagem e gênero vêm sendo problematizadas desde a segunda metade dos anos 1900, quando trabalhos como o de Lakoff (1973) buscaram diferenciar a linguagem de homens e mulheres. No entanto, em uma perspectiva em que o gênero é concebido como um construto histórico social do indivíduo (Veloso, 2014; Santana, 2018; Mendes, 2018; Ribeiro, 2021), ainda há poucos estudos sociolinguísticos realizados e desejamos que este trabalho possa se unir a eles. Nossa pesquisa foi desenvolvida em uma comunidade de práticas (Eckert; Mcconnel-Ginet, 2010) localizada na cidade de Belém, a ONG Arte pela Vida, que desenvolve ações em prol de pessoas que vivem com HIV/AIDS. Para comprovar nossa tese de que a utilização de *ela*, para se referir a um homem cis gay, está sujeita a fatores externos à língua e vinculados diretamente ao papel que os sujeitos desempenham no momento da interação, isto é, à construção de suas personas, empreendemos uma pesquisa etnográfica participante durante 21 meses. Nesse período, realizamos gravações em áudio e vídeo de interações ocorridas com/entre os sujeitos observados, entrevistas, questionários e testes de avaliação linguística referentes ao uso de *ela* para se referir a um homem cis gay e à “linguagem neutra”, a qual acreditávamos, em princípio, que encontraríamos na comunidade. Após análise dos dados obtidos com as **gravações**, concluímos que: (i) em interações formais, o uso, pelos participantes, da variante *ele* e de outras palavras no masculino para se referir a um homem cis gay é categórico; (ii) nas interações informais, o uso das variantes não é absoluto, estando condicionado à *persona* construída no momento da interação; e (iii) o emprego da linguagem neutra dentro dessa comunidade de práticas é limitado ao uso do pronome *todes* geralmente em aberturas de eventos e reuniões, o que corrobora as conclusões a que chegamos após análise das respostas às **entrevistas**, quando evidenciamos que: (iv) os sujeitos da pesquisa não utilizam ou utilizam pouco a linguagem neutra, mesmo com outras pessoas LGBTQIA+; (v) esse pouco emprego se deve a sua moderada aceitação pela maioria desses sujeitos; (vi) a variante *ela* é utilizada em momentos de descontração; (vii) seu uso para se referir a um homem cis gay é uma marca de pertencimento ao grupo; e, (viii) quando empregada por pessoas externas a ele, causa desconforto à maioria dos sujeitos da pesquisa. Isso foi ratificado com as respostas ao **teste de avaliação linguística**, as quais demonstraram que: (ix) a aceitação do uso da variante *ela* é condicionada ao grau de proximidade dos interlocutores e ao contexto de interação, sendo melhor

avaliado quando o falante é um amigo e a interação é informal; (x) as três únicas respostas unânimes entre os participantes referem-se à avaliação negativa relacionada ao fato de um homem heterossexual se referir a um homem cis gay utilizando o pronome feminino quando o contexto interacional é de formalidade; e (xi) a maioria dos sujeitos da pesquisa considera nada comum o uso da linguagem neutra por pessoas que não pertencem à comunidade LGBTQIA+ e indiferente quando o emprego ocorre dentro dessa comunidade, ou seja, em sua visão, o uso acontece, mas não de forma significativa. A partir de todas as análises realizadas, concluímos que os fatores socioculturais que propiciam a utilização do pronome *e/la* para se referir a um homem cis gay estão diretamente vinculados à performance dos sujeitos da pesquisa durante as interações, quando avaliam o local em que estas ocorrem, sua relação com o(s) interlocutor(es) e a imagem que desejam projetar. Dito de outra forma, a variação *e/e/ela* é um elemento linguístico empregado na construção estilística de suas personas.

Palavras-chave: pronome ela; gênero; estilo; avaliação linguística; comunidade de práticas; ONG Arte pela Vida.

ABSTRACT

MACIEL, Suely Claudia Lobato. **The Use of the *He/She* variable by a group of cis gay men**: language, gender and linguistic assessment. 2025. 224 p. Thesis (Doctorate in Language Studies) – Center for Letters and Human Sciences, State University of Londrina, Londrina, 2025.

This thesis presents the line of research of Variationist Sociolinguistics in its stylistic perspective (Eckert, 2005; 2012; 2016), adopting a quantitative/qualitative approach. Based on participatory ethnographic research (Severino, 2007; Mainardes, 2009; Ataídes; Oliveira; Silva, 2021), we chose our object of study (the variation in the use of *he/she* by a group of cis gay men) and developed the general objective: to analyze the social meaning of the variation in grammatical gender in the use of the third-person straight personal pronoun – *he/she* – within a group formed by five self-declared gay cis men, in formal and informal interaction situations. Issues relating to language and gender have been problematized since the second half of the 1900s, when works such as Lakoff (1973) sought to differentiate the language of men and women. However, from a perspective in which gender is conceived as a social historical construct of the individual and not simply as a biological characteristic (Veloso, 2014; Santana, 2018; Mendes, 2018; Ribeiro, 2021), there are still few sociolinguistic studies carried out and we hope that this work can join them. Our research was developed in a community of practices (Eckert; Mcconnel-Ginet, 2010; Freitag; Martins; Tavares, 2012; Oushiro, 2015) located in the city of Belém, the NGO Arte pela Vida, which develops actions in favor of people who live and coexist with HIV/AIDS in the state of Pará. To prove our thesis that the use of *she*, to refer to a cis gay man, is subject to factors external to the language and directly linked to the role that the subjects play at the time of interaction, that is, to the construction of their personas, we undertook participatory ethnographic research for one year and nine months. During this period, we made audio and video recordings of interactions that occurred with/between the subjects observed and collected data through interviews, questionnaires and linguistic assessment tests, all referring to the use of it to refer to a cis gay man and the “neutral language”, which we believed, in principle, we would find in the community. After analyzing the data obtained from the **recordings**, it was possible to conclude that: (i) in formal interactions, the use, by the participants, of the variant *he* and other masculine words to refer to a cis gay man is categorical; (ii) in informal interactions, the use of variants is not absolute, being conditioned to the persona constructed at the time of the interaction; and (iii) the use of neutral language within this community of practices is limited to the use of the pronoun *todes* generally at the opening of events and meetings, which corroborates the conclusions we reached after analyzing the responses to the **interviews**, when we showed that: (iv) the research subjects do not use or use neutral language little, even with other LGBTQIA+ people; (v) contrary to what we imagined, this little use is not due to the difficulty in relation to grammatical agreement with the new forms, but to their moderate acceptance by the majority of participants; (vi) the variant *she* only used in moments of relaxation; (vii) its use to refer to a cis gay man is a mark of belonging to the group; and, (viii) when used by people external to it, it causes discomfort to the majority of research subjects. This was confirmed by the responses to the **linguistic assessment test**, which demonstrated that: (ix) the acceptance of the use of the variant *she* is conditioned by the degree of proximity of the interlocutors and the

interaction context, being better evaluated when the speaker is a friend and the interaction is informal; (x) the only three unanimous responses among participants refer to the negative evaluation related to the fact that a heterosexual man refers to a cis gay man using the feminine pronoun when the interactional context is formal; and (xi) the majority of research subjects consider the use of neutral language by people who do not belong to the LGBTQIA+ community to be uncommon and indifferent when the use occurs within this community, that is, in their view, the use does occur, but not in a significant way. From all the analyzes carried out, we can conclude that the sociocultural factors that encourage the use of the pronoun *she* to refer to a cis gay man are directly linked to the performance of the research subjects during interactions, when they evaluate the place in which these occur, their relationship with the interlocutor(s) and the image they wish to project. In other words, the *he/she* variation is a linguistic element used in the stylistic construction of their personas.

Keywords: pronoun she; gender; style; linguistic assessment; community of practices; NGO Art for Life.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Logomarca da ONG Arte pela Vida	25
Figura 2 – Gráfico de detecção de infecções por HIV em Belém	28
Figura 3 – Rede social entre os participantes	44
Figura 4 – <i>Continuum</i> de monitoramento estilístico	57
Figura 5 – Campo indexical de ING	69
Figura 6 – Campo indexical da variável gênero gramatical	70
Figura 7 – Questões sobre linguagem neutra presentes no TAL	96
Figura 8 – Questão sobre linguagem neutra presente no roteiro para entrevista... 96	
Figura 9 – Comentários metalinguísticos sobre a fala gay	100
Figura 10 – Gráfico da frequência de uso de diminutivos (por mil palavras)	101
Figura 11 – Questões 31 e 38 da avaliação linguística	103
Figura 12 – Questão do formulário de percepção linguística	103
Figura 13 – Trecho de entrevista realizada com membro do grupo dos <i>funkeiros</i> .. 104	
Figura 14 – Pergunta do questionário aplicado a <i>ecléticos</i> e <i>funkeiros</i> 105	
Figura 15 – Campo indexical do <i>ingliding</i> no RS..... 107	
Figura 16 – Trecho de entrevista sociolinguística com morador do Centro..... 108	
Figura 17 – Constituição das células sociais..... 109	
Figura 18 – Trecho do teste de atitude de Santana	110
Figura 19 – Trecho do TAL desta tese	110
Figura 20 – Trecho de transcrição de gravação em contexto de conversa entre amigos	113
Figura 21 – Questões do roteiro de entrevista/mediação	114
Figura 22 – Grupos de áudios apresentados aos participantes	116
Figura 23 – Questões do roteiro de entrevista/mediação	117
Figura 24 – Fases da investigação etnográfica	123
Figura 25 – Campo indexical do uso da variante <i>e/la</i> 180	

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – Professora é demitida por tentar ensinar LN em escola	16
Imagem 2 – Deputados tentam proibir o uso de LN	17
Imagem 3 – Mapa do estado do Pará	26
Imagem 4 – Campanha de prevenção contra a AIDS no ano de 2022.....	29
Imagem 5 – Vista do complexo do Ver-o-Peso.....	31
Imagem 6 – Mercado de Carne Francisco Bolonha – área externa.....	31
Imagem 7 – Mercado de Carne Francisco Bolonha – área interna.....	32
Imagem 8 – Entrada da Loja/Brechó Sustentável Arte pela Vida	32
Imagem 9 – Compradores visitando a loja sustentável	34
Imagem 10 – Entrega de fraldas geriátricas para PVHA hospitalizados.....	35
Imagem 11 – Registros de alguns cafés de acolhimento	36
Imagem 12 – Registros realizados durante as feiras da diversidade.....	37
Imagem 13 – Registros realizados durante a ação de Natal de 2024	38
Imagem 14 – Registros realizados durante a exposição “Só Nazica” no ano de 2022	39
Imagem 15 – Registros realizados durante a exposição “Irradiando Vida” no ano de 2023	40
Imagem 16 – Entrega de cestas básicas no Centro de Testagem e Aconselhamento (CTA) de Marituba	41
Imagem 17 – Elementos visuais de construções estilísticas de Poderosa	46
Imagem 18 – Elementos visuais de construções estilísticas de Veronique	47
Imagem 19 – Elementos visuais de construções estilísticas de Paulo Junior	49
Imagem 20 – Elementos visuais de construções estilísticas de They	50
Imagem 21 – Elementos visuais de construções estilísticas de Luiz.....	51
Imagem 22 – Nossas participações em alguns momentos da CP.....	126
Imagem 23 – Trecho do diário de campo	127
Imagem 24 – Gráficos relativos aos percentuais de emprego das variáveis 1 e 2 pelos cinco sujeitos da pesquisa	140
Imagem 25 – Gráficos relativos aos percentuais de emprego das variáveis 1 e 2 nas falas de Poderosa.....	141
Imagem 26 – Gráficos relativos aos percentuais de emprego das variáveis 1 e 2 nas falas de Veronique.....	146

Imagem 27 – Gráficos relativos aos percentuais de emprego das variáveis 1 e 2 nas falas de Paulo Junior	150
Imagem 28 – Gráficos relativos aos percentuais de emprego das variáveis 1 e 2 nas falas de They	154
Imagem 29 – Gráficos relativos aos percentuais de emprego das variáveis 1 e 2 nas falas de Luiz	158

LISTA DE GRÁFICOS

- Gráfico 1** – Significados sociais positivos mais indexicalizados para o uso da variante *ela*.....176
- Gráfico 2** – Significados sociais negativos mais indexicalizados para o uso da variante *ela*.....178

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Casos de AIDS notificados no SINAN, declarados no SIM e registrados no SISCEL/SICLOM por ano de diagnóstico.....	27
Tabela 2 – Distribuição dos áudios e vídeos utilizados na pesquisa	128
Tabela 3 – Quantificação das palavras analisadas por classe gramatical	139
Tabela 4 – Emprego da variante feminina por Poderosa, de acordo com a classe gramatical da palavra	142
Tabela 5 – Emprego da variante feminina por Poderosa, de acordo com o sujeito referente.....	143
Tabela 6 – Emprego da variante feminina por Poderosa, de acordo com os interlocutores presentes na interação	144
Tabela 7 – Emprego da variante feminina por Poderosa, de acordo com o assunto tratado na interação	145
Tabela 8 – Emprego da variante feminina por Veronique, de acordo com a classe gramatical da palavra	147
Tabela 9 – Emprego da variante feminina por Veronique, de acordo com o sujeito referente.....	148
Tabela 10 – Emprego da variante feminina por Veronique, de acordo com os interlocutores presentes na interação	149
Tabela 11 – Emprego da variante feminina por Veronique, de acordo com o assunto tratado na interação	149
Tabela 12 – Emprego da variante feminina por Paulo Junior, de acordo com a classe gramatical da palavra	151
Tabela 13 – Emprego da variante feminina por Paulo Junior, de acordo com o sujeito referente.....	152
Tabela 14 – Emprego da variante feminina por Paulo Junior, de acordo com os interlocutores presentes na interação	153
Tabela 15 – Emprego da variante feminina por Paulo Junior, de acordo com o assunto tratado na interação	153
Tabela 16 – Emprego da variante feminina por They, de acordo com a classe gramatical da palavra	155
Tabela 17 – Emprego da variante feminina por They, de acordo com o sujeito referente	156

Tabela 18 – Emprego da variante feminina por They, de acordo com os interlocutores presentes na interação.....	157
Tabela 19 – Emprego da variante feminina por They, de acordo com o assunto tratado na interação.....	157
Tabela 20 – Emprego da variante feminina por Luiz, de acordo com a classe gramatical da palavra	159
Tabela 21 – Emprego da variante feminina por Luiz, de acordo com o sujeito referente	160
Tabela 22 – Emprego da variante feminina por Luiz, de acordo com os interlocutores presentes na interação.....	160
Tabela 23 – Emprego do feminino por Luiz, de acordo com o assunto tratado na interação.....	161
Tabela 24 – O quanto você considera comum/normal/natural o uso do termo ELA por um homem gay para se referir a outro homem gay em um encontro informal entre amigos?.....	168
Tabela 25 – O quanto você considera comum/normal/natural o uso do termo ELA por um homem heterossexual para se referir a um homem gay em um encontro informal entre amigos?.....	168
Tabela 26 – O quanto você considera comum/normal/natural o uso do termo ELA por um homem gay para se referir a outro homem gay em uma reunião formal de trabalho?	169
Tabela 27 – O quanto você considera comum/normal/natural o uso do termo ELA por um homem heterossexual para se referir a um homem gay em uma reunião formal de trabalho?	169
Tabela 28 – O quanto você se sentiria incomodado(a) por um amigo gay se referir a você usando o termo ELA em um encontro informal?.....	170
Tabela 29 – O quanto você se sentiria incomodado(a) por um amigo gay se referir a você usando o termo ELA em um encontro formal?	170
Tabela 30 – O quanto você se sentiria incomodado(a) por um amigo heterossexual se referir a você usando o termo ELA em um encontro informal?	171
Tabela 31 – O quanto você se sentiria incomodado(a) por um amigo heterossexual se referir a você usando o termo ELA em um encontro formal?	171
Tabela 32 – O quanto você se sentiria incomodado(a) por uma pessoa heterossexual, com a qual você não tem proximidade, se referir a você usando o termo ELA em um	

encontro informal?.....	172
Tabela 33 – O quanto você se sentiria incomodado(a) por uma pessoa heterossexual, com a qual você não tem proximidade, se referir a você usando o termo ELA em um encontro formal?	172
Tabela 34 – Significados sociais positivos indexicalizados para o uso da variante <i>ela</i> segundo cada participante	176
Tabela 35 – Significados sociais negativos indexicalizados para o uso da variante <i>ela</i> segundo cada participante	178
Tabela 36 – O quanto você considera frequente o uso da linguagem neutra dentro da comunidade LGBTQIA+?	181
Tabela 37 – O quanto você considera frequente o uso da linguagem neutra fora da comunidade LGBTQIA+?	182
Tabela 38 – O quanto você utiliza a linguagem neutra com pessoas de dentro da comunidade LGBTQIA+?	183
Tabela 39 – O quanto você utiliza a linguagem neutra com pessoas de fora da comunidade LGBTQIA+?	183
Tabela 40 – O quanto você considera necessário o uso da linguagem neutra em documentos oficiais?	184
Tabela 41 – O quanto você considera necessário o ensino da linguagem neutra nas escolas?	185

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Os participantes da pesquisa	43
Quadro 2 – Comunidade de fala X comunidade de práticas	62
Quadro 3 – Concepções de linguagem e suas respectivas gramáticas	81
Quadro 4 – Paradigma tradicional/formal X paradigma descritivo/funcional	83
Quadro 5 – Quadro tradicional dos pronomes pessoais retos do PB	87
Quadro 6 – Quadro dos pronomes pessoais retos apresentado por Neves (2011)..	87
Quadro 7 – Proposta de quadro representativo dos pronomes pessoais retos em uso no PB	88

LISTA DE CÓDIGOS UTILIZADOS NAS TRANSCRIÇÕES

F	Interação formal
I	Interação informal
E	Entrevista
[...]	Trecho não transcrito
()	Observações da pesquisadora
(?)	Trecho não compreensível
...	Pausa

SUMÁRIO¹

1	<i>INHAÍÍ</i>	14
1.1	HIPÓTESES DE PESQUISA	19
1.2	OBJETIVOS.....	19
1.2.1	Objetivo Geral	19
1.2.2	Objetivos Específicos	20
2	O FERVO OBSERVADO	24
2.1	A ONG ARTE PELA VIDA.....	25
2.2	Os SUJEITOS OBSERVADOS	42
2.3	ALGUMAS CONSIDERAÇÕES.....	51
3	DANDO UM CLOSE	53
3.1	A SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA	53
3.1.1	As Três Ondas da Sociolinguística.....	54
3.1.1.1	Primeira onda.....	55
3.1.1.2	Segunda onda.....	58
3.1.1.3	Terceira onda.....	60
3.1.1.3.1	<i>Comunidade de práticas</i>	61
3.1.1.3.2	<i>Estilo</i>	64
3.1.1.3.3	<i>Identidade/persona</i>	65
3.1.1.3.4	<i>Indicialidade/indexicalidade</i>	68
3.2	PERCEPÇÃO E AVALIAÇÃO LINGUÍSTICAS	72
3.3	GÊNERO E LINGUAGEM	75
3.4	UM POUCO DE GRAMÁTICA.....	81
3.4.1	Concepções de Linguagem e Gramática	81
3.4.2	Um Pouco de Morfologia.....	84
3.4.3	Os Pronomes Pessoais Retos	85
3.4.4	A Marcação de Gênero Gramatical	89
3.4.5	A Neutralização de Gênero	92
3.5	ALGUMAS CONSIDERAÇÕES.....	96

¹ Os capítulos desta tese foram nomeados com termos do dicionário “Pequeno Vocabulário PAJUBÁ Palmense”, disponível em: <https://editorascienza.com.br/ebook/pajuba.pdf>.

4	QUEM CHEGOU LACRANDO	99
4.1	ALGUMAS CONSIDERAÇÕES.....	118
5	ACUENDANDO	119
5.1	A PESQUISA ETNOGRÁFICA PARTICIPANTE	121
5.2	A ENTREVISTA, O QUESTIONÁRIO SOCIOCULTURAL E O TESTE DE AVALIAÇÃO LINGUÍSTICA (TAL)	130
5.3	ALGUMAS CONSIDERAÇÕES.....	132
6	BATENDO CABELO E SAINDO DO ARMÁRIO	134
6.1	ANÁLISE DAS GRAVAÇÕES.....	134
6.1.1	As Interações Formais	134
6.1.2	As Interações Informais.....	138
6.1.2.1	Análise quantitativa	138
6.1.2.2	Análise qualitativa	163
6.2	ANÁLISE DOS TESTES DE AVALIAÇÃO LINGUÍSTICA (TAL).....	166
6.3	ANÁLISE DAS ENTREVISTAS	173
6.4	AVALIAÇÃO DOS SUJEITOS DA PESQUISA ACERCA DA LINGUAGEM NEUTRA.....	181
6.5	ALGUMAS CONSIDERAÇÕES.....	185
7	DESAQUENDANDO	187
	REFERÊNCIAS	193
	APÊNDICES	200
	APÊNDICE A – Roteiro para entrevista	201
	APÊNDICE B – Questionário sociocultural	203
	APÊNDICE C – Teste de avaliação linguística	204
	APÊNDICE D – TCLE	207
	ANEXOS	209
	ANEXO A – Reportagem do dia 13/08/2020 no site <i>g1 Pará</i> sobre a inauguração da loja sustentável no primeiro endereço	210
	ANEXO B – Homenagem realizada no dia 27/09/2021 pela Assembleia	

Legislativa do Estado do Pará ao então Comitê Arte pela Vida	211
ANEXO C – Reportagem do dia 11/02/2023 no site do jornal <i>O Liberal</i> sobre a mudança de endereço da loja sustentável	212
ANEXO D – Reportagem do dia 09/08/2023 no site do jornal <i>Diário do Pará</i> sobre a exposição “Irradiando Vida”	213
ANEXO E – Reunião realizada no dia 10/11/2023 com o programa de pós-graduação em enfermagem da Universidade Federal do Pará	214
ANEXO F – Rodas de conversa e outras ações	215

1 *INHAÍÍ*

E não seria supérfluo reforçar a importância social de estudos relacionados à identidade de grupos minoritários cuja representatividade na sociedade é sempre alvo de contestação e, muitas vezes, de repressão.
(Santana, 2018, p. 28)

Nesta tese, com base em uma pesquisa etnográfica realizada por quase dois anos, nosso foco é a análise da variação presente nas falas de integrantes da ONG Arte pela Vida, uma comunidade de práticas (CP) que trabalha em prol de pessoas que vivem e convivem com HIV/AIDS no Estado do Pará.

Por ser uma CP composta por muitos voluntários pertencentes à comunidade LGBTQIA+³ (alguns dos quais compõem o núcleo de sujeitos desta pesquisa), foi comum, durante o período de observação, ouvirmos a utilização de palavras oriundas do pajubá⁴, como a que nomeia esta introdução, principalmente em momentos descontraídos do grupo. Para que esses momentos de alegria e leveza, por nós presenciados, experienciados e revividos a cada vez que necessitamos ouvir as gravações realizadas (e foram muitas vezes), façam parte deste texto, batizamos seus capítulos com termos presentes no dicionário *Pequeno Vocabulário PAJUBÁ Palmense. Inhaíí*, que é uma saudação comum para iniciar uma interação entre pessoas gays, é a forma que utilizamos para dizer “seja bem-vindo à leitura desta tese”!

Para embasar nossa pesquisa, utilizamos os pressupostos teóricos da Sociolinguística Variacionista (Labov, 2008[1972]), em particular da fase denominada de Terceira Onda ou perspectiva estilística (Eckert, 2005, 2012, 2016). Para essa vertente dos estudos sociolinguísticos, a linguagem é considerada um sistema de significação a partir do qual as identidades são construídas (Moser; Damke, 2012) e

² *Inhaíí* – S. [...] 2. Saudação inicial em uma conversa entre dois homossexuais” (Rodrigues; Andrade, 2023, p. 22).

³ Embora várias siglas sejam empregadas para se referir a essa comunidade, utilizaremos LGBTQIA+ (lésbicas, bissexuais, gays, transgêneros, queers, intersexuais, assexuais e o símbolo + representando quaisquer outras manifestações de gênero que não estejam aí delimitadas) por ser a mais recorrente na sociedade no presente momento e por ser a forma utilizada na CP observada para este estudo.

⁴ Inicialmente utilizado em terreiros de candomblé e umbanda, tornou-se um criptoletto da comunidade LGBTQIA+, essencial como língua de resistência e enfrentamento à opressão social e como elemento constitutivo da identidade dessa comunidade.

a língua é tida “como prática social, sendo esta, portanto, produto de determinadas práticas, ao passo que se reflete nos papéis identitários dos informantes/falantes” (Nogueira, 2019, p. 15).

A partir do desenvolvimento de investigações nessa área, a Sociolinguística ganha um novo olhar para a variação. O interesse não mais se restringe ao estudo de comunidades de fala, compreendidas como um grupo de pessoas que compartilham as mesmas normas subjetivas em relação a uma língua ou variedade linguística (Labov, 2008[1972]), mas se além à construção de estilos⁵ dentro de comunidades de práticas, consideradas como “um conjunto de pessoas agregadas em razão do engajamento mútuo em um empreendimento comum” (Eckert; McConnell-Ginet, 2010[1992], p. 102). Embora também possam se utilizar de dados relativos às macrocategorias sociais, como sexo, idade e escolaridade, esses deixam de ser o foco das pesquisas, o qual muda para o significado social da variação e seu papel na construção de estilos.

De acordo com Battisti (2014, p. 80), nas comunidades de práticas,

a variação é usada para evocar diferentes identidades e, na negociação dos indivíduos por *status*, as formas linguísticas adquirem valor social, o que pode incrementar ou fazer regredir a mudança. Reconhecida a pertinência de investigar redes e práticas sociais no estudo da variação linguística, resta aos sociolinguistas o desafio de dar conta dessas forças, associando as medidas quantitativas da análise de regra variável (LABOV, 1972) a outras técnicas de investigação, assentadas em claros fundamentos teóricos.

Ao adentrarmos a CP *locus* deste estudo, nossas questões de pesquisa eram:

(i) os estilos construídos pelos membros da ONG, em diferentes situações de interação, influenciam nas variedades linguísticas por eles utilizadas?; e (ii) há o uso da chamada linguagem neutra (LN) dentro dessa comunidade diversa no que se refere a gêneros?

Para responder a esses questionamentos, gravamos suas falas em situações como: reuniões para atender às demandas da ONG, montagem e preparação de eventos, palestras ministradas em diferentes espaços, encontros descontraídos na loja sustentável Arte pela Vida, entre outros. Não houve uma padronização no tempo

⁵ Neste texto, concebemos *estilo* como uma prática social na qual os falantes combinam variáveis linguísticas com outras formas simbólicas na construção da imagem que performam. Explanaremos mais acerca desse conceito na seção 3.2.1.3.2.

das gravações, uma vez que precisamos nos adequar às atividades desenvolvidas na CP, mas apresentamos um detalhamento da distribuição desse tempo na seção 5.1, quando discorreremos acerca da metodologia utilizada na pesquisa.

A partir de nossas observações e da transcrição e análise dessas gravações, verificamos que a presença da LN dentro dessa CP se restringe ao uso, não frequente, do pronome *todes* em expressões como “Bom dia a todas, todos e todes”, o que nos fez optar por não a utilizar como objeto de pesquisa. Contudo, procuramos compreender por que tal comunidade de práticas, composta por muitos voluntários pertencentes ao grupo de pessoas LGBTQIA+, não utiliza de forma recorrente essa linguagem. Visto que as atuais questões que envolvem seu uso (como as destacadas nas imagens a seguir) acabam por inseri-la cada vez mais nos espaços de representatividade da comunidade LGBTQIA+ e nas discussões da sociedade como um todo, seria esperado que a encontrássemos nas interações ali ocorridas.

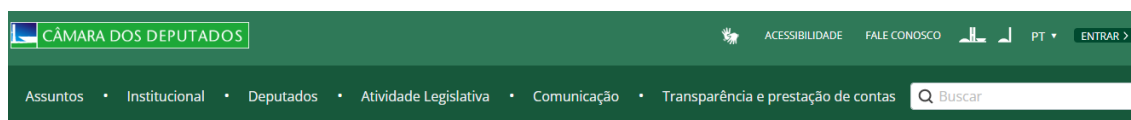
Imagem 1 – Professora é demitida por tentar ensinar LN em escola



The image shows a screenshot of a news article on the Terra website. The header includes the Terra logo and navigation links like 'TERRA MAIL', 'LOJA VIRTUAL WIX', 'VIVO FIBRA', 'NBA', 'TERRA ASTRAL', 'TERRA MEU NEGÓCIO', and 'CENTRAL DO ASSINANTE'. Below the header, there's a breadcrumb trail: 'Capa > Notícias > Educação'. The main content area features the 'educar' logo and a navigation bar with buttons for 'ENEM', 'GABARITO - ENEM 2024', 'VESTIBULAR', 'CARREIRA', 'CONCURSOS', 'CURSOS ONLINE', 'VIVAE', 'LIA GLAZ', 'ALEXANDRE MAX', and 'FUNDAÇÃO TELEFÔNICA'. The article title is 'Professora é demitida após ensinar sobre pronome neutro em escola de SC'. Below the title, a sub-headline reads: 'No vídeo, ela explica em que situações a palavra "todes" poderia ser usada'. The article is attributed to 'Redação Terra' and dated '27 set 2023 - 19h25 (atualizado em 28/9/2023 às 10h23)'. There are buttons for 'Compartilhar' and 'Exibir comentários'.

Fonte: Terra. (Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/educacao/professora-e-demitida-apos-ensinar-sobre-pronome-neutro-em-escola-de-sc.5805c348ff9c89b6f537a84de6675cbfhhbduz1w.html>. Acesso em: 22/12/2024).

Imagem 2 – Deputados tentam proibir o uso de LN



16/02/2023 - 11:47

Fonte: Câmara dos Deputados. (Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/938630-projeto-proibe-uso-de-linguagem-neutra-na-educacao-basica/>. Acesso em: 22/12/2024).

Verificamos, também, um número significativo de variáveis linguísticas, em diferentes níveis, presentes na CP, especialmente por se tratar de grande quantidade de pessoas engajadas nas ações. Dentre essas variáveis, a concordância nominal de número não padrão é bastante recorrente, como demonstrado nas transcrições a seguir:

1.I) Eu quero as mesa daquele lado. (fala ocorrida durante a organização da feira da diversidade LGBTQIA+).

1.F) Gente, nós vamos começar o sorteio da rifa dos namorado. (fala transcrita de um vídeo postado nas redes sociais da ONG).

Não tomamos tal variação como objeto deste estudo porque seu significado social não está atrelado especificamente à comunidade de práticas observada. Segundo Santos (2010, p. 101), “o fenômeno de variação na concordância nominal de número no PB não está restrito a uma região ou a uma classe social específica; é característico de toda a comunidade de fala brasileira”. Porém, não poderíamos deixar de registrá-la aqui em virtude de sua produtividade dentro da CP.

No entanto, uma variável gramatical foi utilizada frequentemente durante nossas observações. Participantes dessa comunidade, especificamente um grupo de homens cisgêneros autodeclarados gays⁶, empregam variavelmente o gênero

⁶ Pessoas que se consideram do gênero masculino, com o qual biologicamente são reconhecidas, mas que possuem orientação homossexual.

gramatical do pronome pessoal reto – *ele/ela* – para se referirem aos seus pares, ou seja, outros homens cis⁷ autodeclarados gays⁸. Essa variação chamou nossa atenção e foi escolhida como objeto de análise desta pesquisa.

A relação entre linguagem e gênero⁹ vem sendo discutida há algum tempo nos estudos linguísticos, sendo o trabalho de Lakoff (1973) um dos pioneiros nessa área. Ao diferenciar a fala de homens e mulheres, a autora apresentou a linguagem feminina como sendo menos incisiva e menos assertiva do que a masculina. Dentro da Sociolinguística, pesquisas de Primeira e Segunda Ondas, bem como algumas de Terceira, seguem uma metodologia semelhante à de Lakoff ao analisar a categoria sexo utilizando o binômio homem x mulher, como pares opostos em função de sua determinação biológica. Tais estudos, ao optarem por não analisar o gênero desses indivíduos¹⁰, assumem uma perspectiva metodológica de que a pessoa falaria de determinada maneira apenas por ter nascido homem e não mulher, e vice-versa.

Essa oposição, assim como demonstram estudos recentes que trabalham a relação entre linguagem e gênero (Mendes, 2012; Santana, 2018; Nogueira, 2019; Carvalho; Brito, 2020; Ribeiro, 2020, 2021; entre outros), parece-nos resumida, visto que a construção do gênero, e não do sexo, está diretamente ligada ao uso da linguagem. Ao chegar ao *locus* de nossa investigação, essa ideia ganhou mais força, pois ficou claro, durante nossa observação, que o sexo biológico não é responsável pela variação que presenciamos na comunidade e que, assim como afirma Veloso (2014, p. 07), “[...] as questões de gênero, sexualidade e linguagem têm se revelado como processos mutuamente implicados e decisivos em relação aos aspectos significativos da variação linguística”.

A partir da escolha do objeto de nosso estudo, determinamos as hipóteses de pesquisa, bem como seus objetivos geral e específicos, detalhados a seguir.

⁷ Neste trabalho, utilizamos o termo cis como abreviatura de ciscônero. Por se tratar de um termo em corrente uso no português brasileiro, será empregado sem a marcação em itálico.

⁸ Neste texto, optamos por usar o termo gay em detrimento a homossexual, coadunando o pensamento de Mendes (2012, p. 113) para quem “Em vez de ‘homossexual’, prefere-se aqui o uso do termo ‘gay’ – um empréstimo do inglês pelo português (como tal, empregado sem aspas no interior do texto). Esse último parece descrever melhor uma identidade social ou um modo de ser/agir/falar, enquanto que o primeiro se refere mais objetivamente a uma prática social” e respeitando a escolha dos sujeitos da pesquisa.

⁹ Por se tratar de um termo polissêmico, nesta tese utilizaremos o termo *gênero* para nos referir ao gênero humano (masculino, feminino ou não-binário) e *gênero gramatical* para fazer menção às marcas linguísticas relativas à flexão morfológica e à concordância.

¹⁰ Ainda que muitos trabalhos da área utilizem, equivocadamente ao nosso ver, a nomenclatura *sexo/gênero*, como sinônimos.

1.1 HIPÓTESES DE PESQUISA

Com o objeto de estudo definido, formulamos as seguintes hipóteses de pesquisa:

- a) Os participantes empregam variavelmente *ele/ela* a depender da *persona* que performam dentro da comunidade de práticas;
- b) Os sujeitos observados consideram o contexto de produção, a imagem que desejam passar e seu papel no momento da interação ao optar por *ele/ela* ao se referirem a um homem cis gay;
- c) A variação é um recurso na construção de sua(s) identidade(s);
- d) O uso do pronome feminino na situação descrita na hipótese (b) é reconhecido pelos usuários como estigmatizado, o que faz com que optem por não o utilizar em interações nas quais assumam *personas*¹¹ consideradas mais “sérias” ou “formais”;
- e) A dificuldade na elaboração de textos orais e escritos utilizando a linguagem neutra (principalmente no que se refere à concordância) é responsável por seu reduzido emprego dentro da comunidade de práticas.

Para compreender se nossas hipóteses correspondem ao que, de fato, acontece na comunidade, elaboramos os seguintes objetivos de pesquisa.

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo Geral:

O Objetivo geral deste estudo é analisar o significado social da variação de gênero gramatical no uso do pronome pessoal reto de terceira pessoa – *ele/ela* – dentro de um grupo formado por homens cis autodeclarados gays, em situações formais e informais de interação.

¹¹ Nesta tese utilizaremos o plural de *persona* como *personas*, tal qual Casimiro (2021) e Ribeiro (2021).

1.2.2 Objetivos Específicos:

- a) Verificar em qual(is) situação(ões) os sujeitos observados usam uma ou outra variante;
- b) Averiguar, através de teste de avaliação linguística aplicado aos sujeitos observados, os significados sociais indexicalizados para o uso de *ela* dentro dos contextos apresentados;
- c) Analisar se a variação de gênero gramatical, observada no uso do pronome pessoal reto, também acontece em outras classes gramaticais;
- d) Examinar as nuances na fala dos sujeitos da pesquisa de acordo com suas intenções comunicativas ao utilizar uma ou outra variante;
- e) Verificar a avaliação que os participantes da pesquisa fazem sobre o uso da linguagem neutra.

Essas hipóteses e objetivos nortearam nossa pesquisa para que pudéssemos comprovar ou refutar a tese de que a utilização do pronome *ela*, para se referir a um homem cis gay, está sujeita a fatores externos à língua e vinculados diretamente: (i) ao papel que os sujeitos desempenham no momento da interação, ou seja, à construção de suas personas, e (ii) à avaliação que fazem sobre esse uso.

Alguns estudos (Mendes, 2012; Santana, 2018; Schwindt, 2020; Ribeiro, 2021; entre outros) já apresentam a importância da relação entre gênero e o significado social da linguagem. No entanto, pensar a variação enquanto um mecanismo produtor de estilos representativos de identidades construídas nas interações sociais ainda é um dado relativamente novo nos estudos linguísticos brasileiros, tal qual exposto por Bentes (2009):

[...] a atual agenda dos estudos sociolinguísticos contempla uma mudança que vai de (i) uma visão estática de identidade social para uma visão que privilegie as dinâmicas da identidade social e (ii) de um foco na linguagem concebida como uma forma de comportamento para o foco na linguagem como um lugar onde os sentidos sociais são encenados discursivamente (Bentes, 2009, p. 123).

Por essa razão, consideramos que este trabalho trará contribuições para as pesquisas sociolinguísticas, bem como para aquelas que tratam das questões de linguagem, identidade e gênero. Acreditamos, também, oportunizar às pessoas que

pretendem utilizar a pesquisa etnográfica para a realização de estudos sociolinguísticos um exemplo de como tal empreendimento pode ser efetivado. Esperamos, ainda, dar visibilidade a questões sociais extremamente relevantes na atualidade, como os anseios das PVHA¹² e a luta contra a LGBTQIA+fobia, batalhas diárias da comunidade de práticas por nós observada e que será descrita no capítulo a seguir.

Para alcançar as contribuições pretendidas pelo presente estudo, esta tese está dividida em sete capítulos. No primeiro, intitulado *Inhaíí* e agora apresentado, trazemos uma introdução do que será trabalhado durante o percurso deste texto, bem como nossas questões de pesquisa, hipóteses e objetivos.

No segundo capítulo, intitulado *O Fervo Observado*, apresentamos a CP que observamos durante nossa pesquisa etnográfica, sua importância para as pessoas que dela participam e que por ela são atendidas, bem como o reconhecimento de seu trabalho pela sociedade paraense. Detalhamos, ainda, quem são os cinco sujeitos cujas falas analisamos e que, de pronto, aceitaram contribuir para o desenvolvimento deste estudo.

No terceiro capítulo, denominado de *Dando um Close*, fazemos um apanhado das teorias utilizadas para embasar nossa pesquisa:

a) Em *A Sociolinguística Variacionista*, discorreremos acerca da área dos estudos linguísticos criada por William Labov, sua importância para a compreensão do que seja a língua e o papel fundamental do social nessa concepção; em seguida, trazemos a visão de Penélope Eckert sobre a variação linguística e a proposta epistemológica em três fases da Sociolinguística, que ela denominou de ondas. Atendo-nos um pouco mais à última dessas fases, a chamada Terceira Onda, apresentamos conceitos por ela introduzidos e/ou modificados, a saber: *comunidade de práticas, estilo, identidade/persona e indexicalidade*;

b) Em *Percepção e Avaliação Linguísticas*, trazemos o conceito e a importância de atitudes e crenças linguísticas para a construção de identidades (Salomão-Conchalo, 2015; Botassini, 2015; Lisboa, 2015; Oushiro, 2015, 2019; Battisti; Oliveira, 2016; Vassoler; Camacho, 2016; Mendes, 2018; Mendes; Tesch; Machado, 2022), bem como trabalhos realizados a partir de experimentos e técnicas de percepção (Sene, 2022; Oliveira, 2022) e/ou de respostas metalinguísticas diretas

¹² Sigla utilizada para “pessoas vivendo com HIV/AIDS”.

a questionários avaliativos sobre determinados usos linguísticos (Lisboa, 2015; Oushiro, 2015);

c) Em *Gênero e Linguagem*, demonstramos a dificuldade em, primeiramente, definir o que seja gênero e a impossibilidade histórica de enquadrar pessoas, diversas em si mesmas, dentro de um modelo pré-definido de gênero (Butler, 2003); a diferença entre esse termo e *sexo* e *orientação sexual* (Ribeiro, 2021) e como algumas pesquisas, que envolvem o uso social da linguagem, ainda utilizam tais palavras como sinônimas; evidenciamos, também, uma tentativa de ampliação do conceito de gênero dentro dos estudos sociolinguísticos (Veloso, 2014; Freitag, 2015) e a importância da linguagem enquanto mecanismo criador de identidades que fogem ao que é pregado pela heteronormatividade (Santana, 2018);

d) Em *Um Pouco de Gramática*, apresentamos concepções das gramáticas tradicional/formal, descritiva/funcional e internalizada relacionadas às visões de linguagem como: expressão do pensamento, instrumento de comunicação e forma de interação humana (Travaglia, 2009; Geraldi, 2011; Possenti, 2011). Tratamos, também, do lugar da morfologia nos estudos linguísticos e da classificação, função e variação no uso dos pronomes pessoais retos (Perini, 2005; Neves, 1994, 2006, 2011, 2015; Castilho, 2014). Dialogamos, ainda, sobre a forma como se realiza a marcação de gênero gramatical na língua portuguesa, e a recente utilização de estruturas que procuram tornar a linguagem mais inclusiva no que se refere a gênero.

No quarto capítulo, intitulado *Quem Chegou Lacrando*, apresentamos estudos que dialogam com esta tese tanto na relação linguagem x gênero (Mendes, 2012; Carvalho; Almeida, 2017; Santana, 2018; Nogueira, 2019; Ribeiro, 2020; Sene, 2022) quanto na metodologia de pesquisa utilizada (Oushiro, 2015; Salomão-Conchalo, 2015; Lisboa, 2015; Battisti; Oliveira, 2016).

No quinto capítulo, denominado de *Acuendendo*, descrevemos a metodologia utilizada para a construção deste trabalho. Iniciamos com a motivação para realizar este estudo, passamos pela conceituação do que seja a pesquisa etnográfica participante (Severino, 2007; Mainardes, 2009; Ataídes; Oliveira; Silva, 2021), pela escolha da CP e a forma como ocorreu nossa observação, pela seleção do objeto de análise e a transcrição das gravações realizadas, pela construção e aplicação do teste de avaliação linguística, do questionário sociocultural e da entrevista, até chegarmos a forma como realizamos a análise de nossos dados.

No sexto capítulo, intitulado *Batendo Cabelo e Saindo do Armário*,

apresentamos os dados que compõem este estudo e sua análise.

Finalizamos esta tese com o capítulo referente às considerações finais, denominado de *Desacuendando*.

2 O FERVO¹³ OBSERVADO

*A solidariedade é o primeiro passo para um mundo melhor.*¹⁴
(Informação verbal)

O conceito de *comunidade de práticas* é uma das principais diferenciações entre a Terceira Onda da Sociolinguística e as duas que a antecederam, cujo *locus* das pesquisas eram as comunidades de fala.

De acordo com Eckert e McConnel-Ginet (2010[1992], p. 102),

Como construto social, uma comunidade de prática é diferente da noção tradicional de comunidade, sobretudo porque é definida simultaneamente pelos seus participantes e pela prática na qual eles se engajam. Na verdade, são as práticas que estruturam socialmente a comunidade.

Utilizamos o termo *Fervo*, no título deste capítulo, porque o espaço escolhido para realizarmos esta pesquisa além de agregar, de forma muito alegre e empática, um significativo número de indivíduos, costuma ser um local de encontros, reuniões, comemorações e bate-papo.

A existência desse grande número de pessoas, tão diversas entre si e em si mesmas quanto todas as pessoas o são, bem como a aceitação e a imagem positiva que os participantes possuem dessas diferenças, são as principais razões para a escolha da ONG Arte pela Vida como *locus* de nosso estudo.

¹³ “**Fervo** – S. 1. Qualquer agrupamento social festivo” (Rodrigues; Andrade, 2023, p. 20).

¹⁴ Frase sempre destacada nas ações realizadas pela ONG Arte pela Vida.

2.1 A ONG ARTE PELA VIDA

A comunidade de práticas por nós observada é uma ONG que luta em prol dos direitos humanos, em especial das PVHA. A Figura 1 evidencia a logomarca dessa importante organização não governamental.

Figura 1 – Logomarca da ONG Arte pela Vida



15

Fonte: Arquivo da ONG Arte pela Vida.

A ONG Arte pela Vida está localizada na cidade de Belém, capital do estado do Pará, região norte do Brasil, evidenciada no mapa presente na Imagem 3.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2023), em 2022 Belém possuía um território de 1.059,466 km² e uma população de 1.303.403 habitantes. Ainda de acordo com o IBGE, em pesquisa realizada em 2019, em todo o território nacional, e publicada em 2022, cerca de 30.000 belenenses (2,5% da população) se autodeclararam homossexuais ou bissexuais, ou seja, pessoas

¹⁵ O girassol foi escolhido como símbolo da ONG por, assim como seus membros, procurar estar sempre voltado para a luz.

pertencentes à comunidade LGBTQIA+, da qual fazem parte os sujeitos desta pesquisa.

Imagem 3 – Mapa do estado do Pará



Fonte: Banco de Dados Geográficos. (Disponível em: <http://geogeral.com/h/m/b/brpa.htm>. Acesso em: 05 out. 2023).

Em relação às PVHA, Belém é a segunda capital do país no que se refere ao número de pessoas vivendo com HIV, de acordo com o boletim epidemiológico do Ministério da Saúde de 2023. A tabela a seguir apresenta os casos de AIDS da capital paraense notificados no Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN), presentes no site de indicadores e dados básicos do HIV/AIDS nos municípios brasileiros.

Tabela 1 – Casos de AIDS notificados no SINAN, declarados no SIM e registrados no SISCEL/SICLOM por ano de diagnóstico

Casos de AIDS	Total	1980-	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021	2022	2023
Total	14.787	5.996		508	553	616	660	789	838	753	857	862	562	746	761	286
Homens	10.187	4.046		339	368	404	458	545	585	532	604	619	401	531	553	202
Mulheres	4.600	1.950		169	185	212	202	244	253	221	253	243	161	215	208	84
Menores de 5 anos	225	157		8	13	7	5	6	5	4	3	5	7	1	2	2
Entre 15 e 24 anos	1.836	646		71	70	87	65	100	120	98	136	119	83	106	104	31

Fonte: MS/SVSA/DATHI. (Disponível em: <https://indicadores.aids.gov.br/>. Acesso em: 08/08/2024)

É importante ressaltar que, além das subnotificações existentes (pessoas que apresentam sintomas da infecção, mas optam por não realizar o teste), os dados demonstrados na Tabela 1 apresentam somente o número de casos notificados de indivíduos com a doença desenvolvida, no caso, a AIDS. Ou seja, as pessoas que vivem com HIV, mas não manifestaram a doença, não estão aí quantificadas. Isso torna o problema ainda maior, uma vez que, embora seja perfeitamente possível ter uma vida normal sendo positivado para o vírus¹⁶, é preciso que o tratamento (hoje muito mais simples do que há alguns anos e oferecido gratuitamente pelo Sistema Único de Saúde) seja realizado corretamente, o que é impossível sem o diagnóstico correto.

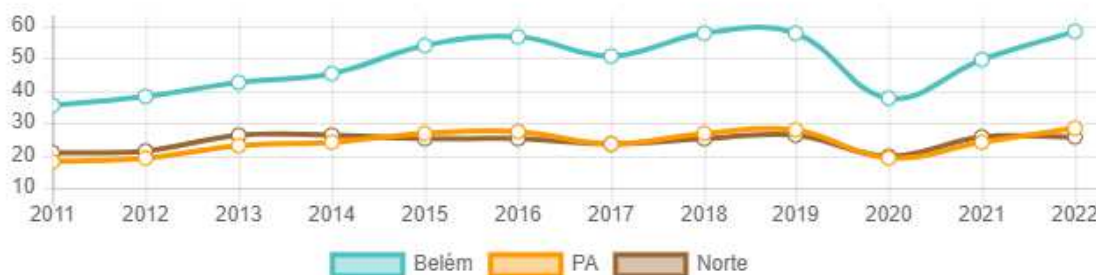
Apresentamos, na figura a seguir, também presente no site de indicadores e dados básicos do HIV/AIDS nos municípios brasileiros, o gráfico que compara os

¹⁶ Há na ONG pessoas que vivem com HIV há mais de trinta anos.

casos de infecção por HIV em Belém, no Pará e na região Norte do Brasil.

Figura 2 – Gráfico de detecção de infecções por HIV em Belém

Taxa de Detecção Geral (por 100 mil hab.)



Fonte: MS/SVSA/DATHI - Departamento de HIV/AIDS, Tuberculose, Hepatites Virais e Infecções Sexualmente Transmissíveis (Disponível em: <https://indicadores.aids.gov.br/>. Acesso em: 08/08/2024)

Demonstramos, através dos dados expostos na Tabela 1 e na Figura 2, o quão importante e necessário é o trabalho desenvolvido pela ONG Arte pela Vida na cidade de Belém e arredores, cuja quantidade de notificações tem se apresentado muito acima da média do estado e da região. O empenho e o comprometimento de seus coordenadores e voluntários para que essas estatísticas mudem é intenso e constante. Sempre há representantes da ONG em eventos e reuniões destinados a discutir questões relacionadas às PVHA, especialmente quando se trata de reivindicar melhorias nas unidades de tratamento e acolhimento para essas pessoas, assim como na construção e manutenção de campanhas de prevenção, como a evidenciada na Imagem 4.

Imagem 4 – Campanha de prevenção contra a AIDS no ano de 2022



17

Fonte: Acervo de arquivos fotográficos da ONG Arte pela Vida e da própria autora.

Não à toa as ações desenvolvidas vêm sendo cada vez mais reconhecidas pela população e pelo poder público, e divulgadas pelos meios de comunicação, não somente em Belém, mas também por todo o estado do Pará¹⁸.

Embora autores como Nogueira (2019) declarem que o espaço físico em que a

¹⁷ O rosto exposto nas imagens pertence à autora desta tese. Foi muito gratificante poder participar ativamente e contribuir com as ações realizadas pela ONG Arte pela Vida durante o período da pesquisa.

¹⁸ Nos anexos de A a E, apresentamos algumas reportagens e homenagens recebidas pela ONG nos últimos anos.

CP se reúne não a delimita, acreditamos ser importante identificar geograficamente o local onde está situada a comunidade na qual a pesquisa foi realizada, por uma questão de pertencimento de seus membros. Apesar dos problemas de uma capital construída a partir de um crescimento desordenado, Belém é uma cidade com muitas belezas naturais, com uma população que acolhe seus visitantes e da qual os participantes se orgulham.

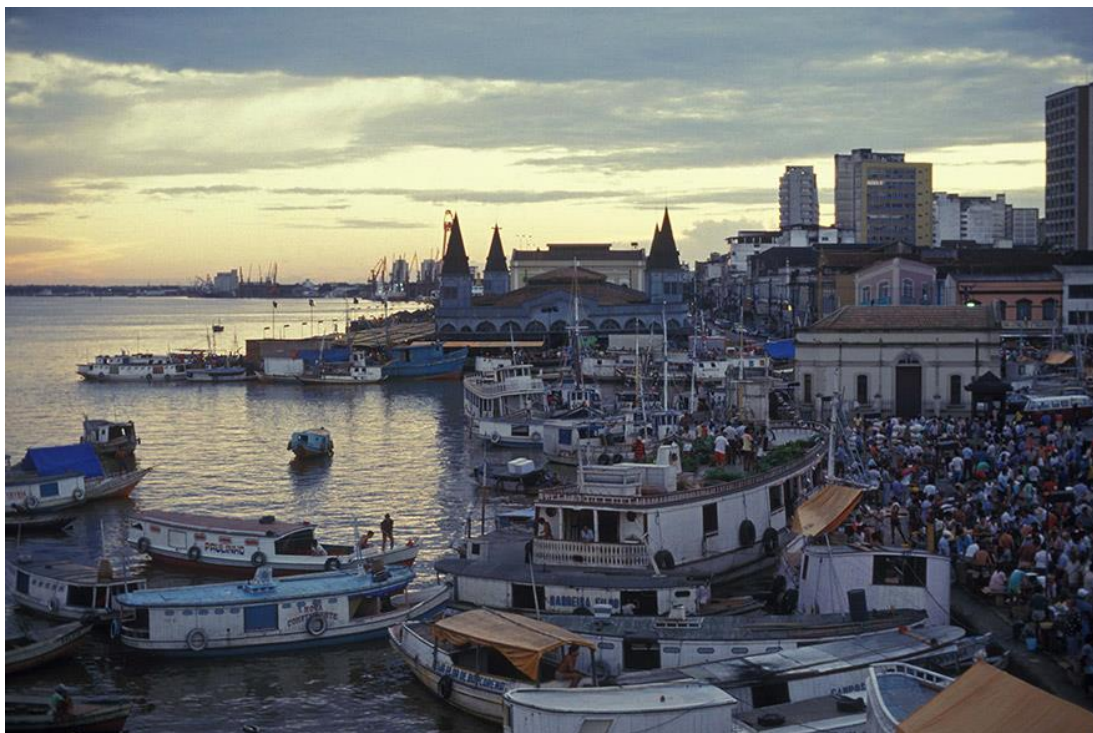
[...] a comunidade de prática não pode ser definida pelo local, no sentido de ser fixa e somente existir naquele local específico de encontro, pois não se trata do ambiente físico em si, apesar de poder ser pensada a partir daí. [...] Dessa forma, as comunidades de prática podem migrar de um local para outro sem haver perdas, uma vez que se constituem em seus membros e os acompanham (Nogueira, 2019, p. 65).

Ainda que compartilhemos do pensamento de Nogueira de que a CP se constitui em seus membros e que não pode ser definida, simplesmente, pelo local específico em que se encontra, precisamos ressaltar que os sujeitos atuam de formas distintas a depender do espaço em que estão inseridos.

A própria ONG, embora tenha uma sede fixa na cidade (atualmente sendo utilizada mais como depósito e, vez por outra, como moradia temporária para voluntários que necessitem), realiza suas reuniões e eventos de menor porte na Loja/Brechó Sustentável Arte pela Vida. Essa loja mudou uma vez de endereço no decorrer desta pesquisa. Durante o primeiro ano de nossa observação, ela compartilhava um espaço cedido por uma empresa de confecções, situado em uma área considerada “nobre” da cidade. Hoje, está localizada em uma sala no Mercado de Carne Francisco Bolonha, na tradicional feira do Ver-o-Peso, um dos principais cartões postais da cidade e que é frequentado por pessoas de todas as classes sociais. Essa transferência foi percebida positivamente pelos sujeitos que constituem a ONG, uma vez que, segundo seus relatos, o novo local, além de possibilitar a circulação de um maior número de pessoas que realmente necessitam de seu auxílio e que consomem os produtos ali comercializados, pertence a eles e permite que possam se expressar de forma mais livre.

As imagens a seguir demonstram o novo caminho trilhado diariamente por voluntários, assistidos e frequentadores da loja/brechó.

Imagem 5 – Vista do complexo do Ver-o-Peso



Fonte: IPHAN (Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/828#:~:text=Inaugurado%20em%201901%2C%20com%20o,uma%20s%C3%A9rie%20de%20constru%C3%A7%C3%B5es%20hist%C3%B3ricas>. Acesso em: 05/04/2024).

Imagem 6 – Mercado de Carne Francisco Bolonha – área externa



Fonte: Comunidade Flickr (Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/macapuna/6923612701/in/photostream/>. Acesso em: 05/04/2024)

Imagem 7 – Mercado de Carne Francisco Bolonha – área interna



Fonte: Expedição Pará. (Disponível em: <https://expedicaopara.com.br/patrimonio/mercado-de-carne-belem/>. Acesso em: 05/04/2024)

Imagem 8 – Entrada da Loja/Brechó Sustentável Arte pela Vida



Fonte: Acervo de registros fotográficos da própria autora.

A história da ONG inicia em 1996, quando um grupo de artistas, jornalistas e fotógrafos se reuniu para realizar um show em Belém com o objetivo de angariar recursos para que um amigo, que acabara de ser diagnosticado com HIV, pudesse realizar seu acompanhamento médico em São Paulo. Era uma época muito difícil para o tratamento das pessoas infectadas com o vírus, sendo seu diagnóstico, de acordo com relatos de pessoas que viveram aquele momento, reconhecido quase como uma sentença de morte.

Após o espetáculo, esse grupo percebeu que poderia continuar a promover atividades que ajudassem outras PVHA não somente a sobreviver ao vírus, mas a viver com qualidade de vida e dignidade. Surgiu, então, o Comitê Arte pela Vida, que agora é, formalmente, a ONG Arte Pela Vida. O trabalho pelos direitos humanos e em prol das pessoas em situação de vulnerabilidade social, que vivem e convivem com HIV/AIDS, se estendeu por outras cidades do estado do Pará, alcançando grande parte da região metropolitana de Belém, como as cidades de Ananindeua e Marituba. Seus coordenadores, com a ajuda de voluntários, promovem ações de prevenção em saúde, cultura e arte, eventos educacionais, projetos e assistência para essas pessoas, que tanto precisam de ajuda e visibilidade.

Antes da inauguração da loja sustentável, os voluntários montavam suas barraquinhas nas feiras para vender os itens doados e conseguir recursos para realizar suas ações. Esse processo durou vários anos até que, em 2020, a loja foi inaugurada, facilitando o acesso do público não só ao material disponível para venda como aos serviços ali oferecidos.

Imagem 9 – Compradores visitando a loja sustentável

Fonte: Arquivos fotográficos da ONG Arte pela Vida.

A Imagem 9 apresenta a movimentação de compradores na loja/brechó. Muitas pessoas costumam frequentar semanalmente esse espaço, visto que as doações são constantes e o estoque é sempre renovado.

Diariamente, vários atendimentos são realizados, como testes rápidos para detecção do HIV, distribuição de preservativos, entrega de cestas básicas, remédios, cadeiras de rodas e fraldas geriátricas para PVHA hospitalizadas, como demonstrado na imagem a seguir.

Imagem 10 – Entrega de fraldas geriátricas para PVHA hospitalizados



Fonte: Arquivos fotográficos da ONG Arte pela Vida.

Além desse suporte diário, a ONG desenvolve algumas ações fixas em seu calendário, as quais possuem um grande alcance dentro da sociedade belenense.

Mensalmente, são realizados cafés de acolhimento em três unidades de saúde em Belém, que são referências no tratamento de PVHA: a UREDIPE – Unidade de Referência Especializada em Doenças Infecciosas Parasitárias Especiais; a UREMIA – Unidade de Referência Especializada Materno Infantil e Adolescente; e o CASADIA – Centro de Atenção à Saúde nas Doenças Infecciosas Adquiridas. Nesses eventos, em conjunto com a distribuição de café, suco, pão, bolo, entre outros itens doados por voluntários, há apresentações culturais, brincadeiras para as crianças, distribuição de cestas básicas e, principalmente, a disponibilidade dos voluntários em conversar com os pacientes que, em muitos casos, escondem sua condição da própria família e, por

isso, não têm com quem falar a respeito. A falta de apoio e o preconceito ainda existentes na sociedade são responsáveis não somente por muitos abandonarem o tratamento, como por chegarem a quadros depressivos e, até mesmo, ao suicídio, o que torna tão importante esse momento de diálogo e carinho nas manhãs de acolhimento. Na Imagem 11, apresentamos alguns registros dessas ocasiões.

Imagem 11 – Registros de alguns cafés de acolhimento



Fonte: Arquivos fotográficos da ONG Arte pela Vida.

Trimestralmente, acontece a “Feira da Diversidade LGBTQIA+”, que reúne cerca de duzentos empreendedores LGBTQIA+ de diversas áreas da economia, com

o objetivo de oportunizar a geração de renda para esse grupo ainda excluído da sociedade como um todo. Embora o HIV não escolha raça, credo, posição social, gênero ou orientação sexual, não há como negar que um significativo número de pessoas infectadas pertence à comunidade LGBTQIA+, o que torna sua relação com a ONG ainda mais próxima e necessária. Na imagem a seguir, apresentamos alguns registros desse evento.

Imagem 12 – Registros realizados durante as feiras da diversidade



Fonte: Arquivos fotográficos da ONG Arte pela Vida.

Anualmente, no período que antecede o Natal, uma grande ação é realizada para a arrecadação de cestas básicas, que são doadas para PVHA que vivem em situação de vulnerabilidade social. Nomeada de “Doe 1 Cesta”, essa atividade envolve muitas pessoas dispostas a colaborar para tornar mais feliz o Natal de quem vive com HIV. Cada voluntário se dispõe a gravar um vídeo pedindo para que seus amigos contribuam doando uma cesta básica e, assim, é possível multiplicar a esperança de ajuda. Em 2024, mais de 400 cestas foram entregues na culminância da ação registrada na imagem a seguir.

Imagem 13 – Registros realizados durante a ação de Natal de 2024



Fonte: Acervo de arquivos fotográficos da ONG Arte pela Vida e da própria autora.

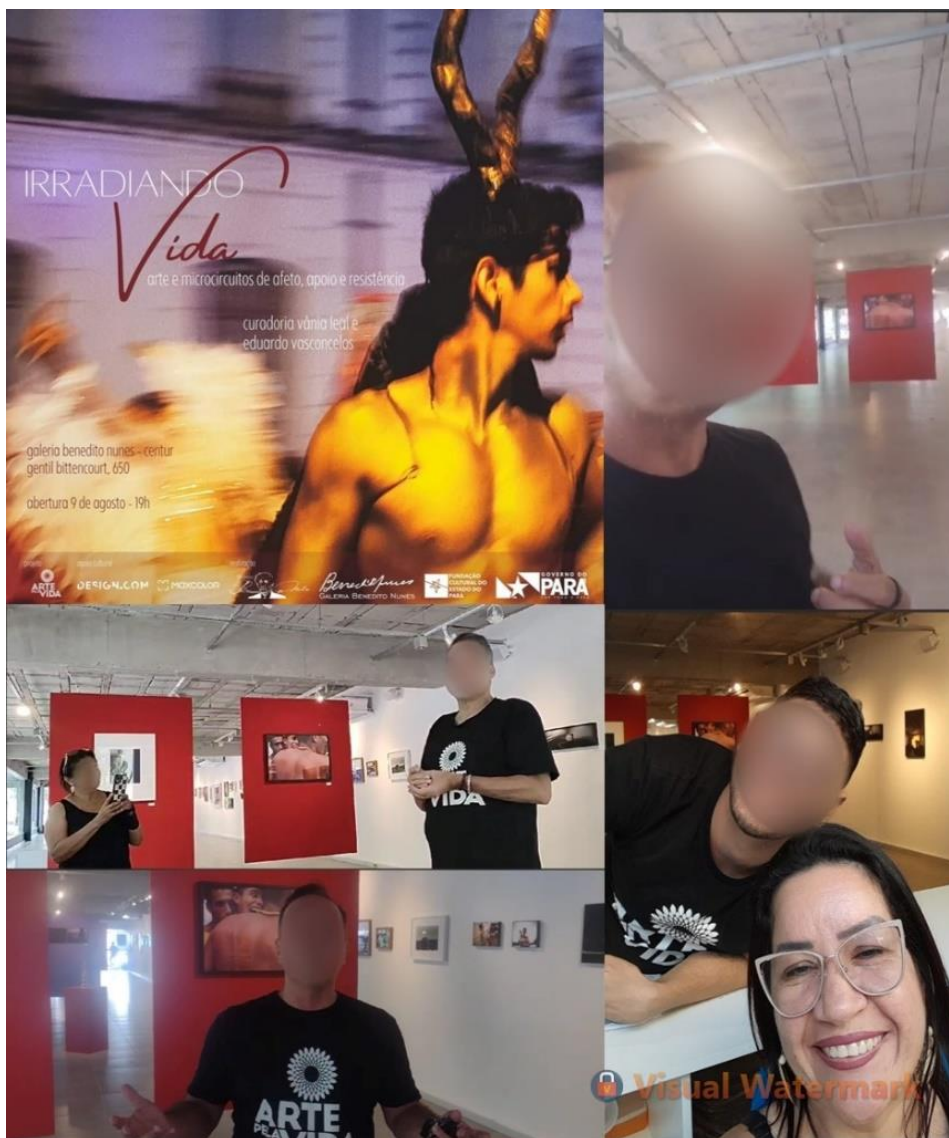
Bienalmente, a ONG realiza dois eventos intercalados. O primeiro, denominado “Só Nazica”, acontece no período do Círio de Nossa Senhora de Nazaré, maior manifestação religiosa da região Norte do país, cuja procissão principal ocorre sempre no segundo domingo de outubro. Cerca de cem artistas recebem imagens brancas em gesso da santa para ornamentar de acordo com sua criatividade. Essas peças são doadas à ONG e vendidas em uma exposição, demonstrada na Imagem 14, que acontece em um shopping da cidade. No segundo evento, intitulado mostra “Irradiando Vida”, artistas plásticos doam obras de arte (quadros, fotografias, esculturas, entre outras) para compor uma grande exposição realizada na galeria do Centro Cultural Tancredo Neves (CENTUR), retratada na Imagem 15. Todo dinheiro arrecadado com a venda dessas obras é destinado aos projetos sociais mantidos pela ONG.

Imagem 14 – Registros realizados durante a exposição “Só Nazica” no ano de 2022



Fonte: Acervo de arquivos fotográficos da ONG Arte pela Vida e da própria autora.

Imagem 15 – Registros realizados durante a exposição “Irradiando Vida” no ano de 2023



Fonte: Acervo de arquivos fotográficos da ONG Arte pela Vida e da própria autora.

As vendas da loja sustentável, apresentada anteriormente, juntamente com as doações de pessoas físicas e jurídicas e com os eventos realizados para angariar recursos (alguns registros fotográficos desses momentos encontram-se em anexo à esta tese), mantêm as ações e os projetos de acolhimento, educação para prevenção às infecções sexualmente transmissíveis (ISTs), oficinas e entrega de cestas básicas aos centros de testagem e aconselhamento.

Imagem 16 – Entrega de cestas básicas no Centro de Testagem e Aconselhamento (CTA) de Marituba



Fonte: Amélia Garcia (14/12/2023)

As bandeiras tão importantes levantadas e defendidas pela ONG (que incluem não somente o direito à vida e à dignidade das PVHA, mas também das pessoas LGBTQIA+ e de todas aquelas que de alguma forma sofrem com o preconceito e a discriminação da sociedade), da mesma forma que o fato de ser composta por indivíduos diversos em relação a gêneros, credos, etnias e tudo o mais que constitui os seres humanos, nos fez escolhê-la como *locus* para o desenvolvimento deste trabalho. Esperamos ser capazes de não somente contribuir com os estudos sociolinguísticos, mas também auxiliar a: combater o preconceito de gênero; fortalecer as discussões linguísticas acerca das linguagens LGBTQIA+; dar voz aos sujeitos que compõem a CP aqui apresentada; e levar suas lutas ao maior número possível de pessoas.

Dentro dessa comunidade, na qual nos inserimos e fomos profundamente bem acolhidas, há um grande número de voluntários, mãos e braços que se unem para realizar as ações mencionadas e ajudar o próximo. As falas de muitos desses voluntários foram gravadas ao longo do nosso período de pesquisa, contudo, devido

à rotatividade dessas pessoas nas reuniões e eventos que gravamos, assim como ao objeto de investigação por nós escolhido durante o processo de observação participante, as transcrições e análises apresentadas nesta tese resumem-se às interações de cinco indivíduos que, além de possuírem presença constante nas atividades observadas, fazem uso de uma variável cujo valor social chamou nossa atenção. Embora não seja um número grande de participantes, nossa escolha encontra respaldo em Eckert e McConnell-Ginet (2010[1992], p. 103), ao afirmarem que:

Comunidades de prática podem ser grandes ou pequenas, intensas ou difusas; elas nascem e morrem, podem sobreviver a muitas mudanças de membros e podem estar intimamente articuladas a outras comunidades. As pessoas participam de múltiplas comunidades de prática, e a identidade individual é baseada na multiplicidade dessa participação.

Os sujeitos desta pesquisa, identificados a seguir, também circulam por várias CP e sua forma de falar varia de acordo com essa circulação, até mesmo para evitar o preconceito social e linguístico. Botassini (2015, p. 124) define tal preconceito como a “atitude negativa frente a determinado grupo linguístico sem razão aparente. Normalmente está voltado a [...] minorias linguísticas, a grupos linguísticos que representam falares diferentes do falar daquele que avalia preconceituosamente o outro”, o que, claramente, inclui a comunidade LGBTQIA+.

2.2 OS SUJEITOS OBSERVADOS

As falas que analisamos para a construção desta pesquisa pertencem, como anteriormente mencionado, a cinco homens cisgêneros gays que compõem um dos núcleos mais proativos dentro da ONG: dois coordenadores, o responsável pela loja sustentável, o estilista encarregado de organizar os desfiles que ocorrem dentro dos eventos e um voluntário que, durante o período em que realizamos a observação, pode ser classificado como o “braço direito” da coordenação. Os verdadeiros nomes dos participantes (todos masculinos) foram substituídos, neste texto, por pseudônimos escolhidos por eles próprios durante a aplicação do questionário sociocultural, sobre o qual falaremos mais no Capítulo 5.

O quadro a seguir apresenta algumas informações sobre esses sujeitos.

QUADRO 1 – Os participantes da pesquisa

NOME FICTÍCIO	FUNÇÃO	IDADE	TEMPO DE ATUAÇÃO NA ONG	RELAÇÃO FORA DA ONG
Poderosa	Coordenador	57	22 anos	Todos
Veronique	Coordenador	58	28 anos	Poderosa, Luiz, They
Paulo Junior	Colaborador	25	1,5 ano	Poderosa
They	Resp. Loja	56	10 anos	Poderosa, Veronique
Luiz	Estilista	42	11 anos	Poderosa, Veronique

Fonte: a própria autora.

Esses sujeitos são extremamente atuantes dentro das ações da ONG. Alguns são PVHA, outros não. Esse dado, contudo, não será divulgado em respeito à lei 14.289/22¹⁹, a qual estabelece o direito ao sigilo da sorologia, embora todos tenham autorizado que nós o fizéssemos.

Não houve seleção dos participantes por idade, escolaridade ou qualquer outro critério de categorização. Tudo o que foi preciso era que fossem frequentes nas reuniões e/ou ações da ONG, para que pudéssemos ter material para análise, e que fizessem uso da variável em estudo. Por isso, temos diferenças quanto à faixa etária (de 25 a 58 anos), ao período de atuação na ONG (de 1 ano e meio até 28 anos) e ao tempo de participação nas gravações; e temos a semelhança de todos possuírem nível superior. Dito de outra forma, a “amostra” de sujeitos da pesquisa reflete à heterogeneidade presente na CP observada.

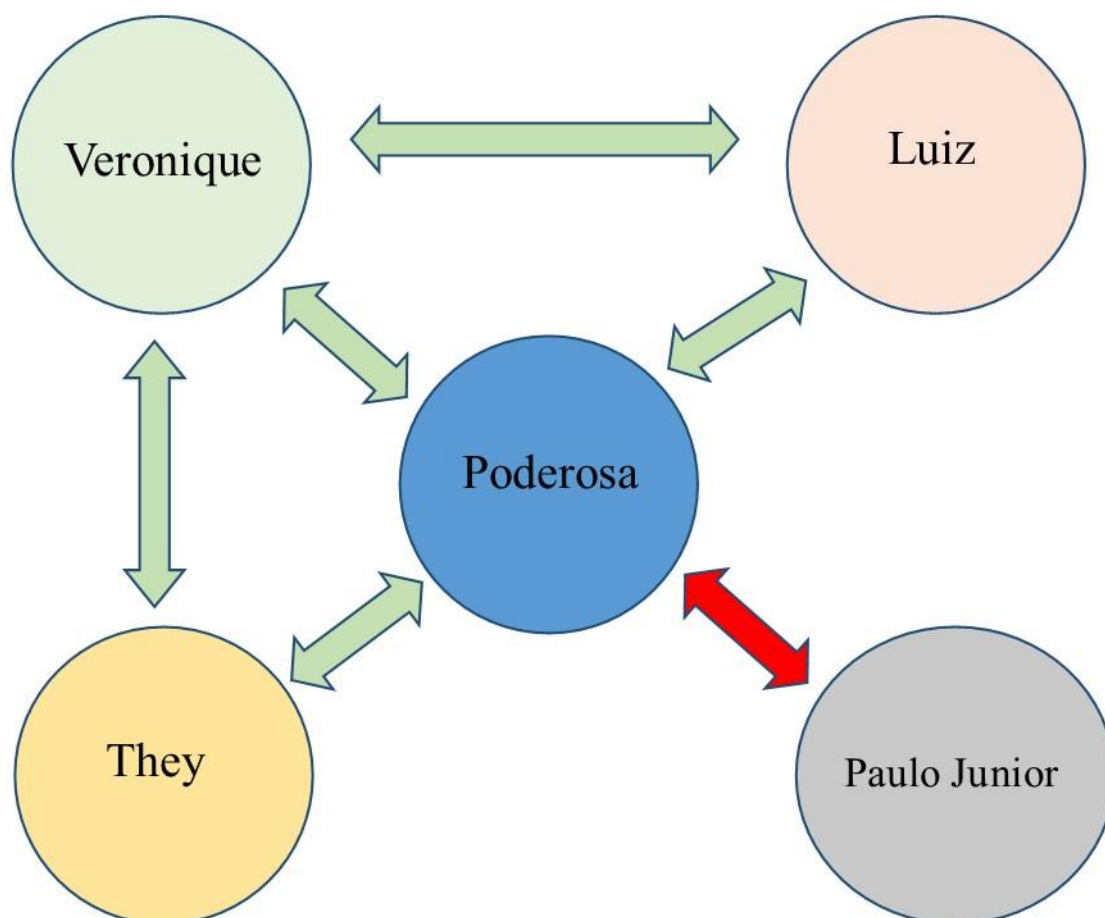
Na última coluna do Quadro 1, apresentamos as relações dos participantes fora da CP observada, a partir de suas respostas à questão 4 da entrevista realizada ao final da pesquisa etnográfica (4. Há participantes com quem você convive além das ações da ONG? Quais? Onde?). Essa informação nos pareceu relevante para verificar se um grau maior de convivência faria diferença na realização ou não da variante *ela*.

A partir dessas respostas, elaboramos a Figura 3, que apresenta a rede social

¹⁹ Art. 1º Esta Lei dispõe sobre a obrigatoriedade de preservação do sigilo sobre a condição de pessoa que vive com infecção pelos vírus da imunodeficiência humana (HIV) e das hepatites crônicas (HBV e HCV) e de pessoa com hanseníase e com tuberculose.

existente entre os participantes fora das ações da ONG.

Figura 3 – Rede social entre os participantes



Fonte: a própria autora.

Podemos perceber, a partir da leitura da Figura 3, que Poderosa é o participante com maior circulação dentro dessa rede social. Trata-se de uma pessoa extrovertida, que sempre está de bom humor e disposto a ajudar a quem precisa, o que torna fácil o convívio com ele. Trabalhou durante algum tempo como bancário e foi dono de uma boate em Belém, sobre a qual várias histórias eram relatadas nos encontros que presenciamos na loja sustentável. Conheceu a ONG através de Veronique, com o qual já mantinha uma relação de amizade, e hoje dedica seu tempo exclusivamente ao voluntariado.

Apesar das inúmeras responsabilidades que possui, procura deixar o ambiente sempre acolhedor e divertido. Além do seu bom relacionamento com todos os voluntários e com as pessoas que trabalhavam na empresa de confecções onde

funcionava o primeiro endereço da loja sustentável, podemos destacar a forma como rapidamente se aproximou dos feirantes e funcionários municipais, que atuam no Mercado de Carne Francisco Bolonha, após a mudança. A impressão que tínhamos era que todos o conheciam há muito tempo. Quando não há reuniões na loja ou fora do espaço da ONG, costuma se vestir de forma bem casual, geralmente usando bermuda e camiseta. Isso não acontece nos momentos em que está diante de um público distinto daquele formado por voluntários e em que precisa externar a *persona*²⁰ de coordenador, a qual se constrói a partir de outro estilo, incluindo linguagem, modo de vestir e agir. Em ambas as situações, no entanto, a imagem de homem cis prevalece.

Poderosa é o sujeito com o maior tempo de gravação por estar presente quase que diariamente nas atividades. A imagem a seguir demonstra elementos visuais dos estilos utilizados para construir algumas de suas personas. À esquerda, podemos vê-lo utilizando uma camisa mais formal, como geralmente se apresenta em eventos protocolares que acontecem fora do espaço físico da ONG; enquanto, à direita, podemos observá-lo conversando com uma coordenadora do Arte pela Vida, trajando bermuda, camiseta e boné, vestimentas mais habituais em momentos informais de interação.

²⁰ O conceito de *persona* é extremamente importante para as pesquisas de Terceira Onda. Resumidamente, trata-se de representações construídas pelos sujeitos, a partir das práticas estilísticas, dentro das CP das quais participa. Aprofundaremos tal concepção na seção 3.2.1.3.3 ao discorrermos sobre conceitos introduzidos e/ou modificados por essa vertente dos estudos sociolinguísticos.

Imagem 17 – Elementos visuais de construções estilísticas de Poderosa



Fonte: Arquivos da ONG Arte pela Vida

O participante Veronique é um dos fundadores da ONG, tendo feito parte do primeiro espetáculo que levou à criação do então Comitê Arte pela Vida. No entanto, durante o período de nossa pesquisa, por motivos de saúde, não pôde estar presente na organização de todos os eventos, mas as relações que construiu ao longo do tempo com pessoas que apoiam as ações foram muito importantes para o bom andamento dos projetos, e a função de articulador passou a ser sua maior contribuição.

É integrante da igreja Messiânica, da qual costuma falar frequentemente. Utiliza o espaço físico da ONG como um “Ponto de Luz” para a “Expansão da Luz Divina”, atividade religiosa que pudemos presenciar e experienciar durante nossa observação, e costuma viajar com certa regularidade para o “Solo Sagrado de Guarapiranga”, local escolhido pelos integrantes da igreja para a construção de um paraíso na terra. Trata-se de uma pessoa espiritualizada, que sempre está disposta a falar sobre o amor ao próximo, o que se reflete na forma como procura ajudar a quem precisa. Dentro da rede social apresentada, possui relações externas à CP com quase todos os sujeitos da pesquisa.

Diferentemente de Poderosa, Veronique costuma usar roupas mais floridas, mas que não remetam à ideia de vestimentas femininas, geralmente de tecidos leves e que compõem, juntamente com outras características, seu estilo de homem cisgênero gay. Em alguns momentos, especialmente durante as feiras da diversidade, ele costuma usar vestidos ou outros tipos de roupas femininas e adereços chamativos,

como óculos e plumas. É quando assume a *persona* diva gay, com um estilo mais glamoroso, o que inclui, ainda, a forma de falar e agir: geralmente com pronúncias mais alongadas e tom de voz mais agudo (o que vai ao encontro dos resultados de Sene (2022), para quem o alongamento de /s/ e o *pitch* mais alto são características de uma fala gay), assim como a utilização de categorizadores femininos para se referir a si mesmo, como ao dizer: “estou ***felicíssima*** com a quantidade de gente bonita circulando aqui na feira” e caminhando, por exemplo, como se estivesse em uma passarela.

Veronique é o segundo participante mais frequente nas gravações, tendo contribuído significativamente para a realização deste estudo com informações tanto do Arte pela Vida quanto do tratamento das PVHA, que acompanha desde o início do projeto. Algumas de suas diferentes construções visuais estilísticas podem ser percebidas na Imagem 18, à esquerda, em reunião com o representante do poder executivo de Belém, está vestindo calça jeans e camiseta de cor sóbria, elaborando uma *persona* de homem cis; e, à direita, durante a apresentação de *shows* na Feira da Diversidade traja saia e adereços, performando uma imagem mais feminina.

Imagem 18 – Elementos visuais de construções estilísticas de Veronique



Fonte: Arquivos fotográficos da ONG Arte pela Vida

Paulo Junior, embora seja o participante mais recente na CP, tendo iniciado sua colaboração alguns meses depois do começo de nossa pesquisa, foi um dos mais atuantes no período que se seguiu. Talvez por seu pouco tempo de trabalho na ONG, na rede social apresentada na Figura 3 mantenha relação mais estreita somente com Poderosa, fato indicado pela cor diferente da seta que une seus nomes. Trata-se de um jovem que muito cedo “descobriu” sua sexualidade e pôde contar com o apoio da mãe, que é sorridente, ainda que, no período desta pesquisa, vivesse muito sozinho.

Teve seu primeiro contato com a ONG em um dos cafés de acolhimento e buscou no voluntariado uma forma de ajudar as pessoas. Embora categoricamente se vestisse com roupas masculinas, sempre que estava reunido somente com integrantes do Arte pela Vida, ele exibia personas gays distintas: diva, meiga, extrovertida ou espalhafatosa (caminhando pela loja como se estivesse desfilando; fazendo expressões faciais como de menina; gargalhando ou falando alto e gesticulando), as quais retratamos em nosso diário de campo e com as quais nos divertíamos, uma vez que tais performances eram elaboradas para esse fim. Quando pessoas de fora estavam presentes, no entanto, a *persona* homem cis voluntário era categórica. Em todos os momentos, ele vestia roupas casuais, calça ou bermuda, e camiseta.

Paulo Junior foi o terceiro participante com maior frequência nas gravações, em parte por ter iniciado um pouco depois e também por, com alguma frequência, resolver demandas fora do espaço físico da ONG. Na Imagem 19, podemos observar que, diferentemente de Poderosa e Veronique, Paulo Junior não costuma mudar os elementos visuais que compõem as personas construídas em interações na CP, não importando se elas acontecem dentro ou fora de seu espaço físico. À esquerda, em um momento de conversa com voluntários durante a exposição “Irradiando Vida”, é possível vê-lo trajando calça jeans e a camiseta amarela com a logomarca da ONG; enquanto, à direita, em um momento mais descontraído durante o “Projeto Circular”²¹, veste bermuda caqui e a camiseta branca também com a logomarca.

²¹ O Projeto Circular “É uma rede de parceiros atuantes nas áreas de arte e cultura dentro do Centro Histórico de Belém e em seu entorno imediato” (Projeto Circular. Disponível em: <https://projetocircular.org/o-circular/>. Acesso em: 22/12/2024).

Junior

Imagem 19 – Elementos visuais de construções estilísticas de Paulo



Fonte: Arquivos fotográficos da ONG Arte pela Vida

O participante They, embora quase sempre estivesse presente na loja, foi o quarto mais frequente nas gravações. Isso se deve ao fato de, geralmente, estar organizando o espaço ou atendendo a clientes, o que dificultava sua participação nas interações com os outros sujeitos da pesquisa. No entanto, nas ocasiões em que participou, foi possível verificar que, categoricamente, ele performa a imagem de um homem cis. Dentro da CP, os estilos de They são construídos de forma discreta e masculina, tanto visual quanto linguisticamente. Houve situações em que utilizou o gênero gramatical feminino para se dirigir a outro participante, mas de forma muito pontual e geralmente respondendo a alguma provocação de Poderosa, por quem foi apresentado ao trabalho da ONG e com quem já mantinha uma relação anterior de amizade e trabalho, quando o auxiliava na boate. Na maioria das vezes, utilizou o pronome *ele*, *assim como* determinantes e caracterizadores masculinos, para se referir aos demais participantes, o que ficou comprovado, posteriormente, durante sua

entrevista. A Imagem 20 nos permite observar a forma como They emprega elementos visuais para sua construção estilística em dois momentos distintos na CP: à esquerda, na loja sustentável, utiliza uma camiseta da ONG; enquanto, à direita, em um evento fora do espaço físico da comunidade de práticas, veste calça *jeans* e camisa. Assim como Paulo Junior, They não costuma variar muito a forma como se apresenta visualmente, aparentando sempre uma imagem mais masculina.

Imagem 20 – Elementos visuais de construções estilísticas de They



Fonte: Arquivos fotográficos da ONG Arte pela Vida

Luiz é um artista. Consideramos essa informação relevante por acreditarmos que tal fato auxilie em sua sensibilidade para lidar com as pessoas e com o diferente; em sua busca pelo conhecimento (o que muito nos auxiliou quando tínhamos dúvidas relacionadas à linguagem LGBTQIA+, por exemplo); e na liberdade de criar vários estilos nas construções de personas. Embora tais características possam estar presentes em qualquer sujeito, dentro da CP que observamos, ele certamente era o que mais as apresentava.

Acreditamos que tenha sido o participante com maior facilidade em expor personas gays, ainda que, geralmente, de forma pouco perceptível (exceto para olhares mais atentos): era a presença de um leque, de uma tiara, a utilização de expressões do pajubá, sempre em tons de voz moderados.

Por ser responsável pela parte criativa da loja (vitrines, araras, desfiles etc.), comumente não estava presente nas reuniões com participantes de fora da ONG, o que dificultou analisar sua linguagem nos momentos considerados formais. Por sua atividade estar mais ligada à criação, não participou tão ativamente das gravações, sendo o participante com menos frequência, mas com muitos registros no nosso diário de campo. Na imagem a seguir, procuramos demonstrar os elementos visuais sutis que ajudam a compor alguns estilos que ele constrói dentro da CP. À esquerda, utilizando um *blazer* feminino; e, à direita, com um colar (que combinava com uma bolsa que infelizmente não foi captada na fotografia), em ações realizadas fora do espaço físico da ONG.

Imagem 21 – Elementos visuais de construções estilísticas de Luiz



Fonte: Arquivos fotográficos da ONG Arte pela Vida

2.3 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Neste capítulo, discorreremos brevemente sobre o *locus* das pesquisas

sociolinguísticas que buscam analisar o valor social da variação, as comunidades de práticas, conceito que retomaremos na seção 3.1.1.3.1. Apresentamos, também, a CP na qual realizamos o presente estudo, a ONG Arte pela Vida, e as atividades por ela desenvolvidas em prol das PVHA da região metropolitana de Belém do Pará.

Evidenciamos, ainda, os dados alarmantes sobre os casos de infecção por HIV na capital paraense, os quais superam a média da região Norte e do Brasil e que vêm gerando preocupação no poder público e em cidadãos como os voluntários que constituem essa organização não governamental. Dentre essas pessoas, estão os cinco sujeitos desta pesquisa, também identificados no presente capítulo, e que fazem parte desse grupo que assumiu para si a batalha de trazer mais dignidade para as vidas das pessoas que vivem com HIV/AIDS.

Demonstramos, também, os elementos estilísticos que tais sujeitos utilizam para compor suas personas, ou, dito de outra forma, para construir as representações que performam dentro da CP.

A relação desses cinco participantes com a variável em estudo está demonstrada no Capítulo 6, onde analisamos os dados construídos durante nossa pesquisa, a qual foi embasada nas teorias sobre as quais explanamos no capítulo a seguir.

3 DANDO UM CLOSE²²

A variação linguística, em outras palavras, é componente de um amplo espectro de um sistema semiótico ainda mais abrangente.
(Eckert, 2022[2012], p. 286)

As teorias aqui apresentadas servem de base para a realização do presente estudo, direcionando nossas investigações, a forma de construção e análise dos dados. Por esse motivo, *daremos um close*, ou uma olhada, em cada uma delas.

3.1 A SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA

As diversas formas como um usuário da língua pode pronunciar uma expressão como “Nós vamos sair hoje” (“Nós vamos sair hoje”, “Nós vai sair hoje”, “Nós vai saiR hoje”, “Nóis vai saí hoje”, “Vamo saí hoje”, entre outras²³) pode dizer muito sobre: o local onde ele vive, sua idade, sua profissão, seu gênero, seu grau de escolarização, bem como sobre o processo de construção de sua(s) identidade(s), uma vez que:

- (i) Há variedades linguísticas que marcam a fala de pessoas que vivem em centros urbanos, cidades do interior ou regiões de contato dialetal, por exemplo;
- (ii) Determinadas marcas de linguagem, como as gírias, contribuem para a identificação da faixa etária de um indivíduo;
- (iii) O uso de jargões e a adequação da fala ao ambiente de trabalho são capazes de apontar determinadas ocupações;
- (iv) A escolha por uma fala que soe mais feminina ou masculina pode revelar o gênero com o qual uma pessoa se identifica;
- (v) Geralmente, o conhecimento e o uso da estrutura da língua culta são proporcionais ao tempo de ensino formal do indivíduo;
- (vi) A variação linguística é uma importante peça na construção social do sujeito.

Todos esses fatores sociais, que dizem respeito à variação existente nas línguas, não foram considerados nos estudos linguísticos até a segunda metade do

²² “**Dar close** – Expr. 1. Dar uma olhada” (Rodrigues; Andrade, 2023, p. 18).

²³ Nesta tese optamos por utilizar transcrições grafêmicas por trabalhar com variação morfológica e semântica, não sendo enfatizadas questões fonético-fonológicas.

século XX, quando surgem a Sociolinguística e seus métodos de pesquisa. A nova área dos estudos linguísticos “[...] mostrará empiricamente que toda variação é *ordenada* e condicionada por fatores sociais como idade, gênero, ocupação profissional, grau de instrução formal, origem geográfica do falante etc.” (Bagno, 2023, p. 496), sendo reconhecido por seus estudiosos que a língua é um evento social, que varia e se adequa às situações e contextos de produção aos quais os falantes se encontram inseridos. Precisamos, portanto, analisar os comportamentos linguísticos dos sujeitos em suas práticas de uso dentro da sociedade.

[...] não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança linguística sem levar em conta a vida social da comunidade em que ela ocorre. Ou, dizendo de outro modo, as pressões sociais estão operando continuamente sobre a língua, não de algum ponto remoto no passado, mas como uma força social imanente agindo no presente vivo (Labov, 2008 [1972], p. 21).

Após a publicação dos estudos realizados por Labov em Martha’s Vineyard e Nova Iorque, muitas pesquisas voltadas para a variação linguística passaram a ser elaboradas aos moldes labovianos.

No Brasil, vários pesquisadores buscaram difundir a teoria variacionista e corroborar o pensamento do autor sobre a relação da língua com os aspectos sociais que a circundam. Entre esses estudiosos, podemos citar: Anthony Naro, Fernando Tarallo, Tânia Maria Alkmim, Lúcia Cyranka e Maria Cecília Mollica, os quais, dentro de sua área de pesquisa, apresentaram novas formas de olhar a variação.

Assim como os autores citados, outros sociolinguistas vêm se debruçando sobre a heterogeneidade linguística e desenvolvendo importantes trabalhos em solo brasileiro. A maioria desses estudos relaciona a variação linguística às macrocategorias sociais, como sexo, idade, escolaridade e classe social (os chamados estudos de Primeira Onda, como veremos a seguir).

3.1.1 As Três Ondas da Sociolinguística

Com o desenvolvimento dos estudos variacionistas ao longo dos anos, os pesquisadores começaram a perceber: (i) a necessidade de investigar além das comunidades de fala e das categorias macrosociais; (ii) a importância de analisar a variação não somente entre falantes, mas intrafalante; e (iii) que essa alternância era

revestida de significados sociais. Para atender a esses novos objetivos, seria necessária uma nova metodologia de coleta e análise de dados que se somasse às entrevistas sociolinguísticas e aos exames quantitativos utilizados até então, pois, de acordo com a organização social contemporânea, há variáveis mais fluidas que interagem com aquelas consideradas estáveis. Segundo Lacerda, Görski e Paza (2022, p. 06):

As categorias sociais apresentavam-se mais estáveis e os indivíduos tinham menor mobilidade (física, virtual, social) na sociedade das décadas de 1960 e 1970. Já nas últimas décadas, temos vivido mudanças culturais e econômicas que têm impactado as estruturas sociais conhecidas, e os indivíduos, em teoria, estariam mais livres de estruturas como religião, tradição, moralidade, podendo reflexivamente fazer escolhas sobre seus estilos de vida (HALL, 2015; VANDENBERGHE, 2014).

Tais mudanças sociais afetam o fazer linguístico, deslocando o olhar das macrocategorias mais estáveis para os movimentos fluidos que ocorrem nas práticas sociais e linguísticas.

Didaticamente, essas diferentes formas de trabalhar a variação foram elencadas, por Penélope Eckert, em três fases que ela denominou de ondas. Cada onda com seus objetivos e metodologias específicas, contudo sem que uma se sobreponha a outra, dado que a Sociolinguística Variacionista é uma só e tem na heterogeneidade das práticas, na noção de “variável” e na significação social da variação o seu cerne. “Logo, os estudos variacionistas ganham em diversidade e qualidade, já que as três ondas coexistem e se completam, à medida que não são, estritamente, separadas nem cronologicamente nem substitutivamente” (Lisboa, 2015, p. 54).

Apresentamos, a seguir, como alguns estudiosos compreendem essa proposta epistemológica em ondas, as quais, como mencionado por Lisboa (2015), não se excluem, mas se complementam em uma concepção mais ampla do que seja a variação linguística.

3.1.1.1 Primeira onda

Freitag, Martins e Tavares (2012, p. 920), baseados em Eckert (2012), assim definem a chamada Primeira Onda da sociolinguística variacionista:

A primeira onda estabeleceu uma base sólida para o estudo da variação, evidenciando as correlações entre variáveis linguísticas e categorias sociais primárias, como classe econômica, sexo, idade, escolaridade etc. [...]

A premissa dos estudos de primeira onda é, pois, que as variedades linguísticas carregam o status social de seus falantes. A metodologia dos estudos de primeira onda é calcada na correlação entre as variáveis linguísticas e as categorias socioeconômicas em sentido amplo (cuja classificação se dá de forma estável, homogênea e padronizada de modo a permitir a replicação, como faixa etária, sexo, etnicidade, escolaridade), com a estratificação dos falantes em células sociais, a constituição de bancos de dados linguísticos e resultados quantitativos refinados [...].

De acordo com Eckert (2005), Labov iniciou os estudos de Primeira Onda com sua famosa pesquisa sobre as realizações de /R/ em coda silábica a partir das respostas de vendedores de três lojas de departamento de Nova Iorque. O autor averiguou que a não realização do rótico era desprestigiada e marcava as classes sociais tidas como inferiores e que, ao se perceberem em situações de comunicação mais monitoradas, as pessoas questionadas esforçavam-se em pronunciar o referido segmento. Estratificando seus informantes a partir de categorias sociais como sexo, idade e classe econômica, ele constatou um padrão regular e replicável, que pôde ser utilizado em diversas pesquisas futuras.

Os estudos de primeira onda são feitos através de uma coleta rápida com padrão regular de distribuição das variantes, a análise é quantitativa complementar e correlaciona variáveis linguísticas a categorias sociodemográficas amplas em comunidades de fala (Lisboa, 2015, p. 48).

O *locus* das pesquisas dessa vertente, como mencionado por Lisboa (2015), são as chamadas comunidades de fala, compreendidas por Labov (2008[1972]) como um grupo de pessoas que compartilham as mesmas normas subjetivas em relação ao uso da língua. Cabe ao pesquisador, então, delimitando geograficamente tais comunidades, realizar pesquisas amplas, a partir de variáveis previamente estabelecidas, que reflitam categorias sociais primárias e que carreguem estigma ou prestígio de classe.

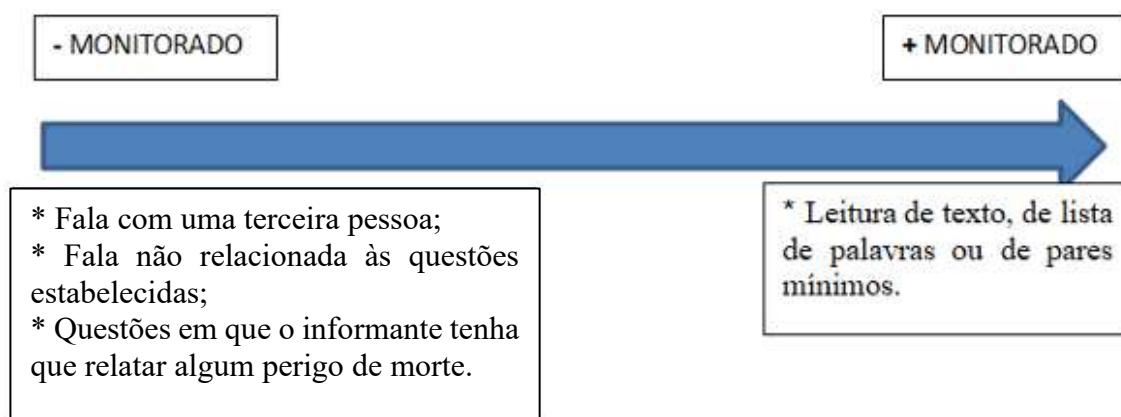
Ao perceber, contudo, que a variação não acontecia somente de falante para falante, mas também no mesmo indivíduo, a Sociolinguística atribuiu tal variação a um automonitoramento do usuário da língua.

A agência social limitava-se à autocorreção à medida que os indivíduos, suscetíveis ao *status* relativo das variedades de classe, afastavam-se do vernáculo enquanto adotavam formas mais padronizadas em sua fala mais cuidada. [...] A primeira onda tratou esse padrão de variação intrassujeito não como envolvendo uma escolha entre formas socialmente significativas, mas como resultado do automonitoramento para suprimir um processo cognitivo natural. O estilo, então, foi concebido puramente como o resultado da variação de atenção prestada à fala (Eckert, 2022[2012], p. 271).

Ou seja, a Primeira Onda concebia o estilo como o grau de atenção do indivíduo a sua fala, uma vez que o próprio Labov (2008[1972], p. 243) assegurava que “Existem mais estilos e dimensões estilísticas do que se pode isolar. Mas descobrimos que os *estilos* podem ser dispostos ao longo de uma única dimensão, medida pelo grau de atenção prestado à fala”.

Maciel, Almeida e Kailer (2021, p. 120) referem-se ao *continuum* de monitoramento apresentado por Labov (2008[1972]), o qual vai desde a fala menos monitorada até a mais monitorada, especialmente em uma entrevista sociolinguística, e o representam a partir da seguinte figura.

Figura 4 – Continuum de monitoramento estilístico



Fonte: Maciel; Almeida; Kailer, 2021, p. 120.

A partir da leitura da Figura 4, podemos perceber que, em uma entrevista sociolinguística, os diálogos entre o informante e outra pessoa que não seja o entrevistador, assim como as falas que não se relacionem às perguntas realizadas e os relatos do informante sobre momentos nos quais correram um grande perigo, como o de morte, compõem o estilo menos monitorado do *continuum*, pois são instantes em que o entrevistado presta menos atenção à maneira como está falando. Enquanto a

leitura de textos e de pares mínimos são considerados mais monitorados, pois o informante está mais atento à forma como pronuncia as palavras.

De acordo com Oushiro (2015, p. 22), os estudos de Primeira Onda são responsáveis pelo “estabelecimento de padrões regulares de variação linguística de acordo com macrocategorias sociais, sobretudo a estratificação socioeconômica dos falantes”.

De forma sintética, podemos dizer que os estudos dessa vertente:

- (i) Trabalham com um grande volume de dados coletados a partir de entrevistas sociolinguísticas dentro de comunidades de fala;
- (ii) Utilizam análises quantitativas;
- (iii) Estabelecem correlações entre as variáveis linguísticas e as macrocategorias sociais já mencionadas neste texto;
- (iv) Acreditam que a variação linguística reflete a estrutura social e que o estilo é decorrente dos graus de atenção prestada à fala.

No Brasil, a maioria das pesquisas sociolinguísticas utilizam essa metodologia, sendo, portanto, caracterizadas como de Primeira Onda. Esses estudos possuem grande importância, uma vez que ampliaram significativamente o conhecimento sobre o português brasileiro (PB) a partir de descrições e análises de fenômenos variáveis (Freitag; Martins; Tavares, 2012). Contudo, ao redor do mundo, pesquisas sobre a variação começaram a modificar o valor atribuído ao vernáculo das pessoas, iniciando a segunda fase da Sociolinguística.

3.1.1.2 Segunda onda

De acordo com Eckert (2022[2012]), o estudo realizado por Labov, na década de 1970, sobre o inglês afro-americano usado por pré-adolescentes em Nova Iorque, já demonstrava que a linguagem apresentada indexava *status* de grupo. A Segunda Onda, então, inicia-se atribuindo ao vernáculo um valor de identidade local ou de classe.

Estudos posteriores, como o de Rickford (1986) em uma plantação de açúcar na Guiana, e o de Eckert (1989) com adolescentes em escolas de ensino médio de Detroit, demonstraram que “[...] correlações de classe mais amplas não são simplesmente consequência de educação, ocupação e renda, mas, ao invés disso, refletem dinâmicas locais enraizadas em práticas e ideologias que moldam e, por seu

turno, são moldadas por classe” (Eckert, 2022[2012], p. 277).

Os estudos de Segunda Onda identificam categorias sociais que se revelam nas interações de um grupo, com foco no valor local assumido pelo vernáculo (Freitag; Martins; Tavares, 2012) e faz uma análise dos usos linguísticos relacionados com as redes sociais dos falantes. Dentro dos estudos sociolinguísticos, compreende-se a noção de rede social como as relações que um indivíduo mantém com outro(s) indivíduo(s), com quem interage linguisticamente.

De acordo com Veloso (2014, p. 04), essa vertente “caracteriza-se pelas pesquisas de cunho etnográfico, que fornecem um retrato local das variáveis linguísticas, no sentido em que estas, situadas em comunidades menores, assumem valor social relativo à dinâmica local”. Nesse tipo de estudo, a escolha pelo grupo social investigado e/ou pelo fenômeno linguístico a ser estudado acontece a partir da experiência *in loco* do pesquisador na comunidade, demonstrando que variantes estigmatizadas, em um nível geral, podem assumir valores positivos em sua comunidade local.

O significado de estilo, para essa vertente, difere daquele apresentado na Primeira Onda. Enquanto para esta, ele é compreendido como o nível de atenção prestado à fala, para a Segunda Onda ele possui um “sentido de diferenciação social, que por sua vez se define a partir de objetivos sociais locais, grupal ou individualmente atualizados a cada momento de enunciação” (Mendes, 2017, p. 105).

De forma sintética, podemos dizer que os estudos de Segunda Onda:

- (i) Desenvolvem estudos etnográficos em comunidades de fala menores, em um período de tempo relativamente longo;
- (ii) Relacionam os usos linguísticos às redes sociais de seus falantes;
- (iii) Compreendem as categorias locais como ligadas à demografia social;
- (iv) Entendem a variação como indiciamento a categorias locais e o(s) estilo(s) como atos de filiação a essas categorias.

Freitag, Martins e Tavares (2012) comparam as abordagens adotadas pelas duas primeiras vertentes com aquela apresentada pela Terceira Onda.

Os estudos de primeira e segunda ondas, segundo Eckert (2012), têm como foco a descrição da estrutura – um retrato estático. Os estudos de terceira onda incorporam a dinamicidade da estrutura, ou seja, como a estrutura se molda no cotidiano, com os condicionamentos sociais impostos e as relações de poder estabelecidas atuando sobre ela (Freitag; Martins; Tavares, 2012, p.922).

Embora não tenhamos, no Brasil, muitos estudos sociolinguísticos de Segunda Onda, foi a partir dos avanços dessa vertente que se chegou à concepção de *práticas estilísticas*, conceito fundamental para o desenvolvimento da onda subsequente. “A terceira onda leva, então, tal noção de práticas estilísticas às últimas consequências e trabalha em torno da premissa de que os significados sociais das variantes linguísticas são, eles próprios, variáveis – e, por conseguinte, mutáveis” (Mendes, 2017, p. 105).

A seguir, discorreremos mais profundamente sobre essa terceira vertente dos estudos sociolinguísticos.

3.1.1.3 Terceira onda

É reconhecido entre pesquisadores da Sociolinguística (Eckert, 2022[2012]; Battisti; Oliveira, 2016; Camacho; Salomão-Conchalo, 2016; Mendes, 2017; entre outros) que a pesquisa empreendida por Labov, na ilha de Martha’s Vineyard, é precursora dos estudos sobre o significado social da variação linguística.

Ao concluir que alguns falantes da localidade realizavam conscientemente a pronúncia dos ditongos /aw/ e /ay/, centralizados, para se diferenciar dos turistas que visitavam o local e que realizavam o abaixamento do núcleo do ditongo para [a], o autor comprovou que um recurso linguístico estava sendo usado estilisticamente para a construção de uma identidade vineyardense.

Contudo, de acordo com Eckert (2022[2012], p. 269),

Nas décadas que se seguiram, porém, o estudo social da variação afastou-se rapidamente do significado social para se concentrar em categorias macrosociológicas, pois elas revelam (e presumivelmente estruturam) a disseminação da mudança linguística pelo espaço social.

Dito de outra forma, quando os estudos de Terceira Onda buscam evidenciar o significado social da variação, que havia perdido a centralidade para as pesquisas interessadas na mudança linguística, estão realizando uma volta ao início da Sociolinguística e da agentividade atribuída ao sujeito nessa variação, uma vez que suas escolhas linguísticas são feitas, também, para passar determinada impressão ao outro.

É inegável que a proposta apresentada por Eckert, a partir dos anos dois mil,

de “observar, na prática linguística cotidiana, que variáveis assumem significados específicos, de acordo com o posicionamento de quem as usa nas diversas interações sociais nas quais se envolve” (Veloso, 2014, p. 05) trouxe grandes avanços para a teoria variacionista. Utilizando a metodologia das ondas anteriores e incorporando, também, metodologias da Sociolinguística Interacional e de áreas como a Sociologia e a Antropologia Linguística, com quem dialoga, faz uma mudança no foco dos estudos, saindo das comunidades de fala e adentrando nas comunidades de práticas, com o objetivo de evidenciar o valor do significado social das variáveis. O indivíduo, tido como um reflexo das identidades sociais, é o centro das pesquisas, pois a variação linguística é apenas uma parte do sistema social semiótico que o constitui. Ou, conforme postula Veloso (2014, p. 02):

[...] as pesquisas sociolinguísticas da terceira onda vão buscar entender a variação considerando os papéis e as atividades que o indivíduo desempenha nas suas relações sociais, no âmbito das comunidades de práticas, procurando analisar o estilo como um fator que contribui efetivamente para a construção do significado social da variação.

A Terceira Onda trouxe e/ou modificou conceitos importantes para os estudos variacionistas, como o de comunidade de práticas, estilo, identidade/*persona* e indexicalidade, conforme exposto a seguir.

3.1.1.3.1 Comunidade de práticas

O primeiro conceito diz respeito ao *locus* da pesquisa sociolinguística. A partir dessa terceira fase, ele deixa de ser as comunidades de fala e passa a ser as comunidades de práticas, assim definidas por Freitag, Martins e Tavares (2012, p. 922):

[...] a comunidade de prática (WENGER, 1998; ECKERT; MCCONNEL-GINET, 2010; ECKERT; MCCONNEL-GINET, 1997) é um agrupamento de indivíduos (comunidade) que partilham perspectivas em comum, valores e conhecimento (domínio), e que interagem entre si para se aperfeiçoarem e replicarem esses valores e conhecimentos (prática). Trata-se de uma construção social, e, como tal, está sujeita às práticas diárias dos indivíduos, que interagem entre si e com outras comunidades.

Dentro desses grupos (um coral de igreja, uma equipe de limpeza, voluntários de uma ONG etc.) podemos contemplar a heterogeneidade linguística, especialmente a intrafalante, diversamente do que vinha sendo feito ao tentar homogeneizar os papéis sociais dentro das comunidades de fala.

A importância de tal conceito para a nova fase é afirmada por pesquisadores, como Hora e Wetzels (2011, p. 181), para quem “[...] a comunidade de prática a que o falante pertence pode ser um fator decisivo no processo de variação, muito mais do que o nível de formalidade ou informalidade da língua empregada”.

Para que um grupo de pessoas seja, de fato, considerado uma CP, é preciso que seus participantes, além de compartilharem experiências e manterem relações por algum período de tempo, possuam visões e valores parecidos acerca do mundo que os rodeia.

Diferentemente do que se observa em comunidades de fala ou redes sociais, a participação em uma comunidade de práticas é consciente. Dessa perspectiva, língua e variação linguística são vistas como *práticas sociais*, e os falantes como agentes da variação e da mudança linguística (Oushiro, 2015, p. 17).

No quadro a seguir, demonstramos as principais diferenças entre os dois tipos de comunidade.

Quadro 2 – Comunidade de fala X comunidade de práticas

COMUNIDADE DE FALA	COMUNIDADE DE PRÁTICAS
<ul style="list-style-type: none"> • Estratificação baseada em fatores sociodemográficos amplos; • Distribuição homogênea dos sujeitos investigados; • Categorias investigadas definidas <i>a priori</i>; • Metodologia: entrevista sociolinguística; • Pesquisa realizada em curto prazo. 	<ul style="list-style-type: none"> • Estratificação baseada em valores locais; • Distribuição variável dos sujeitos investigados; • Categorias investigadas definidas <i>a posteriori</i>; • Metodologia: pesquisa etnográfica; • Pesquisa realizada em longo prazo.

Fonte: Adaptado de Freitag; Martins; Tavares, 2012, p. 931.

Apesar das diferenças apresentadas (ou por causa delas), é importante ressaltarmos que o trabalho com os dois tipos de comunidades são importantes e se complementam, sendo extremamente produtivos os estudos que envolvem as duas perspectivas (Eckert, 2006).

Bentes (2009), por exemplo, investigou a fala do *rapper* Mano Brown em duas situações distintas de interação: um discurso de agradecimento pelo recebimento de um prêmio e uma entrevista concedida dentro de seu carro, optando por analisar ocorrência x não ocorrência de concordância padrão entre os elementos de sintagmas nominais e entre verbo e sujeito nos sintagmas verbais. A pesquisadora relacionou tal variação à construção de identidades do *rapper* e, para corroborar seu estudo, utilizou o resultado de pesquisas quantitativas, que investigaram os mesmos fenômenos linguísticos dentro de comunidades de fala.

Outro exemplo de pesquisa que coaduna as perspectivas de comunidades de fala e comunidades de práticas, é a de Nogueira (2017). Ao realizar um estudo de caso com um homem gay em Pernambuco, a autora percebeu que ele realizava a marcação do /r/ em posição de coda silábica de forma bastante produtiva. Utilizando-se de dados coletados por estudos de Primeira Onda dentro de uma comunidade de fala, os quais comprovaram que tal marcação não era comum naquela região, Nogueira assumiu que tal produção linguística seria uma marcação estilística por parte do falante.

Dentro desse *locus* de pesquisa, a Terceira Onda apresenta novos significados para conceitos que já eram utilizados dentro dos estudos das vertentes anteriores.

Os participantes de uma comunidade de práticas colaboram para se posicionarem como um grupo em relação ao mundo que os rodeia. Isso inclui a interpretação comum de outras comunidades e de sua própria prática em relação a elas e, em última análise, com o desenvolvimento de um estilo – incluindo um estilo linguístico – que incorpore essas interpretações²⁴ (Eckert, 2006, p. 683-684, tradução nossa).

O segundo conceito que apresentamos, portanto, é o de *estilo*, que não foi criado, mas modificado ao longo das três ondas aqui apresentadas.

²⁴ Texto original: “Participants in a community of practice collaborate in placing themselves as a group with respect to the world around them. This includes the common interpretation of other communities, and of their own practice with respect to those communities, and ultimately with the development of a style – including a linguistic style – that embodies these interpretations”.

3.1.1.3.2 *Estilo*

Embora não seja um termo criado pela Terceira Onda, a ideia de *estilo*, conforme exposto anteriormente, modificou-se durante o percurso entre as três fases da Sociolinguística.

Para os trabalhos que seguem a metodologia de Primeira Onda, o estilo é visto tal qual Labov (2008[1972]) o definira, baseado na automonitoração da fala, considerando o que é mais ou menos formal/prestigioso, podendo ser representado pelo *continuum* de monitoramento estilístico elaborado por Maciel, Almeida e Kailer (2021, p. 120) e apresentado anteriormente na seção 3.2.1.1.

A perspectiva etnográfica da Segunda Onda concede maior destaque ao estilo ao associá-lo às categorias locais, expressando significados de identidade de grupo. De acordo com Mendes (2017, p. 105), a segunda vertente dos estudos sociolinguísticos

[...] trouxe à vista a noção de práticas estilísticas – agora, com uma definição de estilo que já não se baseia na automonitoração da fala, cujo objetivo mais geral é ater-se ao que é amplamente estabelecido como prestigioso ou padrão, mas com base num sentido de diferenciação social, que por sua vez se define a partir de objetivos sociais locais, grupal ou individualmente atualizados a cada momento de enunciação.

Já a Terceira Onda concebe o estilo como uma prática social na qual os falantes combinam variáveis para criar diferentes formas de falar, como construção da imagem que performam. Em outras palavras, é um “composto” de significados sociais, que, por sua vez, podem ser expressos por variantes de diferentes variáveis linguísticas. Variantes (e seus respectivos significados sociais) se combinam e um estilo emerge na interação.

O estilo se define pelo que o falante faz com a língua levando em conta o universo social que o permeia. É, eminentemente, algo social, e como tal, encontra seu significado nas associações entre o indivíduo, sua identidade e os papéis que ele desempenha no mundo. (Velo, 2014, p. 02)

De acordo com Eckert e McConnel-Ginet (2010[1992]), quando estão engajadas em atividades dentro de CP, as pessoas procuram construir, em conjunto,

um sentido de si mesmo e dos outros. Nessa construção, a linguagem é um recurso que se soma a outras formas simbólicas, como o modo de se vestir, de andar, de se maquiar etc., representando aquilo que somos e o que não somos.

O estilo está relacionado à individualidade, à construção de identidade(s), sendo muito difícil haver um falante de estilo único, uma vez que, por ser diretamente afetado pela interação, exhibe alternâncias nas variáveis que utiliza, de acordo com a forma como vê a si mesmo e ao outro. A ideologia é, portanto, um componente central nas práticas estilísticas, pois estas derivam de interpretações do mundo social e dos significados atribuídos aos elementos que o constituem (Eckert, 2008).

Portanto, conforme os sujeitos vão desempenhando diferentes estilos, eles também vão projetando diferentes *identidades/personas*. Dessa forma, “[n]a sociolinguística Variacionista de terceira onda, identidades são consideradas como sendo construídas e reconstruídas; elas são *dinâmicas* e *mutáveis*. Língua e identidade não podem ser separadas ou correlacionadas; elas são co-constitutivas” (DRUMMOND; SCHLEEF, 2016, p. 53, grifo nosso) (Ribeiro, 2021, p. 307).

Na seção a seguir, mostramos um pouco mais acerca dos conceitos de identidade assumidos pelas três fases da Sociolinguística, bem como aquele que adotamos neste trabalho.

3.1.1.3.3 *Identidade/persona*

A noção de identidade é complexa e pode variar de acordo com a teoria na qual se insere e do momento histórico em que é utilizada (Casimiro, 2021). Assim como o conceito de estilo, ao qual está diretamente relacionada, o conceito de identidade também sofreu mudanças ao longo do desenvolvimento das três ondas da Sociolinguística. Nos trabalhos de Primeira e Segunda Ondas, era considerada como a representação de categorias sociais, como trabalhador rural, mulher, professor etc., generalizando características que identifiquem tais grupos sociais. Já nos estudos de Terceira Onda, passa a ser considerada um construto histórico-social, que emerge na interação. No entanto, o falante, ao empregar determinada(s) variável(is) linguísticas, nem sempre está interessado em expressar ou assumir uma identidade, mas sim em acessar um significado social ou transmitir uma característica importante no momento da interação, como simpatia, por exemplo.

Por se tratar de um conceito complexo, como assegurou Casimiro (2021),

estudiosos dessa vertente procuram apresentar conceitos para a ideia de identidade que se relacionem à busca pretendida pelo significado social da variação. Contudo, parece consenso entre essas definições que as identidades são múltiplas, construídas no contato com o outro e marcadas pela diferença.

Segundo Tílio (2009, p. 112), por exemplo,

a identidade não está ligada a ser, mas a estar, ou mais especificamente a representar. Sendo a identidade uma construção social, e não um dado, herdado biologicamente, ela se dá no âmbito da representação: a identidade representa a forma como os indivíduos se emergem e enxergam uns aos outros no mundo.

Para o autor, a identidade é concebida histórica e socialmente, não podendo ser definida a partir de fatores biológicos, pois ela não nasce com o sujeito.

Seguindo o mesmo pensamento, Moser e Damke (2012, p. 434) afirmam que a identidade

[...] é resultado de afiliações a crenças particulares e possibilidades disponíveis aos indivíduos nos contextos sociais. [...] Construída a partir dos recursos disponíveis aos sujeitos, a identidade é passível de contestação e mudança (IVANIC, 1998), porque ela é multifacetada, e se transforma à medida que a pessoa interage na sociedade sofrendo influências da mesma, em seu modo de agir, posicionar-se, pensar, inclusive, na maneira que se percebe o mundo.

Relacionando-se com as perspectivas apresentadas, Oushiro (2015, p. 24) assim nos apresenta a ideia de identidade:

não é um atributo pessoal tampouco uma posse, mas um processo de criação de sentidos que deve ser ao mesmo tempo individual e coletivo. A construção de sentidos se dá sempre dentro de uma matriz cultural e ideológica, sobre a qual o indivíduo não exerce controle.

A partir dos três conceitos apresentados, percebemos que, para a Terceira Onda, a identidade não é algo estático e definitivo, mas construído na interação. Coadunando essas definições, acolhemos nesta pesquisa a concepção apresentada por Casimiro (2021, p. 39), para quem

Numa outra perspectiva de estudos, a sociolinguística interacional, principalmente nos estudos de Gumperz (1968; 1982a; 1982b; 2013) e Goffman (2013; 2016), a identidade é abordada como um fenômeno

discursivo, construído e negociado nas situações de interação. A identidade não é uma categoria estática que é dada previamente ao falante, mas sim um processo, em que falante e ouvinte se constroem e se negociam na dinâmica da fala. Goffman (2016) utiliza-se da metáfora do teatro para explicar que os indivíduos (ou atores sociais) se valem de diferentes figurinos para atender às expectativas de cada cena e cada público. Uma mesma pessoa pode desempenhar papéis diferentes em função de sua prática discursiva (por exemplo, uma mulher pode assumir o papel de mãe, de professora, de carioca etc.). Por sua vez, tais categorias identitárias são construções sócio-históricas evocadas pelos interactantes no momento da fala.

Outra noção que se junta à de identidade, dentro dos estudos dessa perspectiva sociolinguística, é a de *persona*. As *personas* são representações da(s) identidade(s), a partir das práticas estilísticas, dentro das CP, “são tipos sociais particulares que se localizam de forma explícita na ordem social” (Hora; Wetzels, 2011, p. 163). A depender do papel que o sujeito assume dentro de determinado contexto, pode elaborar diferentes *personas*.

De acordo com Battisti e Oliveira (2016, p. 24),

Persona é uma forma de individualidade ou identidade definida com respeito a uma comunidade. “Nós nos tornamos quem somos tomando parte nas relações de engajamento que constituem nossa comunidade” (WENGER, 1998, p.52). Nesse sentido, os indivíduos, participantes de diferentes comunidades de prática em seu cotidiano – no trabalho, na família, nos círculos de trabalho e de lazer – podem construir e assumir *personas* distintas em função de seus objetivos e de sua forma de participação nos grupos.

O trabalho de Podesva (2007) é extremamente significativo para a compreensão do significado de *persona*. O sujeito observado em seu estudo, Heath, um estudante de medicina homossexual, projeta duas *personas* distintas: ao interagir com amigos em um churrasco (quando apresenta a *persona* diva gay) e com pacientes no consultório médico (quando apresenta a *persona* do médico atencioso), utilizando-se de estilos diferentes para compor cada uma das *personas*.

Mendes (2018) apresenta a relação demonstrada por Eckert entre os conceitos de identidade e *persona* que chegam a ser utilizados, em alguns estudos, como sinônimos.

Eckert (2012, 2016) utiliza o conceito de *persona*, portanto, como uma alternativa mais local e situacionalmente relevante para “identidade”. De acordo com ela, “identidade” e “categorias identitárias” são

construtos ideológicos que circulam no espaço social (“mulher”, “homem”, “gay”, “evangélico”, etc.). Por outro lado, *personae* representam versões mais holísticas de um indivíduo: embora elas certamente se relacionem a estereótipos identitários, não podem ser reduzidas a uma identidade específica (Mendes, 2018, p. 43-44).

Nossa primeira hipótese, como mencionado anteriormente, é de que os participantes por nós observados empregam variavelmente *e/e/ela* a depender das personas que assumem dentro das interações das quais participam. Dito de outra forma, a variação é um recurso na construção de suas identidades e nas suas performances dentro das CP das quais fazem parte.

O enfoque dado por essa vertente dos estudos sociolinguísticos recai na agentividade linguística do sujeito e na variação enquanto produtora de estilos que compõem determinadas personas. Assim como muitas são as identidades dos sujeitos, dependendo do seu papel nas CP em que atua, também são os estilos, que alternam as variáveis linguísticas em diferentes graus, dependendo do contexto social e das temáticas abordadas (Velo, 2014).

A escolha linguística para compor esses estilos não é aleatória. Ela parte de significados construídos nas práticas coletivas e indexicalizados socialmente. A seguir, explanamos mais a esse respeito.

3.1.1.3.4 Indicialidade/indexicalidade

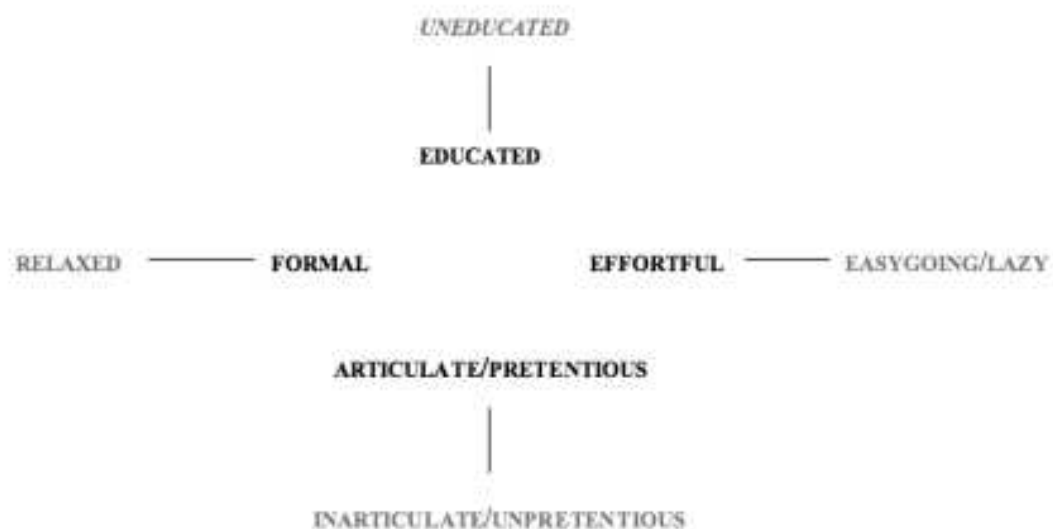
A ideia de indexicalidade é recorrente nos trabalhos que se utilizam dos pressupostos da terceira vertente dos estudos sociolinguísticos, e é assim apresentada por Casimiro (2021, p. 43):

[...] o conceito de indicialidade foi criado por Charles S. Peirce, relacionando-se ao fato de que determinados signos apontam para associações que não têm existência no mesmo reino, como, por exemplo, fumaça ser um índice (index) de fogo. Assim, nos estudos sociolinguísticos, a indicialidade envolve a criação de ligações semióticas entre formas linguísticas e significados sociais, sendo então fundamental para compreender o modo como a língua é usada para construir posições de identidade.

Eckert (2008) afirma que às variáveis linguísticas pode ser atribuído um campo indexical, compreendido como uma constelação de significados potenciais e ideologicamente relacionados. Esse campo é ativado a cada uso e pode ser alterado

a cada nova ativação. A Figura 5 apresenta o campo indexical utilizado pela autora para a pronúncia de ING.

Figura 5 – Campo indexical de ING



Fonte: Eckert, 2008, p. 466.

Os significados em preto se referem à realização velar de *ing*. Ao utilizar essa variante, então, os sujeitos são percebidos como mais educados, mais esforçados, mais articulados e mais formais. Enquanto a utilização da variante apical, cujos significados estão em cinza, faz com que a pessoa pareça mais mal-educada, mais preguiçosa, mais desarticulada e mais informal.

Baseado na ideia de campo indexical apresentada por Eckert, Santana (2018) elaborou um campo indexical a partir da variação do gênero gramatical em predicções utilizadas por homens gays, conforme demonstrado na figura a seguir.

Figura 6 – Campo indexical da variável gênero gramatical



Fonte: Santana, 2018, p. 100.

O autor destacou em vermelho os termos cujos significados estão associados à variante feminina, e em azul, os relacionados ao gênero gramatical masculino. Analisando a Figura 6, podemos concluir que a utilização por homens gays, do gênero feminino nas pregações, é percebida como uma brincadeira na qual falantes mais jovens se referem a interlocutores com quem possuem mais intimidade.

É importante compreender que a indexicalidade de formas linguísticas não é fixa, mas mutável e construída na interação.

A ligação entre a forma linguística e o significado social é de natureza indexical porque é estabelecida em virtude da coocorrência em nossas vidas sociais. Em outras palavras, a forma linguística não é o significado social. As formas linguísticas funcionam como índices de noções sociais²⁵ (Mendes, 2023, p. 86, tradução nossa).

Ao conhecer as quatro noções apresentadas nesta seção, é possível compreendermos sua importância para os estudos de Terceira Onda, relevância que pode ser sintetizada no exposto por Veloso (2014, p. 09), ao afirmar que:

²⁵ Texto original: “The link between linguistic form and social meaning is of an indexical nature because it is established by virtue of co-occurrence in our social lives. In other words, the linguistic form is not the social meaning. Linguistic forms function as indices of social notions”.

Dessa maneira, a análise do estilo individual do falante em comunidades de práticas específicas coloca-se como uma abordagem não somente coerente, mas necessária, pois permite que observemos como o falante age no interior da estrutura social da qual ele faz parte, onde a variação estilística se instaura e onde é mais claramente possível abarcar o significado social da variação. Explicar, e não somente descrever, a variação – o objetivo fundamental da Sociolinguística, que seguimos buscando.

De forma sintética, podemos dizer que os estudos dessa vertente:

- (i) Têm caráter interdisciplinar, aproximando-se da Sociologia e da Antropologia Linguística;
- (ii) Utilizam pesquisa etnográfica dentro de comunidades de práticas;
- (iii) Colocam o sujeito no centro das pesquisas;
- (iv) Entendem a variação como um protagonismo dos falantes no cenário social através da prática estilística e o(s) estilo(s) como atos de filiação e construção de identidades/personas.

Podemos concluir, após a leitura do exposto nesta seção, que as três ondas dos estudos sociolinguísticos apresentam interesses diferentes no que tange à variação. Ou, como afirma Mendes (2017, p. 106), “[...] com os conhecimentos adquiridos a partir de diferentes perspectivas (a macrossociológica, a etnográfica e a estilística), pode-se dar conta melhor do complexo fenômeno da variação linguística”.

No Brasil, os estudos baseados na terceira vertente ainda são incipientes (Mendes, 2023), prevalecendo as pesquisas de Primeira Onda, que possuem, conforme mencionamos anteriormente, grande importância nos estudos do PB, especialmente na constituição de bancos de dados sociolinguísticos. Por essa razão, acreditamos que este trabalho irá contribuir para ampliar a perspectiva estilística dentro dos estudos variacionistas em solo brasileiro.

Por esta pesquisa ter como objetivo geral analisar o significado social no uso da variação linguística na fala de pessoas que ocupam diferentes papéis dentro de uma mesma CP, percebemos a importância de analisar, também, de que forma esses sujeitos avaliam tal variação. Para tanto, nós nos baseamos nas teorias apresentadas a seguir.

3.2 PERCEPÇÃO E AVALIAÇÃO LINGUÍSTICAS

É possível que um ouvinte, a partir de suas próprias crenças linguísticas, faça inferências sobre um falante tendo como base unicamente a linguagem por ele utilizada. Apenas pela variedade linguística empregada, o ouvinte julga tratar-se de uma pessoa simples, inteligente ou sincera, por exemplo. Segundo Botassini (2009, p. 101), “Isso pode levar algumas pessoas a mudarem seu modo de falar deliberadamente, a fim de sugerirem origens sociais ou regionais que, na verdade, não possuem”. Acrescentamos, aqui, como motivação para a ocorrência dessa variação, o desejo de perceber-se parte de um grupo social, de “uma tribo”, de ser aceito em determinado meio como um igual, e/ou a construção de determinada(s) *persona(s)*.

A avaliação dos cinco sujeitos participantes desta pesquisa em relação à variação que utilizam em sua própria fala nos parece importante para que possamos compará-la às observações realizadas ao longo da pesquisa participante e verificar se, de fato, seus usos linguísticos correspondem às suas crenças sobre a língua. Nesta tese, utilizamos o conceito de crenças e atitudes linguísticas apresentado por Mendes, Tesch e Machado (2022, p. 07-08), para quem

[...] entre “crenças” e “atitudes” há uma distinção cognitivo-comportamental: com o primeiro, podemos nos referir a como nos sentimos ou ao que pensamos/acreditamos acerca da dimensão social de uma forma linguística; já com o segundo, podemos nos referir ao que fazemos, tendo em vista aquilo que pensamos, sentimos ou em que acreditamos

Para realizar tal verificação, tomamos como embasamento teórico as concepções de percepção e avaliação linguísticas, muito utilizadas em experimentos e questionários que compõem pesquisas de Terceira Onda.

De acordo com estudos recentes (Salomão-Conchalo, 2015; Botassini, 2015; Lisboa, 2015; Oushiro, 2015, 2019; Battisti; Oliveira, 2016; Vassoler; Camacho, 2016; Mendes, 2018; Mendes; Tesch; Machado, 2022; entre outros), a avaliação linguística é uma ação consciente. Está relacionada às crenças que o sujeito possui acerca de determinado uso linguístico e pode ser medida através de respostas a perguntas diretas sobre variáveis específicas. Enquanto a percepção é uma ação inconsciente, sendo pertinente às atitudes do falante/ouvinte acerca desse uso e podendo ser

medida a partir de experimentos que utilizem “disfarces” das variáveis em estudo, exatamente com o objetivo de evidenciar os significados sociais para os quais uma forma linguística pode apontar.

Em princípio podemos afirmar que todos esses conceitos – avaliação, percepção, crenças e atitudes – estão inter-relacionados, com base em duas considerações tacitamente inegáveis: i) a linguagem é um instrumento social que veicula mais do que informação referencial (CARGILE *et al.*, 1994) e ii) a linguagem tem efeito no julgamento social e tal efeito é parte integrante do processo comunicativo (GILES; BILLINGS, 2004). De fato, podemos considerar que “julgamento” é uma noção comum no emprego desses termos.

Quando ouvimos ou propagamos crenças acerca de pessoas (individualmente ou em grupos, maiores ou menores), em associação a fatos de linguagem, há julgamento envolvido. Quando tomamos ou presenciemos a atitude de corrigir a produção linguística de alguém, algum tipo de julgamento de natureza sociolinguística está sendo posto em prática (Mendes; Tesch; Machado, 2022, p. 07).

Alguns estudos sociolinguísticos buscaram compreender a percepção dos sujeitos sobre determinadas variáveis linguísticas através de experimentos como *matched-guise*²⁶ e a técnica de diferencial semântico²⁷.

Sene (2022), por exemplo, realizou um teste de percepção com o objetivo de analisar o quanto o alongamento de /s/ soava gay. Para tanto, preparou um grupo de estímulos (a partir da técnica *matched-guise*) com a fala de quatro informantes homens do *corpus* SP2010: dois que, segundo a opinião dos documentadores, soavam mais masculinos e dois que soavam efeminados. Após ouvirem os estímulos, os juízes/ouvintes preencheram questionários nos quais assinalaram o quanto o informante demonstrava determinadas características (incluindo soar gay ou masculino) apenas pelo modo de falar.

O estudo de Oliveira (2022) é outro exemplo de análise de percepção linguística. O autor buscou compreender a significação social do *ingliding* de vogais, em sílabas tônicas, no português falado em Porto Alegre. Usando como base os

²⁶ Também conhecido como “técnica dos falsos pares”, é um experimento criado por Lambert *et al.*, na década de 1960. Para compreender a atitude/percepção de jovens canadenses bilíngues em relação a sua própria língua, os pesquisadores prepararam pares de estímulos sonoros com determinadas variáveis linguísticas e aplicaram questionários com base nos áudios apresentados aos “juízes”/ouvintes.

²⁷ Cyranka (2007, p. 27-28) assim apresenta a técnica do diferencial semântico: “consiste na construção de uma série de escalas bipolares de sete pontos, com adjetivos de valores opostos colocados em ambas as extremidades de cada escala. [...] Construindo-se um conjunto de escalas desse tipo, obtém-se uma classificação múltipla de atitudes em relação a um estímulo”.

resultados de estudos de produção linguística do *ingliding*, Oliveira elaborou dois experimentos, ambos de tipo *matched-guise*, que foram aplicados a ouvintes porto-alegrenses, gaúchos e brasileiros, de forma *on line*. Após análise das respostas, concluiu que o falar com *ingliding* é percebido de maneira semelhante por porto-alegrenses, gaúchos e brasileiros, diferindo principalmente na atribuição do falar a determinadas regiões: para brasileiros, é um falar do Sul, para gaúchos e porto-alegrenses, é um falar de Porto Alegre.

De acordo com Mendes (2018, p. 37), o objetivo principal dos experimentos de percepção é “procurar evidenciar os significados sociais para os quais uma forma linguística pode apontar, ainda que os falantes/ouvintes não tenham consciência de tais significados”.

Outros estudos voltados ao significado social da variação procuraram analisar, através de testes que apresentavam perguntas diretas, a avaliação dos participantes sobre determinados usos linguísticos.

Lisboa (2015), por exemplo, ao investigar as formas de tratamento utilizadas para se dirigir a profissionais do meio jurídico, concluiu que os testes de autoavaliação foram úteis para que pudesse compreender a imagem que cada sujeito possuía de sua postura profissional. Foi importante, também, para verificar que nem todas as respostas coincidiam com a prática efetiva observada durante a pesquisa etnográfica realizada.

Oushiro (2015) também realizou testes para compreender a avaliação que paulistanos possuem acerca do uso de quatro variáveis linguísticas e a relação dessa avaliação com a construção de suas identidades. Entre essas variáveis está a pronúncia ditongada de $\text{m} \text{e} \text{u}$ como $\text{m} \text{e} \text{u}$, em palavras como *entendendo* ~ $\text{m} \text{e} \text{u}$. As respostas a uma das questões utilizadas nesse teste “O que você acha desse modo de falar: ‘Meu você tá entendendo o que eu tô dizendo?’, com realização exageradamente ditongada de ($\text{m} \text{e} \text{u}$)” (p. 63), levaram a autora a concluir que tais informantes consideravam a referida fala como característica de paulistanos.

Nesta pesquisa, conforme dito anteriormente, optamos por analisar a avaliação linguística dos participantes em relação à variação de gênero gramatical do pronome pessoal reto *ele/ela*, nosso objeto de estudo. Para atender ao segundo objetivo específico desta tese (Averiguar, através de teste de avaliação linguística aplicado aos sujeitos observados, os significados sociais indexicalizados para o uso de *ela* dentro

dos contextos apresentados), elaboramos um teste de avaliação linguística (TAL) que foi respondido ao final da pesquisa etnográfica e comparamos os dados aí obtidos com aqueles observados durante o período no qual acompanhamos as atividades na CP. Por concordar com o pensamento de Battisti e Oliveira (2016, p. 22) de que “[...] variáveis cujos usos já estejam no nível da consciência dos falantes combinam-se para construir estilos”, acreditamos que a variação ora estudada é utilizada de forma consciente pelos sujeitos investigados, o que foi confirmado após nossa análise.

Por observarmos a fala de pessoas que fazem parte da comunidade LGBTQIA+ (com a variedade de gêneros que a constituem) e a utilização da variação linguística na construção de suas identidades/personas, procuramos utilizar as teorias apresentadas a seguir para embasar nossa compreensão acerca do que seja gênero, sua diferenciação em relação a sexo e orientação sexual, bem como sua importância para as escolhas linguísticas dos sujeitos da pesquisa.

3.3 GÊNERO E LINGUAGEM

Como já mencionamos na introdução desta tese, estudos sociolinguísticos utilizavam (na verdade, muitos ainda utilizam) o binômio *homem x mulher* para categorizar seus informantes, considerando somente a variável sexo. Tal qual o trecho a seguir.

E Podes me dizer o teu nome completo e a tua idade.
 F Tá. Meu nome é Jaqueline ***, eu tenho vinte e cinco anos.
 E Ó, Jaqueline tu nasceste aqui em Florianópolis?
 F Nasci aqui e morei sempre aqui.
 E E os teus pais de onde é que são?
 F Também são daqui. Todos os dois. Família inteira, né?
 E ãh há. Tu tens muitos irmãos?
 F Tenho, tenho mais três irmãos.
 E E todos moram aqui?
 F Todos moram aqui. Inclusive já são casados
 E Aqui no Estreito tu moras há quanto tempo?
 F <Aq > estou a minha vida inteira. Sempre morei aqui.
 E Sempre moraste aqui?
 F ãh, há.
 E Tu estudaste até que ano?
 F Até a sexta série.
 E Sexta série?
 F Do primeiro grau, ãh, há.
 E E tu trabalhas?

F Trabalho. Eu trabalho numa [...]
(VARFUL SC FLP 01, apud Freitag, 2015, p. 58-59)

O trecho da entrevista sociolinguística acima, que compõe a base de dados do projeto VARFUL²⁸, apresenta questões que possuem a finalidade de estratificar a informante quanto à idade, à origem e à escolaridade, para enquadrá-la em determinadas células de análise, metodologia padrão dos estudos de Primeira Onda. Contudo, em momento algum quem está entrevistando perguntou o gênero da entrevistada, deduzindo por si mesmo que, por ter nascido mulher, ela assim se considera e isso implicaria na forma como utiliza a língua.

Segundo Freitag (2015), o questionamento à utilização do termo *sexo* enquanto categoria sociolinguística (aqui relacionando todas as áreas que analisam a linguagem em seu aspecto social) só iniciou nos anos de 1980, quando a ênfase do movimento feminista “passa à questão da diferença, da subjetividade e da singularidade das experiências, concebendo que as subjetividades são construídas pelos discursos, um campo dialógico e intersubjetivo” (Freitag, 2015, p. 22). Com essa nova perspectiva, os estudos relacionados a mulheres e a *sexos* mudam (ao menos a nomenclatura) para as relações de gênero.

Ainda segundo a autora, “se a Sociolinguística tem como premissa, em tendência ampla, o estudo da relação entre língua e sociedade, precisa considerar que a sociedade muda; se a sociedade muda, as explicações do modelo teórico-metodológico deveriam, também, mudar” (Freitag, 2015, p. 18). Contudo, essa mudança tem sido lenta e não tem acompanhado as verdadeiras metamorfoses pelas quais a sociedade global vem passando no último século. Substituir a denominação *sexo* por *gênero* de forma simplista, sem incluir nesta última toda a gama de significações, representações e pertencimentos que ela carrega, é, no mínimo, esvaziá-la e negar toda a luta que lésbicas, gays, pessoas transgêneros²⁹ e não binárias vêm enfrentando ao longo do tempo. E é isso o que muitas pesquisas fazem ao usar, por exemplo, a terminologia *sexo/gênero* para continuar demonstrando

²⁸ O projeto VARFUL (Variação Linguística na Região Sul do Brasil) tem por objetivo geral a descrição do português falado e escrito de áreas socioculturalmente representativas do Sul do Brasil. [...] tem como propósito oferecer: (i) subsídios para a descrição do português falado e escrito no Brasil; (ii) condições para teste e desenvolvimento de teorias linguísticas; (iii) condições para formação de novos pesquisadores; (iv) subsídios para programas educacionais, promovendo o conhecimento e o respeito às variedades linguísticas (Projeto VARFUL, disponível em: <https://www.varsul.org.br>).

²⁹ Pessoas que não se identificam com o gênero ao qual foram designadas, baseado unicamente em seu sexo biológico.

diferenças entre homens e mulheres no modo de usar a linguagem. De acordo com Butler (2003, p. 37),

O gênero é uma complexidade cuja totalidade é permanentemente protelada, jamais plenamente exibida em qualquer conjuntura considerada. Uma coalizão aberta, portanto, afirmaria identidades alternativamente instituídas e abandonadas, segundo as propostas em curso; tratar-se-á de uma assembleia que permita múltiplas convergências e divergências, sem obediência a um *telos* normativo e definido.

Precisamos deixar claro que não negamos os importantes resultados de análises binárias, mas, se esse for o objetivo do trabalho, o mais coerente, parecidos, seria que não se usasse o termo *gênero*, mas somente *sexo*, uma vez que há pesquisas em que o gênero (e não o sexo) dos sujeitos é considerado.

Voltamos a afirmar que as contribuições de tais estudos foram/são inúmeras para a compreensão da língua em uso. Contudo, com as perceptíveis mudanças ocorridas na sociedade, é necessário que os modelos teórico-metodológicos mudem e a ela se adequem. A linguagem, que não existe fora da sociedade, não pode ser um lugar de preconceito ou discriminação: todas as falas importam, independente de gênero, credo, cor ou classe econômica de quem fala.

Nos estudos da linguagem, o estigma aos gays também teve lugar e, conforme Hall (2003), esses sujeitos foram tradicionalmente categorizados como *desviados linguísticos*, por apresentarem um comportamento linguístico distinto dos padrões da fala masculina. *Desviado linguístico* “é o falante que não segue as expectativas normativas de como homens e mulheres devem falar” (HALL, 2003, p. 353), embora também haja outros usos e definições mais abrangentes do termo.

No entanto, o conceito de *desvio linguístico*, como apresentado, perdeu força na linguística – com o avanço dos estudos no campo e a emergência de subáreas como a *linguística queer*, especialmente –, por considerar a *identidade* dos indivíduos, que se constitui como elemento essencial para o seu autoconhecimento e, por consequência, com repercussão direta no uso que fazem da língua (Santana, 2018, p. 27-28).

Uma vez que o grupo por nós observado é composto, como já mencionado, por homens cis autodeclarados gays e, por isso, representados na fala de Santana (2018), julgamos ser necessário nos aprofundar na diferença entre os termos gênero, sexo e orientação sexual. O uso da linguagem enquanto um ato constituinte dos sujeitos que

a utilizam na formação de suas identidades torna importante tal esclarecimento, pois acreditamos que o indivíduo não fala como fala simplesmente por ser biologicamente homem ou mulher, mas por assumir uma *persona* masculina, feminina ou mesmo não binária no momento da interação.

Tratar “gênero” como “sexo” é esvaziar a complexidade desse primeiro, que, como sabemos, não é determinado biologicamente, de maneira simples, direta, única. O gênero é múltiplo e mutável, construído pela atividade linguística, desse modo, depende das atuações do sujeito, tendo em vista a sua realidade. Ele é reflexo de práticas sociais bastante complexas.

O gênero, portanto, deve ser concebido como algo que se origina nas interações, por isso precisa ser investigado a partir de falas situadas que evidenciem sua formação, suas nuances e seu aprendizado em comunidades de prática (Veloso, 2014, p. 07).

Veloso (2014), assim como outros autores que embasam esta tese (Mendes, 2012; Santana, 2018; Nogueira, 2019; Carvalho; Brito, 2020; Ribeiro, 2021; entre outros), afirma que, diferentemente da Primeira Onda dos estudos sociolinguísticos, que dividia seus informantes em duas categorias (homem ou mulher), compreendendo a sexualidade unicamente a partir de questões biológicas, a Terceira Onda apreende a sexualidade como sendo socialmente construída e não dada à pessoa ao nascer. Para essa vertente (e para este trabalho), o sujeito constrói sua sexualidade a partir das experiências corporificadas vividas ao longo do tempo.

Para dar mais luz às frequentes dúvidas acerca desses termos, que por vezes são usados como sinônimos, conforme demonstramos, utilizamos a fala de Ribeiro (2021, p. 310-311), para quem

É importante destacar, neste momento, as diferenciações entre sexo, gênero e orientação sexual. Segundo Lanz (2014), o termo sexo está relacionado unicamente com a biologia, com o órgão genital (macho, fêmea, intersexuado ou nulo). O termo gênero está fortemente relacionado à construção social, coincidindo com as ideias de Butler e Foucault. O termo orientação sexual diz respeito ao desejo afetivo do indivíduo. A orientação não está relacionada somente com o sexo, nem com identidade de gênero, mas tem relação unicamente com a atração física e emocional entre pessoas (homossexual ou heterossexual).

A partir das ponderações acima, então, podemos identificar os indivíduos que fazem parte de nossa pesquisa como sendo do sexo masculino, constituídos enquanto

peças do gênero masculino e com uma orientação homossexual. Essa identificação é importante porque, na comunidade de práticas *locus* de nossa observação, dificilmente haveria a alternância *ele/ela* para se referir a uma mulher transgênero, por exemplo; em situações como essa, o uso do pronome feminino seria categórico em respeito à pessoa trans³⁰.

Afinal, um homem de saias e maquiagem carregada ao dizer *me sinto cansada* em uma apresentação pública causaria muito menos estranheza do que um homem com trajes 'de homem' proferindo as mesmas palavras no mesmo contexto, assim como de igual maneira uma mulher trans causa estranheza ao predicar com o gênero masculino, porque há uma correlação natural entre o modo como nos apresentamos socialmente e o que se espera de nossa produção verbal a partir dessa imagem (Santana, 2018, p. 85).

E que é demonstrado na seguinte transcrição da fala do participante Poderosa.

1.E) Complemento à questão 14 da entrevista.

P.³¹: E quando a pessoa é trans? Vocês fazem essa variação de ele ou ela pra mesma pessoa?

PODEROSA: Não. É uma questão de respeito, amiga. E isso é super importante, Suely, porque, assim, uma mulher trans é uma mulher.

P.: Sim.

PODEROSA: Ela é ela. Um homem trans é um homem. É ele. É normal.

A identificação é importante, igualmente, porque é a partir dela que voltamos nosso olhar para o objeto de análise desta tese. Ou seja, por que homens que se identificam com o gênero masculino, embora gays, variam o uso de *ele/ela* para se referir a seus pares?

Uma vez que a língua é, também, utilizada para (re)construir tanto significados sociais quanto identidades, seu uso parece ser extremamente importante para pessoas LGBTQIA+, uma vez que elas podem se reconhecer nesse uso, levantando questões identitárias e de pertencimento a essa comunidade, tal qual ocorreu na luta feminista na segunda metade do século XX (Butler, 2003). No entanto, não podemos

³⁰ Nesta tese utilizamos o termo trans como abreviatura de transgênero.

³¹ Nas transcrições gráficas desta tese, utilizamos a letra **P** para identificar as falas da pesquisadora e o nome fictício para identificar os sujeitos participantes.

cair no equívoco de afirmar que haja uma linguagem única capaz de representar todos os sujeitos que constroem essa comunidade, assim como não devemos normalizar que o não uso de determinada linguagem gay se torne excludente.

A respeito da comunidade gay, Mendes (2018, p. 39) assume, com base em Chesebro (1981), “tanto que existe uma tal comunidade (e que as experiências nela compartilhadas definem a ‘identidade’ gay), quanto que nela emergem práticas sociais e linguísticas específicas”, o que nos leva a crer que a variação de *ele/ela* pode se dar dentro dos limites linguísticos dessa comunidade. Crença respaldada em Carvalho e Brito (2020, p. 09-10) ao apontarem que

Em línguas de gênero, uma relação complexa entre gênero gramatical e gênero referencial é observada na maioria dos pronomes pessoais, com assimetrias típicas relacionadas ao gênero em pronominalizações e coordenações. [...] Esse fenômeno também pode ser observado em certas comunidades gays no Brasil, que fazem uso de pronomes femininos (*ela, dela, sua*) para referentes masculinos, associando a escolha pronominal a elementos socioculturais e ideológicos relacionados às comunidades.

Contudo, ainda restaria a indagação de por que variar masculino e feminino? Por que não usar somente o feminino uma vez que seria, de acordo com os autores citados, uma utilização comum entre pessoas gays?

Nossa hipótese, como mencionado anteriormente, é de que os participantes alternam o uso do pronome feminino a depender da *persona* que assumem dentro da CP. Dito de outra forma, a variação é um recurso na construção dessas personas. Para confirmar ou negar essa hipótese, empreendemos a pesquisa detalhada no Capítulo 5.

Por nosso objeto de análise ser a variação de gênero gramatical de um pronome, na próxima seção apresentamos um pouco sobre as concepções de gramática, de morfologia e da referida classe de palavras, bem como sobre como se dá a marcação de gênero gramatical na língua portuguesa. Também explanaremos um pouco sobre a neutralização de gênero e a chamada linguagem neutra, para que possamos alcançar o quinto objetivo específico deste estudo (Relacionar a razão do reduzido emprego da linguagem neutra com a avaliação linguística que os participantes fazem sobre seu uso).

3.4 UM POUCO DE GRAMÁTICA

Nesta seção, discorreremos sobre o papel da morfologia nos estudos linguísticos, bem como sobre o conceito e o emprego dos pronomes pessoais retos, nosso objeto de estudo, no âmbito das gramáticas tradicional e descritiva explicitadas a seguir.

3.4.1 Concepções de Linguagem e Gramática

Os conceitos de gramática de uma língua estão intrinsecamente relacionados à compreensão do que seja linguagem. Autores como Geraldi (2011) apresentam três concepções de linguagem e as correntes linguísticas, ou teorias gramaticais, com as quais elas se relacionam. Identificamos essas concepções no Quadro 3 e as detalhamos a seguir.

Quadro 3 – Concepções de linguagem e suas respectivas gramáticas

Concepções de Linguagem	Concepções de Gramática
Expressão do pensamento	Normativa ou tradicional/formal
Instrumento de comunicação	Descritiva/funcional
Interação humana	Internalizada

Fonte: a própria autora, com base em Travaglia (2009), Geraldi (2011) e Possenti (2011).

(i) A linguagem como expressão do pensamento, que deve seguir regras e que pressupõe que, se uma pessoa não consegue se expressar bem, ela não pensa. Essa concepção constitui, segundo o autor, os estudos linguísticos tradicionais. Travaglia (2009) corrobora tal afirmação ao indicar que a linguagem compreendida dessa forma deve seguir regras para sua organização, sem considerar o contexto de produção linguística (quem, onde, como, quando e para quem se fala). Esse entendimento está relacionado ao que conhecemos como gramática normativa ou tradicional/formal, um manual com regras de “bom uso” da língua, as quais devem ser seguidas por todos que desejam se expressar de forma adequada, que considera a variedade “padrão” como a própria língua e todas as demais como “desvios” ou “erros”. Isso também é assinalado por Possenti (2011) ao declarar que, para essa perspectiva, somente a variedade linguística utilizada pelas pessoas cultas é tida como a verdadeira língua. As demais formas de falar (ou escrever) não são consideradas como tal.

(ii) A linguagem enquanto instrumento de comunicação considera a língua como um “código (conjunto de signos que se combinam segundo regras) capaz de transmitir ao receptor certa mensagem” (Geraldi, 2011, p. 28), estando ligada ao estruturalismo e ao gerativismo. Travaglia (2009) reforça essa assertiva ao ponderar a linguagem a partir da teoria estruturalista de Saussure (2021[1916]), para quem a língua é tida como um código baseado em regras, externo ao homem (que não pode criá-lo ou modificá-lo). O autor relaciona a essa concepção o conceito de gramática descritiva/funcional, também conhecida como “gramática dos linguistas”, concebida como o conjunto de regras que o falante emprega para a construção real de enunciados.

(iii) A linguagem como forma de interação humana, por meio da qual “o sujeito que fala pratica ações que não conseguiria levar a cabo, a não ser falando” (Geraldi, 2011, p. 28). Ao fortalecer o pensamento do autor, Travaglia (2009) assevera que essa concepção apresenta a linguagem como um mecanismo utilizado pelos sujeitos na criação de efeitos de sentido, não somente considerando a situação de comunicação, mas todo o contexto sócio-histórico e ideológico. Teoria baseada nas ideias de Bakhtin (1986, p. 123), para quem a língua é o “fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua”. O lugar de fala parte do papel social que esses sujeitos ocupam e das imagens estabelecidas para esse papel. A essa compreensão, Travaglia (2009) relaciona a concepção de gramática internalizada, considerada como o conjunto de regras que o usuário da língua realmente aprendeu e utiliza ao falar. Ou seja, a gramática internalizada é o objeto da gramática descritiva. Possenti (2011) também confirma essa relação ao considerar que os falantes não falam uma língua uniforme e não falam sempre da mesma maneira. Logo, a língua “é o conjunto das variedades utilizadas por uma determinada comunidade, reconhecidas como heterônimas. Isto é, formas diversas entre si, mas pertencentes à mesma língua” (Possenti, 2011, p.35).

As diferenças entre os dois tipos de gramática (tradicional/formal e descritiva/funcional) que adotamos neste trabalho estão apresentadas no quadro a seguir:

Quadro 4 – Paradigma tradicional/formal X paradigma descritivo/funcional

	Paradigma tradicional/formal	Paradigma descritivo/funcional
a. Conceito de língua	Conjunto de orações.	Instrumento de interação social.
b. Principal função da língua	Expressão dos pensamentos.	Comunicação.
c. Correlato psicológico	Competências: capacidade de produzir, interpretar e julgar orações.	Competência comunicativa: habilidade de interagir socialmente com a língua.
d. O sistema e seu uso	O estudo da competência tem prioridade sobre o da atuação.	O estudo do sistema deve se fazer dentro do quadro do uso.
e. Língua e contexto/situação	As orações da língua devem ser descritas independentemente do contexto/situação.	A descrição das expressões deve fornecer dados para a descrição de seu funcionamento num dado contexto.

Fonte: Adaptado de Neves (1994, p. 115)

A partir da leitura do Quadro 4, podemos concluir que, dentro do paradigma formalista, a linguagem é tida como um objeto autônomo e seu estudo ocorre independentemente do uso, como algo abstrato. Enquanto no paradigma funcionalista, a linguagem é concebida como uma “entidade não suficiente em si” (NEVES, 2022, p. 51), que necessita do contexto para alcançar seus objetivos como um instrumento de comunicação. Apesar das diferenças entre as duas perspectivas, sendo a principal o fato de esta considerar a situação comunicativa e aquela não, ambas possuem o propósito de analisar a estrutura gramatical da língua. Segundo Neves (2022, p. 54), “Uma gramática formalmente orientada, diz Hoffman (1989: 114), trata a estrutura sistemática das formas de uma língua, enquanto uma gramática funcionalmente orientada analisa a relação sistemática entre as formas e as funções em uma língua”.

Percebemos, pela fala da autora, que o interesse pela estrutura da língua, embora com objetivos diferentes, está sempre presente nas gramáticas, seja formal,

seja funcional. Por essa razão, após a apresentação de como cada gramática considera o estudo da língua, seus objetivos e objetos de análise, tratamos acerca do que seja a morfologia, área dos estudos linguísticos que se preocupa com a forma das palavras e dentro da qual encontramos a definição e a função dos pronomes.

3.4.2 Um Pouco de Morfologia

Etimologicamente, o termo morfologia é formado por dois elementos do grego: *morphé* = forma e *logía* = estudo. É uma palavra presente em disciplinas de várias áreas científicas, mas que pode ser definida, na linguística, segundo Almeida (1961, p. 24), como “a parte que estuda a palavra em si, quer no elemento material, isto é, quanto à forma, quer no elemento imaterial, ou seja, quanto à idéia que ela encerra”. Mais recentemente, de acordo com Gonçalves (2019, p. 14), a morfologia pode ser compreendida como “a área que estuda a forma das palavras em diferentes usos e construções”.

Para a teoria estruturalista, que buscava identificar os morfemas que formavam cada língua existente no mundo, os estudos morfológicos foram fundamentais, pois distinguiam cada um dos constituintes dotados de significado em uma palavra. Contudo, com o início do gerativismo na década de sessenta, a morfologia perde sua importância, sendo integrada à fonologia, e é a sintaxe que passa a ser o ponto central da gramática, pois, de acordo com os gerativistas, seria nas relações sintáticas que haveria, de fato, uma maior proximidade entre as línguas (Sandaló, 2001).

Bechara (2019) afirma que a junção destas duas áreas, morfologia e sintaxe (morfossintaxe), é a parte central da gramática atual, uma vez que tudo na língua se refere sempre a combinações (sintaxe) de “formas” (morfologia). No entanto, *a priori*, nosso interesse se encontra, dentro dos estudos morfológicos, na divisão das palavras em classes gramaticais, dentre as quais está o pronome.

Embora possa haver discordâncias quanto aos critérios utilizados para tal categorização, Perini (2005, p. 310) pondera que esses parâmetros são diversos, que sua seleção depende dos objetivos da classificação e que o mesmo grupo de palavras pode receber categorizações diferentes caso haja mudança de objetivos. O autor assegura ainda que

Em termos muito gerais, pode-se dizer que a classificação das palavras (e das unidades morfossintáticas em geral) tem como objetivo agrupar aquelas que têm comportamento gramatical semelhante. Isso nem sempre se coloca nesses termos, mas seria aceitável para a maioria dos gramáticos, qualquer que seja sua convicção teórica (Perini, 2005, p. 312).

De acordo com Neves (2006), não se pode negar a necessidade de uma organização das palavras que constituem as línguas, visto que “em todo campo, qualquer conjunto de entidades que têm uma função apresenta-se organizado em classes. Em primeiro lugar, estabelecer categorias é uma das mais básicas capacidades do ser humano” (Neves, 2006, p. 01).

É claro que a relevância dos estudos morfológicos vai além de tal divisão, contemplando uma minuciosa análise das estruturas que compõem cada palavra e sua formação. Contudo, partimos para as definições apresentadas para a classe dos pronomes e suas funções.

3.4.3 Os Pronomes Pessoais Retos

Uma das classes gramaticais mais discutidas na atualidade, especialmente quando nos referimos à indicação de gênero, os pronomes apresentam controvérsias desde seu conceito.

Considerando a etimologia da palavra (do latim *pronomen*: preposição *pro* + substantivo *nomen* = “em lugar do nome”), as gramáticas tradicionais, como Almeida (1961) e Sacconi (1986), por exemplo, apontam os pronomes como um pequeno número de palavras que substituem ou acompanham um substantivo. Contudo, outros estudiosos da língua apresentam críticas a essa visão. Segundo Monteiro (1994, p. 29), por exemplo, há três problemas nas definições apresentadas: “(i) nem todos os pronomes funcionam como substitutos; (ii) os que exercem essa função nem sempre substituem substantivos e (iii) há expressões substitutivas que não se classificam necessariamente como pronomes”.

Nesta tese, adotamos a concepção apresentada por Neves (2015, p. 14), para quem

Em suma, na tradição gramatical da língua portuguesa, há duas concepções de pronome a considerar. Ambas referem o pronome ao nome, mas, definindo o nome de maneiras diferentes (nome por

excelência = substantivo; nome = substantivo + adjetivo), agregam ou não aos pronomes pessoais os possessivos, os demonstrativos e os indefinidos, que em sua maioria têm uma distribuição típica de adjetivos.

Percebemos, assim como a autora, que outros pronomes vêm sendo utilizados com a função dos pessoais e, mais do que isso, identificamos finalidades diferentes para o emprego destes. O uso de *e/la* enquanto mecanismo linguístico na construção de determinadas personas e não apenas fazendo referência à terceira pessoa do singular é um exemplo dessa utilização inovadora dos pronomes pessoais retos.

Além das discussões relacionadas a sua definição, alguns acréscimos, decorrentes do uso, foram feitos ao mencionado número limitado de pronomes da língua portuguesa, em especial aos chamados pronomes pessoais do caso reto ou pronomes sujeitos. De acordo com Câmara Jr. (1999), a função básica de tais pronomes é indicar a noção de pessoa.

Há um falante – *eu*, que pode associar a si uma ou mais pessoas – *nós*, constituindo a primeira pessoa do singular, ou P1, e a primeira pessoa do plural, ou P4. A eles se opõe um ouvinte (segunda pessoa do singular ou P2) – *tu*, ou mais de um ouvinte (segunda pessoa do plural ou P5) – *vós*. Todos os seres que ficam fora do eixo falante ouvinte, constituem a terceira pessoa do singular, ou P3, ou a terceira pessoa do plural (P6) – *ele*, com o feminino *ela*, e *eles*, com o feminino *elas*, respectivamente (alternância submorfêmica /ê/ : /é/ no radical feminino) (Câmara Jr., 1999, p. 117).

Neves (2011, p. 449) assim apresenta tais pronomes: “O **pronome pessoal** tem uma natureza **fórica**, isto é, ele é um elemento que tem como traço categorial a capacidade de fazer **referência pessoal**” (grifos do original). A autora continua a apresentação ao afirmar que o traço definidor dos pronomes pessoais “é sua capacidade de identificar de forma pura a **pessoa gramatical**, que os outros **pronomes** que têm relação com a **pessoa gramatical**, como os **possessivos** e **demonstrativos**, fazem alguma outra relação” (Neves, 2011, p. 450).

Os quadros a seguir demonstram os acréscimos, referidos anteriormente, aos termos utilizados como pronomes pessoais do caso reto.

Quadro 5 – Quadro tradicional dos pronomes pessoais retos do PB

Número	Pessoa	Pronome
Singular	1 ^a	Eu
	2 ^a	Tu
	3 ^a	ele, ela
Plural	1 ^a	Nós
	2 ^a	Vós
	3 ^a	eles, elas

Fonte: Adaptado de Bechara (2019, p. 1810)

Gramáticas tradicionais da língua portuguesa, como a de Cunha e Cintra (2017), e livros didáticos, como o de Nicola (2005), apresentam os pronomes pessoais retos da mesma forma que, baseadas em Bechara (2019), demonstramos no Quadro 5. De acordo com Silva (2017, p. 63), isso acontece porque “As gramáticas normativas não variam muito no que se refere à conceituação do pronome pessoal”. No entanto, assim como a sociedade e seus sujeitos vêm mudando ao longo do tempo, a língua também sofreu mudanças em diversos aspectos e esses pronomes já não representam a realidade de seu uso. Alguns deixaram de ser empregados, outros trocaram de classificação (não mais sendo considerados pronomes de tratamento e passando a ser vistos como pessoais retos) e há os que foram acrescentados.

Algumas dessas mudanças deixaram de ser apenas variações da oralidade e passaram a ser aceitas em situações mais monitoradas de utilização da linguagem. Gramáticas funcionalistas, como a de Perini (2005) e Neves (2011), que descrevem o uso real da língua, introduzem o termo *você*, tradicionalmente considerado um pronome de tratamento, como pronome pessoal reto de segunda pessoa: “Vamos chamar aqui pronomes os ‘pronomes pessoais’ da gramática tradicional, ou seja, *eu, você, vocês, ele, ela, eles, elas, nós* etc., assim como os oblíquos e reflexivos *me, nos, lhe, o, os, se* etc.” (Perini, 2005, p. 277).

Quadro 6 – Quadro dos pronomes pessoais retos apresentado por Neves (2011)

	SINGULAR	PLURAL
1 ^a pessoa	eu	Nós
2 ^a pessoa	tu, você	vós, vocês
3 ^a pessoa	ele, ela	eles, elas

Fonte: Neves (2011, p. 450)

Pesquisadores como Lopes (2007) destacam que a elaboração de um quadro incontestável desses pronomes no português brasileiro ainda carece de estudos.

Não há, ainda, um completo mapeamento descritivo do quadro atual de pronomes e das repercussões gramaticais ocasionadas pelo emprego cada vez mais freqüente de *você/a gente*. Com relação à substituição de *nós* por *a gente*, permanece a convivência das duas estratégias de referência à primeira pessoa do plural no português falado do Brasil, embora a forma inovadora venha ganhando espaço nas últimas décadas. A variação entre *você* e *tu* apresenta um comportamento diferenciado nas diversas regiões do país (Lopes, 2007, p. 104).

E Carvalho (2008, p. 32) já apresenta um quadro dos pronomes pessoais em uso no PB no qual inclui tanto **você** quanto **a gente**, ratificando a afirmação de Lopes (2007). No entanto, após mais de uma década da fala desses autores, percebemos que tal uso continua em constante mudança e utilizamos o Quadro 7 para apresentar uma possibilidade mais atual desse emprego no português brasileiro.

Quadro 7 – Proposta de quadro representativo dos pronomes pessoais retos em uso no PB

Número	Pessoa	Formal	Informal
Singular	1 ^a	eu	eu, <i>mim</i> ³² , <i>a gente</i>
	2 ^a	tu, <i>você</i> , <i>o senhor</i> , <i>a senhora</i>	tu, <i>você</i> , <i>cê</i> , <i>ocê</i>
	3 ^a	ele, ela	ele/ <i>ei</i> , ela
Plural	1 ^a	Nós	<i>a gente</i> , <i>agente</i>
	2 ^a	vós, <i>vocês</i> , <i>os senhores</i> , <i>as senhoras</i>	<i>vocês</i> , <i>ocês</i> , <i>cês</i>
	3 ^a	eles, elas	eles/ <i>eis</i> , elas

Fonte: Adaptado de Castilho (2014, p. 477)

Afirmarmos que as mudanças destacadas no Quadro 7 estão presentes na fala e/ou na escrita dos brasileiros pode parecer óbvio. Contudo, ratificamos sua presença no vernáculo de grande parte da população brasileira para comparar sua legitimação aos recentes questionamentos acerca do uso de formas introduzidas pela LN, como

³² Os termos escritos em azul são formas em uso, mas não aceitas em textos “formais” (como em: *Isso é pra mim comer?* ou *Agente tava falando sobre ocê*); os escritos em vermelho são pronomes que modificaram sua classificação; e o escrito em verde é um sintagma nominal que passou a ser integrado ao quadro dos pronomes.

os pronomes *ili/ile*, por exemplo. De acordo com autores como Schwindt (2020) e Freitag (2024), para que estes pronomes sejam reconhecidos pelos usuários, tal qual aqueles presentes no Quadro 7, é necessário que seu uso seja realizado na sociedade. Dito de outra maneira, a aceitação de novas palavras e/ou expressões iniciam pelo emprego efetivo de tais formas na oralidade de uma língua, o que, de acordo com os dados construídos para esta tese e apresentados no capítulo intitulado *Batendo o Cabelo e Saindo do Armário*, ainda não ocorre com os termos introduzidos pela linguagem neutra.

Nem a precoce tentativa do ensino de tais formas na escola, nem o controverso empreendimento da Câmara dos Deputados em elaborar projetos de lei³³ que impeçam seu uso nos parece que alcançarão os objetivos pleiteados em um curto período. São os falantes da língua que, com o transcorrer do tempo, consolidarão ou não essa nova variedade linguística. Mas retornaremos ao tema na seção 3.5.5.

Uma vez que este trabalho tem como objeto de estudo a variação do gênero gramatical do pronome pessoal reto de terceira pessoa *ele/ela* entre os sujeitos observados, apresentamos a seguir um pouco sobre a marcação de gênero no PB, para que possamos conhecer sua definição em uma perspectiva gramatical, uma vez que já apresentamos a concepção sociocultural do termo.

3.4.4 A Marcação do Gênero Gramatical

A língua portuguesa é uma língua de gênero e, como mencionado na seção 3.4, tal fato vem causando conflitos quanto à utilização do termo. Por já termos tratado, na referida seção, sobre o gênero enquanto construção sócio-histórica do sujeito, nesta, apresentamos as marcas linguísticas binárias que vêm sendo criticadas por movimentos sociais, especialmente aqueles ligados à comunidade LGBTQIA+.

Em termos de língua, tradicionalmente o gênero gramatical vem sendo entendido tal qual explicitado por Carvalho e Brito (2020, p. 08):

Gênero como expressão gramatical é comumente associado a relações morfossintáticas de nomes e pronomes, geralmente estabelecidas através de concordância, de acordo com sua relação com o sexo. [...]

³³ PL 5198/20, de autoria do deputado Junio Amaral; PL 5248/20, de autoria do deputado Guilherme Derrite; PL 198/23, de autoria do deputado Kim Kataguirí; entre outros (Fonte: Agência Câmara de Notícias).

É tradicionalmente assumido que o gênero gramatical é uma propriedade inerente do nome que controla a concordância estabelecida com elementos satélites – isto é, que acompanham, complementam ou recuperam o nome na sentença – que podem ser um determinante, um adjetivo, um pronome, um verbo, um numeral ou uma preposição. Mesmo os advérbios podem ser flexionados para gênero – o caso de muito/muita e meio/meia no português brasileiro. O gênero nominal geralmente mostra apenas um valor, que é determinado por uma interação de regras de atribuição formal e semântica.

Embora ainda persista a correlação citada pelos autores entre gênero e sexo no que se refere ao uso linguístico, Câmara Jr. (1999, p. 88) já a apresentava como um equívoco das gramáticas tradicionais, ao afirmar que

A flexão de gênero é exposta de uma maneira incoerente e confusa nas gramáticas tradicionais do português. Em primeiro lugar, em virtude de uma incompreensão semântica da sua natureza. Costuma ser associada intimamente ao sexo dos seres. Ora, contra essa interpretação falam duas considerações fundamentais. Uma é que o gênero abrange todos os nomes substantivos portugueses, quer se refiram a seres animais, providos de sexo, quer designem apenas “coisas”, como *casa*, *ponte*, *andaiá*, femininos, ou *palácio*, *pente*, *sofá*, masculinos. Explicar todas essas ocorrências pela metáfora, à maneira de um pansexualismo freudiano como até certo ponto tentou Leo Spitzer, embora numa focalização diacrônica (Spitzer 1941, 339s), não nos levaria muito longe. Depois, mesmo em substantivos referentes a animais ou pessoas há discrepância entre gênero e sexo, não poucas vezes. Assim, *testemunha* é sempre feminino, quer se trate de homem ou mulher, e *cônjuge*, sempre masculino, aplica-se ao esposo e à esposa.

Segundo o autor e outros que o seguiram, a marca de flexão de gênero gramatical ocorre somente no feminino, geralmente com o acréscimo de *-a* aos radicais, sendo o masculino a forma não-marcada. Ou, de forma mais explícita:

O masculino é também usado como o termo genérico, que engloba os dois gêneros. ‘Todos’ inclui homens e mulheres; ‘todas’ só inclui mulheres. Em muitas línguas, o gênero não marcado é o masculino, e isso não significa uma relação de poder do homem sobre a mulher (Collischonn; Schwindt, 2015, p. 49).

Outras explicações foram apresentadas acerca de tal marcação nos nomes. Todavia, a divisão entre palavras masculinas e femininas é comum a todas. No que se refere à existência de um gênero neutro, diferente do masculino genérico, Câmara Jr. reconhece unicamente na classe dos pronomes.

A segunda noção gramatical própria dos pronomes é a existência em vários deles de um gênero neutro em função substantiva, quando a referência é a coisas inanimadas. É o que assinala a série demonstrativa *isto, isso, aquilo*. Em outros, por outro lado, há formas específicas para seres humanos, como *alguém, ninguém* e *outrem* (Câmara Jr., 1999, p. 85).

Santana (2018, p. 50), no entanto, menciona o emprego de uma forma inovadora ao masculino genérico:

[...] a categoria *gênero* é inerente aos nomes no português e que pode ser determinada (i) morfologicamente, por flexão ou (ii) sintaticamente, por concordância; O gênero masculino é usado como forma genérica, mas já há uso de variantes inovadoras ao masculino genérico em contextos específicos no PB, como as construções coordenadas ou o uso da terminação *-e* como morfema de gênero neutro: “menines lindes”, por exemplo.

Em relação aos pronomes pessoais retos tradicionais, há flexão de gênero gramatical somente na terceira pessoa (*ele/ela, eles/elas*), exatamente o objeto de estudo deste trabalho. Partindo do mesmo princípio em que se basearam Câmara Jr. (1999), Collischonn e Schwindt (2015) e Santana (2018), de acordo com a prescrição gramatical, a neutralização nesses pronomes estaria presente no uso da terceira pessoa masculina do plural *eles*, que pode incluir, segundo Carvalho e Bagno (2023, p. 49):

- apenas o gênero masculino:
dois rapazes → *eles*
- os gêneros masculino e feminino:
uma filha e um filho → *eles*

Grande parte dos questionamentos referentes à utilização do gênero gramatical na linguagem está incluída nessa concepção da gramática tradicional apresentada pelos autores mencionados (Câmara Jr., 1999; Collischonn; Schwindt, 2015; Santana, 2018; Carvalho; Bagno, 2023). Para os críticos de tal uso, o emprego do masculino em situações em que nomes e pronomes fazem referência, também, a mulheres, por exemplo, não é adequado do ponto de vista da equidade entre os gêneros. Outro questionamento diz respeito a não existência de um pronome que represente, por exemplo, pessoas que não se identificam nem com o masculino nem com o feminino. Como fazer, então, referência a essas pessoas não binárias se *ele* ou *ela* não são

capazes de contemplá-las?

É possível perceber, até aqui, que o gênero gramatical vem sendo associado a questões de gênero e que a sociedade, ou parte dela, vem buscando formas de tentar atender às demandas daqueles que não se veem representados na sua própria língua. Dessa necessidade, surgiu o que se convencionou chamar de “linguagem neutra”, sobre a qual procuramos discorrer um pouco mais na próxima seção.

3.4.5 A Neutralização de Gênero

Vimos anteriormente que, quando nos referimos à neutralização do gênero gramatical, estudiosos como Câmara Jr. (1999) reconhecem a existência de um pronome neutro referente a coisas inanimadas (isto, isso, aquilo) e de um masculino genérico, cujo uso englobaria masculino e feminino. Tal neutralização, contudo, é uma questão bem diferente daquela apresentada na atualidade, em favor de uma linguagem neutra, mais próxima da visão apresentada por Santana (2018) e que engloba todas as formas alternativas ao uso do masculino genérico.

Iniciamos esta seção com a seguinte afirmação de Freitag (2024, p. 9): “Não existe linguagem neutra porque pessoas não são neutras, ou seja, pessoas expressam quem são e a que grupo pertencem. Logo, sempre que alguém fala está expressando, além da informação, a sua indexação a um grupo”. A fala da autora, com a qual concordamos, não vai de encontro aos usos recentes de formas que fogem aos padrões heteronormativos da linguagem. Ao contrário, ela se posiciona em prol de uma linguagem inclusiva, em que mulheres cis e pessoas da comunidade LGBTQIA+ possam se sentir representadas, mas discorda da denominação escolhida para tal ato linguístico, uma vez que o discurso empreendido está longe de ser neutro. E reafirma sua posição ao concluir que:

Não há neutralidade de gênero quando em referência a pessoas: não se identificar nem com masculino, nem com o feminino não é o mesmo que ser neutro em relação a gênero. Pessoas têm identidade, expressão e orientação quanto a seu gênero, seja em perspectiva binária, seja não binária, e são categorizadas por isso na sociedade, queiram ou não. Não existe neutralidade nesse processo: a partir do momento em que atribuímos nome a uma entidade e a inserimos em determinada categoria, passamos a atribuir valores positivos ou negativos e a definir seu lugar em escalas hierárquicas (Freitag, 2024, p. 28).

Várias tentativas de uso têm sido realizadas no sentido de construir um vocabulário que contemple tais anseios de representatividade. Alguns desses termos começam a fazer parte do vernáculo de grupos específicos, como a utilização de *todes* para se referir a pessoas que não se identificam com o padrão binário masculino/feminino ou substituir o masculino genérico *todos*. Outros enfrentam dificuldades de implementação, principalmente por restrições internas à língua.

Segundo Gumperz (1964, p. 138),

Em última análise, é o indivíduo quem toma a decisão, mas a sua liberdade de escolha está sempre sujeita a restrições gramaticais e sociais. As restrições gramaticais dizem respeito à inteligibilidade das sentenças; as restrições sociais estão relacionadas com a sua aceitabilidade³⁴ (tradução nossa).

Corroborando esse pensamento, Schwindt (2020) pesquisou abordagens de neutralização de gênero no PB na perspectiva do sistema linguístico. A partir da análise de quatro formas correntes de gênero inclusivo – (i) marcação do feminino nos substantivos comuns de dois gêneros, como em *a presidenta*; (ii) uso de feminino e masculino, como em *alunas e alunos*; (iii) inclusão de *x* e *@* ao final de nomes ou ampliação do uso do *-e*, como em *amigx, amig@, amigue*; e (iv) alteração na base de pronomes e artigos, como em *ile, le* – o autor chegou às seguintes conclusões:

a) Embora não seja um caso de neutralização, e até reforce a questão binária da língua, a marcação do feminino em (i) reflete uma luta das mulheres pela igualdade entre os gêneros. Apesar de alguns termos causarem mais estranheza do que outros, como *contribuinta* por exemplo, tal uso começa a ser inserido na sociedade;

b) Em (ii) também não há neutralização e, assim como em (i), reforça-se a binariedade da língua. Contudo, seu uso é mais recorrente nos discursos atuais, podendo se estender a todos os elementos do sintagma, como em “Caras alunas e caros alunos, pedimos a todas e todos que estejam interessadas/interessados em certificado que registrem seu pedido no primeiro dia do evento” (Schwindt, 2020, p. 15). Ainda que não haja restrições linguísticas a tal emprego, encontramos uma limitação pragmática, especialmente na oralidade quando os usuários tendem a

³⁴ Texto original: “Ultimately it is the individual who makes the decision, but his freedom to select is always subject both to grammatical and social restraints. Grammatical restraints relate to the intelligibility of sentences; social restraints relate to their acceptability”.

primar pela economia linguística;

c) Em (iii) encontramos realmente uma estratégia de neutralização de gênero, uma vez que a utilização dos caracteres *x* ou *@* e de *-e* ao final dos nomes é uma proposta de inclusão de uma terceira marcação de gênero que se somaria às já existentes na língua. No entanto, tais usos encontram significativas dificuldades de implementação. No que diz respeito aos caracteres, seu emprego só é possível na escrita, uma vez que não encontram representações no sistema fonológico do português, o que pode levar, inclusive, à exclusão de pessoas com deficiência visual e que se utilizam de leitores automáticos. Já em relação ao emprego de *-e*, geralmente pronunciado como *-i*, há maiores perspectivas de sucesso enquanto marcador de neutralidade, sendo sua maior restrição o fato de haver palavras masculinas e femininas constituídas por tal terminação, além do prejuízo à representatividade de formas como *presidenta* pelas quais as mulheres vêm lutando nas últimas décadas;

d) Com a proposta de alteração do sistema morfológico em (iv), pretende-se adicionar novos morfemas³⁵ ou alomorfes³⁶ de morfemas já existentes na língua. Trata-se de uma utilização ainda restrita, que envolve artigos e pronomes e que apresenta diferentes possibilidades estruturais. Por alterar o sistema linguístico, tal implementação necessitaria de uma aprendizagem formal, o que pode ser facilitado ou não a depender do seu grau de naturalidade entre os usuários.

Por fim, encerramos a apresentação do referido estudo com a seguinte afirmação do autor:

[...] uma gramática que conte apenas com *o/a/e* designando, respectivamente, masculino, feminino e não binário, ainda que amplie as possibilidades de representação linguística de entidades do mundo, seguirá não dando conta de todas as possíveis segmentações ou subsegmentações de gênero social (Schwindt, 2020, p.19).

No que se refere ao tema do uso do gênero neutro em PB, acolhemos o pensamento de que “À linguística deve interessar um entendimento claro sobre neutralização enquanto expediente formal das línguas naturais” (Schwindt, 2020, p.

³⁵ Dentro de uma palavra, o morfema seria a menor unidade dotada de significado. Como os prefixos, por exemplo.

³⁶ Alomorfes são formas diferentes que um mesmo morfema pode assumir sem alterar seu sentido. Por exemplo, os prefixos *in* ou *i* em *infeliz* e *imutável*, respectivamente.

23). Ou seja, não podemos, enquanto estudiosos da linguagem, ignorar um uso presente na língua. Contudo, como dito anteriormente nesta tese, na CP na qual realizamos este estudo, o emprego de LN não é recorrente, exceto pela utilização da forma *todes*, corroborando o exposto por Freitag (2024, p. 17), para quem “Há, na prática, pouquíssimo uso do que se tem chamado de ‘linguagem neutra’ na sociedade brasileira. Pouquíssimo e circunscrito a grupos muito específicos”.

Da mesma forma que foi necessário libertar a teoria feminista da “necessidade de construir uma base única e permanente” (Butler, 2003, p. 23), parece-nos necessário instigar que as várias maneiras de experienciar os gêneros sejam livremente vivenciadas, incluindo aqui os usos feitos da língua com toda sua gama de variações. A linguagem, seja ela binária, seja neutra, deve ser utilizada espontaneamente, voluntariamente, sem que seja imposta à comunidade LGBTQIA+, uma vez que, voltamos a afirmar, não podemos crer que uma linguagem única seja capaz de representar todos os sujeitos que constroem tal comunidade. Ou, segundo enunciava Butler (2003) sobre a categoria das mulheres e que nos parece dialogar perfeitamente com a atual discussão acerca dos vários gêneros que emergem (e ainda emergirão) na sociedade,

A hipótese de sua incompletude essencial permite à categoria servir permanentemente como espaço disponível para os significados contestados. A incompletude por definição dessa categoria poderá, assim, vir a servir como um ideal normativo, livre de qualquer força coercitiva (Butler, 2003, p. 36).

Conforme mencionado anteriormente, o emprego da LN não foi escolhido como objeto de análise deste trabalho devido a sua pouca ocorrência na CP observada. No entanto, consideramos relevante averiguar a avaliação que os sujeitos da pesquisa fazem do uso dessa linguagem que, de acordo com as atuais discussões mencionadas na introdução desta tese (p.16-17), deve(ria) representar uma comunidade da qual são integrantes. As figuras 7 e 8, a seguir, apresentam as questões sobre esse tema presentes no teste de avaliação linguística e na entrevista realizados ao final da pesquisa etnográfica.

Figura 7 – Questões sobre linguagem neutra presentes no TAL

05 – O quanto você considera frequente o uso da linguagem neutra dentro da comunidade LGBTQIA+?

Nada frequente	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Muito frequente
----------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------

06 – O quanto você considera frequente o uso da linguagem neutra fora da comunidade LGBTQIA+?

Nada frequente	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Muito frequente
----------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------

07 – O quanto você utiliza a linguagem neutra com pessoas de dentro da comunidade LGBTQIA+?

Não utilizo	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Utilizo muito
-------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	---------------

08 – O quanto você utiliza a linguagem neutra com pessoas de fora da comunidade LGBTQIA+?

Não utilizo	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Utilizo muito
-------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	---------------

09 – O quanto você considera necessário o uso da linguagem neutra em documentos oficiais?

Nada necessário	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Muito necessário
-----------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	------------------

10 – O quanto você considera necessário o ensino da linguagem neutra nas escolas?

Nada necessário	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Muito necessário
-----------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	------------------

Fonte: a própria autora.

Figura 8 – Questão sobre linguagem neutra presente no roteiro para entrevista

9. Há algum tipo de trabalho relativo à linguagem? Por exemplo, hoje se fala muito de pronome neutro, como *toades* ou *ili*. Você costuma usar essa linguagem? O que pensa sobre isso?

Fonte: a própria autora.

3.5 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

No presente capítulo, apresentamos as teorias que embasaram esta tese, sua metodologia de observação e de construção e análise de dados.

Demonstramos a importância da perspectiva variacionista laboviana para os estudos linguísticos e a relevância de trabalhos desenvolvidos por pesquisadores

brasileiros para a disseminação dessa concepção no Brasil. A divisão da Sociolinguística proposta por Penélope Eckert em três fases que ela denominou de *ondas* também foi destacada. Ao detalharmos as características de cada uma dessas fases, detivemo-nos um pouco mais na última delas, a chamada Terceira Onda. Por apresentar uma perspectiva estilística para o uso da variação linguística e por buscar o significado social de tal variação, essa terceira fase trouxe e/ou modificou conceitos relevantes dentro da Sociolinguística, sobre os quais também discorreremos, como: comunidade de práticas, estilo, identidade/*persona* e indexicalidade.

Por objetivarmos compreender a avaliação dos sujeitos da pesquisa sobre a variável em estudo, nós nos utilizamos dos conceitos de percepção e avaliação linguísticas, os quais estão diretamente relacionados aos de crenças e atitudes. Nosso interesse foi fazer com que os participantes refletissem a respeito da variável *ele/ela* para se referir a um homem cis gay e externassem objetivamente suas considerações. Alguns estudos sociolinguísticos que desenvolveram pesquisas embasadas nessas concepções (Lisboa, 2015; Oushiro, 2015; Sene, 2022; Oliveira, 2022) também estão descritos neste capítulo.

Do mesmo modo, questões sobre gênero e linguagem são aqui apresentadas. Destacamos a dificuldade de conceituar o que seja gênero (Butler, 2003) e optamos por utilizar o conceito adotado por estudos sociolinguísticos que seguem a perspectiva estilística, para os quais se trata de uma construção a partir de experiências vividas pelos sujeitos. Evidenciamos, ainda, a diferença entre as concepções de gênero, sexo e orientação sexual, objetivando esclarecer que tais termos não devem ser utilizados como sinônimos.

Também procuramos demonstrar que determinadas concepções de gramática estão diretamente relacionadas a diferentes ideias do que seja linguagem, e identificamos distinções entre os paradigmas formal e funcional das línguas. Apresentamos a finalidade da morfologia nos estudos linguísticos, bem como um apanhado geral sobre a classe gramatical dos pronomes pessoais retos, nosso objeto de estudo. Buscamos evidenciar, ainda, as normas historicamente constituídas para a marcação de gênero gramatical no português brasileiro e as noções de neutralização de gênero e de linguagem neutra presentes em discussões atuais no que se refere à representação dos sujeitos através da linguagem.

A relação linguagem x gênero permeia toda esta tese, uma vez que a variação *ele/ela* diz respeito exatamente a essa relação. Em vista disso, apresentamos, no

capítulo a seguir, algumas pesquisas que vêm sendo desenvolvidas acerca da linguagem utilizada por pessoas que compõem a comunidade LGBTQIA+ e sua importância na construção de sua(s) identidade(s)/*persona*(s), bem como aquelas que, de maneira mais ou menos intensa, dialogam com este texto.

4 QUEM CHEGOU LACRANDO³⁷

[...] as formas linguísticas não detêm nenhum poder, a não ser o atribuído pelas bocas e pelos ouvidos das pessoas: falar sobre significado sem levar em conta as pessoas que significam e as práticas da comunidade por meio das quais essas pessoas dão sentido às suas palavras é, na melhor das hipóteses, uma visão limitada.

(Eckert; McConnell-Ginet, 2010[1992], p. 106)

Estudos sociolinguísticos que buscam o valor social da variação vêm sendo desenvolvidos com maior frequência desde o início deste século. No Brasil, contudo, ainda são poucas as pesquisas filiadas a essa vertente e menos ainda as que se dispõem a analisar a variação existente na construção de identidades LGBTQIA+.

Neste capítulo, apresentamos, de forma cronológica, alguns desses estudos, com os quais dialogamos e que contribuíram para a elaboração do presente texto. Não à toa nomeamos o capítulo de *Quem Chegou Lacrando*, pois os autores aqui citados realmente *arrasaram* em suas pesquisas.

a) Iniciamos essas apresentações com o artigo **Diminutivos como marcadores de sexo/gênero**, de Ronald Beline Mendes, publicado em 2012 na revista *Linguística*.

Em 2007, o autor iniciou um estudo no qual a principal questão a ser respondida foi assim elaborada: “o que ouvimos na fala de uma pessoa que nos leva a categorizá-la como possivelmente gay?” (p. 113). Ao reproduzir cinco gravações de leituras de um mesmo texto feitas por cinco homens diferentes, Mendes pediu que cada informante atribuísse uma nota de 1 a 5 para cada leitura, sendo 1 a que soasse menos gay e 5 a que soasse mais gay, sem que nenhuma nota fosse repetida. Ao final, os entrevistados deveriam comentar as notas escolhidas. Alguns desses comentários estão reproduzidos na Figura 9.

³⁷ “**Lacrar** – V. 1. Arrasar ou mandar bem em algo que está fazendo” (Rodrigues; Andrade, 2023, p. 22).

Figura 9 – Comentários metalinguísticos sobre a fala gay

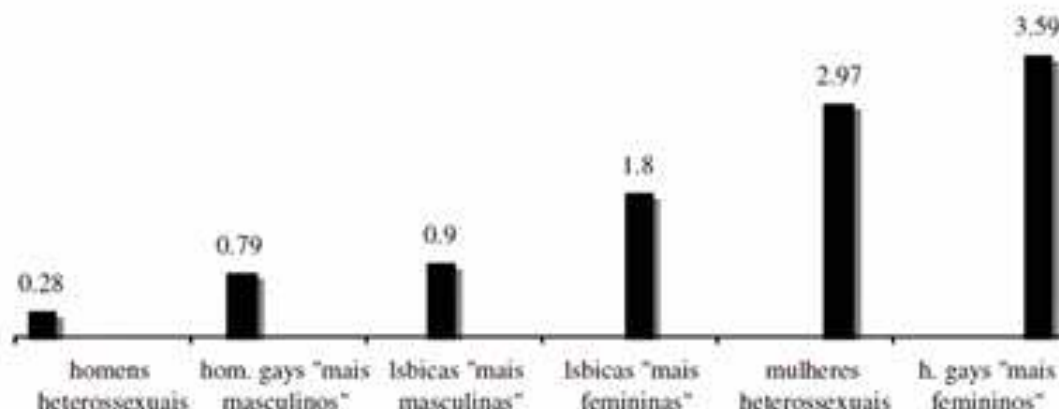
havia chamado sua atenção, no sentido de quais notas atribuiriam a quais leituras. As apreciações de natureza linguística mais recorrentes entre os diferentes entrevistados (aqui transcritas, entre aspas, do modo como apareceram na fala de alguns deles) foram: (i) “certas vogais parecem mais longas”; (ii) “a entonação ‘sobe e desce’ muito”; (iii) “as palavras são mais cuidadosamente pronunciadas; gays falam mais ‘direitinho’, cometem menos ‘erros’”; (iv) “homens gays e mulheres parecem usar diminutivos de maneira exagerada”. Apesar de sua metalinguagem, é inegável que essas descrições são bastante sofisticadas, especialmente considerando-se que, em princípio, os entrevistados não se haviam mostrado capazes de apontar fatos linguísticos que os levassem à percepção de que o sujeito-falante pudesse ser gay.

Fonte: Mendes, 2012, p. 114.

Entre os comentários expostos na Figura 9, o quarto levou o autor a decidir analisar mais a fundo a utilização de diminutivos como marca da fala de gays e de mulheres heterossexuais, dando início ao artigo que agora apresentamos. Tal escolha justificou-se pelo de fato de não haver nas leituras apresentadas, todas do mesmo texto, palavras no diminutivo. Isso sugere que a fundamentação dada pelos informantes nos comentários para as falas gays não partiu dos áudios apresentados, mas de percepções e avaliações sociolinguísticas que trouxeram de suas experiências de vida.

A partir de dados coletados entre os anos de 2009 e 2011 em 104 entrevistas sociolinguísticas realizadas com informantes da cidade de São Paulo, o autor concluiu que, de fato, mulheres heterossexuais e gays utilizavam o diminutivo de forma mais frequente do que homens heterossexuais e lésbicas, o que é demonstrado na leitura do gráfico presente na Figura 10. Tal verificação o levou a crer que o diminutivo poderia ser realmente uma marca da fala daqueles grupos.

Figura 10 – Gráfico da frequência de uso de diminutivos (por mil palavras)



Fonte: Mendes, 2012, p. 122.

No entanto, Mendes também atribuiu à percepção o baixo índice entre os dois últimos grupos, uma vez que “talvez sejam os homens heterossexuais (e algumas mulheres lésbicas) que, no esforço de marcar sua masculinidade, evitem o uso de certas formas linguísticas, tais como o diminutivo” (p. 123).

A pesquisa realizada pelo autor dialoga com esta tese na medida em que ambas buscam analisar a avaliação dos participantes sobre determinadas marcas linguísticas que constituem uma identidade gay e compreender como o uso ou não de determinadas variáveis são conscientemente utilizadas para performar tais identidades.

Nosso estudo também vai ao encontro do postulado por Mendes, para quem: “A conformidade com o padrão linguístico que define o grupo requer a percepção do que constitui um padrão, além da noção de que a linguagem funciona como ‘índice’ de afiliação social dos indivíduos a seu grupo” (p. 115). Nas respostas de alguns de nossos participantes, percebemos que o uso da variante *ela* se restringia a pessoas daquele grupo, como marca de identidade, e que começaram a utilizá-la a partir de seu ingresso na CP. Como demonstrado na transcrição a seguir.

2.E) Resposta dada à questão 11 da entrevista.

P.: Lá na ONG, em alguns momentos, vocês estavam conversando, vocês usavam ele ou ela pras mesmas pessoas.[...] Como é que é esse uso pra se referir a mesma pessoa? Por que tem essa diferença, às vezes é ele, às vezes é ela?

PAULO JUNIOR: Isso é principalmente do Poderosa. Como ele é uma pessoa muito espontânea, então ele... ele sempre tirava mais essa graça com o They. Saía espontâneo da boca dele e a gente ficava com esse negócio na cabeça e acabava usando também.

b) Em sua tese de doutoramento intitulada **Identidade na Pluralidade: avaliação, produção e percepção linguística na cidade de São Paulo**, defendida na Universidade de São Paulo em 2015, Livia Oushiro analisou, conforme mencionado na seção 3.3, quatro variáveis sociolinguísticas. Duas dessas variáveis são fonéticas: (i) a pronúncia de /e/ nasal como monotongo [ɛ̃] ou ditongo [ɛ̃ɨ], em palavras como *entendendo*; (ii) e de /r/ em coda silábica sendo realizada como tepe [r] ou retroflexo [ɻ], em palavras como *porta*; e duas morfossintáticas: (iii) a ocorrência ou não de concordância nominal de número, como em *os meninos/os menino*; (iv) e de concordância verbal de primeira e de terceira pessoas do plural, como em *nós viemos/nós veio e eles foram/eles foi*.

Os objetivos principais desse estudo foram analisar as relações entre os usos linguísticos e a expressão de identidades sociais, e a influência dos significados sociais desses usos em processos de variação e mudança linguística. Foi possível concluir, por exemplo, que o emprego de retroflexo por jovens de classe baixa reflete uma reinterpretação de seu significado social como uma variante local prestigiada, que os diferencia da população nortista e nordestina residente naquela cidade, cuja pronúncia é fricativa. A imagem (*persona*) que os entrevistados desejam projetar parece ser, então, um dos principais fatores para a utilização de determinadas variantes, o que vem ao encontro dos dados construídos para esta tese e que serão apresentados no Capítulo 6.

Embora também analise a percepção de seus entrevistados em relação às quatro variáveis em estudo, Oushiro aplicou um questionário com perguntas diretas a seus informantes. Essas perguntas exigiam respostas metalinguísticas, ou seja, tratou-se de uma atividade de avaliação linguística, na qual os entrevistados precisariam refletir sobre determinados usos, como nos exemplos presentes na Figura 11.

Figura 11 – Questões 31 e 38 da avaliação linguística

AVALIAÇÕES LINGUÍSTICAS (aprox. 10 min.)

- (31) Qual o sotaque do Brasil que você mais gosta? E tem algum que te irrita? Como é que (o gaúcho/o carioca/o mineiro/o caipira etc. – a depender dos sotaques mencionados) fala(m)?
- (38) O que você acha desse modo de falar: “Você tá entendendo o que eu tô dizendo?” (com “en” ditongado e exagerado). Se a pessoa manifestar uma atitude negativa, perguntar: Como você acha que deveria ser? O que tem de errado aí?

Fonte: Oushiro, 2015, p. 357-358.

Nosso teste de avaliação linguística foi baseado na técnica de diferencial semântico utilizada pela autora em questões como a presente na Figura 12. Embora o objetivo principal dessa técnica seja depreender a percepção (o que está abaixo do nível de consciência) dos informantes sobre determinados usos linguísticos (conforme descrito por Cyranka (2007) e exposto na seção 3.3), nos pareceu suficientemente eficaz para a construção dos dados necessários para nossa pesquisa.

Figura 12 – Questão do formulário de percepção linguística

Falante 1	
Para você, esta pessoa parece...	
falar muito devagar	falar muito rápido
muito tímida	bastante extrovertida
pouco escolarizada	bastante escolarizada
pouco inteligente	bastante inteligente
nem um pouco masculino	bastante masculino
mais casual	mais formal
mais hostil	mais amigável
nem um pouco paulistana	bastante paulistana
não ter sotaque	ter muito sotaque
ter poucos amigos	ter muitos amigos
morar num bairro mais periférico	morar num bairro mais central

Fonte: Oushiro, 2015, p. 368.

Podemos afirmar que a tese de Oushiro não só dialoga com nosso estudo no que diz respeito à análise da utilização de variáveis linguísticas para a construção de identidades, como também nos auxiliou na elaboração de nossos instrumentos para construção de dados.

c) O terceiro estudo que apresentamos é a tese de doutoramento de Mircia Hermenegildo Salomão-Conchalo, intitulada **A variação estilística na concordância nominal e verbal como construção de identidade social**, defendida em 2015 na Universidade Estadual Paulista.

Nessa pesquisa, a autora objetivou analisar como se davam as dinâmicas e as práticas sociais de dois grupos de estudantes de uma escola pública da cidade de São José do Rio Preto. Dentro dessas práticas sociais, ela observou se os processos variáveis de concordância verbal e nominal serviam como marcadores de construção de identidade das categorias sociais ideologicamente opostas de cada um desses grupos.

A partir de metodologia semelhante à utilizada por Eckert (1989) em sua pesquisa com os estudantes de Detroit, Salomão-Conchalo acompanhou por dois anos a rotina escolar de *ecléticos* e *funkeiros* (autodenominações atribuídas aos dois grupos observados na pesquisa). Após a análise dos dados coletados, pôde concluir que estes quase não faziam a marcação de pluralidade, como forma de mostrar seu caráter transgressor, enquanto aqueles usavam o recurso de plural como uma forma de se demonstrarem mais adultos.

O longo período de pesquisa participante nos parece ter sido fundamental para que a autora pudesse minimizar o chamado paradoxo do observador³⁸ e se fazer perceber como parte das comunidades que analisava. Com o *status* de membro, certamente pôde ter acesso a dados linguísticos que os informantes provavelmente não utilizariam com um simples observador, como demonstrado na figura a seguir.

Figura 13 – Trecho de entrevista realizada com membro do grupo dos *funkeiros*

- b. DOC.: *e qual que é o ambiente dessas festas assim?*
 INF⁵⁸.: *ai meu DEus*
 DOC.: *pode conta(r) ...*
 INF.: *putaria ... DROga ... bebida ... só isso rola ... mas é divertido para quem gosta tipo ... eu num bebo num fumo não faço nada ... pra quem não faz isso é divertido porque você só dança ... vê os oto caindo pro chão ... é legal sabe ... eu gosto de i(r) que eu casco o bico dos oto ... mais é leGAL ... mas sei lá ... a policia inva::de é difícil ... (EI-Fk/P./Fe/ L.125-131)*

Fonte: Salomão-Conchalo, 2015, p. 138.

³⁸ Paradoxo do observador: “o objetivo da pesquisa linguística na comunidade deve ser descobrir como as pessoas falam quando não estão sendo sistematicamente observadas – no entanto, só podemos obter tais dados por meio da observação sistemática” (Labov, 2008 [1972], p. 244).

Em alguns momentos da entrevista realizada com os alunos, a autora utilizou questões que se assemelham à técnica de diferencial semântico utilizada por Oushiro (2015) e na qual embasamos nosso teste de avaliação linguística (TAL), mas sem a opção da gradação, somente com os extremos, como demonstrado na Figura 14.

Figura 14 – Pergunta do questionário aplicado a *ecléticos* e *funkeiros*

1. Marque suas qualidades. Como você se classifica? Marque um X em cada coluna.

<input type="checkbox"/> Responsável	<input type="checkbox"/> Pensa no futuro	<input type="checkbox"/> Estudioso(a)	<input type="checkbox"/> Trabalhador(a)	<input type="checkbox"/> Egoísta
<input type="checkbox"/> Irresponsável	<input type="checkbox"/> Pensa apenas no hoje	<input type="checkbox"/> Não gosta de estudar	<input type="checkbox"/> Pouco Trabalhador(a)	<input type="checkbox"/> Generoso(a)

Fonte: Salomão-Conchalo, 2015, p. 308.

A tese de Salomão-Conchalo dialoga com a nossa principalmente na metodologia utilizada para a coleta de dados. Assim como a autora, estivemos presentes na CP que observamos por um período considerável de tempo e, com isso, também conseguimos ser consideradas integrantes dessa comunidade. Tal proximidade com os sujeitos da pesquisa possibilitou que nossa presença não estivesse associada ao estudo que realizávamos, embora fosse de conhecimento de todos o motivo de nossa inserção na ONG.

d) Na dissertação intitulada **Doutor e Outras Formas de Tratamento Direcionados aos Profissionais Jurídicos: análise de uma comunidade de prática à luz da terceira onda da sociolinguística**, defendida em 2015 na Universidade Federal Fluminense, Carla Mirelle de Oliveira Matos Lisboa analisou a variação do uso das formas de tratamento “você, senhor(a) e doutor(a)” direcionadas aos profissionais jurídicos em uma CP da Defensoria Pública de Niterói. A autora buscou analisar, também, a construção do significado social e as relações de poder que condicionam o uso de tais formas, uma vez que: “[...] nem sempre cabe ao falante optar por um tipo de tratamento e não outro, já que, em muitas situações ele é condicionado a escolher um tratamento conforme o papel social que ocupa, a quem se fala e onde se fala” (p. 15).

A partir de observação de base etnográfica realizada durante dois meses, a

autora gravou e transcreveu interações ali ocorridas, submetendo os dados ao programa Goldvarb X e concluindo que “prevalecem as relações de poder entre os membros que possuem posições hierárquicas distintas entre os seus cargos e relações de solidariedade entre aqueles que estão no mesmo nível da hierarquia profissional” (p. 09). Ou seja, os sujeitos observados alteram a maneira como se dirigem aos seus interlocutores a depender da posição social em que esses se encontram.

Também foram aplicados testes de autoavaliação, cujos resultados permitiram verificar por quais formas os profissionais jurídicos preferem ser chamados e a aceitação ou não de outros tipos de tratamento. Foi possível, ainda, concluir que algumas respostas dadas na realização dos testes evidenciaram divergências entre a imagem que os informantes possuem de sua própria atuação linguística e o que eles realmente praticam ao se utilizar da língua.

A dissertação de Lisboa dialoga com esta tese na medida em que ambas utilizam metodologias e objetivos semelhantes de pesquisa. A partir de abordagem etnográfica qualitativa, com gravações e transcrições de interações verbais ocorridas na CP observada, e quantitativa, com o cômputo de respostas a testes de avaliação linguística, os trabalhos objetivaram analisar a variação linguística enquanto mecanismo para a construção de identidades jurídicas, no caso da dissertação, e gays, no caso da tese.

e) O artigo de Elisa Battisti e Samuel Gomes de Oliveira, intitulado **Significados sociais do *ingliding* de vogais tônicas no português falado em Porto Alegre (RS)**, foi publicado na revista *Todas as Letras*, em 2016. Nele, os autores analisam a construção e a manutenção de identidades em comunidades de práticas, baseando o estudo do significado social da variação linguística na prática estilística, concebida como negociação, interpretação e produção de estilos.

O que os autores denominam de *ingliding* é a realização alongada e ditongada de vogais tônicas, como em *voc[e]~voc[ee]*, *aqu[i]~aqu[ie]*, *av[o]~av[oe]*, *t[u]do~t[ue]do*. A partir da análise de testes de percepção, avaliação e atitudes linguísticas, concluíram que tal variável, para pessoas que não são de Porto Alegre, é tida como um estereótipo (Labov, 2008[1972]), ou seja, é mais consciente e está sujeita a comentários. Já para as pessoas pertencentes à comunidade, trata-se de um marcador (Labov, 2008 [1972]), uma vez que é menos consciente e parece contribuir

na construção de um estilo.

Os pesquisadores concluíram, ainda, que os dados analisados sugerem que o *ingliding* indexicaliza vários significados potenciais (demonstrados na Figura 15) a depender das práticas sociais em que é empregado e que sua utilização ou não faz parte da construção de personas. Em outras palavras, os usuários que querem apresentar uma *persona* descontraída ou descolada, por exemplo, empregam a variável, ainda que inconscientemente.

Figura 15 – Campo indexical do *ingliding* no RS



Preto = significados associados à presença de *ingliding*.
Cinza = significados associados à ausência de *ingliding*

Fonte: Battisti; Oliveira, 2016, p. 24.

De acordo com os autores, esses significados não são fixos, mas dependem da perspectiva dos sujeitos, do contexto, das identidades e estilos construídos em determinada CP.

O estudo de Battisti e Oliveira dialoga com nossa pesquisa por ambos buscarem compreender a avaliação que seus informantes fazem das variáveis em estudo, presença ou ausência de *ingliding*, no artigo, e uso de *ele/ela*, nesta tese; e como tais variáveis são ou não utilizadas na construção de sua(s) identidade(s)/*persona*(s). A leitura do artigo nos auxiliou, ainda, na elaboração do campo indexical do uso de *ela*, presente no Capítulo 6.

f) O artigo **Autopercepção e identidade linguística em comunidades de prática gays em Salvador, Bahia**, publicado em 2017 na revista *Sociodialeto* por Dannel da Silva Carvalho e Rafael Gurjel Almeida, apresenta um recorte do projeto denominado “A língua na diversidade: um estudo sociolinguístico de gays soteropolitanos”, desenvolvido na Universidade Federal da Bahia.

O objetivo do trabalho aqui apresentado foi examinar a produção linguística de dois homens gays pertencentes a regiões socioeconômicas distintas da cidade de Salvador (Orla e Centro), bem como suas percepções sobre expressões tradicionalmente depreciativas relacionadas à identidade gay, como *bicha*, *viado* e *passiva*.

Os informantes possuem idades de 18 e 25 anos e foram gravados em dois momentos distintos: uma entrevista sociolinguística e uma conversa entre amigos. Dessas gravações e das observações dos pesquisadores foram extraídos os dados analisados e que levaram às seguintes conclusões:

- (i) somente o morador da região da Orla faz uso frequente das expressões mencionadas, ressignificando-as e demonstrando sua afiliação à comunidade LGBTQIA+;
- (ii) o sujeito pertencente ao Centro não somente evita fazer tais usos, como compara ser chamado de *viado* a uma ofensa racista, evidenciando seu sentimento negativo em relação à linguagem em estudo, conforme evidenciado na Figura 16.

Figura 16 – Trecho de entrevista sociolinguística com morador do Centro

9) [...] eu não ligo se alguém chegar pra mim e chamar de bê, de binho, de binha tal, **mas viado eu acho um palavrado muito ofensivo, né, é como... É como chegar pro negro e chamar de passo preto, como chamar o negro de... comé de... urubu coisa do tipo.** (Inf01Cp4l35 – entrevista).

Fonte: Carvalho; Almeida, 2017, p. 92.

Dito de outro modo, a indexicalização em relação às expressões relacionadas à identidade gay é positiva para o morador da Orla e negativa para o habitante do Centro.

O estudo de Carvalho e Almeida, embora seguindo uma metodologia diferente, dialoga com esta tese principalmente por procurar compreender os significados sociais que a chamada “linguagem gay” desperta em homens cis pertencentes à comunidade LGBTQIA+, assim como por buscar entender a forma como esses significados são indexicalizados nessa linguagem.

g) Em sua dissertação de mestrado intitulada **Varição de Gênero Gramatical como Indicador de Identidade Gay**, apresentada à Universidade Federal de Santa Catarina em 2018, Wenderson Phelipe da Silva Santana investigou o uso da variável “gênero gramatical em predicação” por um grupo de homens gays.

A partir dos critérios: condição biológica do sexo masculino, orientação homoafetiva e identificação com o gênero social masculino, foram selecionados doze informantes. Pelo grau de proximidade com o entrevistador (seis amigos próximos e seis desconhecidos) e pela idade (seis entre 18 e 30 anos, e seis acima de 35 anos), esses sujeitos foram divididos e formaram quatro células sociais com três indivíduos em cada célula, conforme demonstrado na figura a seguir.

Figura 17 – Constituição das células sociais

- (1) [I- P+]⁴⁶: informantes mais jovens e amigos do entrevistador;
- (2) [I- P-]: informantes mais jovens e desconhecidos do entrevistador;
- (3) [I+ P+]: informantes mais velhos e amigos do entrevistador; e
- (4) [I+ P-]: informantes mais velhos e desconhecidos do entrevistador.

Fonte: Santana, 2018, p. 75.

Segundo o autor, a análise dos dados recolhidos dessa amostra permitiu concluir que:

[...] o gênero gramatical masculino é o gênero padrão da linguagem predicativa dos homens gays cisgêneros. Mas o gênero feminino concorre com o masculino nas estruturas predicativas desses indivíduos quando uma série de fatores extralinguísticos emerge simultaneamente e motiva o uso da forma feminina, a saber: (i) quando o contexto interacional é de informalidade; (ii) quando os agentes da interação têm uma relação de muita proximidade; e (iii) quando os falantes são mais jovens: abaixo de 42 anos de idade, segundo a nossa amostra (p. 94).

O diálogo entre a dissertação de Santana e esta tese é profícuo em muitos aspectos, entre os quais podemos citar as conclusões a que o autor chegou em sua pesquisa; a temática da variação linguística enquanto marca identitária de homens gays; e a metodologia utilizada, que inclui testes de avaliação linguística com questões semelhantes, tal qual demonstrado nas figuras 18 e 19.

Figura 18 – Trecho do teste de atitude de Santana

7) O que você esperaria ouvir de um amigo gay com que você tem proximidade: *cansado* ou *cansada*?

8) Você acha que tem alguma diferença entre falar uma forma ou outra? Qual?

9) Caso você se encontrasse em contexto de maior formalidade ou fosse falar com um desconhecido (de qualquer gênero), preferiria usar *cansado* ou *cansada*?

10) Você julga essa variação entre o uso de adjetivos flexionados no feminino (*cansada*) e no masculino (*cansado*) como uma marca da linguagem gay?

Fonte: Santana, 2018, p. 121.

Figura 19 – Trecho do TAL desta tese

11 – O quanto você considera comum/normal/natural o uso do termo ELA por um homem gay para se referir a outro homem gay em um encontro informal entre amigos?

Nada comum/normal/natural	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Muito comum/normal/natural
------------------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-------------------------------

12 – O quanto você considera comum/normal/natural o uso do termo ELA por um homem heterossexual para se referir a um homem gay em um encontro informal entre amigos?

Nada comum/normal/natural	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Muito comum/normal/natural
------------------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-------------------------------

13 – O quanto você considera comum/normal/natural o uso do termo ELA por um homem gay para se referir a outro homem gay em uma reunião formal de trabalho?

Nada comum/normal/natural	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Muito comum/normal/natural
------------------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-------------------------------

Fonte: a própria autora.

Uma vez que nosso teste foi elaborado antes do contato com a dissertação do autor, podemos considerar que percorremos caminhos muito próximos para alcançar os objetivos propostos em nossos estudos, que dialogam, ainda, no fato de nossas entrevistas corroborarem sua afirmação de que:

[...] indicou-se que os usos linguísticos comumente associados à fala gay, especialmente à fala gay mais feminina, se reservam à constituição e exibição da *persona* gay dos sujeitos e, portanto, não devem, em princípio, compor a linguagem desses indivíduos nos demais âmbitos de sua vida pessoal, profissional e social, sob pena de estigmatização, inclusive, por parte de outros indivíduos gays (p. 71-72).

Os participantes de nossa pesquisa são homens cis e, em muitas de suas falas, podemos perceber que, assim como o exposto por Santana, também veem com alguma ressalva o uso de uma linguagem gay³⁹. As transcrições abaixo comprovam esse pensamento.

3.E) Respostas dadas pelos participantes They e Poderosa à questão 18 do nosso roteiro para entrevista.

P.: Tu falaste ainda há pouco que tu não gostas muito de usar essa linguagem é...diferente... neutra. É... assim né? Que que te incomoda na fala ou em linguagens que sejam específicas da comunidade LGBTQIA+?

THEY: Olha, como eu te falei. Quando a gente tá na brincadeira eu até (risada) relevo, eu brinco, mas assim geralmente eu não gosto de [...], tem muitas gírias que eu num... eu nem entendo, confesso que eu nem entendo. Falo... mas algumas coisas entre amigos, assim, mas se estiver em local público, eu não gosto muito de... da pessoa chegar e fazer escândalo e falar alto. Porque eu acho que ninguém precisa saber da tua vida, né? Tem gente que não, que gosta de se expor, né? Já gosta de chegar chegando mesmo. Mas assim... eu não sou contra quem queira usar, mas eu não gosto de usar.

P.: Tem alguma coisa na fala das pessoas que são da comunidade LGBTQIA+ que te incomoda? Na... na forma de falar, em fim alguma coisa na linguagem que te

³⁹ Nesta tese, compreendemos o termo *linguagem gay* tal qual apresentado por Santana (2018, p. 53): “[...] conjunto de usos linguísticos dos quais se apropriam os diferentes sujeitos cuja identidade sexual é orientada pela homoafetividade”.

incomoda?

PODEROSA: Olha, a mim não incomoda, entendeu? Algumas outras pessoas incomoda, sabe? Eu vejo muito essa colocação. Às vezes dá pra você se posicionar e defender, às vezes é melhor você ficar calado, às vezes realmente tem que reconhecer que há um exagero, sem necessidade. [...] até mesmo pessoas da comunidade acaba se incomodando porque dentro da comunidade tem vários estilo, né? E tem pessoas que se incomodam com as outras pessoas da própria comunidade. Eu sei que existe.

Em relação ao uso do gênero gramatical feminino, nossos resultados divergem dos de Santana no que se refere à faixa etária, pois o autor verificou que tal emprego acontece somente na fala de homens gays com menos de 40 anos. Nos nossos dados, observamos que o uso da variante *ela* ocorre também com sujeitos acima de 50 anos, conforme será demonstrado no Capítulo 6.

h) Em sua dissertação de mestrado intitulada **O Vocativo numa Comunidade de Prática Gay de Serra Talhada-PE: descrição e uso**, defendida em 2019 na Universidade Federal de Pernambuco, Jamilys Maiara da Silva Nogueira se propôs a estudar vocativos como *bicha*, *viado* e *mulher* dentro de uma comunidade gay.

Fazendo uso de instrumentos como: gravador, ficha social e diário de campo, a autora analisou a fala de nove homens cis gays do sertão pernambucano, com idades entre 18 e 28 anos e mesmo nível de escolarização. Foram considerados três contextos de interação distintos: a entrevista sociolinguística, a conversa entre amigos e o ambiente de trabalho.

Assim como nesta tese, Nogueira foi a campo sem um objeto de pesquisa selecionado, somente com a comunidade de práticas definida. O uso do vocativo foi escolhido entre os fenômenos salientes que apareceram no *corpus* após a etapa de coleta dos dados.

Segundo a autora, os vocativos *bicha* e *viado* são comumente usados fora da comunidade LGBTQIA+ como adjetivos depreciativos para pessoas que não sejam heterossexuais, ou seja, para “apontar quem era desviante da norma” (p. 75), corroborando o que foi dito no artigo de Carvalho e Almeida (2017). Contudo, a comunidade investigada passou a empregá-los como vocativo, funcionando “como

marcas de referência específicas de identidade” (p. 75).

Assim como a variante *e/la* na comunidade observada para a elaboração desta tese, Nogueira identificou o uso do substantivo *mulher* para se referir a homens gays (como demonstrado na Figura 20), ressignificando a referência de gênero, uma vez que tal palavra, teoricamente, deveria ser empregada somente para referir-se a pessoas do gênero feminino.

Figura 20 – Trecho de transcrição de gravação em contexto de conversa entre amigos

b) *Mulhé, eu com um short desse tamanho, me respeita!*³⁵ (inf05 – contexto: conversa entre amigos)

Fonte: Nogueira, 2019, p. 67.

Após sua análise, a autora concluiu que:

- (i) há uma ordem diferente na localização do vocativo, a qual não é descrita nas gramáticas;
- (ii) o contexto de interação influencia a variação estilística do informante;
- (iii) a interação com amigos propicia a produtividade dos vocativos e a rede social dos informantes interfere nos usos;
- (iv) a comunidade de práticas não pode ser definida apenas geograficamente;
- (v) os vocativos em análise expressam marca de identidade e/ou afiliação a um grupo específico;
- (vi) a identidade individual e/ou grupal é performada nos usos linguísticos como forma de resistência e manutenção de uma identidade social.

Nosso estudo também dialoga com o de Nogueira (2019) por, assim como ela, reconhecermos que:

A respeito dessa marcação de gênero no feminino na “fala gay”, podemos considerar dois fatos, i) uma marcação por estilo, sendo que, provavelmente, tenha sido uma escolha individual feita em algum momento e acolhida e repetida por um grupo, que culminou em um uso consciente de tais formas linguísticas e em ii) um ato político. Logo, os usos conscientes dessas formas, ou seja, escolher usá-las, é uma forma de subverter os padrões impostos e reproduzidos pela heteronormatividade (e pelo patriarcado) (p. 82).

i) Em sua dissertação de mestrado intitulada **Usos Linguísticos de Lésbicas e de Gays: questões de identidade e estilo**, apresentada à Universidade Federal de Santa Catarina em 2020, Ana Beatriz Oliveira Ribeiro analisou “as percepções dos sujeitos de pesquisa acerca da(s) possível(is) identidade(s) lésbica(s) e gay(s) e também acerca da fala como marcador dessa(s) identidade(s), bem como se há e quais seriam os usos linguísticos associados a lésbicas e gays” (p. 8).

A autora constituiu sua amostra a partir de entrevistas realizadas com oito participantes da comunidade LGBTQIA+, quatro mulheres autodeclaradas lésbicas e quatro homens autodeclarados gays, todos nascidos no Rio Grande do Sul, com idade entre 20 e 40 anos e ensino superior, ainda que incompleto. Tais entrevistas foram realizadas em duplas e suas questões formuladas com o intuito de responder às perguntas de pesquisa indicadas nos objetivos da dissertação. Na figura a seguir, apresentamos exemplos das indagações realizadas durante essas inquirições.

Figura 21 – Questões do roteiro de entrevista/mediação

4.2) Quais características relacionadas a lésbicas e gays vocês acreditam estarem no imaginário popular? Elas coincidem com aquelas que vocês apontaram anteriormente? Vocês acham que existem, no imaginário popular, traços que são exagerados, vistos como caricatura, ou estereotipados? Quais seriam? (modos de pensar, modos de se impor, gestos, vestimenta, tatuagem, piercing, etc)

4.3) Vocês acreditam que há diferentes “tipos” de lésbicas e gays? Como vocês classificariam esses tipos? Com qual tipo vocês, por ventura, se identificam?

Fonte: Ribeiro, 2020, p. 153.

Após analisar os dados obtidos em sua pesquisa, a autora chegou às seguintes conclusões sobre os sujeitos observados:

- (i) demonstraram não perceber a existência de uma única identidade lésbica ou gay, mas uma pluralidade de identidades;
- (ii) afirmaram se sentir confortáveis em expor suas identidades somente diante de pessoas pertencentes à comunidade LGBTQIA+ ou com as quais tenham bastante intimidade, assim como em locais frequentados por esses indivíduos;
- (iii) consideraram que a fala é um marcador de estilo e identidades lésbicas e gays e que há usos linguísticos que caracterizam essa comunidade.

A dissertação de Ribeiro dialoga com esta tese na medida em que ambas buscam refletir acerca da fala de sujeitos da comunidade LGBTQIA+ e a forma como essa fala é utilizada na construção de sua(s) identidade(s)/*persona*(s). No entanto, diferem quanto à metodologia de pesquisa utilizada.

Na dissertação, os dados foram obtidos unicamente através de entrevistas, enquanto na tese utilizamos a pesquisa etnográfica participante para gravações de interações na CP durante um período de quase dois anos, assim como a aplicação de entrevista e de teste de avaliação linguística. Ribeiro, ao escolher os participantes de seu estudo, possuía um objeto de pesquisa em mente: a percepção dos sujeitos acerca da identidade linguística de lésbicas e gays; enquanto em nosso trabalho, iniciamos as observações sem um objeto de estudo, o qual foi definido após algum tempo de participação na comunidade. Para a dissertação, foram estipulados três critérios para a seleção dos informantes: origem, faixa etária e escolaridade; enquanto para a tese, os sujeitos não foram estratificados, sendo necessárias somente a participação frequente nas atividades observadas e a utilização da variável em estudo.

Tais distinções demonstram que pesquisas sociolinguísticas de Terceira Onda possuem metodologia flexível, que deve atender às demandas e às características da CP observada, com uma ordenação construída pelo pesquisador participante.

j) A tese de doutoramento de Marcus Garcia de Sene, **A percepção sociolinguística de gênero e sexualidade: efeitos da duração de /s/ e do *pitch* médio**, apresentada à Universidade Estadual Paulista em 2022, objetivava verificar “se a duração de /s/ final e o *pitch* médio estão entre as variáveis linguísticas que se correlacionam à percepção de que um homem soa mais ou menos masculino, mais ou menos gay” (p. 16).

Para alcançar tal objetivo, o autor desenvolveu experimentos do tipo *matched guise*. O primeiro foi elaborado a partir da fala de quatro informantes do projeto SP2010, cujos pseudônimos são Carlos, Robson, Jaime e Lucas. Para compor os estímulos (ou disfarces) relacionados ao alongamento de /s/, selecionou trechos, na entrevista sociolinguística de cada um dos falantes, priorizando aqueles em que houvesse, pelo menos, dois tokens de /s/ em posição de coda final. Em seguida, manipulou os trechos no Praat⁴⁰, para aumentar a duração da fricativa criando,

⁴⁰ “O PRAAT é um software aberto utilizado em análise e síntese da fala. O programa foi desenvolvido pelos linguistas Paul Boersma e David Weenink, do Departamento de Fonética da Universidade de

alternadamente, duas versões de cada trecho: uma em que /s/ permaneceu original e outra em que a duração foi aumentada digitalmente. Depois, o autor dividiu os oito áudios em dois grupos, conforme a figura a seguir.

Figura 22 – Grupos de áudios apresentados aos participantes

C1	C2
Lucas - /s/ original	Lucas - /s/ longo
Carlos - /s/ longo	Carlos - /s/ original
Jaime - /s/ original	Jaime - /s/ longo
Robson - /s/ longo	Robson - /s/ original

Fonte: Sene, 2022, p. 92.

Após a elaboração do experimento, o autor utilizou as redes sociais para a divulgação da pesquisa, que contou com a participação de 122 ouvintes. Desses participantes, 62 ouviram o grupo de sons C1 e 60, ouviram o C2. Após a audição, preencheram o formulário de escala de diferenciais semânticos presente na Figura 23.

Amsterdã, e o seu foco principal é a análise sonora, através de parâmetros como frequência, comprimento de onda, decibéis etc.” (Fonética e Fonologia. Disponível em: <https://fonologia.org/fonetica-acustica-praat/>).

Figura 23 – Questões do roteiro de entrevista/mediação

Esse cara (da voz) parece *

	1	2	3	4	5	6	
Nada escolarizado	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Muito escolarizado
Nada amigável	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Muito amigável
Nada gay	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Muito gay
Nada formal	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Muito formal

Fonte: Sene, 2022, p. 95.

A partir da análise dos dados coletados, Sene concluiu que, no disfarce com /s/ alongado digitalmente, todos os informantes foram percebidos como homens que soam mais gay e menos masculinos.

Para compor o segundo experimento, o autor gravou entrevistas com oito informantes e recortou um trecho de 20 a 30 segundos no qual tratavam sobre suas preferências climáticas. Em seguida, manipulou todos os trechos em +30Hz, permitindo, assim, que todos os falantes tivessem um trecho de suas vozes manipuladas na mesma direção: uma voz mais “aguda” do que a “original”. Depois, aplicou uma outra escala de diferencial semântico, da qual obteve os dados que o levaram a concluir que sete dos oito informantes foram percebidos como falantes que soam mais gays e menos masculinos, quando ouvidos no disfarce com *pitch* médio

+30Hz.

A tese de Sene dialoga com nosso trabalho pois, além de analisar questões que dizem respeito à linguagem e gênero, busca compreender o significado social que “falas gays” podem apresentar, para ouvintes, na pesquisa do autor, e para os falantes, no caso deste estudo.

4.1 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

No presente capítulo, apresentamos estudos que contribuíram para a produção desta tese e que são referências recentes (e *lacrativas*) de como se tem realizado pesquisas sociolinguísticas dentro de uma perspectiva estilística em solo brasileiro. São artigos, dissertações e teses que exibem maneiras distintas de, sistematicamente, verificar o significado social da variação linguística. Esperamos poder nos juntar a eles e também auxiliar nessa compreensão.

Para alcançar esse propósito, apresentamos, no capítulo a seguir, a metodologia utilizada para a realização desta pesquisa, que se classifica como etnográfica participante; a escolha da comunidade de práticas e do objeto de análise; a transcrição de áudios e vídeos por nós gravados e daqueles postados em grupos de WhatsApp e redes sociais da ONG Arte pela Vida; a construção e aplicação do questionário sociocultural, do TAL e do roteiro para entrevista; e a forma como realizamos a análise de nossos dados.

5 ACUENDANDO⁴¹

Em um trabalho de variação como prática social, a identificação de parâmetros prontos, dados de antemão, implica uma contradição metodológica, haja vista que é a partir da pesquisa etnográfica que se constroem os parâmetros.

(Camacho; Salomão-Conchalo, 2016, p. 52)

No presente trabalho, utilizamos a etnografia como metodologia para construção do objeto de estudo e dos aspectos e elementos ligados a ele. Por termos na observação a maior ferramenta desse tipo de pesquisa, nomeamos este capítulo de *Acuendando*, pois foi o que fizemos por quase dois anos.

Esta tese apresenta-se à linha de pesquisa da Sociolinguística Variacionista em sua perspectiva estilística, adotando uma abordagem quantitativa/qualitativa, com foco na reflexão sobre o significado social da variação linguística e seu papel na construção de personas de membros da ONG Arte pela Vida.

Freitag, Martins e Tavares (2012, p. 923) assim descrevem a metodologia a ser utilizada em estudos dessa vertente:

[...] combinam a metodologia quantitativa, presente nas ondas anteriores, o *corpora* constituídos de modo a contemplar a dimensão mais cotidiana (o que não é necessariamente captado pela entrevista sociolinguística), com observações participantes, por exemplo.

No entanto, antes de descrever a metodologia utilizada nesta pesquisa, preciso dizer que a vontade de adentrar o universo da Terceira Onda da Sociolinguística surgiu ainda em 2018, ao participar do V CIDS (Congresso Internacional de Dialetoлогия e Sociolinguística), realizado na Universidade Federal da Bahia.

Nesse evento, Raquel Freitag, Mírcia Salomão-Conchalo, Dannel Carvalho e Elisa Battisti (autores cujos trabalhos embasam esta pesquisa) participaram da mesa redonda “Estudos de Terceira Onda: espaços e significados sociais da diferenciação linguística”. Eu estava no congresso para apresentar dados da minha dissertação do Mestrado Profissional em Letras (Profletras), voltada para a Sociolinguística Educacional, que seguia a metodologia laboviana de coleta de dados e que trouxe

⁴¹ “**Acuendar** – V. [...] 3. Observar” (Rodrigues; Andrade, 2023, p. 14).

resultados muito significativos para meu trabalho em sala de aula. Mas, até aquele momento, ainda não havia tido contato com os estudos de Penélope Eckert e a perspectiva estilística.

Foi como se a fala dos componentes da mesa acendesse uma luz e eu pensei: “Égua! Isso faz muito sentido!” (Sim, sou de Belém do Pará.).

Após o término do congresso, voltei para casa (na época estava morando em Londrina), concluí e defendi minha dissertação, que então já sabia ser de Primeira Onda, embarquei de volta para Belém e continuei minha vida como professora (agora mais bem teorizada) da rede pública de ensino.

Quando fui aprovada, em 2020, para cursar o doutorado em Estudos da Linguagem na UEL, a única certeza que eu tinha era que queria, não, que precisava desenvolver uma pesquisa dentro da perspectiva da Terceira Onda. Minha orientadora, que já iniciara a instrução de algumas teses sob esse prisma, abraçou minha decisão e partiu junto comigo nesta aventura.

Começamos a ler tudo o que encontramos sobre o tema e nos inscrevemos em todos os eventos e cursos dos quais pudéssemos participar (lembrando que estávamos em plena pandemia de Covid 19) e que ampliassem nossa visão sobre o assunto. Em 2021, organizamos, de forma *on line*, um seminário avançado sobre metodologias sociolinguísticas, com ênfase na forma como ocorre a coleta de dados em estudos de Primeira e Terceira Ondas. Nesse evento, contamos com a participação das professoras Ana Maria Cestero Mancera – Universidad de Alcalá (UAH), Cláudia Regina Brescancini – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Jacqueline Ortelan Maia Botassini – Universidade Estadual de Maringá (UEM), Marília Silva Vieira – Universidade Estadual de Goiás (UEG), e do professor Ronald Beline Mendes – Universidade de São Paulo (USP), que contribuíram significativamente na construção de nossos próximos passos.

Depois desse primeiro percurso e de superar o receio de sair a campo sem um objeto de estudo definido, uma vez que “[...] nesse tipo de abordagem variacionista, as categorias de análise não podem ser definidas *a priori*” (Lacerda; Görski; Paza, 2022, p. 21), decidimos partir em busca de uma comunidade de práticas. Optamos por um espaço que, além de fatos linguísticos, nos trouxesse questões sociais com as quais pudéssemos contribuir durante a elaboração do trabalho. De acordo com Veloso (2014, p. 08), devemos observar locais de interação que

estão vinculados às atividades compartilhadas pelos indivíduos, locais em que os significados sociais emergem pela linguagem, pois acreditamos que as escolhas linguísticas estão, em grande medida, relacionadas à(s) identidade(s) que o falante constrói nessas interações.

Através da indicação de uma amiga, chegamos até a ONG Arte pela Vida, descrita no segundo capítulo desta tese, e o grupo de capoeira “Eu Sou Angoleiro - Terra Firme”, localizado em um bairro da periferia de Belém. Fomos muito bem recebidas em ambas as comunidades e chegamos a propor realizar a pesquisa nas duas. Mas, ao perceber que, dentro do grupo de capoeira, teríamos menos material linguístico para trabalhar, pois as atividades eram obviamente mais corporais do que verbais, e pelos motivos já expostos no capítulo *O Fervo Observado*, a ONG Arte pela Vida se tornou o *locus* de nossa pesquisa.

Por trabalhar com a variação a partir da perspectiva estilística na construção das identidades dos sujeitos em diferentes situações de interação e por aceitar que essas identidades são múltiplas, acolhemos o seguinte pensamento de Oushiro (2019, p. 322) acerca da metodologia de análise: “Ao assumir que identidades sociolinguísticas são múltiplas e dinâmicas, faz-se necessário aplicar métodos variados, objetivos e replicáveis para validação das correlações entre a variação estilística, percepções e identidades”. Para compor nosso instrumental metodológico, então, utilizamos (i) a pesquisa etnográfica participante, (ii) o questionário sociocultural; (iii) a entrevista sociolinguística e (iv) o teste de avaliação linguística (descritos nas seções 5.1 e 5.2) para a construção de nossos dados.

5.1 A PESQUISA ETNOGRÁFICA PARTICIPANTE

Como exposto na seção 3.2.1.2, a pesquisa etnográfica começou a ser utilizada nos estudos sociolinguísticos em trabalhos de Segunda Onda, nos quais se buscava relacionar valores gerais a valores locais atribuídos a determinadas variáveis linguísticas.

De acordo com Casimiro (2021, p. 38):

[...] Mendonza-Denton (2006, p. 478) salienta que os estudos quantitativos em larga escala falham em identificar atores sociais competentes, que revelam usos criativos da língua para atingir seus próprios interesses. Pesquisas etnográficas são bem mais vantajosas,

nesse sentido, já que olham para práticas situadas e para participantes orientados pela interação.

A partir dos estudos de Terceira Onda e da busca pelo significado social na utilização estilística da língua enquanto instrumento de construção da(s) identidade(s) de sujeitos. Contudo, o conceito desse tipo de pesquisa foi ampliado. O pesquisador deixa de ser somente observador, sendo introduzido como participante na comunidade em que está inserido. Severino (2007, p. 119) assim define a *pesquisa etnográfica*:

3.4.2. Pesquisa etnográfica

A pesquisa etnográfica visa compreender, na sua cotidianidade, os processos do dia-a-dia em suas diversas modalidades. Trata-se de um mergulho no microssocial, olhado com uma lente de aumento. Aplica métodos e técnicas compatíveis com a abordagem qualitativa. Utiliza-se do *método etnográfico*, descritivo por excelência.

Ao realizar uma pesquisa etnográfica na qual nos tornamos parte da comunidade de práticas observada, compartilhando do dia a dia de seus membros, participando das ações realizadas, opinando nas reuniões e debates, ela se torna uma pesquisa etnográfica participante.

Assim, a observação participante é a principal estratégia de coleta de dados na pesquisa etnográfica. É por meio da observação que os etnógrafos reúnem dados básicos para a pesquisa, que podem ser complementados com entrevistas, análises de textos e de outros documentos. Observando o contexto, o etnógrafo poderá apreender o que está ocorrendo, como está ocorrendo e o porquê (Mainardes, 2009, p. 101).

Ataídes, Oliveira e Silva (2021), baseados em Lopes (1999), apresentam, na figura a seguir, as fases que constituem uma pesquisa etnográfica.

Figura 24 – Fases da investigação etnográfica



Fonte: Ataídes; Oliveira; Silva (2021, p. 141)

Trata-se de um percurso mais longo do que aquele trilhado pelos estudos de Primeira Onda, realizados, geralmente, a partir de entrevistas sociolinguísticas. O tempo necessário para a realização de uma pesquisa etnográfica participante nunca é pequeno, podendo, a depender do seu objetivo, levar anos, como é o caso da tese de Salomão-Conchalo apresentada no Capítulo 4. De acordo com Nogueira (2019, p. 28), “[...] quanto mais tempo o pesquisador ficar na comunidade, mais confiança e intimidade ganhará dos demais membros e aumentará o leque de possibilidades para interpretação dos fenômenos estudados”; para Mainardes (2009, p. 101), o trabalho com essa metodologia:

[...] envolve a participação total ou parcial do etnógrafo na vida cotidiana das pessoas ou do grupo pesquisado por um longo período de tempo, observando as situações, ouvindo o que é dito, fazendo perguntas, enfim, coletando qualquer tipo de dado que esteja disponível para iluminar as questões do foco da pesquisa.

Em junho de 2022, fizemos nosso primeiro contato com os coordenadores da ONG Arte pela Vida, apresentando nosso projeto e pedindo permissão para que ele fosse desenvolvido ali. No que fomos prontamente atendidas. Como a ONG possui parceria com algumas universidades no Pará, os voluntários demonstraram grande disponibilidade em ajudar na realização de uma pesquisa acadêmica. Eles deixaram claro, também, a necessidade de que o trabalho realizado pela ONG fosse divulgado e acreditaram que a tese, de alguma forma, auxiliaria a alcançar mais pessoas, o que fez aumentar nossa responsabilidade com as questões sociais levantadas pela CP.

Após o aceite dos participantes, solicitamos a liberação do estudo para o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UEL⁴², o que ocorreu em agosto do mesmo ano. Em setembro de 2022, então, iniciamos nossa pesquisa etnográfica participante, tal qual orientado por Eckert (2005; 2022[2012]); Freitag, Martins e Tavares (2012); Oushiro (2019) e por outros autores que se propuseram à busca pelo valor social da variação.

Ao decidir realizar este estudo sociolinguístico de base etnográfica, precisamos enfrentar alguns desafios que nos foram impostos, sendo os principais:

- (i) Iniciar a pesquisa sem um objeto de investigação previamente estabelecido, pois este deveria ser definido *a posteriori*, a partir do que fosse observado na CP, o que nos causou receio de não encontrar variantes linguísticas que funcionassem como identificadores dos sujeitos que ali atuavam. Como mencionado anteriormente, nossa primeira expectativa era nos deparar com a utilização frequente da LN, no que fomos, logo de início, frustradas. Para nossa surpresa, esse uso comprovou-se esporádico. Contudo, sem desistir de encontrar algo na linguagem daqueles sujeitos que nos indicasse que havia ali um significado social diferente para uma variável linguística que ainda nos era desconhecida, continuamos nossa observação.
- (ii) O longo período necessário para que fosse possível: a) identificar o objeto de pesquisa; b) tornar nossa presença na ONG comum a todos os membros, para que pudessemos diminuir o “paradoxo do observador”; c) fazer registros de ocorrências e formas de uso do objeto analisado para embasar o estudo; e d) realizar anotações que nos

⁴² CAAE: 60545822.1.0000.5231, 22/08/2022.

ajudassem a comprovar as conclusões a que chegamos.

- (iii) O investimento financeiro necessário para deslocamentos frequentes e alimentação, uma vez que, além das tardes de observação na ONG, precisamos estar presentes em várias atividades fora da loja sustentável. Alguns desses eventos despendiam de várias horas do dia, a exemplo das exposições “Só Nazica” e “Irradiando Vida”, nas quais ficamos responsáveis, dentro das escalas de trabalho organizadas, por atender ao público visitante, apresentando as obras e realizando as vendas.
- (iv) A grande quantidade de dados a serem analisados, visto que dispomos de mais de 90 horas de gravação, que foram ouvidas, identificadas e contrastadas com as anotações no diário de campo.

Mesmo diante desses desafios (ou talvez por causa deles), foi gratificante perceber o material do qual agora dispomos para a realização deste e de futuros trabalhos que priorizem a variação e seu papel na constituição de identidades.

Assim como são verdadeiras as dificuldades que superamos, também são verdadeiras as contribuições que a pesquisa etnográfica nos apresentou. Entre as quais podemos destacar:

- (i) A grande quantidade de dados construídos. Embora tenha sido necessário um amplo esforço em sua análise (como mencionamos ao citar os desafios encontrados), os dados que obtivemos durante nosso estudo também servirão para a realização de pesquisas futuras, o que nos poupará o tempo necessário para novas coletas.
- (ii) A diminuição do “paradoxo do observador” (Labov, 2008[1972]), uma vez que, por estarmos frequentemente presentes nos encontros da ONG, pudemos ser considerados participantes da CP. Essa relação de proximidade permitiu que os demais integrantes não ficassem (ou ficassem menos) preocupados com a forma como utilizariam a linguagem na nossa presença (embora, no início, houvesse comentários do tipo: “Ela tá gravando!”, seguido de muitos risos).
- (iii) O conhecimento mais profundo sobre os sujeitos da pesquisa. Ao participarmos da comunidade de práticas, tivemos acesso às histórias de vida dos participantes, seus sonhos e suas crenças em relação ao mundo e a si mesmos. Essa compreensão permitiu que pudéssemos

relacionar os fatos de linguagem que observamos às demais características desses sujeitos.

- (iv) O caráter sensível, respeitoso e colaborativo que o estudo assumiu. Tal especificidade, permitiu que nos tornássemos mais humanas diante do que observávamos e nos sentíssemos parte da CP na qual nos inserimos. Essa diluição de fronteiras entre pesquisadora e pesquisados, típica das ciências humanas e das linguagens, deve ser vista como característica e constituinte de uma pesquisa legítima.

Durante nossa observação, gravamos (em áudio e vídeo) vários momentos de interação ocorridos na CP na qual nos inserimos e que não se restringe, como dito na seção 2.1, ao espaço geográfico em que funciona. Além da loja sustentável, em seu primeiro endereço e depois no atual, tivemos a oportunidade de estar presentes em palestras ministradas em faculdades particulares; em reuniões com órgãos como o Tribunal Regional do Trabalho (TRT) e a Coordenação das Políticas de Segurança Alimentar e Nutricional de Belém (COPSAN); e em eventos realizados pela ONG como as feiras da diversidade, cafés de acolhimento e exposições, alguns dos quais estão registrados na imagem a seguir.

Imagem 22 – Nossas participações em alguns momentos da CP



Fonte: Acervo de arquivos fotográficos da própria autora.

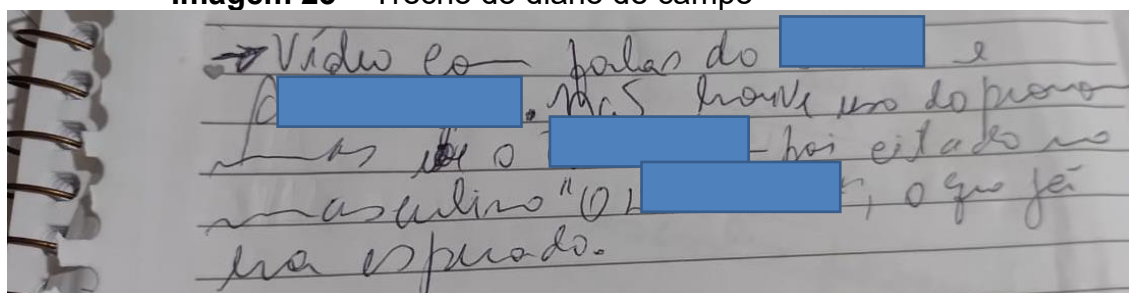
Em todos esses momentos, as pessoas presentes foram informadas de que estavam sendo gravadas, mas que nosso interesse era unicamente na fala dos participantes da pesquisa.

Além do material que gravamos por meio de nosso smartphone, utilizamos também vídeos feitos por outras pessoas em eventos nos quais não conseguimos estar presentes, bem como acervos de outros registros.

Todas as idas à CP foram registradas em nosso diário de campo. Nele, anotamos informações importantes que não poderiam ser percebidas através da escuta posterior das gravações, como as vestimentas dos participantes, suas expressões faciais e gestos utilizados ao longo das interações para compor os estilos das personas por eles construídas.

No início de 2023, após a primeira análise dos dados coletados e da percepção e escolha do objeto deste estudo, já mencionado anteriormente (a variação no uso de *ele/ela* por homens cis autodeclarados gays para se referirem a seus pares), nossa atenção passou a ser dirigida especialmente para os componentes desse grupo específico, sem deixar, contudo, de continuar a observar sua relação com o restante da CP. A Imagem 23 apresenta um trecho da observação realizada em nosso diário de pesquisa no dia 21/06/2023, cuja transcrição encontra-se na nota de rodapé 43. Nesse dia, havia uma equipe de imprensa na loja sustentável gravando um vídeo para um importante telejornal local.

Imagem 23 – Trecho do diário de campo



43

Fonte: Acervo de arquivos do diário de campo da própria autora.

Dividimos os áudios e vídeos coletados em dois grupos: interações formais e interações informais, conforme a Tabela 2. Tal divisão foi feita por percebermos, como

⁴³ Vídeo com falas do Veronique e A. Não houve uso do pronome, mas o Poderosa foi citado no masculino "O Poderosa", o que já era esperado.

mencionado anteriormente, que a variável em estudo ocorria de maneira diferente a depender do local em que os participantes se encontravam e das pessoas com as quais interagiam.

Tabela 2 – Distribuição dos áudios e vídeos utilizados na pesquisa

Interações Formais (17h39min)			Interações Informais (81h10min)		
Evento	Tempo de Gravação de Áudio	Tempo de Gravação de Vídeo	Evento	Tempo de Gravação de Áudio	Tempo de Gravação de Vídeo
Palestras	01h15min	00h46min	Conversas na Loja/Brechó	52h27min	13h52min
Reuniões fora do espaço da ONG	03h48min	–	Feira da Diversidade e Cafés de Acolhimento	–	13h54min
Reuniões na ONG com pessoas de fora	07h16min	–	Despedida da Loja/Brechó do primeiro endereço	00h57min	–
Aberturas de exposições organizadas pela ONG	–	03h53min			
Despedida da Loja/Brechó do primeiro endereço	–	00h43min			
Tempo total de gravação	12h19min	05h22min	Tempo total de gravação	53h24min	27h46min

Fonte: Acervo de arquivos em áudio e em vídeo da própria autora.

Podemos verificar, pela leitura da Tabela 2, que, do tempo total de gravações de que dispomos para análise (98 horas e 51 minutos), aquele referente às interações informais é consideravelmente maior, somando 81 horas e 10 minutos. Desse montante, a maioria se refere a áudios de conversas dos participantes entre si e com outros voluntários da ONG.

Durante as exposições, as feiras da diversidade e os cafés de acolhimento, não conseguimos gravar áudios em razão do barulho nesses eventos e da constante movimentação dos participantes nas tarefas necessárias ao seu bom andamento. Os vídeos registrados foram realizados em momentos em que os coordenadores fizeram uso de microfones para falar aos presentes.

As aberturas das exposições foram momentos extremamente formais, que contaram com a participação de vários artistas e representantes de órgãos estaduais e municipais. A formalidade era percebida, além da fala dos coordenadores, pela organização dos eventos e a vestimenta dos participantes, bem diferente das roupas que costumam utilizar no dia a dia da ONG, quando geralmente estão de calça jeans ou bermuda e camiseta.

Apesar de as feiras da diversidade e os cafés de acolhimento ocorrerem em um espaço físico diferente da loja, as interações ali ocorridas foram classificadas como informais por, segundo os próprios coordenadores, ser necessária uma identificação dos voluntários com as pessoas assistidas pelas ações, o que incluía uma linguagem menos formal.

As reuniões ocorridas fora da ONG ou nesta, mas com pessoas que não fossem voluntárias, não puderam ser gravadas em vídeo, por isso utilizamos somente o registro em áudio.

A despedida da ONG do primeiro espaço ocupado pela loja sustentável, que havia sido cedido por uma empresa de confecção durante dois anos, teve dois momentos distintos. No primeiro, estavam presentes os donos do espaço, alguns empresários de uma rede de supermercados que contribuem com os projetos da ONG e vários voluntários. Classificamos essa interação como formal e realizamos a gravação em vídeo nos momentos em que os coordenadores fizeram uso do microfone para falar aos convidados. No segundo momento, estavam presentes somente voluntários, conversando e organizando o espaço. As gravações em áudio realizadas aí foram classificadas como informais.

Todas as 98 horas e 51 minutos de gravação foram ouvidas, mas utilizamos em nossa análise somente os momentos que apresentassem a possibilidade da variação objeto desta pesquisa (a utilização de *ele/ela* para se referir a um homem cis gay), o que somou 6 horas e 47 minutos, todas transcritas das interações informais.

Além da verificação do emprego de *ele/ela*, examinamos o uso de diferentes classes de palavras (substantivos, outros pronomes, artigos, adjetivos e numerais) que poderiam apresentar variação de gênero gramatical no mesmo contexto.

Analisamos, então, como cada um dos sujeitos da pesquisa fazia a aplicação

dessas duas variáveis⁴⁴ **ele/ela** e **variação de gênero gramatical**, cada uma com duas variantes⁴⁵ (**ele** x **ela** e **feminino** x **masculino**, respectivamente), relacionando-as com as quatro variáveis independentes⁴⁶ demonstradas a seguir:

- (i) a classe gramatical das palavras (pronomes, substantivos, adjetivos, artigos e numerais);
- (ii) o(s) sujeito(s) referente(s) (Poderosa, Veronique, Paulo Junior, They, Luiz, mais de um referente);
- (iii) os interlocutores presentes na interação (somente os sujeitos da pesquisa, com outros voluntários);
- (iv) o assunto tratado na interação (temas relativos à ONG, temas não relativos à ONG).

Os resultados obtidos a partir dessa análise e a discussão sobre eles serão demonstrados no Capítulo 6.

As gravações foram finalizadas em maio de 2024, devido ao prazo para qualificação da tese. Em junho, realizamos as entrevistas, o preenchimento dos questionários e os testes de avaliação linguística que serão detalhados na seção a seguir.

5.2 A ENTREVISTA, O QUESTIONÁRIO SOCIOCULTURAL E O TESTE DE AVALIAÇÃO LINGUÍSTICA (TAL)

Corroborando o exposto por Mainardes (2009, p. 102), para quem “os instrumentos, cronograma, códigos, agendamento de entrevistas e questionários devem derivar das observações e do processo de pesquisa”, a partir de nossas observações percebemos a necessidade de elaboração e aplicação de uma entrevista, de um questionário sociocultural e de um TAL com os cinco participantes

⁴⁴ “Comumente chamamos de **variável** o lugar na gramática em que se localiza a variação, de forma mais abstrata” (Coelho *et al.*, 2021, p. 17). Neste estudo, nossa variável 1 é a escolha pelos sujeitos da pesquisa por **ele** ou **ela** para se referir a um homem cis gay, e nossa variável 2 é a opção, no mesmo contexto citado para 1, por feminino ou masculino em palavras passíveis de variação gramatical de gênero.

⁴⁵ “Chamamos de **variantes** as formas individuais que ‘disputam’ pela expressão da variável” (Coelho *et al.*, 2021, p. 17). No caso desta tese, **ele** e **ela** são as variantes da variável 1, enquanto **feminino** e **masculino**, da variável 2.

⁴⁶ “Os condicionadores linguísticos e extralinguísticos, numa pesquisa sociolinguística, são também chamados de **variáveis independentes** (ou *grupos de fatores*)” (Coelho *et al.*, 2021, p. 20). Dito de outra forma, as variáveis independentes são fatores que podem condicionar a escolha por uma ou outra variante das variáveis em estudo.

deste estudo. Nossos objetivos eram compreender o significado que eles atribuíam ao nosso objeto de análise e ao uso da LN, e formalizar algumas informações necessárias para o empreendimento da pesquisa.

Procurando atender a esses objetivos, elaboramos o roteiro para entrevista (Apêndice A), que foi realizada individualmente de forma presencial na loja sustentável com They e Poderosa, e com Veronique, em sua residência, pois este estava com problemas de saúde que o impossibilitaram de comparecer na ONG durante algum tempo. Os participantes Paulo Junior e Luiz participaram de forma remota, através de chamada realizada pelo aplicativo WhatsApp e gravada em nosso smartphone. O primeiro estava trabalhando em dois turnos e não pôde nos encontrar pessoalmente, e o segundo mudou-se para o estado de São Paulo no início de 2024 em busca de melhores oportunidades de trabalho dentro da sua área, no que tem sido bem-sucedido.

Logo após a entrevista, os participantes preencheram um questionário sociocultural (Apêndice B) no qual puderam escolher o pseudônimo com que seriam identificados neste texto. Também foi possível obter algumas informações importantes, como o gênero com o qual se identificavam e sua orientação sexual, uma vez que precisávamos que ambos fossem autodeclarados para que a pesquisa tivesse validade. É importante destacarmos, ainda, que os dados coletados a partir deste instrumento, embora não tenham sido todos utilizados nesta pesquisa, auxiliarão em análises para trabalhos futuros.

Em seguida, entregamos a eles o teste de avaliação linguística (Apêndice C) elaborado, como mencionado anteriormente, com base na técnica de diferenciais semânticos. Ainda que essa técnica, como descreveu Cyranka (2007), utilize uma escala de sete pontos de uma extremidade a outra do contínuo, optamos por utilizar o modelo apresentado por Oushiro (2015), com apenas cinco pontos.

Os participantes foram orientados a marcar uma única opção para cada questão, de acordo com o que considerassem mais próximo de cada extremo do contínuo. A realização desse teste foi importante para, além de alcançarmos os objetivos propostos, quantificarmos as respostas dos sujeitos da pesquisa, o que facilitou nossa análise, permitindo comparar os dados obtidos através das gravações com estes. Isso vem ao encontro do que afirmou Battisti (2014, p. 96):

[...] o tratamento quantitativo fornece um importante diagnóstico das

possíveis motivações para os processos variáveis. Mas é apenas dando um passo além do cálculo estatístico, ou seja, buscando interpretar os resultados através de microanálise, pela investigação de práticas diárias em comunidade e de sua coesão (em rede), que se pode saber o que está por trás desses números, em especial, sobre os sujeitos que falam.

Assim como do que disseram Camacho e Salomão-Conchalo (2016, p. 55):

[...] o trabalho etnográfico postulado pelos integrantes da “terceira onda” (ECKERT, 2005, 2012), é, em geral, qualitativo, mas não despreza o estudo quantitativo de base variacionista, uma vez que os dois procedimentos não são contraditórios, mas complementares.

A última parte desse momento individual com os participantes foi a leitura e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), documento obrigatório para a utilização dos dados coletados durante a pesquisa, presente no Apêndice D. Embora todos estivessem cientes de que estavam sendo gravados e consentido em participar do presente estudo, optamos por entregar o TCLE somente ao final para que eles não tivessem conhecimento do que estava sendo observado durante o tempo em que estivemos presentes na comunidade.

5.3 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

No presente capítulo, procuramos reconstituir nossos passos metodológicos para a construção deste texto. Iniciamos com a motivação e a escolha da teoria para embasar este estudo. Em seguida, trouxemos a definição do tipo de pesquisa empreendida, entendendo que a etnografia participante seria a decisão mais acertada para alcançarmos os objetivos que propusemos.

O discernimento de que a ONG Arte pela Vida seria a comunidade de práticas observada e que nos traria, além de fatos linguísticos, questões sociais importantes de serem discutidas, foi o passo seguinte. A partir daí, realizamos a escolha do nosso objeto de pesquisa, uma variável linguística que parecia adquirir significados sociais comuns aos integrantes dessa CP.

Por fim, para acessar esses significados e atender aos objetivos desta tese, transcrevemos e analisamos qualitativamente e quantitativamente as gravações realizadas durante 21 meses de pesquisa e construímos e aplicamos um teste de

avaliação linguística, um questionário sociocultural e uma entrevista.

No próximo capítulo, apresentamos a análise dos dados construídos a partir da metodologia aqui descrita.

6 BATENDO O CABELO⁴⁷ E SAINDO DO ARMÁRIO⁴⁸

*O uso de determinadas variáveis linguísticas é constituinte da prática das comunidades, e, a partir disso, o **significado social** é adquirido, podendo ser compatível ou não com os construídos num âmbito mais amplo. [...] entende-se que os indivíduos fazem uso de certas variantes para demonstrar uma variedade de afiliações, características, posturas e ideias.*
(Ribeiro, 2021, p. 305)

Quando *batemos o cabelo e saímos do armário*, estamos prontas para o que vem pela frente. O presente capítulo é assim nomeado porque nele apresentamos a análise das gravações realizadas durante os 21 meses de pesquisa etnográfica participante, bem como dos testes de avaliação linguística e das entrevistas realizados com os cinco participantes identificados na seção 2.2. Ou seja, juntamos todos os dados coletados e partimos para o trabalho duro.

6.1 ANÁLISE DAS GRAVAÇÕES

Conforme mencionado no capítulo anterior, dividimos as 98 horas e 51 minutos de gravações realizadas em: formais (com 17 horas e 41 minutos de gravação) e informais (com 81 horas e dez minutos de gravação). Destas últimas, 6 horas e quarenta e sete minutos foram transcritas, pois apresentavam a ocorrência da variável (*ele/ela*) em estudo. A análise desses dados está apresentada a seguir.

6.1.1 As Interações Formais

Após a escolha de nosso objeto, passamos a observar a variação no uso de *ele/ela* pelos cinco sujeitos da pesquisa nas gravações que realizamos. Nessa observação, verificamos que somente em um caso houve a utilização da variante *ela* por um desses sujeitos para se referir a outro em um evento formal. O emprego

⁴⁷ “**Bater cabelo** – Expr. 1. Jogar os cabelos virando 360°” (Rodrigues; Andrade, 2023, p. 15).

⁴⁸ “**Sair do armário** – Expr. 1. Assumir-se gay” (Rodrigues; Andrade, 2023, p. 27)

ocorreu durante os 43 minutos de formalidade do evento de despedida da loja sustentável de seu primeiro endereço. Enquanto Poderosa, coordenador da ONG, falava ao microfone em tom de discurso de agradecimento pela disponibilidade do espaço e sobre as expectativas da ida para o Mercado de Carne Francisco Bolonha, o participante Veronique ingressou na loja e foi anunciado com a seguinte frase:

2.F) Poderosa referindo-se ao Veronique no evento de despedida da loja sustentável.

PODEROSA: Olha ela, chegando toda linda! Palmas, palmas, muitas palmas!

Precisamos fazer duas ressalvas em relação a esse momento de interação. A primeira é que se trata, de fato, de um evento formal. Além dos coordenadores e alguns membros, estavam reunidas pessoas que não fazem parte da ONG, mas que auxiliam nos projetos e que representam empresas importantes no cenário belenense. A segunda é que Veronique estava vestindo roupas femininas, saia, blusa e adereços. Por não haver nenhum outro caso em que o pronome *ela* tenha sido utilizado para se referir aos sujeitos desta pesquisa em situações formais, concluímos que a utilização se deva à forma como ele se apresentou. Ou seja, ele exibia uma *persona* gay feminina e, por isso, foi identificado pelo pronome feminino, além do adjetivo *linda*.

A utilização deliberada da variante *ela* para se referir ao participante Veronique vai ao encontro do exposto por Hora e Wetzels (2011, p. 153), para quem: “As mudanças de estilo podem ser muito deliberadas e envolverem o uso autoconsciente de traços que o falante e a audiência são muito conscientes”. Todos os presentes sabiam da orientação sexual de Veronique e que ele, em alguns eventos (especialmente nas feiras da diversidade), costuma se vestir de forma feminina. Por isso, sua imagem não foi uma surpresa, assim como o fato de Poderosa utilizar o pronome feminino para se referir à *persona* que ele exteriorizara naquele instante. Indo ao encontro, também, do que afirma Casimiro (2021, p. 51),

Tendo por base os estudos mais recentes na área, podemos entender que um mesmo falante coleciona uma diversidade de personas, criadas por recursos linguísticos e semióticos, que são empregadas em situações específicas ou com objetivos específicos na interação. Certos elementos na fala são consequência do *habitus*, da subjetivação da estrutura social, outros são fruto de escolhas conscientes e do uso criativo dos falantes.

Em todos os outros momentos de interações formais, o uso da variante *e/e* foi categórico, além de outras palavras no masculino, conforme as transcrições seguir.

3.F) Reunião ocorrida no espaço da loja sustentável com algumas candidatas ao cargo de deputadas federais nas eleições de 2022.

PODEROSA: Nessa... nessa edição, nessa décima edição, a gente tinha uma ideia pro projeto, eu e o Veronique. [...] uma coisa também que é importantíssimo pra essa ala jovem é que eles tão na feira [...] são da periferia e tão com todo gás, a gente busca pelo menos isso, dá o lanche pra eles, né Veronique?

VERONIQUE: O pessoal que dança, que ele tá falando, que fazem alguma interferência artística.

4.F) Reunião, também ocorrida na loja, com um grupo de estudantes de uma faculdade particular de Belém e com empreendedores da feira da diversidade.

Todas as falas são do participante Poderosa se referindo ao Veronique.

PODEROSA: Esse é o Veronique, coordenador. Ele é um dos fundadores do Arte pela Vida. (apresentando o Veronique para um aluno da faculdade)

PODEROSA: Olha, o Veronique, da feira também. (apresentando o Veronique para um empreendedor)

PODEROSA: Não é, amigo? (falando com Veronique).

5.F) Reunião, também ocorrida na loja, para organização da feira da diversidade.

PODEROSA: Não, calma! Esse é um entendimento entre eu e o Veronique. Eu já falei com ele sobre isso. (conversando com uma das organizadoras da feira).

6.F) Reunião, também ocorrida na loja, para organização do evento de 1º de dezembro (dia mundial de combate à AIDS).

VERONIQUE: Foi o They que colocou. (falando sobre uma etiqueta de preço em um produto na loja.)

VERONIQUE: Aí, foi entrando um por um. O Poderosa começou a receber Johrei e

depois a ministrar. Aí depois ele foi pro solo comigo. (falando sobre Johrei⁴⁹, ministrado na Igreja Messiânica, da qual muitos integrantes da ONG participam).

VERONIQUE: Texto é com x... qualquer um amigo. (se dirigindo ao Poderosa.)

7.F) Reunião, também ocorrida na loja, com a equipe da COPSAN, após um ano de parceria.

PODEROSA: Na realidade, foi marcada a visita né e pra bem... bem da verdade eu não sabia nem o que era a COPSAN. [...] Aí eu perguntei pro Veronique: é necessário essa reunião? (risos) Aí ele me explicou e... e ele falou da importância do trabalho de vocês. Eu não tenho acompanhado muito. É mais o They e a A. (coordenadora da ONG) que vai. [...] Eu tô até repassando pra A., o Veronique e o They não marcarem nada que essa semana vai ser só pra organizar essas coisas dos documento.

8.F) Reunião, também ocorrida na loja, para organização de um evento de saúde no Mercado de Carne Francisco Bolonha.

PAULO JUNIOR: Tu perguntou pro... pro They o número do ofício?

PODEROSA: Não, eu que inventei o número 25. Saiu da minha cabeça.

PAULO JUNIOR: Não, mas ele tem o controle dos números dos ofícios.

PODEROSA: Então dá uma ligada pra ele. Ele não vai lembrar, mas... liga, liga pra ele e pergunta: ei, amigo, quais são os ofícios que tem? Porque eu coloquei 25 já me baseando nos 9 que eu dei pra ele.

PAULO JUNIOR: Ouve aí no som, vai aparecer eu ligando pro They. (o celular de Paulo Junior estava conectado à caixa de som da loja) They, boa tarde, amigo! Deixa eu te perguntar, você tem a sequência da numeração dos ofícios? (ouvindo a resposta do They) Tá bom. Obrigado, amigo.

Essas transcrições de falas ocorridas em eventos considerados formais demonstram que, mesmo fazendo referência a um amigo gay, presente ou não, os participantes usaram tanto a variante ele quanto outras palavras no masculino. Isso reforça nossa hipótese de que a variação ele/ela depende da *persona* assumida pelo

⁴⁹ “Johrei é um método de canalização de energia espiritual (Luz Divina), para purificação do espírito, capaz de transformar a desarmonia espiritual e material em harmonia. [...] O Johrei purifica e desperta a verdadeira natureza divina do homem, restabelecendo seu equilíbrio original. Logo, dizemos que o Johrei é um método de criar felicidade.” (fonte: <https://www.messianica.org.br/johrei>, visitado em: 20/06/2024).

sujeito no momento da interação e corrobora a conclusão de Nogueira (2019). Ao analisar o uso por gays dos vocativos *bicha* e *viado*, a autora verificou que:

Desse modo, mesmo havendo um grau de intimidade entre os envolvidos na situação, o informante monitora sua fala mediante o contexto, usando para tanto um estilo de fala diferente e, conseqüentemente, vocativos mais ou menos formais, a depender do contexto (Nogueira, 2019, p. 78).

Por haver, então, uma forma categórica masculina nas interações formais, nos detivemos somente na análise qualitativa apresentada. No entanto, em relação às interações informais, não há uso de somente uma variante. Há momentos em que os sujeitos da pesquisa empregaram *e/e* e outros em que usaram *e/a*. Por essa razão, iniciaremos a análise dessas interações de forma quantitativa para, posteriormente, trazermos a análise qualitativa acerca dos usos aí presentes.

6.1.2 As Interações Informais

Para colaborar com a análise qualitativa que apresentamos posteriormente e para alcançar nosso terceiro objetivo específico (Analisar se a variação de gênero gramatical, observada no uso do pronome pessoal reto, também acontece em outras classes gramaticais), empreendemos uma análise quantitativa dos dados obtidos a partir das 6 horas e 47 minutos transcritas das interações informais, como mencionado no capítulo referente à metodologia.

6.1.2.1 Análise quantitativa

Para a realização deste primeiro exame quantitativo, utilizamos os dados presentes na tabela a seguir para relacionar a variável *e/e/e/a* com o agrupamento das demais classes gramaticais passíveis de variação de gênero gramatical e demonstrar, na Imagem 24, os resultados por nós obtidos. A comparação no funcionamento dessas duas variáveis (masculino/feminino quando se trata do pronome pessoal reto *e/e/e/a* e quando se trata de outras classes gramaticais: substantivos, adjetivos, artigos, numerais e outros pronomes) parece-nos importante para a compreensão de como a escolha pelo feminino, na linguagem desses sujeitos, contribui para a construção de suas personas.

Tabela 3 – Quantificação das palavras analisadas por classe gramatical

Palavras Analisadas	Total de Ocorrências	Feminino	Masculino
<i>Ele/Ela</i>	228	78	150
Substantivos	80	33	47
Artigos	262	17	245
Adjetivos	105	80	25
Numerais	3	3	0
Outros pronomes	29	19	10
Total de palavras	707	230	477

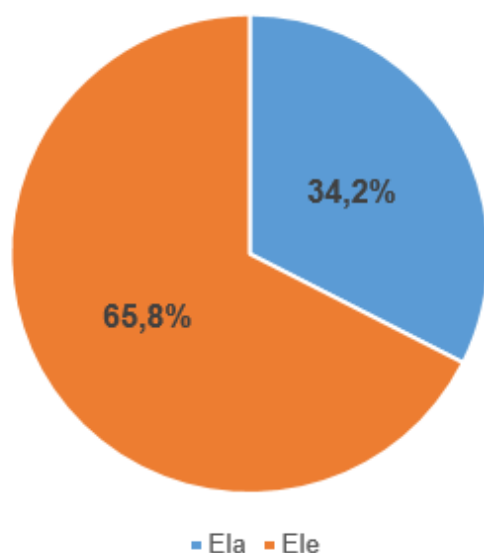
Fonte: a própria autora.

Os dados presentes na Tabela 3 foram obtidos das transcrições das 6 horas e 47 minutos de interações informais, que apresentavam a possibilidade de emprego de: (i) *ele/ela* e/ou (ii) outras palavras que pudessem sofrer variação de gênero no contexto de um homem cis gay se referir a outro homem cis gay.

Após relacionar essas informações, obtivemos os resultados expostos na Imagem 24. Nela, apresentamos, à esquerda, o gráfico relativo ao uso da variável 1 (masculino/feminino quando se trata do pronome pessoal reto *ele/ela*) e, à direita, o gráfico relativo ao uso da variável 2 (masculino/feminino quando se trata de outras classes gramaticais: substantivos, adjetivos, artigos, numerais e outros pronomes).

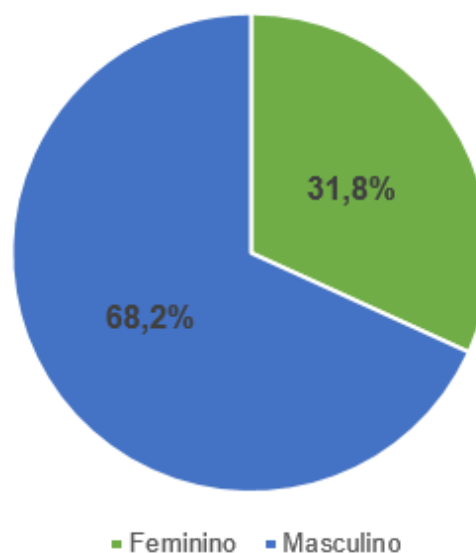
Imagem 24 – Gráficos relativos aos percentuais de emprego das variáveis 1 e 2 pelos cinco sujeitos da pesquisa

Variável 1: Pronome *ele/ela*



Fonte: a própria autora.

Variável 2: Masculino/Feminino nas Outras Classes Gramaticais



Por meio dos resultados presentes na Imagem 24, demonstramos que, dentro desse grupo de sujeitos, o comportamento na utilização da variável *ele/ela* é semelhante à variação de gênero gramatical no conjunto das demais classes de palavras analisadas. Comprovamos que o emprego da variante *ela* (34,2%) e da variante feminina nas demais classes gramaticais analisadas (31,8%) é bastante significativo na CP quando um homem cis gay faz referência aos seus pares.

Para compreender como essa variação é realizada por cada participante e influencia na construção dos estilos que compõem suas personas, primeiramente relacionamos as informações referentes ao emprego de *ele/ela* e de variação de gênero gramatical nas demais classes de palavras, construindo, assim, os gráficos representativos do uso de cada sujeito da pesquisa (imagens de 25 a 29).

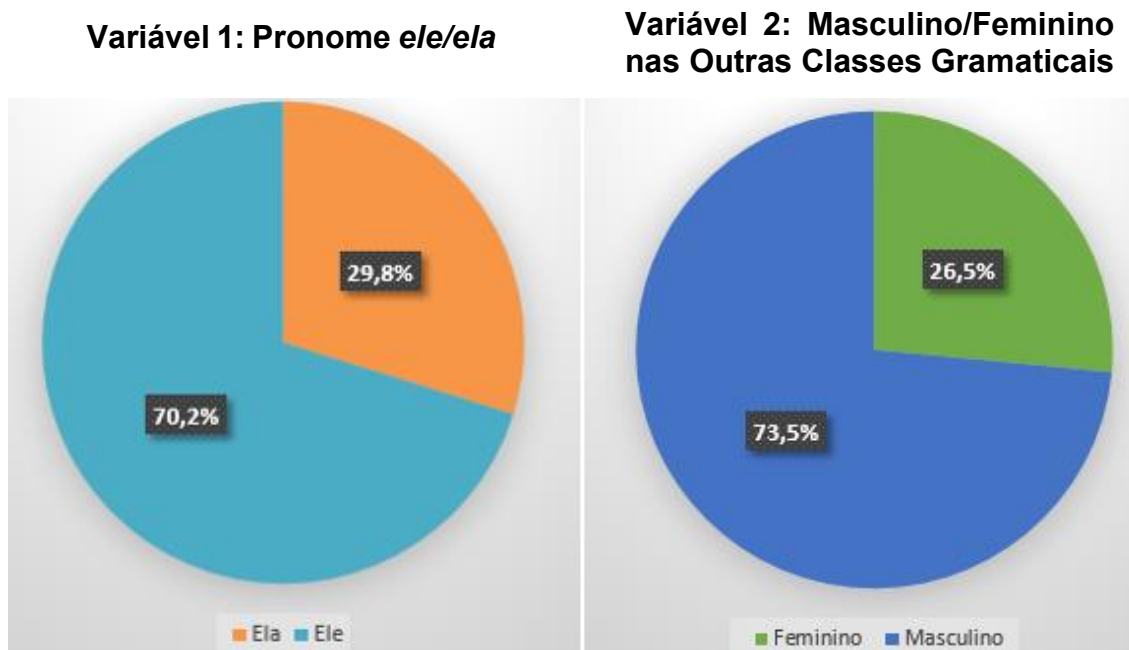
Em seguida, utilizando o gênero gramatical feminino em todas as palavras analisadas (incluindo o emprego de *ela*) enquanto variável dependente, analisamos, como variáveis independentes, a classe gramatical da palavra (pronome, substantivo, artigo, adjetivo e numeral), o sujeito referente (Poderosa, Veronique, Paulo Junior, They, Luiz, mais de um referente), os interlocutores presentes no momento da conversa (somente os sujeitos da pesquisa, com outros voluntários) e o assunto

tratado na interação (temas relativos à ONG, temas não relativos à ONG). Apresentamos os resultados dessa análise nas tabelas de 4 a 23 e nos comentários sobre cada uma delas.

a) O Feminino na Fala de Poderosa

A partir das transcrições das falas informais de Poderosa, verificamos 84 ocorrências da variável 1 (masculino/feminino quando se trata do pronome pessoal reto *ele/ela*) e 279 da variável 2 (masculino/feminino quando se trata de outras classes gramaticais: substantivos, adjetivos, artigos, numerais e outros pronomes). Na Imagem 25, apresentamos os gráficos relativos aos percentuais dessas realizações.

Imagem 25 – Gráficos relativos aos percentuais de emprego das variáveis 1 e 2 nas falas de Poderosa



Fonte: a própria autora.

Demonstramos, nos gráficos presentes na Imagem 25, que, das 84 ocorrências da variável 1 e das 279 da variável 2, Poderosa utilizou-se de 25 *ela* e de 74 vocábulos femininos, correspondendo, respectivamente, à 29,8% e 26,5% das possibilidades analisadas.

Verificamos, com esses resultados, que o participante faz um emprego mais moderado do gênero feminino se comparado com os dados dos 5 sujeitos, presentes na Imagem 24.

Nas tabelas a seguir, apresentamos a análise da variação de gênero gramatical por Poderosa, relacionando-a às variáveis independentes anteriormente mencionadas (a classe gramatical da palavra: pronome, substantivo, artigo, adjetivo e numeral; o sujeito referente: Poderosa, Veronique, Paulo Junior, They, Luiz, mais de um referente; os interlocutores presentes no momento da conversa: somente os sujeitos da pesquisa, com outros voluntários; e o assunto tratado na interação: temas relativos à ONG, temas não relativos à ONG).

Tabela 4 – Emprego da variante feminina por Poderosa, de acordo com a classe gramatical da palavra

Classe Gramatical	Total de Ocorrências	Feminino	Masculino
Numerais	3	3 100 %	0 0%
Adjetivos	49	36 73,1%	13 26,9%
Pronomes	106	34 32%	72 68%
Substantivos	54	19 35,2%	35 64,8%
Artigos	151	8 5,3%	143 94,7%

Fonte: a própria autora.

Podemos perceber, pela leitura dos dados presentes na Tabela 4, que a classe gramatical dos numerais foi a que teve menor ocorrência durante as interações analisadas de Poderosa, sendo este o único participante a utilizá-la. Foram somente 3 empregos e todos no feminino, como em “Não quero papo com essas **duas** bandidas!”.

Os artigos, ao contrário, foram a classe com maior emprego (151), mas com o menor número de casos no feminino (8), o que corresponde a, somente, 5,3% desses vocábulos. Esse resultado se deve ao fato de que, geralmente, precediam os nomes próprios dos sujeitos referentes, que são masculinos, como em: “eu e **o** Veronique tamos correndo atrás disso” ou “**o** They falou que você queria”. A pequena utilização da variante feminina ocorreu em frases como “**a** peluda vem pra loja”, quando o

substantivo também estava no feminino.

As classes gramaticais dos pronomes (aqui incluindo ele e ela) e dos substantivos apresentam percentuais semelhantes de ocorrências no feminino, 32% e 35,2%, respectivamente, em trechos como “ei, diretora, diva” e “levo o They para ser minha assessora”. No entanto, é perceptível que Poderosa utiliza-se com maior frequência dos pronomes (106), dos quais, como dito anteriormente, 84 referem-se a *ele/ela*.

Os adjetivos foram empregados frequentemente no feminino pelo participante, compreendendo 73,1% do total de casos, em frases como “tu és muito despeitada”. No entanto, durante nossas observações, percebemos que esse uso acontecia quando o sujeito referente participava da interação e o intuito de Poderosa era, claramente, de suscitar um ar provocador e descontraído.

Na tabela a seguir, trazemos os resultados referentes à variação de gênero gramatical relacionada à pessoa sobre quem o participante falava.

Tabela 5 – Emprego da variante feminina por Poderosa, de acordo com o sujeito referente

Referente	Total de Ocorrências	Feminino	Masculino
Mais de um referente	21	9 42,9%	12 57,1%
Paulo Junior	58	21 36,2%	37 63,8%
They	121	31 25,6%	90 74,4%
Veronique	124	30 24,2%	94 75,8%
Luiz	39	8 20,5%	31 79,5%

Fonte: a própria autora.

Ao analisarmos os dados presentes na Tabela 5, verificamos que, diferentemente de outros participantes, Poderosa utiliza-se da variante feminina para fazer menção a todos os referentes analisados, embora com maior frequência quando fala sobre mais de uma pessoa (42,9%) ou especificamente sobre Paulo Junior

(36,2%).

As citações femininas a They e Veronique possuem um comportamento semelhante tanto na quantidade de ocorrências (121 e 124, respectivamente) quanto no percentual de realização, correspondendo a 25,6% e 24,2%, nessa ordem.

Ao observarmos os dados relativos a Luiz, percebemos que tanto a alusão a ele (39) quanto o emprego de feminino (20,5%) são menos recorrentes na fala de Poderosa se comparados aos outros referentes analisados. Esses resultados devem-se ao fato de que, devido à natureza de suas atribuições dentro da ONG, Luiz participa menos das interações do que os outros participantes.

Apresentamos, na tabela a seguir, os dados relativos à variação de gênero gramatical relacionada às pessoas presentes no momento da interação.

Tabela 6 – Emprego da variante feminina por Poderosa, de acordo com os interlocutores presentes na interação

Interlocutores	Total de Ocorrências	Feminino	Masculino
Somente os 5 sujeitos da pesquisa	208	89 42,8%	119 57,2%
Presença de outros voluntários	155	10 6,5%	145 93,5%

Fonte: a própria autora.

Os dados presentes na Tabela 6 ratificam o que observamos durante nossa pesquisa participante dentro da comunidade de práticas. Quando estão presentes somente os cinco sujeitos desta pesquisa, Poderosa utiliza-se mais frequentemente do feminino para se referir a seus pares (42,8%), e reduz significativamente esse emprego quando há outros voluntários participando da interação (6,5%). Isso comprova que o grau de proximidade dos interlocutores é, de fato, um importante elemento para que ocorra a variante feminina no contexto por nós analisado.

Na Tabela 7, expomos os resultados referentes à variação de gênero gramatical por Poderosa relacionada ao assunto tratado durante a interação.

Tabela 7 – Emprego da variante feminina por Poderosa, de acordo com o assunto tratado na interação

Assunto	Total de Ocorrências	Feminino	Masculino
Temas não relativos à		46	34
ONG	80	57,5 %	42,5%
Temas relativos à		53	230
ONG	283	18,7%	81,3%

Fonte: a própria autora.

Assim como os resultados referentes ao emprego do feminino relacionado aos interlocutores já era por nós esperado, os relativos ao assunto tratado na interação também eram.

Em momentos nos quais os sujeitos discutiam temas pertinentes às ações empreendidas pela ONG, quando assumia a *persona* do coordenador responsável por encaminhar essas demandas, Poderosa fez um uso bastante moderado da variante feminina (18,7%). Quando, ao contrário, os assuntos conversados não tinham relação com a ONG, esse emprego (57,5%) foi superior ao do masculino (42,5%), pois eram ocasiões nas quais assumia personas mais descontraídas.

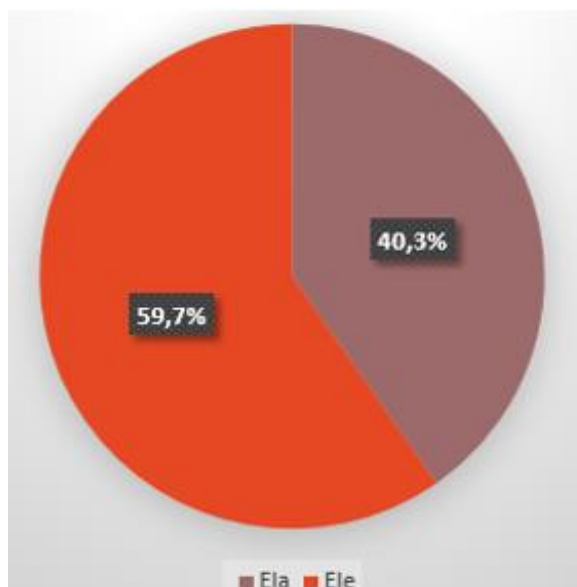
A seguir, apresentamos a análise quantitativa dos dados obtidos a partir das falas de Veronique.

b) O Feminino na Fala de Veronique

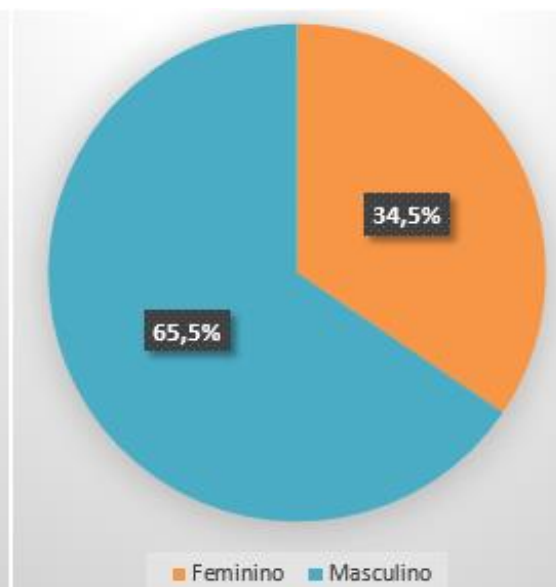
Nas falas de Veronique, verificamos 67 ocorrências da variável 1 (masculino/feminino quando se trata do pronome pessoal reto *ele/ela*) e 93 da variável 2 (masculino/feminino quando se trata de outras classes gramaticais: substantivos, adjetivos, artigos, numerais e outros pronomes) no contexto de um homem cis gay se referir a outro homem cis gay. Apresentamos, na imagem a seguir, os gráficos relativos aos percentuais relativos dessas realizações.

Imagem 26 – Gráficos relativos aos percentuais de emprego das variáveis 1 e 2 nas falas de Veronique

Variável 1: Pronome *ele/ela*



Variável 2: Masculino/Feminino nas Outras Classes Gramaticais



Fonte: a própria autora.

Nos gráficos presentes na Imagem 26, demonstramos que, das 67 ocorrências da variável 1 e das 93 da variável 2, Veronique empregou 27 vezes a variante *ela* e 32 vezes a variante feminina em outras classes gramaticais, o que corresponde, respectivamente, à 40,3% e 34,5% das possibilidades analisadas.

Verificamos, com esses resultados, que o participante utiliza tanto o pronome *ela* quanto as demais palavras femininas com uma frequência maior do que a média dos cinco sujeitos da pesquisa. Ao comparar essa conclusão com nossas observações, deduzimos que isso ocorra por Veronique, mais frequentemente do que os demais pesquisados, apresentar personas gays.

Apresentamos, nas tabelas a seguir, a análise da variação de gênero gramatical por Veronique, relacionando-a às variáveis independentes anteriormente mencionadas (a classe gramatical da palavra: pronome, substantivo, artigo, adjetivo e numeral; o sujeito referente: Poderosa, Veronique, Paulo Junior, They, Luiz, mais de um referente; os interlocutores presentes no momento da conversa: somente os sujeitos da pesquisa, com outros voluntários; e o assunto tratado na interação: temas relativos à ONG, temas não relativos à ONG).

Tabela 8 – Emprego da variante feminina por Veronique, de acordo com a classe gramatical da palavra

Classe Gramatical	Total de Ocorrências	Feminino	Masculino
Pronomes	8	6 75%	2 25%
Adjetivos	16	11 68,8%	5 31,2%
Substantivos	14	9 64,3%	5 35,7%
Artigos	55	6 10,9%	49 89,1%

Fonte: a própria autora.

Pela leitura dos dados presentes na Tabela 8, podemos perceber que, nas falas de Veronique, o feminino na classe dos artigos funciona de maneira semelhante ao que foi demonstrado na análise das transcrições de Poderosa. Em ambos os casos, essa classe é pouco produtiva na variante feminina por ser utilizada, geralmente, antes de nomes próprios masculinos.

Embora não muito recorrentes, os pronomes (aqui incluindo a variação *e/e/ela*) foram, majoritariamente, empregues no feminino, com um percentual (75%) bastante superior ao da média dos cinco participantes (34,2%), demonstrada na Imagem 24.

Nas falas de Veronique, os adjetivos e os substantivos funcionam de maneira semelhante tanto na quantidade total de ocorrências (16 e 14, respectivamente) quanto no percentual de utilização da variante feminina (68,8% e 64,3%, nessa ordem). A escolha por esse gênero gramatical está claramente relacionada à intenção do participante de irritar seus interlocutores, como em “ela tá **doida**, hoje, tá **louca**, **louca**, **louca**”.

A seguir, trazemos os resultados referentes à variação de gênero gramatical relacionada à pessoa sobre quem Veronique falava.

Tabela 9 – Emprego da variante feminina por Veronique, de acordo com o sujeito referente

Referente	Total de Ocorrências	Feminino	Masculino
Mais de um referente	18	14 77,8%	4 22,2%
They	29	11 37,9%	18 62,1%
Poderosa	102	33 32,4%	69 67,6%
Luiz	11	1 9,1%	10 90,9%
Paulo Junior	6	0 0%	6 100%

Fonte: a própria autora.

A partir da leitura dos dados transcritos das falas informais de Veronique e apresentados na Tabela 9, podemos perceber que Paulo Junior foi o referente menos mencionado pelo participante. Também é possível verificarmos que todas as alusões feitas a ele estavam na variante masculina, o que é justificado pelo fato de Paulo Junior estar, como mencionado no capítulo “O *Fervo* Observado”, há pouco tempo dentro da comunidade de práticas e ter iniciado suas atividades em um momento no qual Veronique esteve mais ausente das reuniões.

De modo semelhante, concluímos, após a leitura desses resultados, que Luiz quase sempre fora referido no masculino, excetuando-se o trecho “não atende... tá ***ocupadíssima***”, ao ser solicitado por Poderosa que ligasse para Luiz. As interações gravadas nas quais Veronique fez menção a esse referente geralmente eram sobre temas relativos às ações da ONG, o que explica o pouco emprego do gênero feminino para identificá-lo.

O percentual de alusões na variante feminina para Poderosa (32,4%) e They (32,9%) é parecido. Tal semelhança pode ser justificada pelo tempo de convivência e da proximidade desses dois referentes ao sujeito analisado. No entanto, eles foram citados quantitativamente de maneiras distintas: They possuiu menos menções (29) do que Poderosa (102). Isso se deve ao fato de este e Veronique assumirem o papel de coordenadores da ONG e citarem, frequentemente, um ao outro durante as

interações.

Ao mencionar mais de um referente, Veronique se utilizou frequentemente do gênero gramatical feminino, pois eram momentos descontraídos do grupo e nos quais ele objetivava “provocar” seus interlocutores com frases como: “é uma mais doida que a outra”.

A seguir, apresentamos os dados relativos à variação de gênero gramatical nas falas de Veronique relacionada às pessoas presentes no momento da interação.

Tabela 10 – Emprego da variante feminina por Veronique, de acordo com os interlocutores presentes na interação

Interlocutores	Total de Ocorrências	Feminino	Masculino
Somente os 5 sujeitos da pesquisa	71	28 39,4%	43 60,6%
Presença de outros voluntários	89	31 34,8%	58 65,2%

Fonte: a própria autora.

Diferentemente de Poderosa, Veronique não varia significativamente o gênero gramatical para se referir aos seus pares, ainda que haja outros voluntários presentes no momento da interação. Associamos esse resultado ao fato de, por estar desde a formação do Comitê Arte pela Vida, o participante possuir uma relação mais próxima com todas as pessoas que frequentam o espaço físico da CP.

Expomos, na tabela a seguir, os dados referentes à variação de gênero gramatical nas falas de Veronique relacionada ao assunto tratado durante a interação.

Tabela 11 – Emprego da variante feminina por Veronique, de acordo com o assunto tratado na interação

Assunto	Total de Ocorrências	Feminino	Masculino
Temas não relativos à ONG	61	31 50,8%	30 49,2%
Temas relativos à ONG	99	28 28,3%	71 71,7%

Fonte: a própria autora.

Assim como Poderosa, nos momentos nos quais as atividades da ONG eram o

tema das interações e a *persona* do coordenador era acionada, Veronique empregou de forma bastante comedida a variante feminina (28,3%). Nas ocasiões em que se discutiam assuntos que não diziam respeito aos trabalhos realizados pela CP, o uso do feminino (50,8%) foi ligeiramente superior ao do masculino (49,2%). Novamente temos a comprovação de que as *personas* construídas no momento das interações influenciam diretamente na variação linguística dos sujeitos da pesquisa.

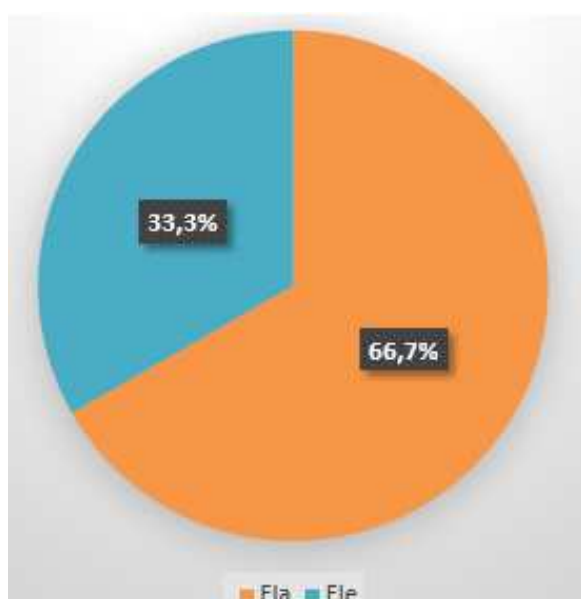
Vejamos, a seguir, os resultados da análise quantitativa realizada nas transcrições das falas de Paulo Junior.

c) O Feminino na Fala de Paulo Junior

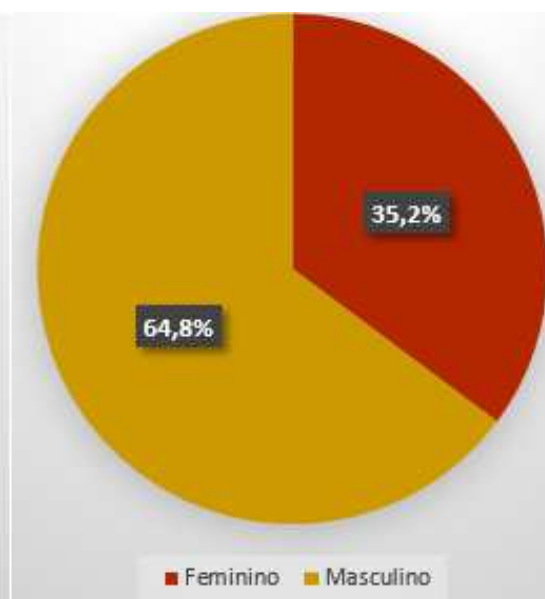
Durante as 6 horas e 47 minutos de gravações transcritas, Paulo Junior utilizou 33 ocorrências da variável 1 (masculino/feminino quando se trata do pronome pessoal reto *ele/ela*) e 37 da variável 2 (masculino/feminino quando se trata de outras classes gramaticais: substantivos, adjetivos, artigos, numerais e outros pronomes) para se referir a um homem cis gay. Na Imagem 27, demonstramos os gráficos relativos aos percentuais dessas realizações.

Imagem 27 – Gráficos relativos aos percentuais de emprego das variáveis 1 e 2 nas falas de Paulo Junior

Variável 1: Pronome *ele/ela*



Variável 2: Masculino/Feminino nas Outras Classes Gramaticais



Fonte: a própria autora.

A partir da leitura dos dados presentes na Imagem 27, podemos verificar que, em relação à variável 1, Paulo Junior utilizou a variante *e/la* em 66,7% das possibilidades, o que corresponde a 22 das 33 ocorrências, tendo sido o participante com o maior emprego dessa variante. No que se refere à variável 2, do total de 37 oportunidades, o participante optou pela variante feminina em 13 delas, o equivalente a 35,2%, ficando um pouco acima da média dos cinco sujeitos pesquisados.

Nas tabelas a seguir, apresentamos a análise da variação de gênero gramatical por Paulo Junior, relacionando-a às variáveis independentes em estudo (a classe gramatical da palavra: pronome, substantivo, artigo, adjetivo e numeral; o sujeito referente: Poderosa, Veronique, Paulo Junior, They, Luiz, mais de um referente; os interlocutores presentes no momento da conversa: somente os sujeitos da pesquisa, com outros voluntários; e o assunto tratado na interação: temas relativos à ONG, temas não relativos à ONG).

Tabela 12 – Emprego da variante feminina por Paulo Junior, de acordo com a classe gramatical da palavra

Classe Gramatical	Total de Ocorrências	Feminino	Masculino
	12	10	2
Adjetivos		83,3%	16,7%
	33	22	11
Pronomes		66,7%	33,3%
	5	2	3
Substantivos		40%	60%
	20	1	19
Artigos		5%	95%

Fonte: a própria autora.

A partir dos dados presentes na Tabela 12, podemos verificar que o funcionamento da variante feminina na fala de Paulo Junior, em relação às classes de palavras, não diverge daquele apresentado pelos dois primeiros participantes da pesquisa. No entanto, destacamos que, diferentemente de Poderosa e Veronique, a classe dos pronomes foi a mais utilizada pelo sujeito, com 33 ocorrências, todas referentes ao pronome pessoal reto (*ele/ela*).

Na Tabela 13, trazemos os resultados referentes à variação de gênero

gramatical relacionada à pessoa sobre quem Paulo Junior falava.

Tabela 13 – Emprego da variante feminina por Paulo Junior, de acordo com o sujeito referente

Referente	Total de Ocorrências	Feminino	Masculino
Poderosa	40	25 62,5%	15 37,5%
They	30	10 33,3%	20 66,7%
Veronique	5	0 0%	5 100%
Luiz	3	0 0%	3 100%
Mais de um referente	3	0 0%	3 100%

Fonte: a própria autora.

Verificamos, a partir dos dados presentes na Tabela 13, que Paulo Junior utilizou a variante feminina somente para indicar Poderosa e They, com um percentual maior para aquele (62,5%) do que para este (33,3%). Os demais referentes foram mencionados somente na variante masculina.

Tal conclusão corrobora o exposto na seção *Os Sujeitos Observados*, onde apresentamos a rede social entre os participantes e demonstramos que Paulo Junior possuía uma relação de maior proximidade fora da ONG somente com Poderosa. Esse fato justifica o acentuado emprego de palavras no feminino para mencioná-lo, geralmente em sua presença, como em: “porque ela teve uma noite de amor com o boy dela”.

A seguir, apresentamos os dados da variação de gênero gramatical na fala de Paulo Junior relacionada às pessoas presentes no momento da interação.

Tabela 14 – Emprego da variante feminina por Paulo Junior, de acordo com os interlocutores presentes na interação

Interlocutores	Total de Ocorrências	Feminino	Masculino
Somente os 5 sujeitos da pesquisa	59	30 50,8%	29 49,2%
Presença de outros voluntários	11	5 45,5%	6 54,5%

Fonte: a própria autora.

Na Tabela 14, demonstramos que Paulo Junior menciona quantitativamente mais os participantes da pesquisa quando somente os cinco sujeitos interagem na comunicação. Nesses momentos, há uma leve preferência pelo gênero gramatical feminino (50,8%) em relação ao masculino (49,2%). Quando há outros voluntários presentes, a escolha se inverte e este gênero (54,5%) tem predomínio sobre aquele (45,5%). Uma possível justificativa para esse resultado seria o fato de Paulo Junior estar há pouco tempo participando das ações da CP e, por isso mesmo, possuir menos intimidade com as demais pessoas que a compõem.

Trazemos, a seguir, os resultados referentes à variação de gênero gramatical nas falas de Paulo Junior relacionada ao assunto tratado durante a interação.

Tabela 15 – Emprego da variante feminina por Paulo Junior, de acordo com o assunto tratado na interação

Assunto	Total de Ocorrências	Feminino	Masculino
Temas não relativos à ONG	22	19 86,4%	3 13,6%
Temas relativos à ONG	48	16 33,3%	32 66,7%

Fonte: a própria autora.

Podemos concluir, pela leitura dos dados presentes na Tabela 15, que, dos cinco sujeitos da pesquisa, Paulo Junior é quem mais utiliza a variante feminina (86,4%) para se referir a um homem cis gay, quando as interações discorrem sobre temas não relativos às atividades realizadas pela ONG. Nesses momentos, ele falava sobre Poderosa ou They, em frases como: “Não liga que ela é doida, ela é surtada” ou “agora ela tá arrumando a mala dela”.

Nas conversas sobre as ações da ONG, realizou quantitativamente mais menções aos outros quatro participantes (48) se compararmos com os diálogos sobre outros temas (22). No entanto, percentualmente, o emprego do feminino foi bem menor (33,3%). Esse resultado já era por nós esperado, visto que o contexto de produção tem sido um fator relevante para a aplicação da variante feminina entre os sujeitos da pesquisa.

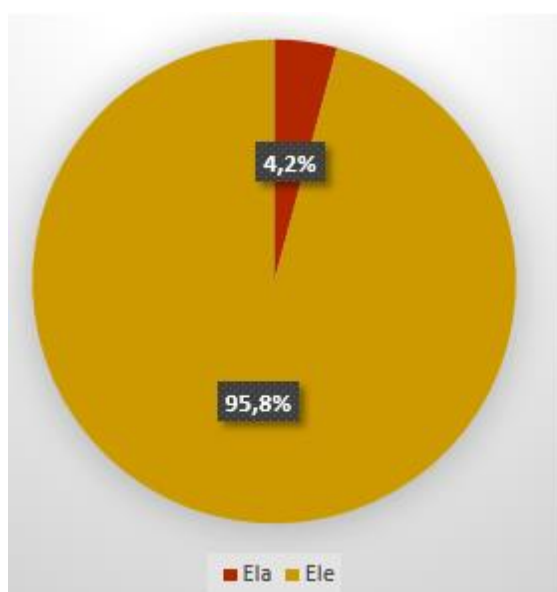
A seguir, apresentamos os resultados da análise quantitativa empreendida nas transcrições das falas de They.

d) O Feminino na Fala de They

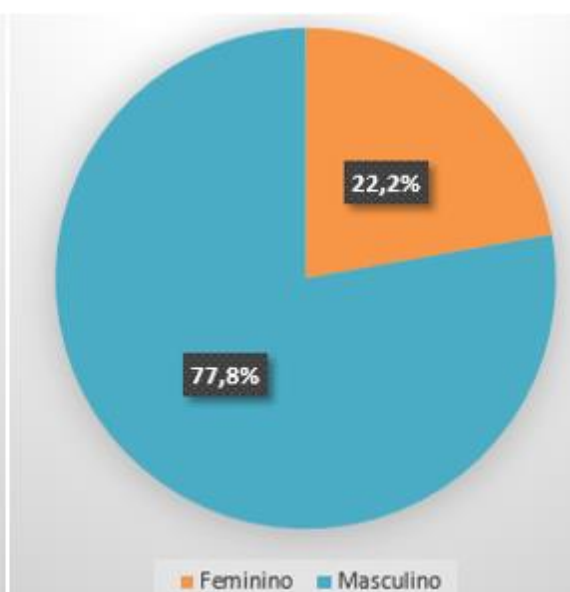
Percebemos, desde o início de nossa observação, que They era o sujeito que menos empregava a variante *ela* para se referir a um homem cis gay. Os dados que exibimos nos gráficos que compõem a Imagem 28 ratificam essa percepção, pois, das 24 possibilidades de uso da variável 1 (masculino/feminino quando se trata do pronome pessoal reto *ele/ela*), só há uma ocorrência de *ela*, correspondendo, percentualmente, a (4,2%).

Imagem 28 – Gráficos relativos aos percentuais de emprego das variáveis 1 e 2 nas falas de They

Variável 1: Pronome *ele/ela*



Variável 2: Masculino/Feminino nas Outras Classes Gramaticais



Fonte: a própria autora.

Além da comprovação mencionada, a análise nos possibilitou verificar que, assim como a variante *ela*, as demais classes gramaticais com possibilidades de variação de gênero gramatical, no mesmo contexto observado, também foram pouco aplicadas no feminino (22,2%). Dos 18 termos utilizados pelo participante, somente 4 foram empregados nesse gênero gramatical.

Em ambos os casos, constatamos que They, de fato, tem preferência pela realização da variante masculina quando menciona um homem cis gay.

Apresentamos, a seguir, a relação das variáveis independentes em estudo (a classe gramatical da palavra: pronome, substantivo, artigo, adjetivo e numeral; o sujeito referente: Poderosa, Veronique, Paulo Junior, They, Luiz, mais de um referente; os interlocutores presentes no momento da conversa: somente os sujeitos da pesquisa, com outros voluntários; e o assunto tratado na interação: temas relativos à ONG, temas não relativos à ONG) com a variação de gênero gramatical realizada por They.

Tabela 16 – Emprego da variante feminina por They, de acordo com a classe gramatical da palavra

Classe Gramatical	Total de Ocorrências	Feminino	Masculino
Adjetivos	4	4 100%	0 0%
Pronomes	24	1 4,2%	23 95,8%
Artigos	14	0 0%	14 100%

Fonte: a própria autora.

Verificamos, a partir da leitura da Tabela 16, que o emprego da variante feminina relacionado às classes gramaticais funciona de maneira bastante específica nas falas de They, especialmente quando comparamos com os demais sujeitos da pesquisa.

No que diz respeito a classe dos pronomes, o participante fez uso somente da variável *ele/ela*, com a realização da variante feminina ocorrendo uma única vez, no trecho: “de vez em quando ela chega mais atacada do que o normal”.

Ao observarmos os adjetivos, notamos que todas as quatro utilizações estão

no gênero gramatical feminino e foram direcionadas ao participante Poderosa, em frases como: “já tá esquecida”.

De forma contrária aos adjetivos, mas já esperada por nós devido aos resultados das três primeiras análises realizadas, todos os 14 artigos foram empregados por They na variante masculina (100%), sempre diante dos nomes dos sujeitos referentes.

A seguir, expomos os resultados relativos à variação de gênero gramatical relacionada à pessoa mencionada por They.

Tabela 17 – Emprego da variante feminina por They, de acordo com o sujeito referente

Referente	Total de Ocorrências	Feminino	Masculino
Poderosa	17	5	12
		29,4%	70,6%
Paulo Junior	7	0	7
		0%	100%
Veronique	10	0	10
		0%	100%
Luiz	5	0	5
		0%	100%
Mais de um referente	3	0	3
		%	100%

Fonte: a própria autora.

A partir dos dados presentes na Tabela 17, novamente constatamos a singularidade nas falas de They. O único referente para quem o sujeito utiliza a variante feminina é Poderosa, geralmente respondendo a alguma provocação deste, em frases como: “Presta atenção, surda!”. Em todas as demais menções aos sujeitos da pesquisa, ele empregou a variante masculina.

Na Tabela 18, trazemos os dados da variação de gênero gramatical nas falas de They relacionada às pessoas presentes no momento da interação.

Tabela 18 – Emprego da variante feminina por They, de acordo com os interlocutores presentes na interação

Interlocutores	Total de Ocorrências	Feminino	Masculino
Somente os 5 sujeitos da pesquisa	21	5 23,8%	16 76,2%
Presença de outros voluntários	21	0 0%	21 100%

Fonte: a própria autora.

Nos resultados apresentados nessa tabela, verificamos que, seguindo uma coerência em suas escolhas linguísticas, They utilizou a variante feminina exclusivamente nas interações em que estavam presentes somente os sujeitos da pesquisa (23,8%), com os quais possui maior intimidade. Nos diálogos em que havia outros voluntários da CP, o participante optou exclusivamente pelo masculino (100%).

Apresentamos, a seguir, os resultados referentes à variação de gênero gramatical nas falas de They relacionada ao tema da interação.

Tabela 19 – Emprego da variante feminina por They, de acordo com o assunto tratado na interação

Assunto	Total de Ocorrências	Feminino	Masculino
Temas relativos à ONG	27	5 15,6%	22 84,4%
Temas não relativos à ONG	10	0 100%	10 100%

Fonte: a própria autora.

A leitura da Tabela 19 nos permite concluir que, diferentemente dos demais sujeitos da pesquisa e do que esperávamos, They utilizou a variante feminina somente em interações nas quais os assuntos tratados eram relativos às ações da ONG. No entanto, é importante ressaltarmos novamente que tais referências foram respostas às provocações feitas a ele por Poderosa.

Trazemos, a seguir, os resultados obtidos com a análise quantitativa das transcrições das falas de Luiz nas interações informais gravadas.

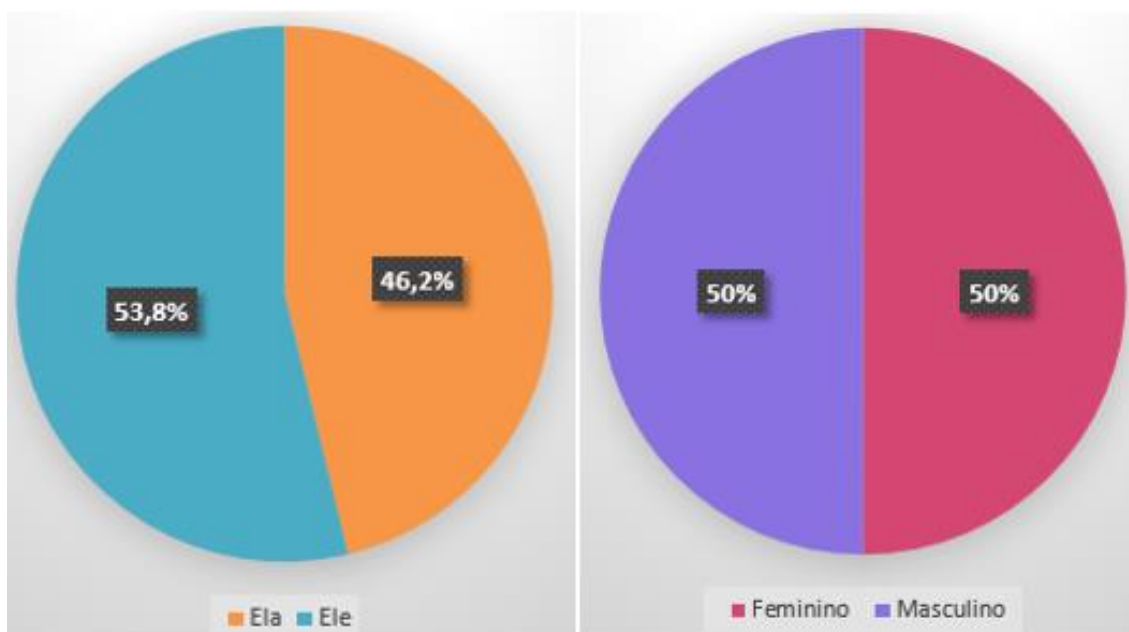
e) O Feminino na Fala de Luiz

Na Imagem 29, apresentamos os gráficos relativos ao emprego das variáveis 1 (masculino/feminino quando se trata do pronome pessoal reto *ele/ela*) e 2 (masculino/feminino quando se trata de outras classes gramaticais: substantivos, adjetivos, artigos, numerais e outros pronomes) para Luiz se referir a um homem cis gay. Neste caso, das 16 palavras com possibilidade de variação de gênero gramatical, 7 foram utilizadas na variante feminina; naquele, das 13 possibilidades, o *e/la* foi a escolha em 6.

Imagem 29 – Gráficos relativos aos percentuais de emprego das variáveis 1 e 2 nas falas de Luiz

Variável 1: Pronome *ele/ela*

Fonte: a própria autora.



Pela leitura da Imagem 29, concluímos que Luiz utiliza, percentualmente, tanto a variante *ela* (46,2%) quanto a variante feminina em outras classes gramaticais (50%) com maior frequência do que a média dos sujeitos da pesquisa (34,2% e 31,8%, respectivamente). No entanto, precisamos ressaltar que, por ser o participante com o menor tempo de gravação, pelos motivos já expostos na seção *Os Sujeitos Observados*, a quantidade de dados relativos às suas falas é menor do que a dos demais.

Nas tabelas a seguir, apresentamos a relação das variáveis independentes em

estudo (a classe gramatical da palavra: pronome, substantivo, artigo, adjetivo e numeral; o sujeito referente: Poderosa, Veronique, Paulo Junior, They, Luiz, mais de um referente; os interlocutores presentes no momento da conversa: somente os sujeitos da pesquisa, com outros voluntários; e o assunto tratado na interação: temas relativos à ONG, temas não relativos à ONG) com a variação de gênero gramatical nas falas de Luiz.

Tabela 20 – Emprego da variante feminina por Luiz, de acordo com a classe gramatical da palavra

Classe Gramatical	Total de Ocorrências	Feminino	Masculino
	5	4	1
Adjetivos		80%	20%
	15	8	7
Pronomes		53,4%	46,6%
	4	2	2
Substantivos		50%	50%
	7	1	6
Artigos		14,3%	85,7%

Fonte: a própria autora.

Concluimos, pela leitura da Tabela 20, que, na fala de Luiz, o funcionamento do feminino em relação às classes gramaticais, é semelhante ao da maioria dos participantes. Os adjetivos são, percentualmente, as palavras mais empregadas nesse gênero e usados, quase que exclusivamente, com a intenção de enfatizar o feminino enquanto uma “provocação” entre amigos de mesma orientação sexual (como em: “ah, tá entalada?”). Os artigos, por sua vez, apresentam menor aplicação do feminino, pois acompanham nomes próprios masculinos e, por isso, fazem a concordância gramatical (como em: “o Poderosa tava me lembrando”).

Na Tabela 21, trazemos os resultados referentes à variação de gênero gramatical relacionada à pessoa referida por Luiz.

Tabela 21 – Emprego da variante feminina por Luiz, de acordo com o sujeito referente

Referente	Total de Ocorrências	Feminino	Masculino
Veronique	8	4 50%	4 50%
Poderosa	11	5 45,5%	6 54,5%
They	10	4 40%	6 60%
Paulo Junior	1	0 0%	1 100%
Mais de um referente	4	0 0%	4 100%

Fonte: a própria autora.

Em suas falas, Luiz utiliza a variante feminina somente para se referir aos amigos gays mais próximos: Veronique (50%), Poderosa (45,5%) e They (40%), em frases como: “**ela** vem **toda linda, cheia** de plumas”, “**Ela** chega, não fala com ninguém” e “**A peluda** é **contadora**”, respectivamente. Quando menciona Paulo Junior, com quem tem menor tempo de convivência, ou mais de um homem cis gay, faz a opção pela variante masculina.

Na Tabela 22, demonstramos os dados da variação de gênero gramatical, nas falas de Luiz, relacionada às pessoas presentes no momento da interação.

Tabela 22 – Emprego da variante feminina por Luiz, de acordo com os interlocutores presentes na interação

Interlocutores	Total de Ocorrências	Feminino	Masculino
Somente os 5 sujeitos da pesquisa	19	10 52,6%	9 47,4%
Presença de outros voluntários	10	3 30%	7 70%

Fonte: a própria autora.

A partir da leitura dessa tabela, podemos concluir que, não diferindo dos demais participantes, Luiz empregou mais a variante feminina (52,6%) quando estavam presentes somente os 5 sujeitos da pesquisa. Com essa conclusão, demonstramos,

novamente, que o grau de proximidade entre os interlocutores influencia diretamente na produção linguística e, conseqüentemente, na construção das personas desses sujeitos. Dito de outra forma, quando a *persona* construída pelo sujeito possui maior intimidade com seus interlocutores, o uso da variante feminina é uma escolha linguístico-estilística.

Trazemos, na Tabela 23, os resultados referentes à variação de gênero gramatical por Luiz relacionada ao tema da interação.

Tabela 23 – Emprego da variante feminina por Luiz, de acordo com o assunto tratado na interação

Assunto	Total de Ocorrências	Feminino	Masculino
Temas não relativos à	11	10	1
ONG		90,9%	9,1%
Temas relativos à	18	3	15
ONG		16,7%	83,3%

Fonte: a própria autora.

A partir da leitura dos dados que apresentamos na Tabela 23, podemos concluir que, em relação ao assunto tratado na interação, o funcionamento da variação de gênero gramatical para se referir a um homem cis gay, na fala de Luiz, é semelhante ao da maioria dos sujeitos da pesquisa. Quando o tema dos diálogos são as atividades realizadas pela ONG, o emprego da variante feminina é discreto (16,7%). No entanto, nos momentos em que o trabalho empreendido pela CP não é o foco da interação, essa variante é a escolha preponderante na fala do participante (90,9%).

Concluimos, com a análise demonstrada nesta seção, que:

- (i) Em relação à variável 1 (masculino/feminino quando se trata do pronome pessoal reto *ele/ela*), somente They fez uso da variante *ela* de forma significativamente menor (4,2%) do que a média do grupo (34,2%); enquanto Paulo Junior foi quem mais a empregou (66,7%).
- (ii) No que diz respeito à variável 2 (masculino/feminino quando se trata de outras classes gramaticais: substantivos, adjetivos, artigos, numerais e outros pronomes), Luiz foi o único participante a empregar a variante feminina de forma mais acentuada (50%) do que a média dos 5 sujeitos (31,8%). Os demais membros do grupo a utilizaram de forma

semelhante.

- (iii) Em se tratando das classes de palavras analisadas, Poderosa foi o único a valer-se de numerais, todos na variante feminina. Percentualmente, os adjetivos foram a classe mais aplicada no feminino, geralmente em tons provocativos; enquanto os artigos, a que tiveram menor emprego nesse gênero por acompanharem nomes próprios masculinos com os quais a concordância gramatical foi realizada.
- (iv) Percentualmente, quando mais de um sujeito é referido ao mesmo tempo, a variante feminina foi a mais utilizada pelo grupo e Luiz o sujeito menos mencionado nesse gênero, especialmente por sua pouca participação nas reuniões devido a sua função na CP.
- (v) Como já esperávamos, quando estão presentes somente os 5 sujeitos da pesquisa e o tema da interação não diz respeito às atividades realizadas pela CP, a variante feminina é consideravelmente mais empregada pelos participantes. Essa constatação vai ao encontro dos resultados relativos às respostas dadas ao teste de avaliação linguística, os quais apresentamos na próxima seção, quando os participantes associaram o uso do feminino a momentos de descontração e brincadeira.

Nas imagens de 24 a 29 e nas tabelas de 4 a 23, exibimos os resultados da análise quantitativa empreendida nas transcrições das gravações realizadas durante a pesquisa. No entanto, retomamos três desses fragmentos por apresentarem um comportamento diferente de todos os outros. Nessas três falas, os sujeitos da pesquisa utilizaram, ao mesmo tempo, os dois gêneros gramaticais para o mesmo referente, conforme demonstrado a seguir:

2.1) Conversa descontraída na loja sustentável. Veronique respondia a uma pergunta de Luiz sobre como Poderosa, que nascera no interior do estado, havia chegado a Belém.

VERONIQUE: Ela veio, querida, nu no popopô⁵⁰. O pai a rejeitou (risos).

⁵⁰ Pequena embarcação a motor que transporta pessoas e mercadorias pelos rios da Amazônia. “O termo ‘popopô’ deriva do som característico produzido por essas embarcações quando seus motores estão em funcionamento” (Disponível em: <https://tupisoul.com.br/blogs/amazonia/explorando-a-magia-dos-barcos-popopo-na-amazonia?srltid=AfmBOorYhGiKsZVrBPXktC13HPWPF7g-rLIffc3b3XAo314uPGVQkw>). Acesso em: 20/12/2024).

3.1) Conversa descontraída na loja. Poderosa falava sobre a viagem que uma amiga faria para Nova Guiné.

PODEROSA: Aí, eu vou, sendo assessora da E.B., e levo o They para ser minha assessora.

4.1) Os voluntários se reuniram para tirar uma foto com algumas doações que chegaram e They estava demorando para se organizar com o grupo.

VERONIQUE: Ah, ela tá sem maquiagem, a They... Ele que tá dizendo.

Essas foram as únicas falas gravadas em que os dois gêneros gramaticais foram utilizados ao mesmo tempo para o mesmo referente. Todas as demais empregavam ou o masculino ou o feminino. Acreditamos que a variação nesses casos não foi intencional. O objetivo, parece-nos, era utilizar o feminino, por serem momentos descontraídos, nos quais a intenção era ser provocativo. No entanto, como a variante masculina é, de fato, mais empregada pelos sujeitos, eles acabaram por também empregá-la.

A seguir, apresentamos a análise qualitativa realizada com os dados das gravações informais realizadas durante a pesquisa etnográfica.

6.1.2.2 Análise qualitativa

Nossas observações corroboram os dados apresentados nas imagens e nas tabelas presentes na seção anterior. Podemos afirmar, por exemplo, que a variação de gênero gramatical observada dependia das pessoas presentes nas interações e dos assuntos nelas tratados. Quanto mais próximos os interlocutores fossem dos sujeitos e quanto menos os temas se aproximassem das atividades da ONG, mais comum era o emprego do feminino, sempre em tom de brincadeira e provocação, conforme demonstram as transcrições a seguir.

5.1) Momento que antecedeu o início de uma reunião entre membros da ONG e pessoas que foram à loja para tratar de assuntos relacionados à feira da diversidade e à exposição “Só Nazica”.

PODEROSA: Vem M. (voluntária da ONG), me apoia.

P.: Ele veio atacado hoje. (risos)

VERONIQUE: Ela tá doida hoje. Tá louca, louca, louca.

6.l) Conversa descontraída na loja sobre o carnaval de 2023.

LUIZ: Este ano estou responsável pelo desfile de duas escolas de samba.

P.: Muito chique você.

PODEROSA: Ela tá toda poderosa!

7.l) Conversa descontraída na loja.

PODEROSA: Pois é, Deus num dá asa pa cobra. Ele me olhou e disse: tu vai nascer no norte, baixinha, gordinha, feia e vai trabalhar numa... numa ONG pra ajudar os outros e do teu lado tu vai ter uma formada em moda que é a Luiz, e uma contadora que é a peluda. (risos)

LUIZ: A peluda é contadora? Nem sabia.

PODEROSA: E uma Veronique que não se acorda de manhã. Ela só quer saber de dormir. (risos) [...] tu também, peluda, bonita, alta. (se dirigindo ao They)

THEY: Quando ele falar, tu faz só assim (mostrando a mão aberta em sinal de ameaça) pra ele.

Dos cinco participantes, They foi o que menos utilizou a variante *ela* ou outras palavras femininas para se dirigir aos amigos gays durante todo o tempo de nossa observação. Fato ratificado pelos dados apresentados na Imagem 28, cujos gráficos demonstram ser o participante menos favorável a esse uso, e por suas respostas durante a entrevista, ao dizer que não gostava de se dirigir dessa forma aos companheiros, mas que, às vezes, entrava na brincadeira.

8.l) Conversa descontraída na loja.

PODEROSA: Eu vou começar desde que eu me referi ao They. (risos) Égua, peluda, tu tá o dia inteiro nesse celular. E a loja? (risos) Tem que atender os cliente bi. (neste momento o celular do Poderosa tocou, ele atendeu a chamada de Veronique e os dois ficaram conversando sobre demandas da ONG) Oi, amigo! Hoje temos uma reunião com a P., menina do Recife, se você puder participar, bacana, se não eu levo o They. [...] Aí depois, entra o DJ e o... (interrupção de um voluntário da ONG) Calma, eu tô

falando com ele, por favor. (respondendo ao voluntário)

É possível perceber, na transcrição 8.1, a mudança de *persona* de Poderosa. No primeiro momento (em que se dirigiu só a pesquisadora), utilizou o masculino para se referir ao They. Em seguida, temos o gay “espalhafatoso” e brincalhão, querendo provocar o amigo também gay. Já durante a ligação com Veronique, ele assume a *persona* de coordenador, organizando as atividades da ONG e, nesse momento, refere-se tanto a Veronique quanto a They, no masculino.

9.1) Intervalo da reunião para organização de um evento de saúde no Mercado de Carne Francisco Bolonha.

P.: E como estão as coisas por aqui, amigo? (me dirigindo ao Poderosa durante uma pausa na reunião)

PODEROSA: Ai, amiga, tô cansado. Quarta feira vai ter outra ação aqui e eu quero ver se jogo pro Veronique, vê se ele toma conta, entendeu?

P.: Parece que desde que a loja mudou pra cá tá mais movimentado, né?

PODEROSA: Mudou uma coisa muito bacana, sabe? Aqui, por incrível que pareça, a gente tem retorno financeiro da lojinha pra manter o básico, dá pra pagar o They, ele recebe por semana porque é o responsável pela loja. Não dá pra manter as grandes ações, mas tá bem melhor. [...] O They não pôde vir hoje, porque ele tinha outra coisa, aí o Paulo Junior veio bem cedo e eu vim agora depois do almoço. Aí, amanhã, o They já abre e eu vou com o Paulo Junior resolver outras coisa.

10.1) Intervalo durante reunião para organizar a participação da ONG no evento “Circular”.

PAULO JUNIOR: Olha ali tem uma sandália que o Veronique me deu, uma percata. Não dá no teu pé? (se dirigindo ao Poderosa)

PODEROSA: Veja lá, por gentileza.

PAULO JUNIOR: Tu quer experimentar?

PODEROSA: Lógico que eu quero.

PAULO JUNIOR: Acho que dá. (voltando com a sandália)

PODEROSA: Tem que dá uma lavada nela.

PAULO JUNIOR: Experimenta.

PODEROSA: Mas dá.

PAULO JUNIOR: Tô mandando tu experimentar, **grossa**.

PODEROSA: Mas só de olhar, eu sei que dá.

PAULO JUNIOR: **Ela é grossa, grossa, grossa**.

PODEROSA: Não, eu não sou grossa, meu amor, eu sou direta. Vocês que são sensíveis.

A partir da análise das gravações transcritas, assim como das observações no diário de campo, foi possível comprovar que, nas interações informais, o uso das variantes não é categórico. Nessas situações comunicativas, Poderosa foi quem mais se utilizou do pronome *ela* e de palavras femininas para se referir aos demais participantes da pesquisa; seguido por Veronique e Paulo Junior. Enquanto Luiz e They foram os que menos empregaram a variante *ela*, sendo este último o que mais faz uso do gênero gramatical masculino.

Também foi possível evidenciar que, em interações formais, o uso pelos participantes da variante *ele* e de outras palavras no masculino é categórico, excetuando-se o uso do feminino ocorrido no evento de despedida da loja, já descrito na seção 6.1.1 (p.133-134).

Para que possamos comparar o emprego do nosso objeto de estudo com a avaliação que os sujeitos da pesquisa fazem sobre o uso da variante *ela* para se referir a um homem cis gay, a seguir apresentamos os resultados obtidos com os testes de avaliação linguística.

6.2 ANÁLISE DOS TESTES DE AVALIAÇÃO LINGUÍSTICA (TAL)

Para que pudéssemos compreender como os sujeitos da pesquisa avaliam a utilização da variável em estudo, elaboramos o TAL (Apêndice C), respondido por eles ao final da pesquisa etnográfica participante. Como mencionado anteriormente nesta tese, nosso interesse era fazer com que os participantes refletissem a respeito desse uso linguístico e externassem objetivamente suas avaliações.

A seguir, apresentamos tabelas que representam as respostas dos participantes às questões relativas ao emprego da variante *ela*. É importante destacar que tal mensuração se refere especificamente às respostas dos cinco sujeitos desta pesquisa, ou seja, não deve ser tomada como a representação da avaliação feita por

outras pessoas pertencentes à comunidade LGBTQIA+. Precisamos ressaltar que não podemos esperar que o termo homossexual ou gay caracterize uma unidade, como sendo um grupo de pessoas iguais, que possuem as mesmas experiências de mundo e, por isso, pensem, ajam e se comportem da mesma maneira em suas diferentes CP. Assim como afirmava Butler (2003) em relação à utilização do termo “mulheres” como representação de uma identidade comum, quando, de fato,

Se alguém ‘é’ uma mulher, isso certamente não é tudo o que esse alguém é; o termo não logra ser exaustivo, não porque os traços predefinidos de gênero da ‘pessoa’ transcendam a parafernália específica de seu gênero, mas porque o gênero nem sempre se constituiu de maneira coerente ou consistente nos diferentes contextos históricos, e porque o gênero estabelece interseções com modalidades raciais, classicistas, étnicas, sexuais e regionais de identidades discursivamente constituídas (Butler, 2003, p. 20).

Se o gênero é tão complexamente constituído, como esperar que todas as pessoas LGBTQIA+ utilizem a língua de uma mesma maneira, que façam as mesmas avaliações sobre seu uso, ainda que possam possuir a mesma orientação sexual, sem considerar os outros fatores que compõem a sua história e que as difere entre si?

Podemos perceber, pelos dados constantes nas tabelas a seguir, que: (i) os cinco sujeitos desta pesquisa apresentam avaliações algumas vezes semelhantes outras discordantes sobre o emprego da variável em estudo, (ii) isso nos possibilita supor alguns caminhos os quais seguiram ao longo de suas vidas e (iii) contribuíram para que tenham a visão externada sobre a utilização de *ela* para se referir a um homem cis gay.

Apresentamos, a seguir, as tabelas 24 e 25, que tratam sobre a utilização de *ela*, por um homem heterossexual ou por um homem gay para se referir a um homem cis gay em um encontro entre amigos. Posteriormente, fazemos a discussão sobre ambas.

Tabela 24 – O quanto você considera comum/normal/natural o uso do termo ELA por um homem gay para se referir a outro homem gay em um encontro informal entre amigos?

Possibilidades de Respostas	Quantidade de Respostas Assinaladas
Nada comum//normal/natural	0
Pouco comum//normal/natural	1
Indiferente	1
Comum//normal/natural	0
Muito comum//normal/natural	3

Fonte: a própria autora.

Tabela 25 – O quanto você considera comum/normal/natural o uso do termo ELA por um homem heterossexual para se referir a um homem gay em um encontro informal entre amigos?

Possibilidades de Respostas	Quantidade de Respostas Assinaladas
Nada comum//normal/natural	2
Pouco comum//normal/natural	2
Indiferente	0
Comum//normal/natural	0
Muito comum//normal/natural	1

Fonte: a própria autora.

A partir da leitura das tabelas 24 e 25, podemos verificar que a avaliação do uso da variante *e/a*, em situações de informalidade, para se referir a um homem cis gay difere quando o sujeito é gay ou heterossexual. No primeiro caso, nenhum participante avaliou esse emprego de forma negativa. A maioria (3 participantes) considerou o uso muito comum, enquanto 1 considerou indiferente e 1, pouco comum. No segundo caso, a maioria dos participantes (4) considerou nada ou pouco comum o uso da variante por se tratar de alguém que não pertence à comunidade LGBTQIA+; e somente Veronique julgou como muito comum. Acreditamos que isso se deva ao fato de ele ter uma maior circulação entre outras CP nas quais sua orientação sexual é conhecida.

Esses resultados vão ao encontro dos estudos de Mendes (2012), para quem a linguagem atua como um índice de engajamento social dos sujeitos aos seus grupos, e de Ribeiro (2020) ao afirmar que pessoas pertencentes à comunidade LGBTQIA+ se sentem mais confortáveis em expor suas identidades diante de seus

pares e em locais por eles frequentados.

Vejamos, nas tabelas 26 e 27, como a avaliação foi feita considerando contextos formais de interação.

Tabela 26 – O quanto você considera comum/normal/natural o uso do termo ELA por um homem gay para se referir a outro homem gay em uma reunião formal de trabalho?

Possibilidades de Respostas	Quantidade de Respostas Assinaladas
Nada comum//normal/natural	3
Pouco comum//normal/natural	0
Indiferente	2
Comum//normal/natural	0
Muito comum//normal/natural	0

Fonte: a própria autora.

Tabela 27 – O quanto você considera comum/normal/natural o uso do termo ELA por um homem heterossexual para se referir a um homem gay em uma reunião formal de trabalho?

Possibilidades de Respostas	Quantidade de Respostas Assinaladas
Nada comum//normal/natural	5
Pouco comum//normal/natural	0
Indiferente	0
Comum//normal/natural	0
Muito comum//normal/natural	0

Fonte: a própria autora.

De acordo com os dados apresentados nas tabelas 26 e 27, podemos verificar que a avaliação do uso da variante *ela*, em situações de formalidade, para se referir a um homem cis gay é consideravelmente diferente do contexto informal demonstrado anteriormente.

Quando o ambiente é de formalidade, ainda que o sujeito seja um homem gay, o uso de *ela* para se referir a outro homem gay foi considerado nada comum pela maioria dos participantes (3) e indiferente por 2, o que comprova que o contexto interacional (local, tema e interlocutor) tem grande influência na variação. A avaliação é mais negativa quando o falante é um homem heterossexual, contexto no qual os participantes foram unânimes ao considerar nada comum o uso da variante.

As tabelas 28 e 29, a seguir, demonstram o quanto os participantes se sentem

incomodados quando um amigo se refere a eles utilizando o pronome *ela*.

Tabela 28 – O quanto você se sentiria incomodado(a) por um amigo gay se referir a você usando o termo ELA em um encontro informal?

Possibilidades de Respostas	Quantidade de Respostas Assinaladas
Nada indomodado(a)	3
Pouco incomodado(a)	1
Indiferente	1
Incomodado(a)	0
Muito incomodado(a)	0

Fonte: a própria autora.

Tabela 29 – O quanto você se sentiria incomodado(a) por um amigo gay se referir a você usando o termo ELA em um encontro formal?

Possibilidades de Respostas	Quantidade de Respostas Assinaladas
Nada indomodado(a)	0
Pouco incomodado(a)	1
Indiferente	1
Incomodado(a)	2
Muito incomodado(a)	1

Fonte: a própria autora.

A partir dos dados apresentados nas tabelas 28 e 29, verificamos como os participantes da pesquisa se sentem quando um amigo gay se refere a eles utilizando o pronome feminino. Quando o contexto é de informalidade, demonstrado na Tabela 28, a maioria não se incomoda (3) com o uso, enquanto 1 fica pouco incomodado e 1, indiferente. É importante destacarmos que esses dois últimos sujeitos são They e Paulo Junior, respectivamente. They sempre deixou claro não ser adepto do uso do gênero feminino para se referir a um homem cis, enquanto Paulo Junior só fazia tal emprego quando se referia a Poderosa, o que foi ratificado por suas respostas. Quando o contexto é de formalidade (Tabela 29), os números diferem e todos os participantes ficariam incomodados com o uso da variante. No entanto, o grau de incômodo variou de pouco incomodado(a) (1) a muito incomodado(a) (1), sendo a opção “incomodado(a)” a mais escolhida (2).

Vejamos, nas tabelas 30 e 31, como foram feitas as avaliações quando se

tratava, nos mesmos contextos, de um amigo heterossexual.

Tabela 30 – O quanto você se sentiria incomodado(a) por um amigo heterossexual se referir a você usando o termo ELA em um encontro informal?

Possibilidades de Respostas	Quantidade de Respostas Assinaladas
Nada indomodado(a)	1
Pouco incomodado(a)	1
Indiferente	1
Incomodado(a)	1
Muito incomodado(a)	1

Fonte: a própria autora.

Tabela 31 – O quanto você se sentiria incomodado(a) por um amigo heterossexual se referir a você usando o termo ELA em uma reunião formal?

Possibilidades de Respostas	Quantidade de Respostas Assinaladas
Nada indomodado(a)	0
Pouco incomodado(a)	0
Indiferente	0
Incomodado(a)	0
Muito incomodado(a)	5

Fonte: a própria autora.

Comprovamos, com os dados presentes na Tabela 30, o que dissemos anteriormente sobre não ser possível considerar que todos os gays utilizam ou avaliam a linguagem da mesma maneira, sendo preciso considerar que cada um desses sujeitos vem se construindo ao longo de sua própria história e de uma história social que os precede. Quando o pronome feminino é dirigido por um amigo heterossexual aos próprios participantes da pesquisa, em contexto de informalidade, não há consenso ou maioria na avaliação sobre seu uso.

No entanto, quando o contexto é formal (Tabela 31) todos os participantes se consideram muito incomodados com o fato de um homem heterossexual, ainda que amigo, se referir a eles utilizando o pronome *e/a*. Isso reforça a importância do pertencimento à comunidade LGBTQIA+ e do contexto de interação em que os sujeitos estão envolvidos para a aceitação da variante.

As últimas duas tabelas referem-se à utilização da variante por pessoas que

não têm proximidade com os sujeitos da pesquisa.

Tabela 32 – O quanto você se sentiria incomodado(a) por uma pessoa heterossexual, com a qual você não tem proximidade, se referir a você usando o termo ELA em um encontro informal?

Possibilidades de Respostas	Quantidade de Respostas Assinaladas
Nada indomodado(a)	0
Pouco incomodado(a)	0
Indiferente	1
Incomodado(a)	1
Muito incomodado(a)	3

Fonte: a própria autora.

Tabela 33 – O quanto você se sentiria incomodado(a) por uma pessoa heterossexual, com a qual você não tem proximidade, se referir a você usando o termo ELA em uma reunião formal?

Possibilidades de Respostas	Quantidade de Respostas Assinaladas
Nada indomodado(a)	0
Pouco incomodado(a)	0
Indiferente	0
Incomodado(a)	0
Muito incomodado(a)	5

Fonte: a própria autora.

Demonstramos, a partir dos dados presentes nas tabelas 32 e 33, que quando uma pessoa heterossexual, com a qual os sujeitos não têm proximidade, se refere a eles utilizando a variante *e/a* sempre há algum grau de incômodo.

Em contexto de informalidade, a maioria dos participantes (3) se sentiria muito incomodada, 1 ficaria incomodado e para 1 seria indiferente. Já em situações formais de interação, todos os participantes se sentiriam muito incomodados, o que confirma as observações que fizemos durante a pesquisa etnográfica participante.

Esses resultados, embora com uma variável diferente, aproximam-se de alguns estudos relacionados à linguagem e gênero, como Mendes (2012), Santana (2018), Nogueira (2019) e Ribeiro (2020).

A partir da leitura das tabelas de 24 a 33, podemos concluir que:

- (i) a aceitação do uso da variante *e/a* é condicionada ao grau de

- proximidade dos interlocutores e ao contexto da interação, sendo melhor avaliado quando o falante é um amigo e a interação é informal;
- (ii) as três únicas respostas unânimes entre os participantes referem-se à avaliação negativa relacionada ao fato de um homem heterossexual se referir a um homem gay utilizando o pronome feminino quando o contexto interacional é de formalidade.

Tais conclusões ratificam o pensamento de Oushiro (2019, p. 308), para quem a identidade “é, antes de mais nada, uma *negociação*, ou seja, um indivíduo não tem poder de definir para si uma identidade totalmente nova, que não tenha sido elaborada coletivamente e que não seja aceita por outras pessoas”.

Na seção a seguir, explanamos acerca da análise realizada nos dados coletados na entrevista com os cinco participantes.

6.3 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

A entrevista realizada com os sujeitos da pesquisa (Apêndice A) contribuiu com este trabalho em vários aspectos. Além de informações sobre os próprios sujeitos e sobre a história da ONG, as respostas nos esclareceram acerca do grau de proximidade entre os participantes, demonstrado na seção 2.2, bem como da maneira como eles observam o uso da variável em estudo e da linguagem neutra, da qual falaremos na próxima seção.

Em relação ao uso da variante *ela* (questões de 11 a 14 do roteiro de entrevista), as respostas dos cinco sujeitos foram muito semelhantes, como comprovam as transcrições a seguir.

- 4.E) Respostas à 12^a questão do roteiro de entrevista (12. Quem faz esse uso? Você faz? Há alguma situação específica para usar ELE ou ELA?).

PODEROSA: Na comunicação na comunidade é muito tranquilo isso. Agora quando você sai desse eixo da comunidade LGBTQIA+, quando você sai para o eixo normal (fazendo o sinal de aspas com as mãos) não se usa porque você já sai pra um mundo diferente (?) são situações específicas dentro do seu meio. Entendeu? Do seu meio de convívio.

VERONIQUE: É uma forma descontraída de falar, né? De brincar, por exemplo pra...

a gente... a gente tem mais intimidade, né? com a pessoa e tal, aí fala como se fosse ela, a Poderosa, por exemplo, né? Aquela brincadeira de usar o... o pronome é... feminino na pessoa que é masculina e tal. Aquela coisa de brincadeira mesmo.

PAULO JUNIOR: É uma forma espontânea. A gente conversando, do nada saía a palavra ela... no contexto... no caso pra ele. Às vezes não era mais nem ele, era só ela. Olha ela aí, presta atenção nela aí (risos).

THEY: A gente usa entre nós aqui, entendeu? É o lado da nossa brincadeira de chamar ela... ela, mas assim... tudo na brincadeira. Ela como se fosse assim... por ser gay, entendeu? Aí tem essa coisa de... de chamar de ela, mas...

LUIZ: Ah, faz parte desse povo aqui. A gente fala na brincadeira mesmo. É todo mundo amigo e vive junto.

5.E) Respostas à 14ª questão do roteiro de entrevista (14. Qualquer pessoa (mesmo que possua outra orientação sexual) pode se referir a você como ELA e em qualquer lugar?).

PODEROSA: Olha, qualquer pessoa que esteja nesse convívio da comunidade. Por exemplo, eu tô aqui, eu não posso dizer que vai chegar uma pessoa que eu não conheço, uma pessoa lá... um empregado, um... um empreendedor, um... que só me enxerga aqui eu transitando na ONG, no dia a dia me enxerga, mas não tem intimidade, não tem convívio comigo, ela sabe da minha realidade, eu sou uma pessoa LGBTQIA+, beleza, isso ela sabe, mas ela não tem essa liberdade, então ela vai chegar aqui... ela não pode me tratar de ela.

VERONIQUE: Acho que não, né? Se ela não me conhece, então não tem que né? Porque seria um pré-julgamento. É pra pessoas mais próximas mesmo.

PAULO JUNIOR: Não. Porque é... é tipo assim. Eu e o Poderosa era uma coisa, uma convivência diária, que tinha as nossas brincadeiras. Então, se vier alguma pessoa de fora me chamar de ela é claro que eu vou me ofender, porque eu não tenho intimidade com aquela pessoa. Eu não tenho contato com ela diariamente, então não tem a necessidade de ela me chamar por ela. Então, automaticamente a pessoa está me ofendendo. Entendeu? Porque eu sou do sexo masculino, não do sexo feminino.

THEY: Se for uma pessoa de fora, aí já... eu já vejo como preconceito, como ofensa, entendeu? Não que vá me ofender por ser homem ou mulher, mas por preconceito mesmo. A pessoa tá sendo preconceituosa. [...] É porque né eu acho chato tu chegar com uma pessoa que tu nunca viu e dizer olha bichona, olha bi ou usar o ela, né? Não

existe isso. Tem que procurar saber, criar uma intimidade com a pessoa pra poder... tu ter intimidade.

LUIZ: Não pode. A gente tem que ser muito próximo da pessoa pra tratar assim.

As falas dos sujeitos desta pesquisa assemelham-se às dos informantes de Santana (2018), ao serem questionados sobre o uso da predicação feminina em situações formais, transcritas a seguir.

(18) Eu acho que nesse caso eu usaria o masculino. “Tô cansado”, por exemplo, para dar justamente esse **distanciamento**. Porque se eu falar pra você “tô cansada, tô louca”, sabe, começar a usar o feminino, eu acho que indica uma **liberdade** muito grande... Isso oportuniza, assim, uma **intimidade**. E eu acho que nesse caso mais formal é bom manter um **distanciamento**.

(19) Eu acho que eu começaria usando o masculino, mas a partir do momento que eu tenho uma **intimidade** com a pessoa, eu começo a desconstruir o gênero da minha linguagem (Santana, 2018, p. 92).

Comprovamos, pelas transcrições das respostas dos cinco sujeitos desta pesquisa, que, para eles, o uso da variante *e/la* para se referir a um homem cis gay é uma marca de pertencimento ao grupo e que lhes causa incômodo quando empregada por pessoas externas a ele. Isso se assemelha ao afirmado por Camacho e Salomão-Conchalo (2016, p. 60), para quem:

Quando uma variante, estigmatizada pela comunidade social como um todo, é adotada pelos membros de uma CP, desvanece-se o valor de estigma social, justamente por indexar ao uso uma marca de afiliação ao grupo, de pertencimento social, e, portanto, de representação simbólica de construção de identidade.

Assim como corrobora o que afirma Coupland (2001, p. 198): “É em relação às normas do grupo que a variação estilística se torna significativa; é através de escolhas estilísticas individuais que as normas do grupo são produzidas e reproduzidas”⁵¹. Em outras palavras, a utilização da variante *e/la* só funciona por aceitação do grupo.

A partir das respostas às questões de 11 a 14, verificamos que, para os participantes, o uso da variante *e/la* indexaliza significados positivos ou negativos a depender do interlocutor e do contexto de interação, o que ratifica os dados obtidos

⁵¹ Texto original: It is in relation to group norms that stylistic variation becomes meaningful; it is through individual stylistic choices that group norms are produced and reproduced.

com a análise do teste de avaliação linguística. Essa comprovação vai ao encontro dos resultados de Nogueira (2019, p. 73), ao afirmar que: “De antemão, se faz necessário a ressalva de que quando esses vocativos são usados por pessoas de fora da comunidade, passam a ganhar significações diferentes[...]”.

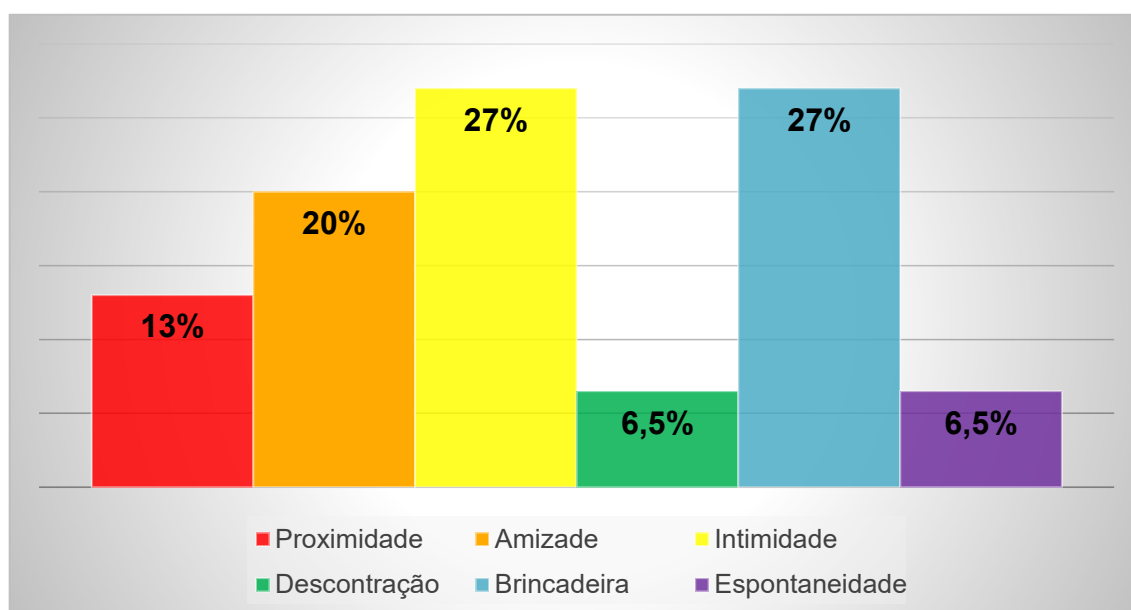
Na Tabela 34, apresentamos os significados sociais positivos indexicalizados para cada participante e, no Gráfico 1, a porcentagem correspondente a cada um desses significados.

Tabela 34 – Significados sociais positivos indexicalizados para o uso da variante *e/a* segundo cada participante

Participante	Significados sociais positivos indexicalizados
Poderosa	Proximidade – amizade – intimidade
Veronique	Descontração – brincadeira – intimidade
Paulo Junior	Espontaneidade – brincadeira – intimidade
They	Brincadeira – amizade – intimidade
Luiz	Brincadeira – amizade – proximidade

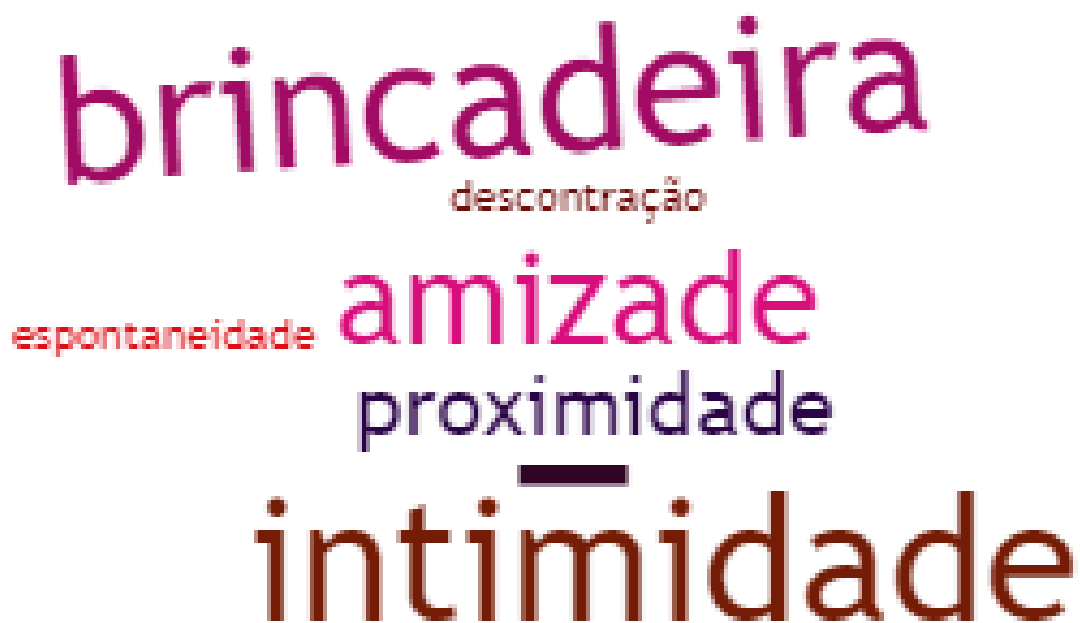
Fonte: a própria autora.

Gráfico 1 – Significados sociais positivos mais indexicalizados para o uso da variante *e/a*



Fonte: a própria autora.

A partir da leitura da Tabela 34 e do Gráfico 1, podemos verificar que o uso da variante *ela* indexicaliza de forma mais recorrente os significados sociais de intimidade (27%) e de brincadeira (27%) entre os interlocutores, tal qual visualizamos na nuvem de palavras a seguir.



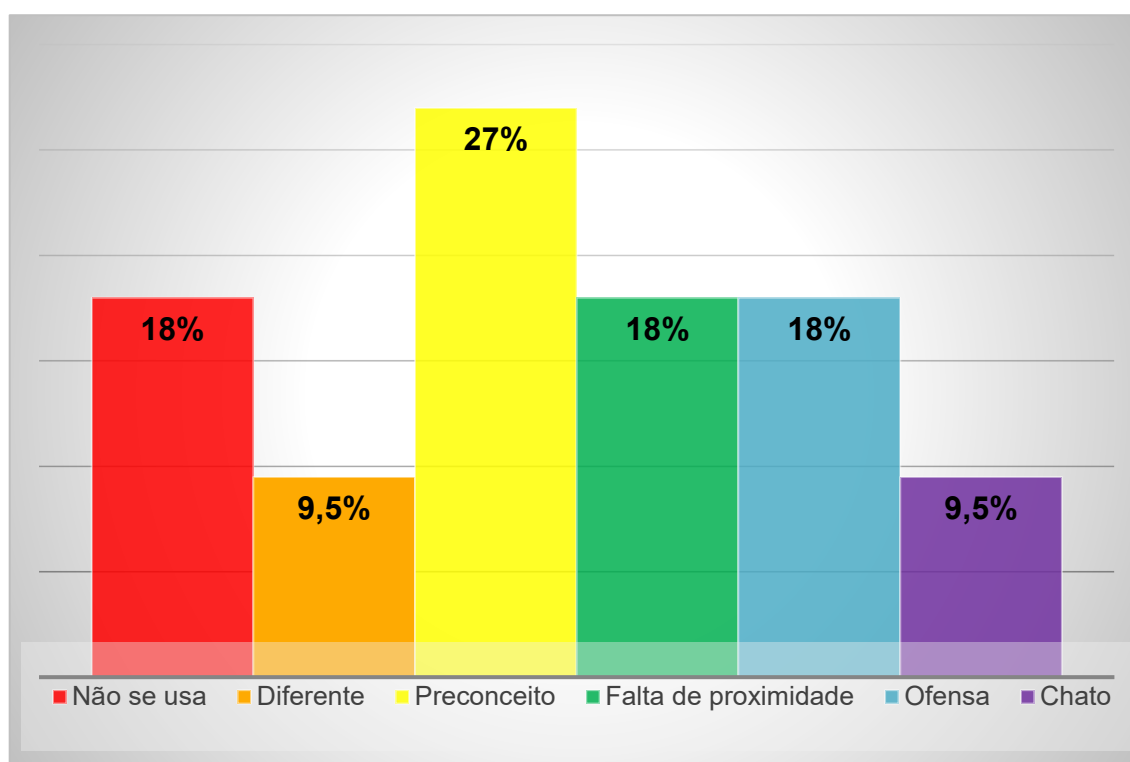
Ou seja, o uso do pronome feminino por um homem cis gay para se referir a outro homem cis gay é avaliado positivamente pelos participantes quando há intimidade entre os interlocutores e a situação de interação é considerada informal. O que difere quando não há proximidade entre ambos e a situação é de formalidade, conforme demonstrado na Tabela 35 e no Gráfico 2.

Tabela 35 – Significados sociais negativos indexicalizados para o uso da variante *ela* segundo cada participante

Participante	Significados sociais negativos indexicalizados
Poderosa	Não se usa – diferente
Veronique	Preconceito – falta de proximidade
Paulo Junior	Ofensa – preconceito
They	Preconceito – ofensa – chato
Luiz	Não se usa – falta de proximidade

Fonte: a própria autora.

Gráfico 2 – Significados sociais negativos mais indexicalizados para o uso da variante *ela*



Fonte: a própria autora.

A partir da leitura da Tabela 35 e do Gráfico 2, podemos verificar que quando uma pessoa utiliza o pronome feminino para se referir a um homem cis gay com o qual não tem proximidade, especialmente em situações formais de interação, o significado mais indexicalizado é o preconceito (27%). Essa relação está expressa na

nuvem de palavras a seguir.

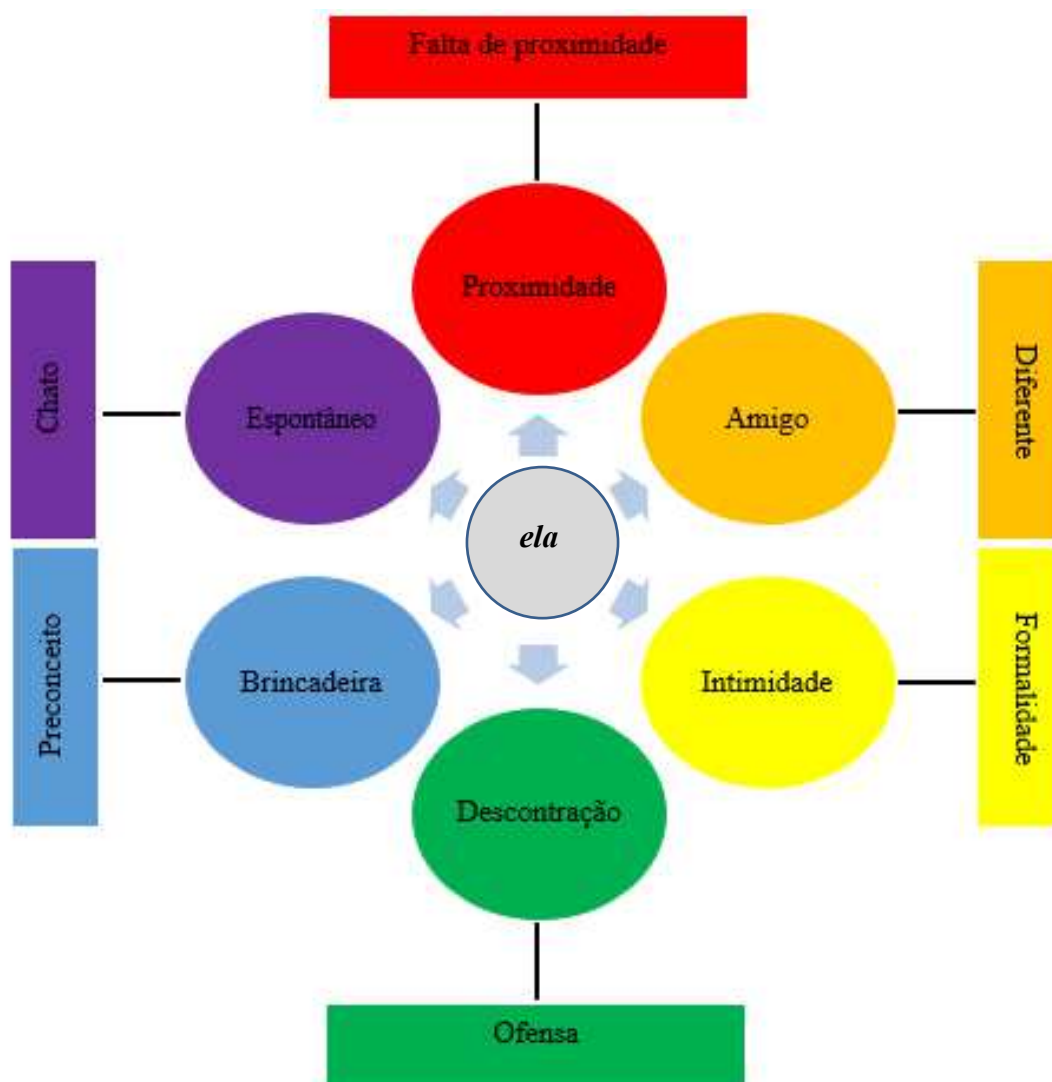
faltadeproximidade
 ofensa diferente
 chato naoseusa
 preconceito

Os dados apresentados nas tabelas, nos gráficos e nas nuvens de palavras desta seção, vão ao encontro do que afirmam Lacerda, Görski e Paza, (2022, p. 08), para quem Eckert e Labov (2017)

[...] chamam a atenção para a necessidade de reunir estudos sobre “produção e percepção” quando o foco é a observação dos significados sociais, já que esses se (re)constroem na interação entre falantes e ouvintes. Saliendam ainda que os significados sociais não são fixos, mas dinâmicos, compondo campos indexicais (ECKERT, 2008) com potenciais significados acionados por falantes e ouvintes no momento da interação situada.

Parece-nos claro, a partir do exposto até aqui, que o uso da variante *e/a* compõe um campo indexical com significados potenciais que se modificam e são acionados no momento de cada interação. Esse campo indexical está representado na figura a seguir.

Figura 25 – Campo indexical do uso da variante *ela*



Fonte: a própria autora.

Os significados apresentados nos círculos são referentes aos valores positivos indexicalizados pelos participantes no momento da entrevista, enquanto, nos retângulos, estão os significados negativos. Isso não quer dizer que, em um outro momento de interação, tais noções não possam ser modificadas.

Essa constelação, acionada durante as interações, foi refletida no que observamos durante o período de nosso estudo. Os participantes da ONG cuja orientação sexual era diferente daquela manifestada pelos sujeitos da pesquisa, mesmo aqueles com quem possuíam muito tempo de convívio, pareciam reconhecer que se tratava de uma marca identitária de um grupo ao qual não pertenciam.

Tal marca de pertencimento representada pelo uso do pronome *ela* não foi encontrada na utilização de formas linguísticas que compõem a linguagem neutra. Na próxima seção trazemos informações referentes à avaliação dos participantes sobre o uso dessa linguagem dentro da CP.

6.4 AVALIAÇÃO DOS SUJEITOS DA PESQUISA ACERCA DA LINGUAGEM NEUTRA

Para verificar a avaliação que os participantes da pesquisa fazem sobre o uso da linguagem neutra, inserimos algumas questões relativas a esse emprego no teste de avaliação linguística e na entrevista realizada com os sujeitos da pesquisa.

Nas tabelas a seguir, apresentamos as respostas às questões presentes no TAL e os comentários metalinguísticos à questão da entrevista (9. Há algum tipo de trabalho relativo à linguagem? Por exemplo, hoje se fala muito de pronome neutro, como *todes* ou *ili*. Você costuma usar essa linguagem? O que pensa sobre isso?).

As duas primeiras tabelas desta seção se referem à frequência da utilização da LN dentro e fora da comunidade LGBTQIA+.

Tabela 36 – O quanto você considera frequente o uso da linguagem neutra dentro da comunidade LGBTQIA+?

Possibilidades de Respostas	Quantidade de Respostas Assinaladas
Nada frequente	2
Pouco frequente	0
Indiferente	1
Frequente	1
Muito frequente	1

Fonte: a própria autora.

Tabela 37 – O quanto você considera frequente o uso da linguagem neutra fora da comunidade LGBTQIA+?

Possibilidades de Respostas	Quantidade de Respostas Assinaladas
Nada frequente	0
Pouco frequente	0
Indiferente	3
Frequente	2
Muito frequente	1

Fonte: a própria autora.

A partir das respostas demonstradas nas tabelas 36 e 37, podemos concluir que o uso da LN por pessoas da comunidade LGBTQIA+ não é considerado muito frequente pelos participantes. Isso vem ao encontro de nossas observações durante o período de pesquisa e das considerações de Freitag (2024). A maioria dos sujeitos (3) considerou indiferente o emprego, ou seja, ocorre, mas não de forma significativa.

Quando nos referimos a pessoas não pertencentes à referida comunidade, a avaliação dos participantes diverge. Conforme demonstrado na Tabela 37, não há um consenso entre os sujeitos da pesquisa em relação ao emprego da LN nesse contexto. Embora 2 participantes tenham considerado nada frequente sua utilização, houve afirmativas desde o indiferente até o muito frequente. É importante ressaltarmos que o sujeito que assinalou esta última opção apresentou, sem que lhe fosse solicitado, uma justificativa para sua resposta: “Algumas pessoas que não são LGBT usam essa linguagem pra não correr o risco de ser considerado homofóbico. Usam principalmente o todes em eventos”.

As tabelas 38 e 39, a seguir, referem-se à utilização da LN pelos sujeitos da pesquisa.

Tabela 38 – O quanto você utiliza a linguagem neutra com pessoas de dentro da comunidade LGBTQIA+?

Possibilidades de Respostas	Quantidade de Respostas Assinaladas
Não utiliza	2
Utiliza pouco	2
Indiferente	0
Utiliza	1
Utiliza muito	0

Fonte: a própria autora.

Tabela 39 – O quanto você utiliza a linguagem neutra com pessoas de fora da comunidade LGBTQIA+?

Possibilidades de Respostas	Quantidade de Respostas Assinaladas
Não utiliza	3
Utiliza pouco	2
Indiferente	0
Utiliza	0
Utiliza muito	0

Fonte: a própria autora.

Ratificando as respostas apresentadas na Tabela 37, bem como nossas observações dentro da CP, na Tabela 38 verificamos que a maioria dos participantes afirmou que não utiliza (2) ou utiliza pouco (2) a LN, mesmo dentro da comunidade LGBTQIA+. Isso foi mais pontuado quando a pergunta se referiu a interações com pessoas que não pertencem a essa comunidade. Nesse contexto, os participantes afirmaram que não utilizam (3) ou utilizam pouco (2) a linguagem neutra. De fato, durante nossas observações, esse emprego se restringiu ao pronome *todes* nas aberturas de eventos e reuniões. Durante a entrevista, essa constatação também foi destacada pelos sujeitos, conforme as transcrições a seguir:

6.E) Respostas à 9ª questão do roteiro de entrevista (9. Há algum tipo de trabalho relativo à linguagem? Por exemplo, hoje se fala muito de pronome neutro, como *todes* ou *ili*. Você costuma usar essa linguagem? O que pensa sobre isso?)

THEY: Eu não uso... e, pra te ser sincero não... eu não concordo muito. Não tenho

preconceito, não. Só que eu acho assim...que eu acho que... que as palavras elas devem ser... tudo bem, palavra foram criada, né? Mas eu acho que tem que ser...entende? Tem que ser normatizado. Se é pra usar, então bora mudar e botar lá no dicionário que a palavra existe.

PODEROSA: Olha, a linguagem, às vezes, a gente é até forçado a usar. Quando você fala, eu Poderosa, eu não gosto muito de usar a linguagem criada no momento, da moda, essa linguagem que é criada. Eu gosto do universal da linguagem. Pra mim todos são todos, eu nomeio logo todo mundo. Mas, às vezes, a gente usa quando tá na palestra: bom dia a todos, todas e todes, um exemplo. Mas eu foco muito na pronúncia que eu gosto correta. Mas eu respeito muito a linguagem, falo umas vezes, não uso todo dia, toda hora, mas isso não isola a gente, né Suely? Não isola a gente de tá nessa linguagem.

PAULO JUNIOR: Tem o nosso cotidiano, que, às vezes, a gente falava “ah, bom dia a todes. Todas, todos e todes”. Era a nossa linguagem já se adaptando à nova linguagem, mas não era praticado diariamente, é algo de vez em quando. Não uso fora da ONG porque assim... a gente vive num mundo que ainda é preconceituoso. Então... é meio que... pra mim é dificultoso usar a linguagem todes, porque muitas das pessoas já te olham com olhar de... de... como é que se diz, a palavra correta... com um olhar de deboche, um olhar de... de... já de... de homofóbico, um olhar de homofobia, ah é fresco.

Os comentários metalinguísticos transcritos justificam não somente as respostas apresentadas nas tabelas de 36 a 39, como também aquelas dadas às questões 9 e 10 do TAL, demonstradas nas tabelas 40 e 41, a seguir.

Tabela 40 – O quanto você considera necessário o uso da linguagem neutra em documentos oficiais?

Possibilidades de Respostas	Quantidade de Respostas Assinaladas
Nada necessário	1
Pouco necessário	1
Indiferente	2
Necessário	0
Muito necessário	1

Fonte: a própria autora.

Tabela 41 – O quanto você considera necessário o ensino da linguagem neutra nas escolas?

Possibilidades de Respostas	Quantidade de Respostas Assinaladas
Nada necessário	1
Pouco necessário	0
Indiferente	1
Necessário	3
Muito necessário	0

Fonte: a própria autora.

Não houve consenso entre as respostas apresentadas nas tabelas 40 e 41. Provavelmente por não considerarem tão frequente o uso da LN, nem mesmo entre as pessoas que compõem a comunidade LGBTQIA+, e por eles mesmos não realizarem frequentemente tal uso, a maioria dos sujeitos da pesquisa consideraram de nada necessário (1) a indiferente (2) o emprego de tal linguagem em documentos oficiais. No entanto, 3 assinalaram ser necessário o ensino da LN nas escolas. Esse dado nos levou a considerar a importância de, futuramente, dar continuidade a este estudo e realizar novas entrevistas para compreender por que os participantes consideram a introdução dessa linguagem importante em sala de aula, uma vez que os próprios sujeitos não a utilizam e nem a veem como muito necessária em documentos oficiais.

6.5 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Neste capítulo, apresentamos as análises realizadas a partir dos dados obtidos com nossos instrumentos de pesquisa: as gravações, o teste de avaliação linguística e as entrevistas, estes últimos realizados individualmente com os sujeitos ao final da pesquisa etnográfica.

Todas as conclusões a que chegamos até aqui nos encaminham para a compreensão de que, de fato, há linguagens (no plural) que representam uma comunidade de pessoas com características semelhantes, mas que diferem em muitas outras; e que não é possível reduzir uma construção histórico-social a um modelo do que deveria ser uma pessoa heterossexual, gay, transgênero etc. Cada pessoa utiliza e avalia a linguagem dentro da concepção de mundo com a qual

interagiu durante sua vida e isso, por si só, já a difere das demais. Essa compreensão demonstra a importância de se realizarem pesquisas em comunidades de práticas, amostras menores e de casos particulares, pois esses estudos valorizam as diferenças e combatem a homogeneização e a estereotipação, ideias intimamente ligadas ao preconceito.

Nossas considerações finais sobre o estudo que desenvolvemos dentro desse universo tão instigante da Sociolinguística são apresentadas no capítulo a seguir.

7 DESAQUENDANDO⁵²

[...] o modo como nos concebemos no mundo
importa para o modo como falamos.
(Mendes, 2017, p. 121)

Nesta tese, procuramos apresentar, no capítulo intitulado *O Fervo Observado*, a comunidade de práticas por nós observada durante 21 meses de pesquisa etnográfica participante, em especial os 5 sujeitos cujas falas utilizamos para realizar as análises sobre as quais discorreremos no presente texto.

Evidenciamos, também, em *Dando um Close*, as teorias que embasaram este trabalho, desde a elaboração do projeto de pesquisa até a conclusão de nossa análise.

Trouxemos, ainda, no capítulo *Quem Chegou Lacrando*, estudos que dialogam com o nosso, tanto na metodologia utilizada quanto em questões de linguagem e gênero.

A metodologia de pesquisa que empregamos na elaboração da presente tese está descrita no capítulo denominado *Acuendendo*, no qual expomos o conceito de pesquisa etnográfica participante e detalhamos os métodos de construção de nossos dados.

Em *Batendo Cabelo e Saindo do Armário*, apresentamos as análises por nós empreendidas a partir das gravações realizadas durante a pesquisa e os resultados que alcançamos com cada instrumento que utilizamos.

Neste último capítulo, estamos *desaquendendo*, saindo, concluindo o presente estudo, constituído a partir dos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística.

Durante nossa pesquisa, buscamos analisar a variação presente nas falas de integrantes da ONG Arte pela Vida, CP escolhida como *locus* deste trabalho. Entendemos ser importante o estudo da variação linguística enquanto elemento constituidor de estilos e identidades sociais e/ou individuais por compartilharmos do pensamento de Bentes (2009, p. 123), para quem

Se por um lado, o campo da sociolinguística há muito já revisou o pressuposto da correlação entre determinada variação linguística e determinada identidade social, por outro lado, há ainda muito a fazer

⁵² “Desaquendar – V. [...] 2. Sair” (Rodrigues; Andrade, 2023, p. 18).

para que seja possível dar conta tanto das dinâmicas de identificação social que são pressupostas, por exemplo, nos complexos processos de elaboração das múltiplas identidades sociais, como também das motivações e finalidades que estão na base da contínua encenação dos sentidos e das identidades sociais.

Ao iniciar nossa pesquisa etnográfica participante, nossos questionamentos eram: (i) os estilos construídos pelos membros da ONG, em diferentes situações de interação, influenciam nas variedades linguísticas por eles utilizadas?; e (ii) há o uso da chamada linguagem neutra (LN) dentro dessa comunidade diversa no que se refere a gêneros?

Após algum tempo de observação, verificamos variação linguística em diferentes níveis. No nível fonológico, verificamos, por exemplo, processos de monotongação⁵³ (“Eu **sô loca**, mas num **sô** doida!”), alçamento⁵⁴ (“Não **tí** mete!” ou “**Mininu**, para com isso!”) e apócope⁵⁵ (“Ele **dá** uma passada lá.” ou “Então a gente precisa **sentá**.”), entre outros. No nível morfossintático, encontramos variação em relação à concordância verbal (“**Tu vai** nascer no norte.” ou “Essas **preocupações acaba**”) e nominal (“Quem recebeu **as cesta**?” ou “**Todas linda** no desfile.”).

No entanto, essa variação não foi escolhida como nosso objeto de análise por não parecer apresentar um significado social que funcionasse como marca identitária daquele grupo, uma vez que se trata de usos presentes no português brasileiro como um todo.

Averiguamos, também, que a linguagem neutra não é produtiva nas interações dentro da CP, o que foi ratificado posteriormente pelas respostas dadas pelos participantes durante as entrevistas realizadas ao final da pesquisa. Esse fato nos causou interesse, pelas razões elencadas no capítulo intitulado *Inhaíí*, e decidimos analisar, através da entrevista e do teste de avaliação linguística, como os participantes avaliam o emprego da LN.

Constatamos que o emprego ou não desse tipo de linguagem reflete uma questão não apenas linguística, mas social e política. Embora haja representatividade em seu uso, há também o preconceito da sociedade patriarcal e machista, na qual

⁵³ Monotongação: “Redução de ditongos orais - processo fonológico em que um ditongo passa a ser realizado com uma só vogal. É o que conhecemos por monotongação” (Silva; Carvalho, 2023, p. 103).

⁵⁴ “Alçamento: processo fonológico no qual as vogais médias /o/ e /e/ são pronunciadas como as altas /u/ e /i/” (Kailer; Maciel, p.307).

⁵⁵ “Apócope: supressão de um fonema ou de um segmento em final de palavra” (Kailer; Maciel, 2019, p. 307).

ainda vivemos, e que busca sufocar os sujeitos heterodivergentes, usando a sexualidade como forma de dominação.

Assim como apresentado por Butler (2003) em relação à luta das mulheres tanto pelo seu lugar de fala quanto por sua representação linguística no século XX, as pessoas que compõem a comunidade LGBTQIA+ enfrentam diversas batalhas para que haja pertencimento e reconhecimento social na linguagem por elas utilizada.

A partir das respostas dos 5 sujeitos desta pesquisa, podemos concluir que: (i) para os participantes, a LN é pouco empregada, mesmo entre pessoas que compõem a comunidade LGBTQIA+; que (ii) os participantes da pesquisa fazem esse uso, limitado ao pronome *todes*, geralmente em aberturas de eventos; e que (iii) diferentemente de nossa hipótese E (A dificuldade na elaboração de textos orais e escritos utilizando a linguagem neutra – principalmente no que se refere à concordância – é responsável por seu reduzido emprego dentro da comunidade de práticas), o pouco emprego não se deve à dificuldade em relação à concordância gramatical com as novas formas, mas a sua pouca aceitação pelos próprios participantes e pelas pessoas com quem interagem.

Em relação ao objeto de estudo selecionado para esta pesquisa (o uso de *ele/ela* para se referir a um homem cis gay), constatamos que o pronome *ela* é empregado por alguns membros dentro da CP, porém mais frequentemente por cinco homens cisgêneros autodeclarados gays. A alternância entre as variantes ***ele*** e ***ela*** chamou nossa atenção por, ainda durante as observações, percebermos que parecia restrita àquele grupo e que os mesmos sujeitos evitavam a variante feminina em determinadas interações. Comprovamos isso após a transcrição e análise das gravações realizadas.

Buscamos, então, compreender os significados sociais que os sujeitos da pesquisa indexalizavam em relação à variação de gênero gramatical no uso do pronome pessoal reto de terceira pessoa, nosso objetivo geral. Para isso, fizemos uso das gravações realizadas durante os 21 meses de pesquisa; de uma entrevista e de um teste de avaliação linguística, realizados com os participantes ao final desse período.

A partir da análise das gravações realizadas, comprovamos que, para esses participantes, em interações formais, a variante masculina é sempre utilizada; enquanto nas informais, não há uma forma categórica, sendo Poderosa o que mais utiliza o gênero gramatical feminino para se referir a seus pares, e They o que menos

faz uso dessa variante. Assim, atingimos nosso primeiro objetivo específico (Verificar em qual(is) situação(ões) os sujeitos observados usam uma ou outra variante).

Demonstramos, também, que além do pronome, os sujeitos da pesquisa utilizam o gênero gramatical feminino em outras classes gramaticais e com a mesma finalidade, o que concretiza nosso terceiro objetivo específico (Analisar se a variação de gênero gramatical, observada no uso do pronome pessoal reto, também acontece em outras classes gramaticais).

Comprovamos, ainda, que, a depender da *persona* construída no momento da interação, esses sujeitos se utilizam de determinada variante, como demonstrado pela transcrição 8.I da fala de Poderosa, na página 129 – “**PODEROSA**: Eu vou começar desde que eu me referi ao They. (risos) Égua, peluda, tu tá o dia inteiro nesse celular. E a loja? (risos) Tem que atender os cliente bi. (nesse momento o celular do Poderosa tocou, ele atendeu a chamada de Veronique e os dois ficaram conversando sobre demandas da ONG) Oi, amigo! Hoje temos uma reunião com a P., menina do Recife, se você puder participar, bacana, se não eu levo o They. [...] Aí depois, entra o DJ e o... (interrupção de um voluntário da ONG) Calma, eu tô falando com ele, por favor. (respondendo ao voluntário)” –, cuja *persona* gay difere da *persona* do coordenador. Alcançamos, assim, nosso quarto objetivo específico (Examinar as nuances na fala dos sujeitos da pesquisa de acordo com suas intenções comunicativas ao utilizar uma ou outra variante).

Confirmamos, também, as hipóteses **A** (Os participantes empregam variavelmente *ele/ela* a depender da *persona* que performam dentro da comunidade de práticas.), **B** (Os sujeitos observados consideram o contexto de produção, a imagem que desejam passar e seu papel no momento da interação ao optar por *ele/ela* ao se referirem a um homem cis gay) e **C** (A variação é um recurso na construção de sua(s) identidade(s)) deste estudo.

Tais comprovações vão ao encontro do exposto por Battisti (2014, p. 81), para quem: “Nossas identidades são fruto de nossa afiliação social, das posições que ocupamos nos grupos de que fazemos parte” e de Battisti e Oushiro (2022, p. 07):

[...] ao observar aspectos como mobilidade, identidades de gênero, graus de exclusão/inserção social e papéis profissionais, deslocam o olhar do pesquisador da produção para a percepção e avaliação da fala, ao reconhecer o caráter semiótico das variáveis linguísticas quando empregadas na interação social, na evocação de significados sociais atrelados a identidades de *persona* e estilos de expressão

linguística.

A aplicação do teste de avaliação linguística (TAL) foi responsável por alcançarmos nosso segundo objetivo específico (Averiguar, através de teste de avaliação linguística aplicado aos sujeitos observados, os significados sociais indexicalizados para o uso de *e/la* dentro dos contextos apresentados) e a análise dos dados obtidos a partir dele, que nos permitiu construir as tabelas presentes no Capítulo 6, comprovou parcialmente a hipótese **D** desta tese (O uso do pronome feminino na situação descrita na hipótese (b) é reconhecido pelos usuários como estigmatizado, o que faz com que optem por não o utilizar em interações nas quais assumam personas consideradas mais “sérias” ou “formais”). Embora não tenham afirmado considerar a variante feminina estigmatizada, os sujeitos condicionaram sua utilização à proximidade entre os interlocutores, incomodando-se quando alguém que não pertence à comunidade LGBTQIA+ se refere a eles utilizando o pronome *e/la*, e não fazendo seu uso em situações de interação consideradas formais.

A partir da análise dos dados obtidos durante a entrevista, acessamos alguns significados sociais indexicalizados pela variante feminina. Quando utilizado por interlocutores que possuem intimidade e em situações mais descontraídas, o pronome *e/la* pode indexicalizar, significados positivos; quando a situação de comunicação é inversa, os significados podem ser negativos. De acordo com Santana (2018, p. 38), “Essa heterogeneidade, que muito possivelmente se pode verificar em diversos campos indexicais, se deve ao fato de que tais valores dependem da perspectiva individual do falante, do ouvinte, e da própria situação em que cada variante é empregada”.

Após as análises realizadas para esta tese, a partir de um olhar pragmático, em sintonia com questões ético-políticas, podemos afirmar que o uso da variante *e/la* acontece porque os sujeitos desta pesquisa querem agir na e pela linguagem. O emprego de um pronome enquanto recurso na construção de personas, mais comumente representadas a partir de nomeações e adjetivações, parece-nos uma importante inovação linguística capaz de demonstrar que tal classe gramatical supera a função, prescrita pelas gramáticas normativas, de acompanhar ou substituir um substantivo. Nos dados por nós utilizados, o pronome não só contribuiu para a construção estilística das identidades/personas dos sujeitos da pesquisa como para indexicalizar determinados significados sociais.

Conseguimos, então, confirmar a tese de que a utilização da variante *e/la*, para se referir a um homem cis gay, está sujeita a fatores externos à língua e vinculados diretamente ao papel que os sujeitos desempenham na interação. Dito de outra forma, a variável *e/e/la* é um elemento linguístico empregado na construção estilística de suas personas, e está diretamente ligada à avaliação que fazem sobre esse uso.

Esperamos, até aqui, ter contribuído para a ampliação dos estudos sociolinguísticos de Terceira Onda, bem como com aqueles que tratam da relação linguagem x gênero. Assim como almejamos ter levado as lutas da ONG Arte pela Vida, que deveriam ser (e esperamos que um dia sejam) de toda a sociedade, a um maior número de indivíduos, os quais possam contribuir para que: as PVHA vivam com mais dignidade, tendo seus direitos respeitados. Almejamos também, com a presente tese, contribuir para a diminuição do preconceito contra as pessoas LGBTQIA+ (e quaisquer outros); e para a compreensão de que a variação linguística é um dos recursos estilísticos na construção dos sujeitos, suas identidades e personas que performam nas comunidades de práticas das quais participam.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, N. M. de. **Gramática Metódica da Língua Portuguesa**. 13 ed. São Paulo: Saraiva, 1961.
- ATAÍDES, F. B.; OLIVEIRA, G. S. de; SILVA, A. A. de F. A Etnografia: uma perspectiva metodológica de investigação qualitativa. **Cadernos da Fucamp**, v.20, n.48, p.133-147. 2021.
- BAGNO, M. **Uma história da Linguística: do século 19 ao limiar do século 20**. São Paulo: Parábola, 2023.
- BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da linguagem**. Trad. M. Lahud e Y. F. Vieira. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1986.
- BATTISTI, E. Redes sociais, identidades e variação linguística. *In*: FREITAG, R. M. K. (Org.). **Metodologia de coleta e manipulação de dados em sociolinguística**. São Paulo: Blucher, 2014. p. 79-98.
- BATTISTI, E.; OLIVEIRA, S. G. de. Significados sociais do INGLIDING de vogais tônicas no português falado em Porto Alegre (RS). **Todas as Letras**, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 14-29, maio/ago. 2016.
- BATTISTI, E.; OUSHIRO, L. Apresentação: variação linguística e práticas sociais – linguagem, cultura e sociedade. **Organon**, Porto Alegre, v. 37, n. 73, p. 5-13, jan./jun. 2022.
- BECHARA, E. **Moderna Gramática Portuguesa**. 39 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.
- BENTES, A. C. “Tudo que é sólido desmancha no ar”: sobre o problema do popular na linguagem. **Gragoatá**, Niterói, n. 27, p. 117-134, 2. sem. 2009.
- BOTASSINI, J. O. M. Crenças e atitudes linguísticas quanto ao uso de róticos. **SIGNUM: Est. Ling.**, Londrina, v. 12, n. 1, p. 85-102, jul. 2009.
- BOTASSINI, J. O. M. A importância dos Estudos de Crenças e Atitudes para a Sociolinguística. **SIGNUM: Est. Ling.**, Londrina, n. 18/1, p. 102-131, jun. 2015.
- BUTLER, J. P. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CAMACHO, R. G.; SALOMÃO-CONCHALO, M. H. A Variação de plural no SN como indexador de identidade. **Todas as Letras**, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 46-63, maio/ago. 2016.
- CÂMARA JR., J. M. **Estrutura da Língua Portuguesa**. 30 ed. Petrópolis: Vozes, 1999.
- CARVALHO, D. da S. **A Estrutura Interna dos Pronomes Pessoais em Português Brasileiro**. 2008. Tese (Doutorado em Linguística). – Universidade Federal de

Alagoas, Maceió, 2008.

CARVALHO, D.; ALMEIDA, R. G. Autopercepção e Identidade Linguística em Comunidades de Prática Gays em Salvador, Bahia. **Web-Revista Sociodialeto**, v. 7, n. 21, p. 82-98, dez./mar.2017.

CARVALHO, D.; BRITO, D. Gênero e língua(gem): diferentes práticas teóricas. *In*: CARVALHO, D.; BRITO, D. (Orgs.). **Gênero e língua(gem): formas e usos**. Salvador: EDUFBA, 2020, p. 07-18.

CARVALHO, O. L. S.; BAGNO, M. **Gramática para aprendizes de português brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2023.

CASIMIRO, S. A identidade nos estudos sociolinguísticos. *In*: ANDRADE, G. da S. (Org.). **Estudos Linguísticos: do falado ao escrito, do texto ao discurso**. Porto Alegre: Editora Fi, 2021, p. 30-56.

CASTILHO, A. T. de. **Nova gramática do português brasileiro**. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2014.

COELHO, I. L.; GÖRSKI, E. M.; SOUZA, C. M. N. de; MAY, G. H. **Para Conhecer Sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2021.

COLLISCHONN, G.; SCHWINDT, L. C. Por que a distinção entre gênero social e gramatical na língua portuguesa é necessária ao idioma. **Zero Hora**. Porto Alegre, 2015. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/porto-alegre/noticia/2015/12/por-que-a-distincao-entre-genero-social-e-gramatical-na-lingua-portuguesa-e-necessaria-ao-idioma-4928930.html>. Acesso em: 03/06/2024.

COUPLAND, N. Language, situation, and the relational self: theorizing dialectstyle in sociolinguistics. *In*: ECKERT, P.; RICKFORD, J. R. (Eds.). **Style and sociolinguistic variation**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001. p. 185-210.

CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 7 ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2017

CYRANKA, L. F. M. **Atitudes Linguísticas de Alunos de Escolas Públicas de Juiz de Fora – MG**. 2007. Tese (Letras) – Universidade Federal Fluminense, Niterói-RJ, 2007.

ECKERT, P. **Jocks and Burnouts**: social categories and identity in the High School. New York: Teachers College Press, 1989.

ECKERT, P. Variation, convention and social meaning. *In*: Paper presented at the **Annual Meeting of Linguistic Society of America**, Oakland, CA, Jan. 2005.

ECKERT, P. Communities of Practice. *In*: BROWN, K. (Ed.). **Encyclopedia of Language and Linguistics**. Amsterdam: Elsevier, 2006, p. 683-685.

ECKERT, P. Variation and the indexical field. **Journal of Sociolinguistics**, Georgetown University, v. 12, p. 453-476, Set. 2008.

ECKERT, P.; MCCONNELL-GINET, S. Comunidades de práticas: lugar onde co-habitam linguagem, gênero e poder (1992). *In*: OSTERMANN, A. C.; FONTANA, B. **Linguagem, gênero e sexualidade**: clássicos traduzidos. São Paulo: Parábola, 2010. p. 93-107.

ECKERT, P.: As três ondas do estudo da variação a emergência do significado no estudo da variação sociolinguística. Trad.: OLIVEIRA, S. G. de; ROCKENBACH, L. M.; GUTIERRES, A. **Organon**, Porto Alegre, v. 37, n. 73, p. 268-291, jan./jun. 2022[2012].

ECKERT, P. Variation, meaning and social change. *In*: COUPLAND, N. (Ed.). **Sociolinguistics**: theoretical debates. New York: Cambridge University Press, 2016, p. 69-85.

FREITAG, R. M. K.; MARTINS, M. A.; TAVARES, M. A. Bancos de Dados Sociolinguísticos de Português Brasileiro e os Estudos de Terceira Onda: potencialidades e limitações. **Alfa**, São Paulo, v. 56, n. 03, p. 917-944, 2012.

FREITAG, R. M. K. (Re)Discutindo Sexo/Gênero na Sociolinguística. *In*: FREITAG, R. M. K.; SEVERO, C. G. **Mulheres, Linguagem e Poder**: estudos de gênero na Sociolinguística brasileira. São Paulo: Editora Edgar Blücher, 2015, p. 17-73.

FREITAG, R. M. K. **Não existe linguagem neutra!** gênero na sociedade e na gramática do português brasileiro. São Paulo: Contexto, 2024.

GERALDI, J. W. Concepções de linguagem e ensino de português. *In*: GERALDI, J. W. (Org.). **O texto na sala de aula**. São Paulo: Ática, 2011. p. 27-32.

GONÇALVES, C. A. **Morfologia**. São Paulo: Parábola, 2019.

GUMPERZS, J. J. Linguistic and Social Interaction in Two Communities. **American Anthropologist**. v. 66, n. 06., p. 137-153, dez. 1964.

HORA, D. da; WETZELS, L. A variação linguística e as restrições estilísticas. **Revista da Abralin**, v. Eletrônico, n. Especial, p.147-188. 2011.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Brasileiro de 2022**. Rio de Janeiro: IBGE, 2023. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pa/belem/panorama>. Acesso em: 05/08/2024).

KAILER, D. A.; MACIEL, S. C. L. O Apagamento do –R em Coda Silábica em Textos Escritos por Alunos da EJA de Belém do Pará: uma proposta de intervenção pedagógico-variacionista. *In*: SANTANA, A. C. M.; RODRIGUES, F. L. F.; LIMA, S. O.; PASCOLATI, S. (Orgs.). **Mediações Formativas para o Ensino de Língua Portuguesa**: experiências no Profletras-I. São Paulo: Fonte Editorial, 2019. p. 302-331.

LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos**. Trad.: Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

LACERDA, M. L.; GÖRSKI, E. M.; PAZA, C. R. M. A terceira onda variacionista: continuidade ou descontinuidade de fases? **Revista da Abralin**, v. 21, n. 1, p. 1-27,

2022.

LAKOF, R. Language and woman's place. **Language in society**, v. 2, n. 1, p. 45-79, 1973.

LISBOA, C. M. de O. M. **Doutor e outras formas de tratamento direcionados aos profissionais jurídicos**: análise de uma comunidade de prática à luz da terceira onda da Sociolinguística. 2015. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem). – Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2015.

LOPES, C. R. dos S. Pronomes pessoais. *In*: BRANDÃO, S. F.; VIEIRA, S. R. (Orgs.). **Ensino de gramática**: descrição e uso. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2007, v. 1, p. 103-114

MACIEL, S. C. L.; ALMEIDA, E. de F. de.; KAILER, D. A. O Retroflexo [r] em Dados de Estilo Monitorado do ALIB: uma análise da leitura em sete cidades paulistas. **Signum**: Estudos da Linguagem, Londrina, v.24, n.3, p. 117-128, dez. 2021.

MAINARDES, J. Pesquisa etnográfica: elementos essenciais. *In*: BOURGUIGNON, J. A. **Pesquisa Social**: reflexões teóricas e metodológicas. Ponta Grossa: Toda Palavra, 2009. p. 99-124.

MENDES, R. B. Diminutivos como marcadores de sexo/gênero. **Revista Linguística / Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro**. v. 8, n. 1, p. 113-124, junho de 2012.

MENDES, R. B. A terceira onda da Sociolinguística. *In*: FIORIN, J. L. **Novos caminhos da Linguística**. São Paulo: Contexto, 2017. p. 103-124.

MENDES, R. B. **Percepção e Performance de Masculinidades**: efeitos da concordância nominal de número e da pronúncia de /e/ nasal. Tese (Livre Docência). Universidade de São Paulo-SP. 2018.

MENDES, R. B.; TESCH, L. M.; MACHADO, F. M. A. Avaliação, percepção, crenças e atitudes: uma revisão terminológica informal. **Revista (Con)Textos Linguísticos**, Vitória, v. 16, n. 34, p. 6-14, 2022.

MENDES, R. B. Sociolinguistics in Brazil. *In*: BALL, M. J.; MESTHRIE, R.; MELUZZI, C. (Eds.). **The Routledge Handbook of Sociolinguistics Around the World** (2nd ed.). Routledge. London, 2023. p. 85-94.

MONTEIRO, J. L. **Pronomes pessoais**. João Pessoa: Edições UFC, 1994.

MOSER, F.; DAMKE, C. A construção da identidade na e pela linguagem. **Revista Travessias**. v. 6. n. 2, p. 428-447, 2012.

NEVES, M. H. de M. Uma visão geral da gramática funcional. **ALFA**, São Paulo, n. 38, p.109-127, 1994.

NEVES, M. H. de M. **Como as palavras se organizam em classes**. Portal da Língua Portuguesa, 2006. Disponível em: <https://www.museudalinguaportuguesa.org.br/wp-content/uploads/2017/09/Como-as->

[palavras-se-organizam-em-classes.pdf](#). Acesso em: 15/05/2024.

NEVES, M. H. de M. **Gramática de usos do português**. 2 ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

NEVES, M. H. de M. Os Pronomes. *In*: ILARI, R. (Org.) **Palavras de Classe Fechada**: gramática do português culto falado no Brasil. São Paulo: Contexto, 2015, p. 13-102.

NEVES, M. H. de M. **Gramática funcional**: Interação, discurso e texto. São Paulo: Contexto, 2022.

NICOLA, J de. **Português**: ensino médio, volume 2. São Paulo: Scipione, 2005.

NOGUEIRA, J. M. S. **Um estudo sobre a fala gay masculina de Serra Talhada-PE**. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras) – Universidade Federal Rural de Pernambuco/Unidade Acadêmica de Serra Talhada, 2017.

NOGUEIRA, J. M. da S. **O Vocativo numa Comunidade de Prática Gay de Serra Talhada-PE**: descrição e uso. 2019. Dissertação (Mestrado em Linguística) – UFPE, Recife, 2019.

OLIVEIRA, S. G. de. **Significação Social do Ingliding do Falar Porto-Alegrense**: percepção e avaliação linguística. 2022. Tese (Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre-RS, 2022.

OUSHIRO, L. **Identidade na pluralidade**: avaliação, produção e percepção linguística na cidade de São Paulo. 2015. Tese (Letras) – Universidade de São Paulo. São Paulo, 2015.

OUSHIRO, L. Conceitos de Identidade e Métodos para seu Estudo na Sociolinguística. **Estudos Linguísticos e Literários**. n. Esp. Salvador, p. 304-325, 2019.

PERINI, M. A. **Gramática Descritiva do Português**. São Paulo: Ática, 2005.

PODESVA, R. J. Phonation type as a stylistic variable: The use of falsetto in constructing a persona. **Journal of Sociolinguistics**, Georgetown University, Washington, D.C., p. 478–504, 2007.

POSSENTI, S. Gramática e Política. *In*: GERALDI, J. W. (Org.). **O Texto na Sala de Aula**. São Paulo: Ática, 2011, p. 33-39.

RIBEIRO, A. B. O. **Usos Linguísticos de Lésbicas e de Gays**: questões de identidade e estilos. 2020. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2020.

RIBEIRO, A. B. O. Usos Linguísticos de um Grupo de Lésbicas e Gays: questões de identidade e estilo discutidas em entrevista dirigida. **Work. Pap. Linguíst.**, 22 (Especial), Florianópolis, p. 302-326, 2021.

RICKFORD, J. The need for new approaches to class analysis in sociolinguistics.

Language & Communication, n. 23, p. 193-229, 1986.

RODRIGUES, P. R. A.; ANDRADE, K. dos S. (Orgs.). **Pequeno Vocabulário Pajubá Palmense**. São Carlos: Editora Scienza, 2023. Disponível em: <https://editorascienza.com.br/ebook/pajuba.pdf>. Acesso em: 26/04/2024.

SACCONI, L. A. **Nossa gramática: teoria e prática**. São Paulo: Atual, 1986.

SALOMÃO-CONCHALO, M. H. **A variação estilística na concordância nominal e verbal como construção de identidade social**. 2015. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”. São José do Rio Preto-SP, 2015.

SANDALO, M. F. S. Morfologia. *In*: MUSSALIM, F; BENTES, A. C. (Orgs.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2001, p. 181-206.

SANTANA, W. P. da S. **Varição de Gênero Gramatical como Indexador de Identidade Gay**. 2018. Dissertação (Mestrado em Linguística) – UFSC., Florianópolis, 2018.

SANTOS, L. S. M. **Sobre a ausência de concordância nominal de número no português falado em Pedro Leopoldo/Minas Gerais: uma abordagem variacionista**. 2010. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

SAUSSURE, F. de. **Curso de Linguística Geral**. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2021[1916].

SCHWINDT, L. C. Sobre gênero neutro em português brasileiro e os limites do sistema linguístico. **Revista da ABRALIN**. v. 19, n. 1, p. 1-23, 2020.

SENE, M. G. de. **A percepção sociolinguística de gênero e sexualidade: efeitos da duração de /s/ e do pitch médio**. 2022. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista, Araraquara-SP, 2022.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, A. do N.; CARVALHO, L. da S. Os Segmentos Vocálicos e os Processos Fonológicos: implicações para o ensino de língua portuguesa. *In*: KAILER, D. A.; MAGALHÃES, J.; HORA, D. da. (Orgs.). **Fonologia e variação: Diretrizes para o ensino**. 1.ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2023, p. 85-116.

SILVA, E. C. da. **A abordagem dos pronomes pessoais no livro didático de português: reflexões à luz da variação linguística**. 2016. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Pernambuco, Recife-PE, 2017.

TÍLIO, R. O jogo discursivo na vida afetiva: a construção de masculinidades hegemônicas e subalternas. *In*: LOPES, L. P. da M. (Org.). **Discursos de identidade: discurso como espaço de construção de gênero, sexualidade, raça, idade e profissão na escola e na família**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2009.

TRAVAGLIA, L. C. **Gramática e Interação**: uma proposta para o ensino de gramática. São Paulo: Cortez, 2009.

VASSOLER, A.; CAMACHO, R. G. Crenças e Atitudes Linguísticas: a variante retroflexa na variedade rio-pretense. **Revista do GEL**, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 163-191, 2016.

VELOSO, R. As Três Ondas da Sociolinguística e um Estudo em Comunidades de Práticas. *In*: **ALFAL**, João Pessoa, p. 1740-1749, 2014.

APÊNDICES

APÊNDICE A

Roteiro para entrevista

1. Fale um pouco sobre você: seu nome, idade, onde e com quem você vive, o que gosta de fazer.
2. Fale um pouco sobre a ONG: a história, o trabalho desenvolvido.
3. Como você ingressou na ONG, qual sua função e como é sua relação com os demais participantes?
4. Há participantes com quem você convive além das ações da ONG? Quais? Onde?
5. Quem são as pessoas que estão há mais tempo na ONG? Fale um pouco sobre elas: o convívio, a função e o trabalho que exercem.
6. A ONG abriga voluntários muito diversos, em relação à etnia, credo, gênero... como você vê essa mistura?
7. Como você observa que as outras pessoas veem essa mistura?
8. Vamos falar um pouco sobre as pessoas LGBTQIA+. Como a ONG se envolve com as questões de gênero? Quais bandeiras são levantadas por essas pessoas?
9. Há algum tipo de trabalho relativo à linguagem? Por exemplo, hoje se fala muito de pronome neutro, como todes ou ili. Você costuma usar essa linguagem? O que pensa sobre isso?
10. A ONG faz algum tipo de trabalho relacionado a isso?
11. Em determinados momentos, algumas pessoas usam termos masculinos como ELE e termos femininos como ELA para se referirem a mesma pessoa. Você já ouviu esse tipo de uso aqui na ONG?
12. Quem faz esse uso? Você faz? Há alguma situação específica para usar ELE ou ELA?
13. Já se referiram a você usando ELA? Como você se sente em relação a esse uso?
14. Qualquer pessoa (mesmo que possua outra orientação sexual) pode se referir a você como ELA e em qualquer lugar?
15. Como você acha que as outras pessoas veem esse uso de ELE ou ELA para um homem?
16. Há algo no modo de falar de uma pessoa que possa identificá-la como sendo LGBTQIA+? O quê, por exemplo?
17. Você já passou por alguma situação de constrangimento por causa da sua forma de falar ou já presenciou alguém passando? Como foi?

18. Há alguma coisa na linguagem ou na fala de pessoas da comunidade LGBTQIA+ que te incomoda? Por quê?

APÊNDICE B
Questionário sociocultural

FICHA DO INFORMANTE	
Nº DO INFORMANTE:	
Dados Pessoais:	
1. Nome:	
2. Como deseja ser chamado(a):	
3. Data de Nascimento: / /	4. Gênero: () M () F () NB
5. Orientação Sexual:	
6. Idade:	7. Cidade onde nasceu:
8. Há quanto tempo reside em Belém?	
9. Etnia:	10. Grau de instrução:
11. Estado civil:	12. Profissão:
13. Religião:	14. Estilo(s) musical(is):
15. Programas de TV que costuma assistir:	
16. O que costuma fazer para se divertir:	
17. Com quem mora:	18. De onde essa(s) pessoa(s) é(são):
19. É PVHA? (Resposta não obrigatória): Sim () Não ()	20. Se sim, há quanto tempo? (Resposta não obrigatória):
21. Há quanto tempo é voluntário(a) na ONG:	

APÊNDICE C
 Teste de avaliação linguística

01 – O quanto você considera que a fala de uma pessoa pode identificá-la como LGBTQIA+?

Não identifica	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Identifica muito
----------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	------------------

02 – O quanto você considera que as pessoas o(a) reconhecem enquanto pessoa LGBTQIA+ pela forma como você fala?

Não reconhecem	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Reconhecem muito
----------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	------------------

03 – O quanto você se esforça para que sua forma de falar o(a) identifique como pertencente ao grupo LGBTQIA+?

Não me esforço	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Me esforço muito
----------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	------------------

04 – O quanto você se esforça para que sua forma de falar não o(a) identifique como pertencente ao grupo LGBTQIA+?

Não me esforço	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Me esforço muito
----------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	------------------

05 – O quanto você considera frequente o uso da linguagem neutra dentro da comunidade LGBTQIA+?

Nada frequente	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Muito frequente
----------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------

06 – O quanto você considera frequente o uso da linguagem neutra fora da comunidade LGBTQIA+?

Nada frequente	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Muito frequente
----------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------

07 – O quanto você utiliza a linguagem neutra com pessoas de dentro da comunidade LGBTQIA+?

Não utilizo	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Utilizo muito
-------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	---------------

08 – O quanto você utiliza a linguagem neutra com pessoas de fora da comunidade LGBTQIA+?

Não utilizo	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Utilizo muito
-------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	---------------

09 – O quanto você considera necessário o uso da linguagem neutra em documentos oficiais?

Nada necessário	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Muito necessário
-----------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	------------------

APÊNDICE D
TCLE



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O(A) Sr(a) está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES: UM ESTUDO À LUZ DA TERCEIRA ONDA DA SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA, cuja pesquisadora responsável é a doutoranda SUELY CLAUDIA LOBATO MACIEL. Os objetivos do projeto são: investigar se as identidades assumidas pelos participantes em suas interações no grupo influenciam nas variedades linguísticas utilizadas por eles e o valor social atribuído a essas variedades. O(A) Sr.(a) está sendo convidado(a) porque compõe de forma ativa o grupo objeto de estudo desta pesquisa.

O(A) Sr.(a) tem plena liberdade de recusar-se a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma.

Caso aceite participar, sua participação consiste em permitir que as interações das quais participe em quaisquer situações referentes ao desenvolvimento de atividades no grupo sejam gravadas em áudio e vídeo para posterior transcrição dos dados relativos ao estudo em questão. As transcrições serão utilizadas unicamente para o fim específico exposto nos objetivos do projeto e a identidade dos participantes será totalmente preservada, ou seja, seus nomes não serão divulgados. Todas as gravações serão mantidas sob os cuidados da pesquisadora responsável pelo projeto por um período de dois anos para possíveis revisões necessárias de dados.

Toda pesquisa com seres humanos envolve riscos aos participantes. Nesta pesquisa, os riscos para o(a) Sr.(a) são que, apesar de todos os esforços empenhados, sua identidade seja revelada; e que, de alguma forma, o(a) Sr.(a) sinta-se incomodado por ter sua privacidade, de certo modo, invadida. Contudo, como já mencionado, tomaremos todos os cuidados com os dados a nós confiados, assim como procuraremos, ao máximo, não atrapalhar sua rotina durante as gravações.

Também são esperados os seguintes benefícios com esta pesquisa: além de contribuir para a ampliação dos recentes estudos da chamada "terceira onda" da Sociolinguística Variacionista, também dará visibilidade a questões sociais extremamente relevantes na atualidade, tais como: a luta contra a LGBTQIA+fobia e os anseios das pessoas vivendo com HIV.

Se julgar necessário, o(a) Sr.(a) dispõe de tempo para que possa refletir sobre sua participação, consultando, se necessário, seus familiares ou outras pessoas que possam ajudá-lo(a) na tomada de decisão livre e esclarecida.

O(A) Sr.(a) pode entrar em contato com a pesquisadora responsável, SUELY

CLAUDIA LOBATO MACIEL, a qualquer tempo para informação adicional através do email institucional suely.claudia.lobato@uel.br e do celular (91)98134-7934.

O(A) Sr.(a) também pode entrar em contato com o CEP-UEL (Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos - CEP/UEL) e com a Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), quando pertinente. O CEP/UEL fica situado junto ao LABESC - Laboratório Escola - sala 14, Campus Universitário - Rodovia Celso Garcia Cid, Km 380 (PR 445), Londrina- Pr - CEP: 86057-970, Telefone: 43-3371-5455, e-mail: cep268@uel.br.

Este documento (TCLE) será elaborado em duas VIAS, que serão rubricadas em todas as suas páginas, exceto a com as assinaturas, e assinadas ao seu término pelo(a) Sr.(a) e pela pesquisadora responsável, ficando uma via com cada um.

CONSENTIMENTO PÓS-INFORMAÇÃO

Li e concordo em participar da pesquisa.

Belém-Pa, __/__/____

Assinatura do Participante

Assinatura do Pesquisador Responsável



ANEXOS

ANEXO A

Reportagem do dia 13/08/2020 no site *g1 Pará* sobre a inauguração da loja sustentável no primeiro endereço

globo.com g1 ge gshow globoplay jornal nacional o globo Assine Já Conta Globo

MENU g1 PARÁ REDE LIBERAL BUSCAR

Comitê Arte Pela Vida inaugura loja em Belém em prol de pessoas com HIV

Renda é usada para ajudar pessoas vivendo com HIV e doentes de Aids.

Por G1 PA — Belém
13/08/2020 16h28 - Atualizado há 4 anos

Facebook WhatsApp Print



Comitê inaugura loja em prol de pessoas com HIV em Belém — Foto: Divulgação

O Comitê Arte Pela Vida, que ajuda no tratamento de pessoas com HIV há quase 25 anos, lançou um espaço em Belém para vendas de roupas, bijuterias, acessórios e obras de artes. A renda é usada para ajudar pessoas vivendo com HIV e doentes de Aids.

A iniciativa envolve designers, estilistas e artistas que doaram as obras, incluindo uma coleção de camisetas.

O comitê promove shows, exposições, cafés de acolhimento, arrecadação de mantimentos e bazares, reunindo voluntários em prol das pessoas com HIV.

A inauguração da primeira loja marca o início dos festejos de aniversário de 25 anos. Ao longo do ano, o comitê deve realizar uma série de programações artísticas culturais e o lançamento de livro contando a trajetória.

Fonte: g1 Pará. (Disponível em:

<https://g1.globo.com/pa/para/noticia/2020/08/13/comite-arte-pela-vida-inaugura-loja-em-belem-em-prol-de-pessoas-com-hiv.ghtml>. Acesso em: 20/09/2024)

ANEXO B

Homenagem realizada no dia 27/09/2021 pela Assembleia Legislativa do Estado do Pará ao então Comitê Arte pela Vida



The screenshot shows the website of the Assembleia Legislativa do Estado do Pará. The header features the state's coat of arms, the text 'ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DO PARÁ', and a gold medal icon labeled 'TRANSPARÊNCIA OURO'. There is an accessibility icon and a search bar. The navigation bar includes links for 'INÍCIO', 'TRANSPARÊNCIA', 'RADAR DA TRANSPARÊNCIA', 'DIÁRIO OFICIAL', and 'E-SIC / FALE CONOSCO'.

The main content area displays a news article titled 'Arte pela Vida é homenageado pelos 25 anos de atuação no Pará'. The article is dated 27/09/2021 and was updated at 19h01. It is reported by Dina Santos and edited by Dina Santos. The article text states: 'Amor e solidariedade marcaram a Sessão Especial para que celebrar os 25 anos do Comitê Arte pela Vida. A atuação da organização não governamental foi apontada pela deputada Marinor Brito, proponente da sessão, como uma das mais importantes na área de assistência e saúde no Pará.'

Below the text is a photograph of a group of people seated at a long table in a meeting room, likely during the commemorative session. The photo credit is 'Crédito: Ozeas Santos (AID/Alepa)'.

The left sidebar contains several menu categories:

- INSTITUCIONAL**: Deputados, Mesa Diretora, Comissões e Representações, Relatórios, Condecorações e Medalhas, Planejamento Estratégico, Organograma, Comissão de Legislação Participativa, Banco de Leis.
- COMUNICAÇÃO**: Fotos, Logos, Notícias, Fundação Rádio e TV Alepa.
- SERVIÇOS**: Biblioteca Newton Miranda, Memorial Legislativo, Legislações, FELEPA, Procuradoria da Mulher.
- PROCESSO LEGISLATIVO**: O Processo Legislativo, Proposições, Pautas do Plenário, Pautas das Comissões, Resumo do Plenário, Atas das Sessões.
- SERVIDOR**: Apollo, Webmail, Contra-Cheque.

Fonte: g1 Pará. (Disponível em:

<https://www.alepa.pa.gov.br/Comunicacao/Noticia/8282/arte-pela-vida-e-homenageado-pelos-25-anos-de-atuacao-no-para> Acesso em: 20/09/2024)

ANEXO C

Reportagem do dia 11/02/2023 no site do jornal *O Liberal* sobre a mudança de endereço da loja sustentável

BELEM - ANANINDEUA BARGARENA CASTANHAL MARABÁ PARAUPEBAS SANTARÊM - PARÁ

'Arte pela Vida' inaugura brechó sustentável no Mercado de Carne, em Belém, neste sábado (11)

O novo espaço estará aberto, de domingo a domingo, das 9 às 18 horas, com um brechó de roupas, sapatos, peças de decoração e objetos de arte

Dilson Pimentel
11.02.23 15h38



Marx Vasconcelos/Especial para O Liberal

 A ONG Arte pela Vida inaugurou, neste sábado (11), seu brechó sustentável, que agora funciona no segundo piso do Mercado de Carne "Francisco Bolonha", no Complexo do Ver-o-Peso (Marx Vasconcelos/Especial para O Liberal)

Fonte: O Liberal. (Disponível em: <https://www.oliberal.com/belem/arte-pela-vida-inaugura-brecho-sustentavel-no-mercado-de-carne-em-belem-neste-sabado-11-1.644339>. Acesso em: 20/09/2024)

ANEXO D

Reportagem do dia 09/08/2023 no site do jornal *Diário do Pará* sobre a exposição “Irradiando Vida”

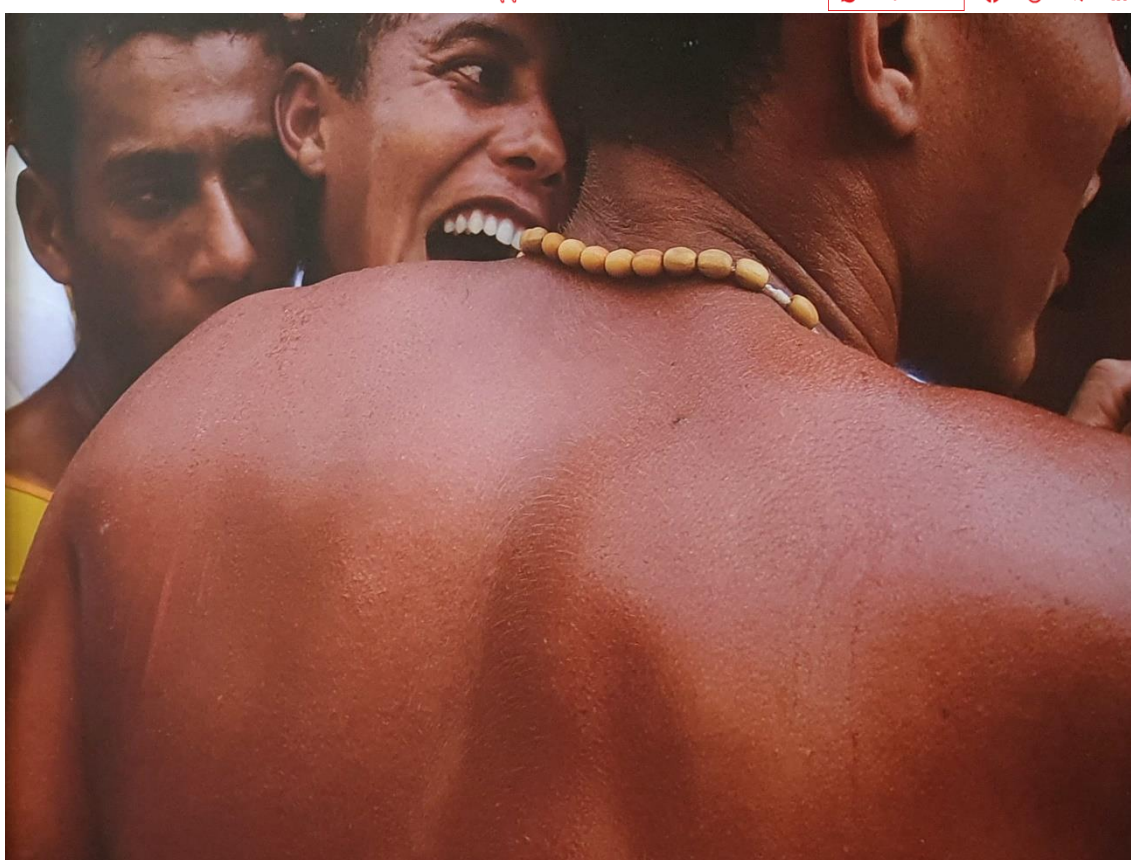
Menu  **Diário do Pará**      Tem+ **Central do Assinante**

Últimas Notícias Pará Brasil Você Bola Polícia Concursos & Empregos Toda

ONG Arte pela Vida abre exposição beneficente na Galeria Benedito Nunes

 09/08/2023 09:50

 Compartilhar    



Obra do fotógrafo paraense Guy Veloso está presente na exposição. FOTO: GUY VELOSO/DIVULGAÇÃO

A [ONG Arte pela Vida](#), que atua desde 1996 na assistência e apoio a pessoas vivendo com HIV/Aids no Pará, realiza nesta quarta-feira, 9, às 19h, a vernissage da exposição coletiva “Irradiando vida – arte e microcircuitos de afeto, apoio e resistência”. A mostra exibe obras doadas por 53 artistas paraenses com curadoria de Vânia Leal e Eduardo Vasconcelos. A exposição ficará aberta ao público até setembro, com visitação gratuita de segunda a sexta-feira, das 9h às 17h, na Galeria Benedito Nunes, com entrada franca.



ENTRONCAMENTO A MARITUBA

Governo do Estado vai liberar todas as pistas do BRT Metropolitano



ASSASSINATO

Agiota é morto a tiros dentro de loja em Xinguara



TRAGÉDIA NO SUL

Fonte: Diário do Pará. (Disponível em:

<https://diariodopara.com.br/entretenimento/voce/ong-arte-pela-vida-abre-exposicao-beneficente-na-galeria-benedito-nunes/>. Acesso em: 20/09/2024)

ANEXO E

Reunião realizada no dia 10/11/2023 com o programa de pós-graduação em enfermagem da Universidade Federal do Pará

PPGENF  Busca

O PROGRAMA ▾ ACADÊMICO ▾ PESQUISA ▾ IMPACTO SOCIAL ▾ AGENDA ▾ INGRESSO ▾ TESES E DISSERTAÇÕES ▾ DOCUMENTOS ▾

REUNIÃO COM A ONG ANTE PELA VIDA

10 Novembro 2023

Reunião com a ONG Arte pela Vida

Na manhã de segunda-feira, dia 06 de novembro, os mestrandos do PPGENF estiveram em reunião com o Davidson, da ONG Arte pela Vida, para discutir sobre a ação do mês alusivo ao dezembro vermelho. O convite para esta reunião partiu dos colaboradores da ONG. Na ocasião dialogamos sobre o evento que será realizado entre os dias 01, 02 e 03 de dezembro no Centro Cultural e Turístico Tancredo Neves (CENTUR). Esse evento será voltado para o Dia Mundial de Combate à AIDS. O evento contará com a participação de colaboradores da SESMA, SESPA, Ministério Público e empreendedores locais. Serão ofertados serviços de saúde e cidadania, além de apresentações culturais e feiras artesanais.

PPGENF  @ppgenf_ufpa

Fonte: PPGENF. (Disponível em:

<https://ppgenf.propesp.ufpa.br/index.php/br/programa/noticias/todas/479-reuniao-com-a-ong-ante-pela-vida> . Acesso em: 20/09/2024)

ANEXO F

Rodas de conversa e outras ações



Fonte: Arquivos da ONG Arte pela Vida e da própria autora.